



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



A ANÁLISE DO ENSINO DE PROFESSORES ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A FORMA E O CONTEÚDO DAS AUTOSCOPIAS DAS AULAS.

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ciências
da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica

Orientador: Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Júri:

Presidente

Professor Doutor Pedro Jorge Moreira de Parrot Morato

Vogais

Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Professora Doutora Ana Paula Viana Caetano

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Tiago Bruno Balão Ildefonso

2013

RESUMO

Este estudo examinou a análise de ensino por estagiários de Educação Física, através da forma e conteúdo das autoscopias.

A amostra foi de 10 estagiários de Educação Física. Optou-se por uma metodologia qualitativa. Os Instrumentos utilizados foram: Office 2007 e MAXQDA 2007. Nos procedimentos, o sigilo e anonimato foi mantido e as autoscopias foram transcritas em suporte informático.

Concluiu-se que a análise do ensino pelas autoscopias não é um exercício regular e assenta na descrição/justificação e nos aspectos positivos. A maioria dos estagiários escreve em texto sob suporte informático, escrevendo mais no primeiro período. Os conteúdos agrupam-se em: Aula, Professor e Alunos. Existem mais reflexões sobre a Aula, nas questões da organização e planeamento, depois sobre o Professor, nas questões da prelecção, controlo e acções e por fim sobre os alunos, ao nível da disciplina, motivação, conhecimentos e prestação nas matérias. No decorrer do ano lectivo as questões que envolvem alunos tomam maior importância relativamente às questões que envolvem o Professor. De acordo com a classificação encontram-se diferenças no número de palavras escritas, ao nível das apreciações, conteúdos, objectivos, segurança, instrumentos/objectos da aula, nas falhas/dificuldades e características do professor e na responsabilização e atrasos/pontualidade relativos aos alunos.

Palavras-chave: Formação de Professores; Formação Inicial; Estágio Pedagógico; Supervisão Pedagógica; Técnicas de Supervisão; Autoscopia; Orientadores; Estagiários; Reflexão; Educação Física.

ABSTRACT

This study examined the analysis of teaching by trainees of Physical Education, through the form and content of autoscopies.

The sample was 10 trainees Physical Education. We opted for a qualitative methodology. The instruments used were: MAXQDA 2007 e Office 2007. In Procedures, confidentiality and anonymity was maintained and autoscopies were transcribed into electronic form.

It was concluded that the analysis of teaching by autoscopies is not a regular exercise and is based on the description/justification and positive aspects. Most interns write text in electronic form, writing more in the first period. The contents are grouped into: Class, Teacher and Students. There are more reflections on class, on issues of organization and planning, then on the Professor's lecture on issues, control and actions and ultimately on students, the level of discipline, motivation, knowledge and delivery in the field. During the school year the issues involving students take greater importance on issues involving the Professor. According to the classification are differences in the number of words written at the level of assessments, content, objectives, security instruments/objects class, the flaws/difficulties and teacher characteristics and accountability and delay/for students.

Keywords: Teacher Education, Initial Training, Teacher Training, Supervision, Technical Supervision; Autoscopy; Advisors; Interns; Reflection; Physical Education.

INDICE

INTRODUÇÃO	7
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO	9
1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.1 – MODELOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	10
1.1.1 - Prática Reflexiva na formação de professores	12
1.2 - A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES.....	20
1.2.1 Formação Inicial.....	21
1.2.2 Indução Profissional.....	25
1.2.2.1 Estágio Pedagógico.....	26
1.2.2.2 - Supervisão Pedagógica.....	35
1.2.2.3 Estilos e Modelos de Supervisão Pedagógica	41
1.2.2.4 – Técnicas de Supervisão Pedagógica.....	44
1.2.2.4.1. A Técnica de Autoscopia	49
2 – QUESTÃO DE PARTIDA	56
3 – OBJECTIVOS DO ESTUDO	56
3.1 - Objectivo Principal	56
3.2 - Objectivos específicos	57
PARTE II – METODOLOGIA.....	58
2.1 – Orientação metodológica	58
2.2 – Amostra.....	60
2.3 – Instrumentos	61
2.4 – Procedimentos	61
PARTE III - RESULTADOS.....	69
3.1 Apresentação e discussão dos resultados.....	69
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	108
BIBLIOGRAFIA	114

Anexos 121

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Número de Autoscopias recolhidas ao longo do ano de estágio....	69
Tabela 2 – Formatação das Autoscopia.....	70
Tabela 3 - Tabela estagiário com classificação menor a 17 valores	70
Tabela 4 - Tabela estagiário com classificação maior ou igual a 17 valores....	71
Tabela 5 - Média de palavras escritas em Autoscopia, por mês de estágio....	72
Tabela 6 - Média Total do Número de Palavras Escritas por grupo de classificação.....	73
Tabela 7 - Média Nº Palavras de acordo com o Modo de Escrita e a Formatação	73
Tabela 8 - Episódios positivos, negativos e a melhorar, na visão dos estagiários.....	74
Tabela 9 - Níveis de reflexão, por classificação obtida e meses de estágio. ...	76
Tabela 10 - Reflexões Heteroscópicas.....	78
Tabela 11 – Frequência e Percentagem dos conteúdos do total da amostra ..	80
Tabela 12 - Frequência e Percentagem dos conteúdos dos estagiários com classificação menor a 17 valores	83
Tabela 13 - Frequência e Percentagem dos conteúdos dos estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores	84
Tabela 14 – Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Setembro	87
Tabela 15 – Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Outubro	88
Tabela 16 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Novembro	90
Tabela 17 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Dezembro	91
Tabela 18 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Janeiro ..	93
Tabela 19 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Fevereiro	94
Tabela 19A - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Fevereiro	95
Tabela 20 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Março...	96
Tabela 21 -Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Abril.....	97

Tabela 21A -Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Abril	98
Tabela 22 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Maio	99
Tabela 23 - Sequência das sub-dimensões reflectidas, ao longo dos meses	100
Tabela 24 – Sequencia dos focos da sub-dimensão aula, ao longo dos meses	102
Tabela 25 - Sequencia dos focos de reflexão, da sub-dimensão Organização, ao longo dos meses	103
Tabela 26 - Sequência das sub-dimensões, da dimensão Professor, ao longo dos meses.....	104
Tabela 27 - Sequência das sub-dimensões, da dimensão Alunos, ao longo dos meses.....	106

INTRODUÇÃO

A formação de professores é um dos temas e preocupações que continua a permanecer como objecto de estudo de várias e recentes investigações. A qualidade da preparação deste profissional preocupa e move reformas ao nível das instituições superiores que buscam e ajustam soluções no sentido da inserção na futura realidade profissional que será encontrada no terreno. Existe uma constante adaptabilidade destas instituições para se atinja a maior qualidade de formação dos novos professores, preparando-os da melhor forma para a realidade e desafios da profissão. Esta formação compõem-se tradicionalmente de um quadro teórico, que decorre regularmente no início das formações, e de um período de prática, denominado de estágio pedagógico de legal obrigação para quem pretenda enveredar pelo ensino, que ocorre no final.

Esta investigação focaliza o momento de estágio pedagógico, no qual, o estagiário possui o auxílio de Orientadores, que através de técnicas de Supervisão Pedagógica, o guiam na sua acção profissional. Um dos grandes objectivos do estágio e da Supervisão é o de transformar o estagiário inexperiente, num profissional auto-reflexivo capaz de se auto-confrontar com as suas escolhas e acções e de se auto-solucionar no sentido de ultrapassar as dificuldades com que se encontra. Cada escola, cada turma, cada aula é única e apresenta momentos específicos e não repetitivos, logo o estágio não se pode esgotar e finalizar num conjunto de medidas por cartilha.

As técnicas de Supervisão pedagógica reflexivas ajudam e apontam no caminho da reflexão, promovendo esta capacidade. Uma dessas técnicas, que constitui o objecto principal desta investigação é a Autoscopia.

Do universo que é o estágio pedagógico, esta investigação examina a análise do ensino de professores estagiários de Educação Física, através da forma e conteúdos das Autoscopias das aulas. Pretende-se perceber de que forma é operacionalizada esta técnica, e como a classificação obtida e o decorrer do ano lectivo provocam variações na análise do ensino, residindo aqui o interesse desta investigação.

Ao nível da estrutura, este trabalho está organizado em três grandes partes, antecidas de introdução e seguidas de conclusões e recomendações.

A primeira parte – Fundamentação - revê a literatura fundamentando esta investigação. São destacados os modelos de formação de professores, o seu processo de socialização, a importância da formação inicial, do estágio, das técnicas de supervisão e da autoscopia. Segue-se para a questão de partida e para os objectivos que se pretendem alcançar com este estudo.

A segunda parte – Metodologia – assenta no desenho desta investigação. Apresenta a orientação metodológica, a amostra seleccionada, os instrumentos utilizados e os principais procedimentos.

A terceira e última parte - Resultados – apresenta de forma sistematizada as evidências encontradas com algumas das necessárias comparações.

No que respeita às conclusões e recomendações referem-se as principais ilações deste estudo, de que forma poderia ter sido melhorado e algumas indicações para futuros estudos.

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a temática em estudo - A análise do ensino de Professores estagiários de Educação Física: a forma e conteúdo das autoscopias das aulas - e embora existam, na investigação, alguns estudos que analisem a reflexão na formação de professores e a importância dada à técnica da Autoscopia, não existem estudos que analisem particularmente a forma e o conteúdo dessas autoscopias escritas pelos estagiários de educação física, no seu processo de formação. O enquadramento teórico assenta em primeiro lugar nos modelos de formação de professores, com especial ênfase para a formação reflexiva, e em seguida na socialização profissional, com destaque para as fases de Formação Inicial e Indução Profissional, que contemplam, além da formação académica, todo o período de Estágio Pedagógico e o processo de Supervisão Pedagógica, dentro do qual se apresentam as técnicas de supervisão com particularização da técnica de Autoscopia, alvo desta investigação.

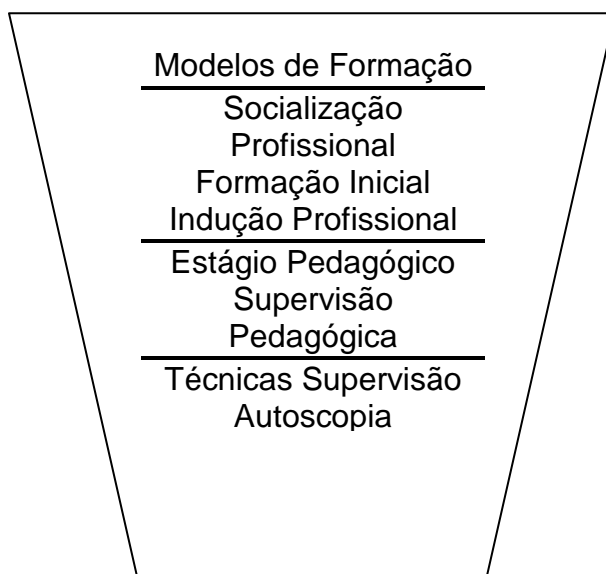


Ilustração 1 - Âmbito do Enquadramento Teórico

1.1 – MODELOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores pode ser encarada como um sistema de dupla entrada (Ribeiro, 2005). Por um lado temos a formação académica que abarca todo o conteúdo e conhecimento científico das matérias de ensino e por outro temos a formação pedagógica que tem como principal objectivo o aprender a ensinar e que decorre essencialmente no último ano de formação, no ano de estágio. Pode a formação de um professor resumir-se à passagem de conteúdos, ou é essencial que se aprenda a ensinar os conteúdos e as matérias academicamente aprendidas? Face a estas interrogações, de seguida, serão abordados os dois principais modelos de formação de professores, que trarão à discussão a divisão entre teoria e prática.

De acordo com o modelo da racionalidade científica e técnica a eficácia na profissão docente resulta da qualidade e quantidade teórica frequentada, assimilada e posteriormente aplicada. Acredita-se que “ *o profissional competente é aquele que recorre ao conjunto de teorias e técnicas que a comunidade científica coloca ao seu dispor ...*” (Oliveira, 1996), o que traduz uma certa superioridade da teoria em relação à prática e da instituição universitária, responsável pela formação teórica, sobre a escola, que representa a prática. Pela investigação de Gomez e Zeichner (1992, cit. por Oliveira, 1996), verifica-se que a “*racionalidade técnica impõe uma relação de subordinação dos conhecimentos mais aplicados e próximos da prática aos de natureza mais teórica*”. O professor deverá ser um aplicador da teoria na prática, utilizando um conhecimento que provém do “exterior”. Esse conhecimento caracteriza-se por ser objectivo, unanimemente aceite, válido e de clara e fácil diferenciação, descontaminado de qualquer individualidade, particularidade ou circunstância de intervenção (Onofre, 2003). Aqui que se levanta a seguinte questão: Sendo a prática composta por um conjunto de situações, incertezas e variáveis, de complexidade distinta e variada, poderá a teoria e a racionalidade técnica responder às mesmas? Deverá o professor aceitar passivamente as “receitas” e seguir os guiões da teoria?

Oliveira (1996) refere que são vários os autores que contestam e afirmam que o paradigma da racionalidade prática é insuficiente e inadequado (Schön; Harris; Beyer; Clark; Mc Taggart; Nóvoa; Canário e Elliot). Refere Zabalza (1994, cit. por Beineke, 2000) que *“Os professores não actuam a partir de princípios teóricos gerais derivados de um saber geralmente académico, nem tão pouco actuam a partir de destrezas técnicas adquiridas a um nível geral”*. André (2005) acrescenta que a profissão docente *“não enfrenta problemas gerais e sim situações problemáticas num determinado contexto educativo”*, logo a generalização de situações pedagógicas não faz sentido. Não quer isto dizer que se deve ignorar a teoria, mas que esta deve estar presente como uma referência e não como norma ou conhecimento hierarquicamente mais válido. As zonas indeterminadas da prática ou a especificidade da prática, *“escapam aos cânones da racionalidade técnica”* (Schön 1987, cit. por Jacinto 2003) e não se enquadram em *“soluções descritas em livros propostas aos sujeitos pela investigação é necessário que estes busquem um outro tipo de competência”* (Oliveira, 1996). O autor citado anteriormente refere que a *“Teoria pode ser redutora da prática não preparando o sujeito para a especificidade de contextos práticos que podem surgir”*. Ainda na sua investigação, e através de citações de outros autores, refere que o modelo da racionalidade técnica, não tem em conta a complexidade das situações em sala de aula, que não cria espaço para a opinião crítica e criativa, uma vez que o professor actua por cartilha/“menu”, o que não permite a evolução do conhecimento, ao promover uma repetição padronizada na discência.

Contrariamente ao modelo da racionalidade técnica e após as limitações encontradas, surge o modelo reflexivo, uma abordagem reflexiva da prática, que assenta num modelo construtivista, ao considerar a prática como uma fonte de construção de conhecimento. Um conhecimento que não é mais exterior ao sujeito, mas um conhecimento construído também pelo próprio, onde intervém. Uma das críticas e fragilidades deste conhecimento é que assenta na particularidade e na individualidade de cada professor ou situação concreta. Tem por isso uma difícil objectivação e talvez por essa característica tenha durante várias décadas sido esquecido ou deixado “adormecido”, não lhe atribuindo a importância devida. Apesar dessa característica, pretende-se

promover, no professor, a capacidade de desenvolvimento de um *“quadro interpretativo, sobre o acto educativo, o qual resulta de uma reflexão sistemática e fundamentada sobre o significado das experiências da prática”* (Oliveira, 1996). O mesmo autor refere que existe um: *“ novo entendimento do papel do professor, deixa de ser consumidor de conhecimento exterior e passa a produtor desse conhecimento, de natureza prática e contextualizada”*. A este propósito refere Nóvoa (1992, cit. por Fernandes 2004) que a formação não se constrói pela acumulação de cursos, conhecimentos e técnicas, mas sim por uma flexibilidade crítica sobre a prática, sendo importante investir no reconhecimento do estatuto do saber da experiência. A teoria é posta em questão e a par da valorização da prática começa a associar-se-lhe a reflexão.

“ (...) pretende que o professor ao questionar-se, ao reflectir criticamente sobre a sua própria experiência, ao compreendê-la, tenha por objectivo a melhoria da sua pratica e, simultaneamente, o desenvolvimento da sua autonomia e competência profissional” (Jacinto, 2003)

Seria então legítimo, pelo que foi anteriormente informado, afirmar que é pela reflexão da prática que se formam os profissionais. Conforme se perceberá mais à frente, adianta-se que não existe este absolutismo da prática e da reflexão, não se mostrando suficientes para alicerçar em conjunto uma formação adequada.

1.1.1 - Prática Reflexiva na formação de professores

No sentido de facilitar a compreensão, assume-se neste trabalho, o conceito de prática reflexiva como sinónimo de reflexão, de pensamento reflexivo e de ensino reflexivo. Por reflexão, enquanto conceito associado à prática dos professores, entende-se um processo de análise e escolha de várias alternativas de acção de educação eficaz, que se baseia nas descobertas da investigação ou na percepção do professor de acordo com o contexto em que se insere, levando a uma reorganização e reconstrução da experiência adquirida (Grimmett, 1988, cit. por Oliveira, 1996). Sobre este conceito, Alarcão (1996), afirma que: *“a reflexão serve o objectivo de atribuição de sentido com*

vista a um melhor conhecimento e uma melhor acção”. Cardoso, Peixoto, Serrano & Moreira (1996, cit. por Ribeiro, 2010), adiantam que reflexão:

“é o primeiro passo para quebrar o acto de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade”

Citando Wunsch (2008):

“o desenvolvimento da capacidade crítica e da reflexão pode, sem dúvida, ajudar os jovens aspirantes a professores a superar frustrações e dificuldades, prevendo conflitos, arejando a consciência, anulando preconceitos e ampliando conhecimentos”

Numa abordagem narrativa, foco de análise desta investigação, a reflexão escrita, deve possibilitar a expressão do próprio pensamento, exigindo do próprio que escreve, responsabilidade, seriedade, continuidade e acompanhamento para que não se caracterize como um simples pensamento ou narrativa quotidiano(a), vazio(a) de sentido, de mudança e de evolução profissional (Oliveira, 1996). O mesmo autor refere que a reflexão ao contribuir para o domínio dos acontecimentos em sala de aula, poderá levar às mudanças das práticas. Expectando o seu domínio de abrangência, de acordo com Almeida (2009) e Fernandes (2004), a reflexão deverá incidir sobre tudo o que diga respeito ao acto educativo e a actuação do professor.

A importância da reflexão e de uma prática reflexiva é objecto de vários estudos e, conforme cada autor, assume diversas designações. De acordo com as investigações de Oliveira (2002) e Vasconcelos (2000), termos como pensamento reflexivo (Dewey), ensino reflexivo (Zeichner), aprendizagem reflexiva (Fosnot), praticantes reflexivos (Schön), práticas reflexivas (Jaworski), formação de professores orientada para a indagação, professor como controlador de si mesmo (Elliot), professor como pessoa que experimenta continuamente (Stratemeyer), professores adaptativos (Hunt), professor como investigador na acção (Corey & Shumsky), professor como cientista aplicado (Brophy & Everton; Freeman), professores como sujeitos com um ofício moral (Tom), professores como sujeitos que resolvem problemas (Joyce &

Harootunian), professores como sujeitos que colocam hipóteses (Coladarci), professores como indagadores clínicos (Smyth), professores auto-analíticos (O'Day), professores como pedagogos radicais (Giroux), professores como artesãos políticos (Kohl) e professor como académico, remetem todos para a mesma condição, de que a construção do conhecimento e da formação decorre da reflexão sobre a nossa acção prática.

Não serão todos os autores particularizados, mas ao falar-se de reflexão na acção e no estatuto da prática, devemos recuar até ao momento da génese da preocupação com esta dimensão. A dimensão reflexiva e sua importância, têm génese na década de 30 pelo filósofo e pedagogo Americano John Dewey. Este autor escreveu os livros *"How we think"* e *"Logic: The theory of inquiry"*, onde defendeu a importância do pensamento reflexivo (Oliveira, 2002), informando posteriormente que ensino reflexivo é *"um exame activo, persistente e cuidadoso de todas as crenças ou supostas formas de conhecimento, à luz dos fundamentos que as sustentam e das conclusões para que tendem"* (Dewey, 1989, cit. por Jacinto, 2003; Oliveira, 1996; Oliveira, 2002; Ribeiro, 2010; Silva, 2000; Wunsch, 2008 e Vasconcelos, 2000). Na mesma linha de pensamento, Dewey (1989, cit. por Oliveira, 1996; Oliveira, 2002; Ribeiro, 2010 e Vasconcelos, 2000) informou que para se proceder a uma acção reflexiva são necessárias três atitudes ou predisposições, pois: *"o mero conhecimento dos métodos não basta, pois é preciso que exista o desejo e a vontade de os empregar"*. A primeira, a mentalidade/espírito aberto, incide numa abertura e/ou humildade perante outros pontos de vista e diferentes perspectivas, para entendimento das mesmas e acolhimento de eventuais erros. A segunda, responsabilidade, remete para a ideia de que deve existir a preocupação/ponderação constante das eventuais consequências da acção praticada. Por fim, o entusiasmo, uma atitude de curiosidade e energia, de renovação e de luta contra os hábitos e rotinas diárias. Verifica-se pela obra de Dewey, uma atribuição de importância à reflexão, no sentido em que tem um papel de transformação do professor e da sua acção.

Seguido de Dewey, de forma relevante e não cronológica, um dos principais autores que promoveu e abalou a aceitação da supremacia da teoria face à prática e

“que marcou a forma como hoje se entende a reflexão é Donald Schön” (Oliveira, 2002). O autor foi responsável pela grande expansão desta corrente reflexiva, na década de 80, com as obras *The Reflective Practitioner*, em 1983, e *Educating the Reflexive Practitioner*, em 1987 (Alarcão, 1996; Alarcão, 2001, Anacleto, 2008, Oliveira, 2002, Ribeiro, 2010, Vasconcelos, 2000 e Wunsch, 2008).

Em 1983, Schön teceu críticas ao actual programa de formação profissionalizante, que assentava no racionalismo técnico, na mera aplicação automática da ciência na prática. Alertou e difundiu o estatuto da prática, na perspectiva que se trata de uma fonte respeitável de produção de conhecimento. Em 1987, com a sua segunda publicação alertou para que se incluísse uma forte componente de reflexão, que partia da especificidade da prática, nos programas de formação, referindo que só a partir do questionamento de situações práticas, da reflexão sobre elas, é que o professor poderá compreender e dar sentido à sua forma de actuação e aos efeitos da mesma junto dos seus alunos (Schon, 1990, cit. por Oliveira, 1996). Dito de outra forma, só após leitura e reflexão sobre um contexto específico é que o professor buscará a melhor solução.

“Será de supor que o processo reflexivo sobre as práticas dos professores, ao centrar-se na problematização, no questionamento e consciencialização da sua acção, possa conduzi-los a uma mudança de atitudes na forma de abordar o processo de ensino-aprendizagem e, consequentemente, a uma melhoria das suas práticas” (Oliveira, 1996)

Ainda por Schön, é necessário que o professor, além de conhecedor, tenha arte no ensino, uma arte de conceptualizar, uma arte de implementar e uma arte de improvisar, adaptada e específica para cada contexto e situação prática.

“(…) verifica que, além dos conhecimentos e da técnica, os bons profissionais utilizam um conjunto de processos que não dependem da lógica mas são manifestações de talento, sagacidade, intuição, sensibilidade artística” (Alarcão, 1996)

Surge então a intersecção da capacidade técnica com uma capacidade artística que leva ao conceito de Professor-artista, conceito esse que Schön designou como “*Professional Artisty*”, que representa um profissional que combina o saber/conhecimento com uma arte de actuação, com competências únicas e particulares que aplica na singularidade de cada situação.

Segundo Alarcão (1996), por “*Artisty*” entende-se:

“saber-fazer sólido, teórico e prático, inteligente e criativo que permite ao profissional agir em contextos instáveis, indeterminados e complexos caracterizados por zonas de indefinição que de cada situação fazem uma novidade a exigir uma reflexão e uma atenção dialogante com a própria realidade que lhe fala”

A mesma autora, citada por Beineke (2000) refere que a actividade profissional dos professores caracteriza-se por uma “*actuação inteligente e flexível, situada e reactiva, produto de uma mistura integrada de ciência, técnica e arte, caracterizada por sensibilidade de artista*”.

Oliveira (1992) refere que Schön utilizou o conceito anterior porque uma das características desse “saber-fazer” é que é útil na resolução dos problemas e conflitos encontrados na prática. Compõe-se de uma mistura de conhecimento técnico e de um conhecimento oculto, tácito, de difícil de descrição e explicação por quem o aplica, mas muito valorizado porque lhe é reconhecida validade contra a incerteza das situações específicas da prática. Soma uma parte de conhecimento que é fiável e válido, decorrente da teoria e reflexão da sua acção e um outro mais oculto, de difícil objectivação e explicação, mas que se mostra útil contra a incerteza da prática (Onofre, 2003). No sentido de compreender e entender qual é então o conhecimento valorizado pelo professor, cita-se o mesmo autor:

“(...) o conhecimento realmente valorizado pelo Professor é aquele que ele reconhece permitir-lhe resolver os problemas concretos com que se vai confrontando ao longo da sua vida profissional - conhecimento prático”

O conhecimento prático compõe-se então de “*uma matriz de referências, pessoal e subjectiva, que representa o modo real de pensar (interpretar) e agir*

de cada professor”, implicando a já referida ligação entre os domínios teórico e prático e ainda de toda uma bagagem adquirida no processo de socialização antecipatória. De forma mais clara e em linguagem simples o mesmo autor adiante que:

“(...)o saber que o professor usa é aquele em que tem confiança, se sente familiarizado, ou seja, que sabe poder ajudá-lo a resolver os problemas concretos da sua actividade profissional.”

Em linha com o autor anterior, mas numa lógica inversa Oliveira (1996) refere que os *“conhecimentos teóricos que não se liguem aos problemas da prática quotidiana não contribuem para a melhoria da actuação pedagógica”*.

Transformando a pratica reflexiva, numa linguagem matemática, em equação, podemos afirmar que resulta da soma de conhecimento na acção, mais reflexão na acção, mais reflexão sobre a acção (Beineke, 2000). O conhecimento na acção, semelhante ao conhecimento prático, *“manifesta-se na espontaneidade de uma acção bem desempenhada”* (Alarcão, 1996). É um *“conhecimento sobre como fazer as coisas”*, espontâneo e dinâmico (Marcelo, 1998). A reflexão na acção consiste na reflexão durante o desenvolvimento da acção, de modo a reformular e readequar a situação educativa que o próprio criou (Schön, 1987; cit. por Jacinto, 2003). Dito de outra forma, representa um *“processo de diálogo com a situação problemática”* (Gómez 1997; cit. por Fernandes 2004), com eventuais reformulações, mas sem interrupção da mesma (Alarcão, 1996). Diferenciando conhecimento na acção de reflexão na acção, pode ser referido que o primeiro é mais automático, rotineiro, tácito, enquanto que a reflexão na acção surge a partir de actos inesperados e surpresas decorridas a partir da acção (Duarte, 2003), envolvendo actividade cognitiva consciente no decorrer da própria acção (Marcelo, 1998). Voltando ao último termo da “equação”, reflexão sobre a acção, este representa uma reconstrução mental da acção à posteriori (Alarcão, 1996). Pressupõe distância e retrospecção mental, de forma a reconstruir o que ocorreu durante a reflexão (Jacinto, 2003), de modo a identificar os problemas surgidos e a forma como foram encarados (Amaral, Moreira & Ribeiro 1996; cit. por Fernandes 2004).

Existem então diferentes momentos na reflexão do professor, que podem estar mais próximos ou distanciados da acção reflectida.

Na mesma linha de pensamento importa referir que o acto de reflexão deve assentar em diferentes domínios. O professor não deve remeter a sua reflexão exclusivamente numa dimensão técnica do ensino, de carácter imediato, importa que tenha também noção do domínio social moral e ético quando toma as suas decisões. A este propósito, Oliveira (1996), refere que: *“Qualquer decisão educativa, mesmo que mais tecnicista terá sempre subjacente princípios de natureza ética, moral, social e política”*, logo importa que a reflexão assente não só nos micro aspectos, como o ensino, mas que vá mais além e abarque também macro aspectos, como as dimensões sociais, éticas e políticas.

Além das micro e macro dimensões referidas, torna-se também importante referir, quais as fases/níveis que integram o processo reflexivo. De acordo com Smyth (1992, cit. por Jacinto 2003, Oliveira 1996, Ribeiro 2005, Ribeiro 2010, Vieira 1993 e Wunsch 2008), existem quatro fases/níveis de reflexão. São elas:

- 1 – Descrição;
- 2 – Interpretação;
- 3 – Confrontação;
- 4 – Reconstrução.

A primeira caracteriza-se por mostrar o que o professor fez ou pensou e responde à questão: O que quis fazer e/ou o que penso? A segunda procura referir o significado para a acção praticada, respondendo à questão: O que justifica a minha acção? A terceira procura mostrar o porquê de ser assim como profissional, respondendo à questão: Porque me tornei assim? Por último, a quarta fase mostra o que deverá ou poderá ser modificado, respondendo à questão: Como me poderei modificar ou de que forma poderia ter feito? A investigação de Ribeiro (2010), mostra que ao longo de um ano lectivo os estagiários seguem de forma global a cronologia das fases apresentadas e que os processos de descrição e interpretação são em maior

número, comparativamente com os processos de Confrontação e Reconstrução. Almeida (2009) verificou que ao longo do ano de estágio, um estagiário se mantém muito descritivo, enquanto que os outros se tornaram muito interpretativos.

Voltando um pouco atrás e depois de verificada e referida a importância e abrangência da reflexão, poder-se-á então supor, pelas obras de Dewey e Schön, que a prática e a reflexão sobre a mesma bastam na formação de um professor? Se anteriormente o modelo da racionalidade técnica imperava e ditava a superioridade da teoria face à prática, poderemos agora inverter a situação, alegando uma supremacia da prática? Qual a importância dada à teoria e à prática pelo novo professor?

Seguindo as interrogações anteriores inicia-se este parágrafo com a ideia central de que não podemos pensar, pelo que foi apresentado anteriormente, que invertamos a hierarquia da relação entre teoria e prática. A prática por si só, isolada e desligada das bases teóricas de onde emerge também perde validade, na formação dos professores. É necessário reter e ter em atenção que a teoria necessita da prática, mas também que a prática necessita da teoria. Vários autores defendem que deve existir uma intersecção nos domínios teórico e prático. De acordo com Alarcão (1996) existe um *“conhecimento que é gerado pela reflexão e um conhecimento que sustenta essa reflexão”*, que pressupõe um quadro teórico base. A reflexão reveste-se de extrema importância mas *“só se dá se o sujeito tiver uma base de conhecimentos sobre os quais possa reflectir”*. Olson (1989, cit. por Oliveira, 1996), refere que *“não podemos passar sem a visão do prático (...) e sem a perspectiva do que lhe é exterior”* e que a prática reflexiva *“será pouco eficaz se não assentar numa base técnica firme”*. Oliveira e Terça (1991, cit. por Oliveira, 1996) referem que *“a teoria deve ser questionada e não aceite automaticamente; é algo que deve ser explorado, confirmado ou rejeitado à luz das situações concretas da prática educativa”* e por fim refere que somente a partir de uma interacção livre e sem constrangimentos de teoria e prática se consegue eficácia na resolução de problemas educativos. Em oposição a Schön e à supremacia da prática.

Face a tudo o que já foi exposto pode ser discutida a apropriação dos cursos de formação que estão a ser leccionados. Que formação inicial deve ser assegurada aos futuros professores? Que conhecimento deve ser transmitido? Que dosagem de teoria e prática? Que factores influenciam a valorização/apropriação desse conhecimento? Como transmiti-lo sem esquecer as individualidades, crenças e pensamentos? Como atenuar o medo e a insegurança no momento de iniciar a profissão? Qual o caminho percorrido por um professor em formação? Que etapas se lhe apresentam? No sentido de uma resposta, importa verificar como decorre e sobre que fases assenta a socialização profissional do professor.

1.2 - A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES

Por Socialização Profissional, entende-se a aprendizagem de valores, crenças e concepções próprias de uma determinada cultura ocupacional. De acordo com Lacey, 1977 (cit. por Braga, 2001) trata-se de *“um processo de aquisição de valores, atitudes, interesses, destrezas e os conhecimentos inerentes à cultura do grupo a que pertencem ou aspiram vir a pertencer”*. Pode ser considerado como um ajustamento das percepções e crenças iniciais do profissional, que se espera imaturo na sua recente actividade, em conflito activo com as concepções da sua profissão.

Trata-se de um processo contínuo com início precoce, no momento de entrada no sistema oficial de ensino, enquanto aluno, e que se conclui com a obtenção da reforma e consequente saída da escola e do ensino:

“ (...) a aprendizagem da profissão docente não tem o seu início na frequência a uma licenciatura, senão nos próprios bancos escolares onde acontece a sedimentação das crenças pessoais acerca do estar e do ser professor, estendendo-se mesmo até à reforma laboral (Sá, 2007)

A Socialização Profissional contempla quatro fases - Socialização Antecipatória, Formação Inicial, Indução Profissional e Formação em Serviço - cada uma delas caracterizadora de uma etapa específica na profissão docente.

Dado o âmbito desta investigação, serão alvo de maior detalhe e explanação, as fases que ilustram a progressão e o estado em que se encontram os professores estagiários no momento em que compõem a amostra deste estudo, que coincide com a finalização da formação académica. São elas, a Formação Inicial e ainda o início da Indução Profissional.

1.2.1 Formação Inicial

Representa a segunda fase que compõe o percurso de um docente em formação e contempla o período de tempo entre os três a seis anos de formação, nomeadamente ao nível da formação académica.

“ (...) a formação inicial é um “intervalo de tempo” (...) que visa, para além da atribuição do certificado que permitirá exercer a profissão docente, preparar os futuros professores para as funções e representações exigidas pela profissão, bem como transformá-los e capacitá-los como agentes de a mudança no sistema educativo.” (Sá, 2007)

Esta fase apresenta-se como um período curto de tempo e insuficiente (Ribeiro, 2010). Um dos pontos fracos é a dicotomia entre teoria e prática (Praia, 1991, cit. por Almeida 2009), o que faz com que não possa ser desligada da fase anterior nem das que a seguirão. É uma fase de socialização formal, com a aprendizagem de um ampliado leque de aspectos, em conformidade com a futura profissão, mas também informal ao nível do currículo oculto.

“ (...) considerada como o primeiro contacto com a realidade educativa, do ponto de vista do professor em formação, esta deverá dotar o futuro docente profissional de uma sólida “bagagem” cultural, psicopedagógica e pessoal, tendo como objectivo primordial habilitar para a assumpção da tarefa educativa em toda a sua complexidade.” (André, 2005)

“A formação inicial é o primeiro momento institucionalizado em que o estagiário aprende a ser professor, tem o primeiro contacto com novos conteúdos científicos, aprofunda conhecimentos já conhecidos e constrói o conhecimento pedagógico, curricular e didáctico.” (Ribeiro, 2010)

Pelas definições apresentadas nota-se uma ideia de conhecimento académico formal e teórico de assiduidade obrigatória que se crê essencial. Trata-se de imbuir o novo estudante no mundo do conhecimento académico que lhe é ministrado. De acordo com Anacleto (2008), tem três funções a desempenhar: *“formação e treino, controle da certificação e (...) agente de mudança do sistema educativo”*. Através do conhecimento adquirido, tem tendência para alguma normalização e filtragem de crenças e/ou concepções anteriores, com o intuito de mudança das que se verificam indesejáveis e que provêm da fase antecipatória. Contudo alguns dos estudos, sobre o impacto da formação inicial nos futuros professores, mostram resultados distintos. Podem de facto surgir alterações, reformulações de acções e pensamentos, mas existem estudos em que experiências passadas e fortes crenças permaneceram inalteradas (Carvalho, 1996) ou que o impacto da formação inicial residiu *“no esforço (ou menor valorização) deste ou daquele traço dominante, mas sem operar qualquer transformação significativa no perfil caracterizador do estudante à chegada do Ensino Secundário”* (Aranha, Carreiro da Costa, & Alves Diniz, 2000), criando-se desta forma objectos de colisão e conflitualidade com os programas de formação em vigor.

“ (...) as ideias muitas vezes incorrectas (indesejáveis) que os estudantes transportam para esta etapa tenderão a exercer uma influência directa e decisiva nas suas crenças e comportamentos, quando forem professores.” (Sá, 2007)

Nesta linha percebe-se que os professores encaram a formação inicial de formas distintas, chegando mesmo a atribuir pouco significado à teoria assistida durante este período, actuando por *“convicções ou mecanismos adquiridos no processo de socialização profissional”* (Beineke, 2000).

Na base que o professor orienta a sua conduta em função do conhecimento e crenças que possui (Almeida, 2009), importa antes de mais esclarecer de forma mais pormenorizada o que se entende por crença. *“Ao falar-se de crença quer-se significar uma construção subjectiva de um conceito ou da realidade através da sua representação idealizada.”* (Bejarano & Carvalho, 2003). As crenças são confortáveis aquando da inquietação cognitiva, dão a ideia de

explicar fenómenos inexplicáveis. Podem ser uma alternativa à realidade quando não há explicação para a mesma.

Referenciando Onofre (2003), ao nível da estabilidade, que dependerá do seu modo de construção, as crenças podem ser agrupadas em dois níveis: crenças não derivadas e crenças derivadas. As primeiras têm origem em processos de mediação pessoal de contacto directo com a realidade, pela própria vivência, enquanto as segundas são adquiridas por outrem, por relato e observação da acção de outros indivíduos. Por esta classificação é verificável que as crenças não derivadas tendem numa maior rigidez e convicção.

Conforme Pajares (1992), verifica-se que, as crenças:

- Ao nível da formação: formam-se em idades precoces e que sobrevivem muitas vezes sozinhas, distanciadas da razão e do tempo;
- Ao nível da Estabilidade, generalizam-se, na medida em que muitas das vezes não são encontradas evidências, e são mais resistentes à mudança quanto mais cedo se formam;
- Ao nível da Estrutura, hierarquicamente, longe de coerência, opta-se sempre pela crença que no momento poderá ser melhor;
- Ao nível da função, No sentido de identidade e segurança, as crenças elevam a identificação social, onde é mais fácil “encostar num grupo do que caminhar sozinho”, já que as diferenças são muitas vezes “crucificadas”;
- Ao nível do conhecimento, funcionam como um filtro, onde assimilamos e percebemos o que queremos do conhecimento.

Pelo trabalho do autor referido é necessário ter em atenção o efeito das crenças, a forma como ajudam ou prejudicam a formação dos professores, pelo grau de valorização e interpretação da mesma (Almeida, 2009) ou pela contaminação na apropriação de novas experiências e atitude do professor. (Ennis, 1994; cit. por Onofre, 2003).

“(...) os professores em formação entram no programa de formação com crenças pessoais a respeito do ensino, com imagens do bom

professor, imagens de si mesmos como professores e a memória de si próprios como alunos. Essas crenças e imagens pessoais geralmente permanecem sem alteração ao longo do programa de formação e acompanham os professores durante suas práticas de ensino” (Kagan, 1992; cit. por Marcelo, 1998)

Carregados com esta “bagagem” e de um sentimento próprio, designado de “a *very strong sense of self as teacher*” (Bullough, 1989; cit. por Almeida, 2009), os futuros professores seleccionam de forma não aleatória as informações e *skills* que consideram mais próximas e condizentes com as suas convicções, crenças e ego. É aqui que surge o conceito de “*studentship*”, introduzido por Graber (1989; cit. por Sá, 2007), que descreve os meios pelos quais os estudantes buscam o sucesso na sua formação, que com o menor esforço possível, controlam e exercem um papel activo sobre o mesmo, na medida que tomam para si as competências que consideram importantes e ignoram as outras que consideram insignificantes. Ou seja, pela extrema importância da classificação final deste processo, que afectará o consequente desenvolvimento da profissão, os alunos desenvolvem sob a forma de currículo oculto um conjunto de estratégias e destrezas de sobrevivência académica.

É necessário também atentar para o facto de que crenças e conhecimento, apesar de diferentes, na base da conotação afectiva e avaliativa das primeiras (Nespor, 1987, cit. por Marcelo, 1998) estão interligados. A crença apropria-se do conhecimento e poderá, ao fornecer um espaço de diferença e discordância, ser um dos veículos que permita a construção de novo conhecimento. Apesar de grande influência não poderemos considerar as crenças como algo meramente negativo quando comparadas com o conhecimento. Tende-se no erro de muitas vezes olhar para o conhecimento, dada o seu carácter mais particular, mais reflexivo, mais específico e contextual e a marginalizar as crenças.

Ter presente que as crenças suportam a acção do futuro professor, sobretudo no início da sua formação, na fase anteriormente designada de formação inicial, é essencial, já que:

“Grande parte do sucesso da formação inicial de professores dependerá assim da possibilidade de colocar em prática meios de formação que tenham em consideração as particularidades da relação entre as crenças e o conhecimento” (Onofre, 2003)

De acordo com o anterior autor, nesta fase de formação inicial, é necessário que se tenha então em consideração as particularidades e crenças de cada sujeito, já que, como foi referido, podem guiar a sua futura acção profissional, que se abandone o tradicional método massivo de prelecção-audição, sendo determinante relevar e dar protagonismo aos sujeitos puxando-os para um papel activo, fora da simples esfera da mecanização/memorização. Deve a formação alternar entre a teoria e prática, contextualizadas, em contacto com situações reais e com outros profissionais, integrando ao máximo todas as dimensões do conhecimento do professor.

Terminada a formação académica que compõe a formação inicial, e não esquecendo toda a importância que detém, esta não se mostra suficiente para dotar e formar docentes para toda uma carreira (André, 2005). Isolada, esta fase *“não pode dar conta da variedade e da complexidade de situações com as quais o futuro professor se defrontará”* (Anacleto, 2008). É necessário que os futuros professores contactem com a realidade da profissão, que se estabeleça uma vivência em contexto laboral. Essa vivência, esse contacto, vem numa fase posterior, designada por Indução Profissional.

1.2.2 Indução Profissional

O período de indução profissional estende-se entre os 6 meses e os 2 anos de serviço. É aqui que residem as primeiras experiências directas de ensino real, nomeadamente ao nível de estágio pedagógico, que *“corresponde a um ano de transição entre o mundo da Universidade e o mundo da escola, marcado por um conjunto de ambiguidades de papéis e relações”* (André, 2005). Pressupõe aptidão para entrada na profissão (Ribeiro, 2005) e revela-se de extrema importância *“no modo como o jovem professor perspectiva a sua carreira”* (Frountoura, 2005). É um período marcado pela insegurança e falta de confiança em si mesmo (Marcelo, 1998).

No caso específico da formação de professores e referenciando a legislação sobre este aspecto, qualquer curso de formação de professores em Portugal requer obrigatoriamente uma fase de estágio pedagógico que potencia o contacto com a prática docente. É uma fase insubstituível na obtenção da certificação legalmente exigida para a actividade docente (Onofre, 2003), descrita muitas vezes como uma luta pela sobrevivência, como um período de imitação acrítica e de isolamento em relação aos colegas, (Valli 1992, cit. por Marcelo 1998) *“temendo que um apelo de ajuda possa ser considerado como um sinal de incompetência”* (André, 2005).

1.2.2.1 Estágio Pedagógico

De acordo com Almeida (2009), o estágio *“representa a primeira etapa de iniciação ao trabalho e o primeiro contacto do professor estagiário com a prática e o mundo complexo e incerto que é a sala de aula”*, em que o principal objectivo é o de iniciar os estudantes nas práticas profissionais. Moreira (2001, cit. por Fernandes 2004), refere que *“É o ano de todas as experiências, de todas as novidades”*, onde o principal objectivo é a formação de profissionais autónomos, *“baseada numa aceção realista do que pode e não pode fazer e porquê”*.

No caso específico da Educação Física,

“O estágio pedagógico representa um módulo de formação desenvolvido em regime de supervisão pedagógica que constitui o culminar de uma formação que habilita profissionalmente para o desempenho de todas as actividades inerentes à actividade profissional de um Professor de Educação Física.” (Frountoura, 2005)

Recorrendo ao guia de estágio pedagógico 2011-2012, da Faculdade de Motricidade Humana: *“Quanto à sua orientação e organização o Estágio desenvolve-se de acordo com os seguintes princípios:*

- 1. Orienta-se para uma formação profissional envolvendo as dimensões pedagógica, organizacional, didática e científica com vista à integração do conhecimento proposicional e prático dos estagiários;*

2. *Garante o compromisso entre a qualidade da formação profissional e a qualidade das práticas educativas realizadas pelos estagiários, no seio das escolas onde os núcleos de estágio estão inseridos;*
3. *Desenvolve-se de acordo com uma perspetiva colaborativa de supervisão, promovendo o envolvimento ativo dos intervenientes, em especial dos estagiários, na conceção, implementação e avaliação dos seus projetos individuais de formação;*
4. *Promove o desenvolvimento da capacidade aplicativa e reflexiva sobre o conhecimento do estagiário;*
5. *Perspetiva-se na base de uma avaliação formativa, considerando o contexto e a dinâmica da evolução do estagiário no domínio das competências específicas estabelecidas no seu Projeto Individual de Formação;*
6. *Referencia-se à legislação em vigor sobre os ciclos de formação no ensino superior e sobre a formação dos professores (Decretos Lei N.º 74/2006 de 24 de março., e 43/2007 de 22 de fevereiro), às deliberações dos órgãos de gestão da FMH e da UTL, nomeadamente ao Regulamento de Estágio e Regulamento de Mestrados.*
7. *Articula-se de forma coordenada no seio de cada núcleo de estágio e entre núcleos organizados por agrupamentos, no respeito pelas especificidades individuais e contextos onde a formação se desenvolve.*
8. *Enquadra-se pelas disposições oficiais para o desenvolvimento curricular da disciplina de Educação Física, nomeadamente os programas e as suas normas de avaliação.”*

Ainda no mesmo documento, pode ser verificado que o estágio incide em quatro grandes áreas de intervenção. São elas: *“Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4)”*.

Cada uma dessas áreas apresenta objectivos gerais, que serão agora referenciados. Na área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem:

“O estagiário:

- *Perspetiva o espaço da aula, da escola e da comunidade como um campo de intervenção social e de formação da cidadania democrática;*
- *Utiliza na atividade profissional, de forma integrada, saberes próprios da sua especialidade e saberes transversais multidisciplinares e interdisciplinares, mobilizando dados da investigação relacionados com o ensino e com a aprendizagem e considerando os contextos culturais e sociais dos educandos e da escola;*
- *Promove nos seus alunos competências significativas no âmbito curricular;*
- *Organiza o ensino e promove aprendizagens no quadro do conhecimento científico,*
pedagógico e didático da Educação Física e Desporto Escolar;
- *Promove um envolvimento ativo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo;”*
- *Promove a aprendizagem sistemática das técnicas do trabalho intelectual e motor e das formas de o comunicar;*
- *Utiliza linguagens e suportes de informação diversificados e adequados às diferentes situações;*
- *Utiliza a avaliação, nas suas diversas modalidades, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da escola.*

Na Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica:

“O estagiário:

- *Projeta estudos de investigação-ação integrados na escola e respetivos contextos;*
- *Organiza o processo de construção de competências sociais e profissionais, na perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida e da diversidade das realidades nacionais e internacionais.”*

Relativamente à Área 3 – Participação na Escola:

“O estagiário:

- *Analisa de modo crítico o Projeto Educativo de Escola e os respetivos projetos curriculares;*
- *Coorganiza e promove o ensino e treino do Desporto Escolar;*

- Participa em iniciativas de Educação e Promoção da Educação para a Saúde na Escola.”

Quanto à Área 4 – Relação com a Comunidade:

“O estagiário:

- Privilegia as interações com as famílias para apoiar os projetos de vida e formação dos alunos;*
- Valoriza, pela sua participação nos projetos da comunidade, a função social das instituições educativas;*
- Integra no projeto curricular os saberes e as práticas sociais da comunidade com relevância educativa.”*

Comuns a todas as áreas temos os seguintes objectivos:

- “- Reflete sobre as suas práticas, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos do seu desenvolvimento profissional.*
- Age deontologicamente no âmbito da sua ação profissional e avalia os efeitos das decisões tomadas.”*

O Estágio pode então assumir-se como uma etapa que une os conhecimentos teóricos e académicos e a prática experimentada no dia-a-dia do profissional. De acordo com Teixeira (2007) *“É o lugar de articulação entre teoria e prática, onde serão aplicados os conhecimentos teóricos adquiridos, perante a incerteza e realidade da prática”,* o período *“ (...) de aplicação dos conhecimentos adquiridos associados a crenças e convicções pessoais. É neste período que se torna de facto professor tomando e socializando-se com a cultura profissional da classe* (Ribeiro, 2005).

O Estágio e prática pedagógica são reconhecidamente as etapas mais importantes da formação inicial que marcam a formação inicial dos professores (Rodrigues & Ferreira, 1998). Caracteriza-se por um período de dúvidas, inquietações, tensões e aprendizagens intensivas num contexto usualmente estranho e desconhecido (Almeida, 2009). É um espaço formativo e pedagógico marcado pelo *“choque com a realidade”*, termo popularizado por Simon Veenman, em 1984, que representa o impacto sofrido pelos jovens

profissionais no início da sua carreira profissional, a nível pessoal, profissional e social e que decorre essencialmente do confronto entre os ideais formados e a realidade em sala de aula (Teixeira, 2007), ou dito de outro modo, na diferença entre as situações vividas no curso e as encontradas na prática profissional. Veenman (1984, cit. por Marcelo, 1998) caracteriza este primeiro ano, como um processo de aprendizagem intensa, assente em experiências de ensaio-erro, de sobrevivência e por predomínio do valor prático.

Tal como o currículo académico na fase anterior, a indução profissional e estágio pedagógico terão para cada profissional em formação diferentes graus de valorização. Mais uma vez é importante ter presente que: *“As imagens, percepções, mitos e crenças que o estagiário traz facilitam ou inibem uma entrada na profissão”* (Frountoura, 2005) e que os futuros professores *“transferem para o ano de estágio as expectativas e concepções que foram construindo ao longo da formação inicial”* (Rodrigues & Ferreira, 1998). Com referência ao levantamento bibliográfico de Sá (2007) e respectivas citações aos autores que seguidamente surgem, poderá existir maior ou menor significação dos profissionais em formação. Se por um lado, as experiências passadas, concepções anteriores, crenças, forma de organização do estágio e relação supervisor-estagiário, levam ao cumprimento dos objectivos, com mudanças em comportamentos, atitudes e pensamentos, assumindo-se esta fase como a mais importante e poderosa componente dos programas de formação de professores (Lortie, 1975; McIntyre et al., 1996), ou a única experiência que prepara os estudantes para a profissão (Locke 1984, Graber, 1995, cit. por Sá, 2007), por outro lado, esta pode ser uma experiência irrealista, de fraco efeito, em que não se processam mudanças significativas na bagagem anterior carregada pelos futuros profissionais (Marcelo 1987; Feiman-Nemser 1983; Cliff et al. 1994; cit por Sá, 2007).

É necessário que se tenham presentes os sentimentos descritos, pois de forma acoplada existirão preocupações e problemas com que o estagiário se debate, que devem ser desconstruídos, analisados e solucionados, pois de outra forma poderá tender-se para o risco de “wash out effect” (efeito de lavagem), na perspectiva de imitação acrítica de cumprimento de directrizes, pela utilização

de rotinas e métodos já criados ou de isolamento físico, social e profissional (Zeichner & Tabacknick, 1981, cit. por Marcelo 1998), em que não há partilha nem espaço para colocar as dúvidas sentidas (Carvalho, 1996).

“São estes problemas, aliados a outros, que fazem com que, muitas vezes, os professores em início de carreira e, com a falta de experiência de ensino, recorram às imagens e recordações das estratégias e procedimentos de ensino de professores com que se identificaram, às imagens das suas vivências como estudantes, para atenuar o referido “choque da realidade”, pondo de lado tudo aquilo que aprenderam, durante a formação inicial.” (Sá, 2007)

Pelo exposto é importante que se conheçam os principais problemas e dificuldades sentidas pelos estagiários durante este período de tempo. Têm de ser conhecidas essas dificuldades para que se compreenda ainda melhor a acção profissional destes novos agentes na escola, o porquê de algumas opções e decisões, para que se intervenha da melhor forma sobre os mesmos, no âmbito da Supervisão Pedagógica. Existe variada bibliografia sobre as dificuldades sentidas no período de estágio, mas serão particularizadas as mesmas somente pela voz dos estagiários, no âmbito das tarefas e intervenções regulamentadas e referidas anteriormente, pelo guia de estágio pedagógico, elaborado pelo estabelecimento universitário que frequentam. Esta particularização liga-se directamente a esta investigação.

Preocupações e dificuldades sentidas pelos estagiários durante o estágio pedagógico

Conforme referido é agora importante informar sobre as principais dificuldades reveladas pelos professores estagiários no período de estágio pedagógico, com o intuito de compreender e melhor análise dos conteúdos que irão ser relatados nas autoscopias recolhidas para amostra deste estudo. Para isso, importa reter as anteriores áreas de intervenção no estágio pedagógico (Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4).

De acordo com Teixeira (2007), as principais dificuldades dos estagiários situam-se ao nível do planeamento, avaliação, instrução, organização e clima de aula. No mesmo estudo o autor verificou ainda quais as causas apontadas para essas mesmas dificuldades. São referidas a experiência profissional, o conhecimento do estagiário, as características pessoais e a qualidade da formação inicial. Verifica-se então que as dificuldades se situam no âmbito da área 1 – Organização e gestão do ensino e aprendizagem, justificadas pela insuficiente preparação académica e características individuais dos estagiários.

Pelo trabalho de Frountoura (2005) revela-se que as principais dificuldades relatadas pelos estagiários, *“Condução do Ensino, Projecto do trabalho da área científico-pedagógica e Realização escrita do trabalho da área científico-pedagógica”*, são as mesmas no início e no final do estágio.

Rodrigues & Ferreira (1998) referem que as dificuldades dos estagiários são diversas e dispersas na estrutura das actividades do estágio profissional, mas ao nível das preocupações: *“vão claramente para o relacionamento com os alunos”*, com valorização de uma relação afectiva positiva e dificuldades na gestão da disciplina.

Anacleto (2008), verifica ao longo do estágio uma hierarquia das preocupações, conforme a Teoria de Fuller, onde o nível de preocupação varia com a experiência de ensino. Primeiro, estas situam-se a nível pessoal, centradas no próprio, posteriormente com as actividades/tarefas/estratégias de ensino, e por último com o impacto da acção docente/ensino nos alunos. O mesmo autor, ao citar Veenman (1988) constata que o trabalho com diferenças individuais é o primeiro factor de preocupação e Januário (1996) ao referir que a motivação dos alunos é a segunda grande preocupação.

Contrariando os resultados da Teoria de Fuller temos alguns autores que se seguirão. A apresentação dos resultados que se seguem é recolhida do levantamento bibliográfico realizado por Teixeira (2007):

- Mc Bride & Griffey (1985), referem que as preocupações com o próprio não diminuem, e que o aumento da preocupação com o impacto do ensino nos

alunos, aumenta, mas não de forma significativa, algo verificado também por Went & Bain (1989).

- Veeman (1989), menciona a gestão da disciplina, promoção de interesse e motivação dos alunos, a diferenciação do ensino e a avaliação do ensino como as principais preocupações. Estes resultados são confirmados no universo da Educação Física, conforme Onofre e Fialho (1997). *“A gestão da disciplina, a promoção do interesse e motivação dos alunos nas aulas e avaliação”* (Onofre, 2000).

- Behets (1990), verificou que as preocupações com o impacto dos alunos foram aumentando, sem decréscimo das preocupações pessoais e aumento das preocupações com a tarefa.

- Leask (1995), verificou que as preocupações se situam em três estádios. Primeiro, ao nível da auto-imagem e controlo da turma, segundo ao nível do ensino e objectivos globais e em terceiro e último ao nível das necessidades individuais dos alunos.

- Smyth (2000), averiguou que as preocupações se centram na gestão da disciplina, adaptação pessoal e institucional e características pessoais e preocupações centradas na tarefa: métodos e estratégias de ensino e trabalho com alunos com necessidades especiais.

Ainda citados por Teixeira (2007) é pertinente analisar os seguintes trabalhos de investigação:

- Telama, Lähde e Kurki (1980), através do diário de aula, mostram que os incidentes críticos se situam na relação professor-aluno, organização de ensino, implementação de tarefas de rotina e tarefas de instrução.

- O’Sullivan (1989), situou as preocupações de dois estagiários de EF, na motivação dos alunos, nas diferenças individuais, no processo de avaliação e por fim na relação com os pais.

Por fim, Onofre e Dionísio (1995) referem que a maioria das ocorrências problema estão ligadas à disciplina e comportamentos fora da tarefa.

Concluindo e apesar das várias dificuldades apresentadas, a teoria de Fuller nem sempre está presente.

“Os problemas dos professores com menos experiência (incluindo nestes os professores estagiários) parecem centrar-se sobretudo em dificuldades relacionadas com o controlo da disciplina, com a motivação dos alunos e com a dimensão organização” (Teixeira, 2007)

O mesmo autor da citação, contrariamente ao que cita, na sua investigação constatou que a disciplina não foi referida como dificuldade ou preocupação, situando-se estas ao nível do planeamento anual e de aula, mais crítico no primeiro e segundo período, avaliação e intervenção pedagógica, instrução, feedback, organização e clima, que aumenta ao longo do terceiro período.

Apesar de todas as dificuldades sentidas pelos estagiários, estes afirmam que esta é a componente mais importante da sua formação (Griffin 1989; cit. por Teixeira 2007), já que a construção do conhecimento depende da possibilidade que é dada de o ir testando em contexto real (Onofre, 2003). É a experiência mais valiosa da preparação profissional, de acordo com diversos autores (Connant 1963, Siendentop 1983, Tannehil & Zakrajsek 1988, Coulon 1991; cit. por Ribeiro 2005).

É importante salientar que o *“estágio é não só um processo de conflitos, mas também um processo de desintegração efectiva de dois contextos de formação – a escola e a faculdade”* (Pacheco 1995, cit. por Frountoura, 2005), onde, apesar da avaliação quantitativa, ponto de stress entre supervisor e estagiário, (Rodrigues & Ferreira, 1998), cada professor constrói e afirma com maior ou menor mestria a sua acção profissional, pela capacidade adquirida de análise e aplicação da melhor forma de intervenção, adaptada aos diferentes contextos com os quais se deparará ao longo da sua carreira docente. Face ao exposto, e de acordo com Ribeiro (2005) *“o Estágio não se deve esgotar no treino das competências práticas, deve também ser laboratório de novas ideias (Loughran, 1996) e espaço de reflexão (Zeichner, 1983) e discussão”*, através do acompanhamento supervisionado de um outro professor, que através de técnicas de supervisão, instrumentos de que dispõe, potencia a acção do estagiário. É aqui que o processo de Supervisão Pedagógica se assume como factor de importância fundamental na preparação e desenvolvimento dos professores (Alarcão e Tavares, 1987, 2003), mais especificamente, na criação

de uma abordagem crítica da realidade e a procura dos aspectos teóricos que ajudam a dar sentido aos acontecimentos” (Korthagen 2001; cit. por Frountoura 2005).

“Os riscos de uma prática alienada ou dos excessos da abordagem reflexiva é particularmente incidente durante as experiências de prática pedagógica, nomeadamente quando não está presente um processo adequado de Supervisão Pedagógica” (Onofre, 2003)

Referir que o estágio surge como um processo de supervisão pedagógica (Ribeiro, 2005) mostra a ligação estreita entre estes dois conceitos e ao ter-se falado de estágio teremos de seguida que enunciar nesta pesquisa a supervisão pedagógica.

1.2.2.2 - Supervisão Pedagógica

Uma vez que não existe estágio sem supervisão pedagógica (SP), importa agora informar o que se entende por este conceito, para que se compreenda quando nasce, porque nasce, como evolui ao longo do tempo e quais as técnicas que contém.

De acordo com o âmbito sócio-histórico todo o processo de SP liga-se à origem e história da sociedade em que hoje vivemos. Para um melhor entendimento da importância da SP e para que este processo não fique à partida “estrangulado” no ramo das ciências da educação, deve ser referido que o mesmo já existia nas sociedades primitivas, longe de qualquer noção de sistema de ensino e de professor: “ (...) onde a educação se dava de forma difusa e indiferenciada, estava presente a função supervisora” (Saviani, 2000).

Apesar de podermos assumir a sua antiguidade, pertinência e transversalidade ao longo do desenvolvimento das sociedades, este processo especifica-se e ganha maior consistência na esfera das Ciências da Educação. Não deve, portanto, ser olhado isoladamente de forma descentrada da evolução do modelo escolar, da ideologia de professor e de formação, pois todos estes conceitos evoluíram em conjunto e influenciaram-se entre si.

Dado o anterior esclarecimento, resta referir que quando surge o processo de SP, o modelo escolar tinha como grande propósito a reprodução social, acreditando-se que partindo de mesmos heróis, mesma língua, mesma geografia, mesmas histórias nas disciplinas leccionadas, de todo um património cultural comum se geraria progresso e riqueza, através do ganho de sentimento de pertença. O próprio Professor, a ideia sobre este profissional, era a de um agente do sistema educativo que representava a ideologia dominante, que cumpria directivas de estar na sua profissão, resumindo-se a um organizador, reproduzidor de modelos, um “passador de cultura normativa”. É nesta fase em que a SP nasce como elemento de controlo do sistema educativo, com uma função de “fiscalização”, centralizada, padronizada, procurando a eficácia escolar, medida através dos resultados dos alunos. Daí nascem as associações a conceitos como inspecção, avaliação e o consequente controlo da actividade docente.

Em Portugal e de acordo com Vieira (1993), o termo "supervisão" encontra, na esfera da educação, alguma resistência quanto à sua aceitação, porque se encontra associado a conceitos, utilizados em outros contextos, como "chefia", "dirigismo", "imposição" e "autoritarismo". O mesmo autor acrescenta que este processo constitui-se por uma natureza prescritiva, onde o supervisor apresenta um papel dominante no que respeita a tomada de decisões, restando ao novo professor passividade.

Com o passar dos tempos e com a massificação do ensino e consequente aumento da diversidade cultural, cria-se uma lógica de modelo escolar distinta. A escola não pode ser somente o espaço de recolha dessas diversidades, mas tem sobretudo de criar diversas alternativas para a diversidade de todos os alunos que a compõem. O Professor deixa de ser o crivo das aprendizagens e assume um papel de ajudante dos alunos. Diagnostica os mesmos e tem de saber construir os modelos/métodos de ensino diferenciados para incluir e superar a diversidade em sala de aula. O sistema de ensino deixa de ser linear, ganhando desta forma maior complexidade, com aumento do número de variáveis e interacções. Nesta perspectiva, não faz sentido uma SP como

inspecção, esta é agora encarada como um suporte de apoio sistemático ao desenvolvimento do professor:

“Com a evolução da profissão, o supervisor deixou de ter o papel de inspector para passar a ter o de facilitador e encorajador do desenvolvimento do professor, devendo valorizar as experiências e saber de que o professor é portador e incentivar a reflexão. Ao facilitar o desenvolvimento do professor, também ele se desenvolve porque aprende ensinando” (Alarcão, 1996, cit. por Almeida, 2009)

“ (...) em papel de apoio e não de inspecção, de escuta e não de definição prévia, de colaboração activa em metas acordadas através da contratualização, de envolvimento na acção educativa quotidiana (através de pesquisa cooperativa), de experimentação reflectida através da acção que procura responder ao problema identificado.” (Oliveira, 2002, cit. por Penha, 2008)

É importante referir que apesar de ter vindo a ganhar importância ao longo dos anos, a SP ficou durante mais de uma década, sensivelmente no final dos anos 90, residente na formação inicial dos professores. Tradicionalmente foi um processo que se iniciava e esgotava na formação inicial dos professores, ficando os mesmos à parte desta realidade após conclusão dos seus estudos académicos.

De acordo com Penha (2008), é curioso o facto de a primeira publicação, *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem* - de Alarcão e Tavares, datada de 1987, não ter suscitado qualquer interesse e mobilização em torno desta temática, dadas as residuais vendas. Este facto poderá querer dizer que era unanimemente presente e aceite que SP seria apenas mais uma etapa académica na formação daqueles que para o ensino se preparavam ou que se tratava de um processo distante e desconhecido do público ou ainda de que a ideia de fiscalização se mantinha associada. A mesma autora, citando Alarcão (2001) refere: *“A supervisão em Portugal tem sido pensada, sobretudo, por referência ao professor (em formação inicial) e a sua interacção pedagógica em sala de aula”*.

Actualmente, a partir dos anos 90, com o conjunto de alterações no panorama educativo, a SP começa a ganhar maior importância, o que se nota pela crescente difusão de oferta académica, onde surgiram mestrados, pós-

graduações, doutoramentos, livros e publicações notando-se por exemplo uma crescente procura da obra publicada em 1987, anteriormente referida, que levou a uma segunda edição. Ou seja, a mesma obra foi num primeiro momento quase que desprezada e volvidos poucos anos teve uma procura imensa, o que poderá traduzir esta nova forma de encarar este conceito, que já não se encontra encerrado na formação inicial de professores.

Apesar de não ser âmbito desta investigação importa referir que a SP deixa de ser encarada como um acto centrado na particularidade de cada professor e assume um carácter global de escola, de desenvolvimento profissional, passando mesmo da esfera do ensino para a conquista de outros espaços profissionais, nomeadamente ao nível da enfermagem. De forma ainda mais contemporânea, com a efectivação da Avaliação de Desempenho Docente, que tem suscitado polémicas e dúvidas quanto à validade do processo e da SP que contém associada, e a promoção da autonomia das Escolas, onde alguém terá de assumir cargos de decisão, na tentativa de cumprimento dos projectos educativos, esta temática foi revestida da maior importância como até agora não tinha acontecido. A SP chegou, de forma mais ou menos correcta, às escolas, não só pelas questões de autonomia, mas também pela observação das aulas dos professores, aulas essas que deixaram de ser “caixas negras” e passaram a estar disponíveis e a serem objecto de análise. Com maior ou menor aceitação e polémicas à parte, a SP estabeleceu uma nova realidade nas escolas, em que seria benéfico para todos que se percebesse que *“O seu objectivo deve ser a cooperação com os professores e não o julgamento sobre as suas competências ou o seu trabalho* (Hoy, 1986).

Pelo trabalho realizado por Wiles & Bondi (2000), que reflecte a revisão do contexto histórico da realidade educacional dos Estados Unidos, encontram-se seis conceitos de SP na literatura. São eles:

- SP como acto de administração;
- SP como acto de trabalho curricular;
- SP como função de instrução;
- SP como acto de relações humanas;

- SP como gestão;
- SP como acto de liderança.

De acordo com os mesmos autores pode-se considerar os supervisores como ramificações de Directores ou mais altos cargos, que apenas cumpriam funções no terreno, à partida já bem delineadas, meros portadores de actos de administração. Por outro lado e se forem consideradas as actividades de escrita de revisão e composição de currículos, de desenvolvimento de processos e materiais de apoio ao ensino tem-se então associado à SP o trabalho curricular. Poderá também estar associada a instrução, uma vez que as acções em SP são sobretudo tomadas no sentido de melhorar a comunicação em processo de ensino. É igualmente fácil entender o supervisor como um agente de comunicação que promove discussão e reflexão, criando obrigatoriamente relação humana entre indivíduos, promovendo acções e resolvendo reacções. A SP pode também ser entendida como um simples processo de gestão, em que se buscam melhorias com vista ao ganho de eficiência. Por fim, SP pode significar processo de liderança, na perspectiva em que o supervisor lidera e orienta os supervisionados nas suas funções.

A imagem que se segue ilustra e resume, de forma simples e explícita, um pouco da evolução sócio-histórica do conceito de SP:



Ilustração 2 - Evolução do conceito de Supervisão Pedagógica ¹

¹ Adaptado de: Supervisão e Supervisores, Teorias e Práticas no Contexto Educativo: II Encontro Internacional do Português, Novos Desafios no Ensino do Português: Departamento

Pelo referido anteriormente percebe-se que o conceito de SP abrange diversos aspectos, que não podem ser desagregados entre si. Por agora tentar-se-á chegar à definição do conceito de SP, algo ambicioso pois são vários os autores e definições presentes na bibliografia e ainda hoje, com o modelo escolar em vigor, este processo desperta diferentes formas de o encarar. Alguns ainda o vêem na perspectiva da inspecção e outros já o percebem como ferramenta essencial para o desenvolvimento da prática profissional.

De acordo com cada autor e cronologia temos diferentes definições de SP. Para Cogan (1973) a SP está intimamente relacionada com o trabalho curricular:

“ (...) designa actividades como a escrita e a revisão de currículos; a preparação de unidades e materiais de instrução; o desenvolvimento de processos e instrumentos para informar aos pais; e preocupações amplas como avaliação do programa educacional como um todo”.

Já para Alarcão e Tavares (1987) falar de SP é falar de *“desenvolvimento profissional do professor”* com base na orientação da prática pedagógica, indiciando a SP como um acto de relações humanas. Ralha Simões & Simões (1990, cit. por Galveias, 2009) refere que a SP não se cinge apenas a uma simples mudança comportamental, indo mais além no desenvolvimento pessoal conduzindo a *“maior eficácia do professor através da activação do seu desenvolvimento profissional”*. Vieira (1993), sugere SP como acto de reflexão/experimentação do professor, além de monitorização sistemática da prática pedagógica

Pela obra de Sá Chaves (2000), a SP pode ser encarada *“como um processo de aprendizagem e de desenvolvimento do formando e do supervisor, podendo de acordo com a natureza da interacção criada, ser facilitado ou inibido”* ou:

“ (...) a supervisão pode constituir-se como uma dupla mediação entre o conhecimento e o formando, num processo facilitador do

desenvolvimento dos participantes através da reconstrução continuada dos saberes pessoais e profissionais”

Mais recentemente, Alarcão e Tavares (2003) definem SP como *“uma actividade que visa o desenvolvimento e a aprendizagem dos profissionais”*, sejam estes principiantes ou experientes na profissão. Destas últimas definições retém-se que todo e qualquer desenvolvimento profissional ocorrido, dirige-se para dois actores: estagiário e orientador.

Onofre (1996) classifica o processo de SP como uma estratégia de formação, que envolve uma relação, entre um professor mais experiente e outro menos experiente, de ajuda e cooperação, de contacto íntimo e frequente, prolongado no tempo e ainda como um processo metodologicamente aberto, um *“processo a partir do qual o formando define e aperfeiçoa o seu estilo pessoal de estar na profissão”*.

Sintetizando e tendo em conta todos os autores referidos, a SP é um processo cooperativo de formação que decorre de forma sistemática, em terreno profissional, e que tem por objectivo a identificação e diluição das diferenças entre a teoria e a prática. Razões históricas, conceito de professor ou modelo escolar afectam esta mesma definição como já foi demonstrado.

1.2.2.3 Estilos e Modelos de Supervisão Pedagógica

Referido o conceito e sua evolução, importa agora perceber qual a forma e os modos através dos quais se faz a SP. Relativamente ao estilo de SP, dependente das características do supervisor, estagiário e problemas particulares onde decorre o estágio, este pode ser, olhando para os extremos da “escala”, de dois tipos: Directivo e Não Directivo (Alarcão e Tavares 1987). A SP Directiva assenta num estilo prescritivo e correctivo em que se pretende fazer passar um modelo, levando o estagiário pelo caminho traçado pelo Orientador, que assume um papel activo perante a passividade do estagiário, que replica e imita o que foi definido. Ao contrário, no estilo Não directivo, o Orientador submete-se a um papel mais passivo, de forma a estimular a investigação autónoma do estagiário na resolução das situações com que se

depara, intervindo apenas aquando das solicitações. Muitas vezes, como é fácil de supor, ao longo do processo de SP, poderão ser utilizados os dois estilos, onde por exemplo, no início do estágio o estagiário necessita mais vezes de compreender o que e onde melhorar, Directivo, e no final do estágio já está mais apto para sozinho encontrar a melhor solução, ferramenta que solucione o problema com que se deparou, Não Directivo.

Passando aos modelos de SP, existem na bibliografia quatro modelos distintos – Técnica, Clínica, Pessoal, Crítica – que diferem essencialmente em três pontos: foco, concepção de Supervisor e concepção de Professor. De seguida e de forma sintética serão particularizados cada um dos estilos referidos.

Relativamente ao modelo de SP técnica, o foco situa-se no domínio e a eficácia de aplicação de procedimentos standardizados. Centra-se e baseia-se na teoria de processo produto, nos conhecimentos derivados da ciência e nos currículos. O Supervisor é alguém cuja preocupação se situa na promoção/desenvolvimento de destrezas pedagógicas mais eficazes, sendo um profundo conhecedor do que a investigação diz acerca do que é um bom professor. O professor é visto como utilizador rigoroso de procedimentos padronizados, fazendo jus a objectivos predeterminados.

No que respeita à SP Clínica, introduzida por Cogan (1973), o foco situa-se no diagnóstico e na busca de soluções para os problemas práticos. Tem por objecto a reflexão/acção/decisão. Destaca que para além da aplicação dos conhecimentos (dimensão técnica) é necessário fomentar a dimensão reflexiva, limitada, diferente de um reflexismo puro sem objecto concreto, longe de um qualquer “achismo”. O supervisor é alguém que interroga/questiona, que está permanentemente a redireccionar o pensamento dos estagiários com quem trabalha, fomentando a reflexão e consciencialização, aquilo que estará na base dos fracassos e sucessos que sucederam. Auxilia na relação causa-efeito, ajudando na resposta à pergunta: O que posso mudar a seguir? Acredita-se, neste modelo, que além de executar e imitar é preciso por os estagiários a pensar, proporcionando-se uma maior comunicação. O professor é visto como um sujeito que diagnostica os próprios problemas, resolvendo-os

através da aplicação da investigação. Trata-se de um modelo que parece ajustar-se mais à SP, mas não é para todos nem para todas as investigações.

Tendo em conta o modelo Pessoal de SP, o foco situa-se na auto-percepção do estagiário, que não deve ser nem sub nem sobrestimada. Importa que o estagiário se compreenda a si próprio como professor, que perceba as suas preocupações pessoais enquanto professor. O supervisor fomenta um ambiente propício para que o estagiário se sinta à vontade para expor preocupações e o que sente, individualmente ele e com os outros intervenientes no estágio. É receptivo a essas preocupações e fornece abertura para a livre escolha de episódios e situações a analisar. O Professor é olhado como “pessoa” que se olha e se compreende.

No modelo de SP Crítica ou Social, o foco prende-se com a independência crítica, na criação de profissionais capazes de estimular a consciência crítica. O Professor deve ser agente de mudança, ao questionar estereótipos e ideologias e ao ter presente quais serão as consequências da sua acção como profissional e como cidadão. O supervisor estimula e cria situações para que o estagiário analise quais as consequências de determinada acção. No estudo de Machado (2000), verifica-se “ (...) *uma compreensão apenas superficial do conceito de consciência crítica, o que parece comprometer o desenvolvimento de atitudes críticas na prática dos professores investigados e consequentemente, nos seus alunos*”.

Temos então diferentes modelos, diferentes focos, diferentes supervisores, diferentes professores e consequentemente diferentes resultados. Apesar de distintos, ninguém se situa num só modelo de SP. Existe um hibridismo, sem dimensões puras, onde pela intersecção dos modelos cada supervisor adequa o modelo de SP, tendo em conta as características do estágio e dos elementos envolvidos. Deve existir partilha, de entre os vários modelos, de estratégias, procedimentos e técnicas no sentido de maximizar a experiência do estágio pedagógico. A SP poderá ser feita pela escolha e aplicação exclusiva de um modelo, com risco de limitar demasiado as alternativas, caindo no risco de colocar os professores a imitar e a observar como alguém actua, ou então

adaptar o modelo em função das maiores coerências das pessoas que temos à nossa frente, caminhando para uma visão aberta para o desenvolvimento profissional. O Ideal é a aplicação de um pouco de cada modelo, mas apesar da diversidade tendemos a ser ainda mais clínicos e menos críticos. Refere a investigação de Duarte (2005) que apesar do hibridismo, a concepção de SP, assenta nos modelos técnico e académico, no sentido do aperfeiçoamento e eficácia do ensino, relativo ao primeiro e no conhecimento de conteúdos das matérias e organização de aula, referentes ao segundo. No outro extremo encontram-se os modelos pessoal e crítico que poucas vezes são utilizados, o que indica, em conformidade com outros estudos que é necessário humanizar e democratizar o processo de SP. O mesmo autor conclui que existe um afastamento entre o pensamento e a acção dos orientadores. Quando questionados os orientadores fundamentam a importância da SP através de todos os modelos reconhecendo-lhes vantagens e oportunidades na formação dos estudantes, mas na prática assentam e operacionalizam os modelos técnico e académico, algo que se liga ao modelo de racionalidade técnica, adoptado durante largos anos como modelo de formação de professores. Ainda de acordo com o mesmo autor, verifica-se que a origem do conhecimento sobre o processo de SP provém do estágio pedagógico frequentado da formação inicial, na experiência e formação contínua, em orientadores “pessoalistas” e “críticos”, nas relações inter-pessoais e com formadores, excepto no orientador “técnico” e ainda nas relações com os orientadores universitários.

Independentemente do estilo e modelo de SP adoptados, em todo o processo de SP se utilizam técnicas de SP (Ribeiro, 2005). No ponto seguinte serão essas técnicas, para que se compreenda a utilização e efeitos das mesmas na formação de professores estagiários.

1.2.2.4 – Técnicas de Supervisão Pedagógica

Conforme já foi referido é pela utilização das técnicas de SP, que funcionam como técnicas de formação, que se potencia e se atingem os objectivos do ano de estágio pedagógico. São utilizadas em qualquer modelo de SP, pelo

orientador, funcionando como instrumentos que possibilitem maximizar as experiências que o estagiário vivenciou e testemunhou (Onofre, 2003).

“Para este efeito devem utilizar-se de modo pedagógico e tecnicamente rigoroso, o conjunto de técnicas de formação que têm sido largamente sistematizadas para fomentar o desenvolvimento de competências de registo, reflexão, demonstração e treino da prática (Onofre, 1996)

Cada técnica de SP tem propósitos e vantagens específicas que se devem conhecer e dominar, aplicando umas em detrimento de outras, consoante o contexto onde se desenrola a formação e as características pessoais dos estagiários. Tal como os modelos de SP, também aqui o hibridismo é aconselhável, pois em conjunto possibilitam o desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário (Ribeiro, 2005).

Para uma melhor clarificação e sistematização, será mencionada a classificação das técnicas realizada por Onofre (1996). O autor propõe quatro grupos de classificação. São eles:

- Técnicas Informativas/Demonstrativas;
- Técnicas de Treino Prático;
- Técnicas de Registo;
- Técnicas Reflexivas.

Relativamente às primeiras, importa sobretudo a capacidade do domínio dos modos de fazer. Aqui se incluem as seguintes técnicas: Prelecção, Demonstração e Estudo Autónomo. No segundo grupo, a importância reside na capacidade técnica de intervenção e prescrição da actividade docente, em terreno profissional, próximo da futura realidade profissional. Inclui: Ensino real, Micro-ensino e Ensino entre pares. No terceiro grupo, importa criar uma “memória escrita” de situações ocorridas para análise em diferido. Estão presentes: Portefólios, Diário e Observação. Por fim, no último grupo, conforme a designação sugere, interessa o estímulo da reflexão, para que se encontrem as razões de utilização de determinado conhecimento e/ou acção. Compõem

este grupo o Painel de discussão, Autoscopia, Narrativa Auto-biográfica, Análise de casos e Entrevista/Conferência.

De forma mais detalhada e apesar do âmbito desta investigação se centrar numa técnica reflexiva, a Autoscopia, de seguida, para que se entenda globalmente o que significa e representa cada técnica e se perceba a intersecção entre elas, passar-se-á à definição de cada uma das técnicas de Supervisão. Convém realçar que todas as técnicas se interligam e possuem vantagens que são maximizadas quando aplicadas em conjunto com outra(s) técnica(s).

Mantendo a ordem de apresentação anterior, a Prelecção representa uma comunicação verbal, via orientador-estagiário, sobre as actividades de estágio, sobre um quadro conceptual de referencias de onde parte e que tem de ser partilhado e informado. A Demonstração é sobretudo o uso de um exemplo, uma ilustração de como se pode realizar determinada acção profissional, que deve servir de modelação e não como algo a copiar, pois as situações de ensino são singulares e não generalizáveis. É uma oportunidade de verificar como outros indivíduos fazem a sua prática, ou como nós próprios desempenhámos a acção profissional.

“Consiste, quer na observação do desempenho, de forma directa ou indirecta, de uma tarefa técnica, técnica ou pedagógica, com o objectivo de ser criticada, repetida ou adoptada quer na ilustração prática de indicações ou contra-indicações teóricas, técnicas ou pedagógicas” (Ribeiro, 2005)

O Estudo autónomo representa uma pesquisa autónoma realizada pelo estagiário, um “ (...) *processo de investigação realizado pelo próprio formando para fundamentação do seu quadro de referências, para encontrar justificação teórica para a prática*” (Onofre, 1996) ou por outras palavras: “*Trata-se de envolver os formandos na descoberta de soluções para os seus próprios problemas, pesquisando, seleccionando e analisando informação, tornando-se parte activa do seu processo de formação*” (Anyanwu 1988; cit. por Ribeiro 2005). Para efectivo melhoramento da formação é importante que sejam

partilhados e divulgados os resultados alcançados com esta auto-responsabilização/auto-formação (Ribeiro, 2005).

Relativamente ao Ensino real e Micro ensino, representam, em poucas palavras, o processo de condução de aulas, em situação real, numa comunidade escolar, *“o desenvolvimento da capacidade de intervenção pedagógica”* (Onofre, 1996). É a técnica que ocupa a maior fatia do estágio. O Micro ensino é semelhante, mas é como que um “zoom” de uma situação particular do ensino real. Pega no ensino real e decompõe-no através da redução do número de variáveis a controlar. É, segundo Ribeiro (2005): *“A condução de situações de ensino simplificadas pela redução dos alunos; tempo e/ou conteúdos a abordar”*. O Ensino entre pares representa a observação e crítica entre os formandos, encarando os papéis de supervisor e supervisionado, no sentido de verificar qual o melhor caminho didáctico, fornecendo sugestões e trabalhando com alguém que possui a mesma bagagem, algo que poderá tornar esta técnica mais motivadora e potenciadora do coleguismo.

O Portefólio representa um arquivo pessoal, de elaboração progressiva e contínua, de experiências e conhecimentos adquiridos na formação, um arquivo vivo, onde se pode recorrer de forma regular, que deve privilegiar o conteúdo das experiências face à apresentação física do arquivo. Deve conter as actividades realizadas e o balanço de como cada actividade influenciou a prestação profissional. O Diário de aula representa a *“Elaboração de uma narrativa escrita sobre o pensamento e acções do professor, que ocorreram durante a condução de aulas”* (Ribeiro, 2005). Zabalza (1994, cit. por Ribeiro, 2005) acrescenta que tem por objectivo *“a consciencialização do formando sobre os seus valores pessoais e sobre as teorias implícitas nas suas acções”*. A Observação representa uma visualização e registo de um comportamento, em terreno profissional/pedagógico. Importa olhar e observar com critérios definidos, de acordo com objectivos traçados, para que a validade e fiabilidade desta técnica não se esgote e se perca numa observação naturalista, ou gere uma atitude de desconfiança e mau estar ao ser observado. É importante ter em consideração o chamado efeito de Halo, o modo como a pessoa avaliada é

privilegiada ou prejudicada pela primeira impressão causada no avaliador, que pode influenciar a informação que pretendemos retirar pela observação.

No que respeita ao Painel de discussão, este proporciona um debate entre formador e formandos, uma exposição e partilha de informações acerca de um qualquer problema teórico e/ou prático ocorrido. É segundo Onofre (1996) não só espaço de debate, de catarse, mas também de resolução e fecho do tema debatido. *“Esses debates deverão resultar em consenso geral ou aceitação de uma conclusão devidamente fundamentada, no caso de permanecerem eventuais divergências”* (André, 2005). Sendo a autoscopia o principal objecto de análise desta investigação, será criado um ponto nesta investigação que a abordara com maior detalhe. Segue-se a Narrativa auto-biográfica, que tem por objectivo trazer à tona experiências passadas, para uma melhor compreensão dos ideais que os estagiários têm, no sentido de verificar se existe uma regra ou um padrão no comportamento. É um processo idiossincrático centrado no próprio, onde verifica qual a influência exercida pela sua socialização antecipatória nos seus actuais alunos. A Análise de casos, serve sobretudo para verificar em situações particulares como se passam ideias que são gerais. Estudam-se episódios, reais ou simulados, ilustradores de situações concretas, no sentido de se retirar conclusões importantes para o processo formativo. Permite também ao formando largar a sua esfera individual e tomar contacto com esfera de terceiros que muitas vezes têm as mesmas dificuldades (André, 2005). No que respeita à Entrevista/Conferência:

“pode definir-se como a partilha e análise de opiniões entre o formador e o formando sobre diferentes aspectos do processo de formação, no sentido do esclarecimento, ajuda na identificação de dificuldades e auxílio na busca da solução dos problemas” (André, 2005)

É o momento de encontro face a face em que todos os assuntos são expostos e consciencializados. O tema é diverso e pode residir em conhecimento, sentimentos, valores ou comportamentos, do estagiário no seu processo de intervenção pedagógica.

Conforme já foi dito anteriormente é agora tempo de explanar mais detalhadamente sobre a técnica que será objecto de análise nesta investigação.

1.2.2.4.1. A Técnica de Autoscopia

De entre as várias, uma das tarefas que os estagiários de Educação Física devem desempenhar, no decorrer do Estágio Pedagógico, é o uso da Autoscopia, de forma regular, que reflecta e particularize cada aula leccionada. Gramaticalmente, a palavra Autoscopia compõe-se por dois termos, “auto” e “scopia”. O primeiro designa uma acção realizada pelo próprio sujeito e o segundo refere-se a escopo, que derivado do grego e latim significa meta, alvo ou finalidade (Sadalla & Larocca, 2004). De acordo com as autoras remete para a ideia de que a Autoscopia trata um acção de objectivar-se com vista a um fim específico.

“Ao ler o que escrevo vejo em escrita o que se passou entre quatro paredes. Algo insignificante mas que nesta perspectiva ganha novo significado e altera a forma como o irei de novo desenvolver” (Beineke, 2000)

A autoscopia representa então uma: *“actividade de análise e reflexão individual, (...) sobre determinado assunto ou momento da formação, devendo incondicionalmente, ser alvo de registo escrito sistematizado, podendo eventualmente recorrer à utilização de meios audiovisuais”* (André, 2005).

“Técnica de auto-análise e reflexão em que o próprio formando se debruça sobre as dificuldades, sensações, e percepções que ocorrem durante as suas experiências didáticas, clarificando problemas, consciencializando sentimentos e analisando dados” (Onofre, 1996)

Segundo citando Bourron, Chaduc e Chauvin (1998, cit. por Fernandes, 2004) esta técnica que surge no final anos 70 e “(...) permite desenvolver faculdades de auto-observação e auto-crítica diagnosticando comportamentos pedagógicos a melhorar, no sentido de aperfeiçoar a acção de cada um”. Linard (2000, cit. por Fernandes, 2004) refere que esta técnica funciona como um “espelho para a memória” que reflecte os pontos fortes e fracos, no sentido

de um maior desenvolvimento pessoal. Numa linguagem informal, trata-se de procurar as razões para os acontecimentos surgidos ou que virão e o que deve ser feito para enfrentá-las, recorrendo sempre ao uso da escrita, possibilitando ao sujeito contemplar-se e perceber-se a partir de vários pontos de vista (Tosta, 2006). Resulta assim num processo formativo desafiante e de extrema importância porque parte de situações reais de ensino, com o professor como protagonista na observação e crítica das próprias acções (Rosa-Silva, 2009).

Reportando algumas das suas limitações, é necessário que, tratando-se de uma abordagem pedagógica, que exista um domínio da sua metodologia de aplicação (Fernandes, 2004), especialmente por parte dos Orientadores, quando a propõem e aplicam. Outro ponto que merece destaque e que poderá comprometer a validade desta técnica diz respeito à avaliação (Anacleto, 2008). Dominar a metodologia desta técnica é também fazer passar a mensagem de que quanto mais verdadeira e reflectida for a narrativa escrita maior será a evolução por quem a escreve, com ganhos ao nível da auto-formação. Questões avaliativas devem ser deixadas para outro plano, fora da esfera autoscópica, para que exista desde logo receptividade à mesma (Sadalla & Larocca, 2004). A receptividade à técnica é primordial para o sucesso da mesma, uma vez que:

“As pessoas raramente estão à vontade a expor as partes mais íntimas do seu ser. Além disso, tem de um modo geral dificuldade em expressar as suas concepções, crenças, juízos, pensamentos práticos, que estão particularmente relacionados àqueles assuntos em que habitualmente não pensam de uma forma muito reflexiva.” (Anacleto, 2008)

Além da dificuldade relatada, a grande dificuldade apresentada por parte dos estagiários quando recorrem à autoscopia é a dificuldade em escrever, que associada à falta de hábito e disponibilidade de tempo, pode fazer com que se mantenha ao longo de todo o estágio (Almeida, 2009). Pelo trabalho de Nautre (1989, cit. por Sadalla & Larocca, 2004), existem três outros riscos associados à autoscopia, são eles: - análise superficial, que se caracteriza por uma narrativa pouco profunda que não incide, nem reflecte sobre os principais pontos; - ferramenta falha, que espelha uma narrativa de análise tão complexa

que necessita de uma pausa para explicação pelo próprio que a escreve, e ponto de vista negativo em que o próprio, por si, não consegue destacar pontos positivos da sua acção. Ferres (1996, cit. por Sadalla & Larocca, 2004) aponta duas faces de uma atitude que compromete também a validade da autoscopia. Por um lado, pode ser despertado no estagiário um fenómeno narcísico/fascínio ou, por outro pode desencadear mecanismos defensivos de auto-rejeição pela diferença entre o idealizado e o observado. Dependendo mais uma vez das características individuais e específicas de cada estagiário deve Orientador ter noção que os ganhos não são transversais para todos os recém professores (Fernandes, 2004).

Apesar das limitações encontradas a Autoscopia é considerada por Orientadores e Estagiários como uma das experiências de formação mais significativas e promotora da reflexão (Almeida, 2009; Ribeiro, 2005 e Tosta, 2006)

“Os textos permitem que os professores em formação estejam em contato com seu próprio desenvolvimento: aumenta sua autoconfiança; ajuda-os a verem-se a si próprios como produtores de conhecimento legitimado, ajuda-os a considerar seus valores [...] facilita a reflexão dos professores” (Bullough, 1993, cit. por Marcelo, 1998)

Uma outra conclusão que pode ser retirada, da investigação de Anacleto (2008), é que através da escrita, o professor aumenta a compreensão sobre as suas aulas, uma vez que para escrever tem obrigatoriamente de reviver e pensar sobre o que se passou.

Sendo a Autoscopia uma técnica individual, deve também ser referido que a partilha de autoscopia em grupo ou o exercício de heteroscopia são também duas estratégias de formação consideradas como muito benéficas, não só para os estagiários, mas também para Orientadores (Almeida, 2009) e comunidade escolar, apesar de não ser objecto deste estudo.

Fechando o ponto da Autoscopia resta referir, pelo levantamento bibliográfico aqui efectuado, que a maior parte das investigações que se centram nesta

técnica, têm ligação ao processo de vídeoescopia, algo distante do objecto desta investigação que se centra na autoscopia sob a forma de narrativa escrita.

Definido o que se entende por SP, referenciados os estilos de SP e as técnicas de SP, com particularização da Autoscopia, é agora o tempo de apresentar alguns dos principais benefícios que este processo pode e deve alcançar. Esta apresentação terá por base o trabalho de Glikman & Bay (1990, cit. por Alonso, 1998) que resume em poucas palavras os mesmos. De acordo com estes autores:

“ (...) os estudos sobre a supervisão directa, na formação contínua, demonstraram mudanças positivas na reflexão e pensamento de alta ordem dos professores; na colegialidade, abertura e comunicação entre docentes; na descida do nível de ansiedade, cansaço e abandono; na autonomia, auto direcção e sentido de eficácia pessoal; nas atitudes e comportamentos dos professores, assim como nas atitudes e resultados dos alunos.”

Ao promover reflexão sobre a prática profissional, é natural que a SP resulte em maior capacidade de análise e posterior alteração da actuação profissional, com níveis de pensamento mais elaborados. Ao ser um processo de carácter grupal na perspectiva de que *“ (...) todos os professores poderão, potencialmente, ser formadores e supervisores dos seus colegas e dos candidatos a professores”* (Oliveira 2000; cit. por Penha 2008), existirá consequentemente maior partilha e comunicação entre colegas de profissão, com maior abertura e interacção entre todos, que no final resultará num refinamento da prática profissional com sérios ganhos de aprendizagem por parte dos alunos, sentindo-se o profissional cada vez mais apto e motivado para a sua profissão.

Pela definição das principais técnicas importa reter que o: *“Sucesso do processo de supervisão pedagógica depende da competência do Orientador e conhecimento e utilização que faz das técnicas de Supervisão* (Onofre, 1996).

“Cada técnica parece não funcionar de forma isolada, são complementares, potenciam-se mutuamente e é pela sua aplicação

correcta e conjunta, de forma articulada, ajustada e criteriosa que aumenta a eficácia do processo de estágio” (Ribeiro, 2005)

Informa o autor da citação anterior que existe um desequilíbrio no conhecimento de cada uma das técnicas, em que algumas são mais vezes estudadas em detrimento de outras e que vários estudos que demonstram *“que as técnicas utilizadas se resumem a indicações e conselhos, baseados em observações informais e critérios subjectivos”*.

Segundo André (2005), os Orientadores têm um conhecimento fraco sobre a metodologia da Narrativa autobiográfica, sendo as Reuniões de núcleo para discussão sobre assuntos de formação, as Actividades de auto-análise/reflexão sobre as actividades desenvolvidas e a Observação prática de ensino, as experiências de formação mais utilizadas. Já os *“professores estagiários revelaram bastante desconhecimento do significado real, do nome, de cada uma das técnicas”* (Ribeiro, 2005).

Ainda pelo trabalho de Ribeiro (2005) verifica-se que orientadores e estagiários atribuem importância as técnicas de SP, existindo semelhança de percepção sobre elas, referindo facilidade na aplicação das mesmas. Existe um excessivo protagonismo do grupo de estágio, que assume o lugar em técnicas individuais. Os estagiários preferem técnicas de formação prática com resultados imediatos, tendendo para a passividade, aguardando directrizes e apresentam resistência à escrita. Os Orientadores tendem numa visão mais clínica e tradicional da formação, com técnicas centradas no estagiário a partir do Ensino real.

Uma das mais referidas finalidades do estágio, por ambos os envolvidos, é a promoção da reflexão.

Em jeito final e fechando a temática da SP, fica a seguinte citação que merece destaque:

“A finalidade principal da supervisão acompanhada será ajudar os formandos a tornar-se supervisores da sua própria prática e que, se

isso não acontecer falhou no essencial: dotá-los de vontade e capacidade de (re)conceptualizarem o seu saber pedagógico e participarem, individual e colectivamente, na (re)construção da pedagogia escolar” (Vieira, 2009, cit. por Ribeiro, 2010)

Apesar de não ser âmbito deste trabalho, convém referir que no estágio e no processo de SP estão presentes um conjunto de intervenientes responsáveis pelo sucesso deste período. Supervisor de escola e de faculdade, estagiário e colegas de escola e colegas de estagiários assumem vital importância nesta fase de formação.

No caso particular do supervisor de escola, elemento com a maior influência na aprendizagem dos professores (Marcelo, 1999), *“É este através das técnicas de SP que deve retirar e potenciar a intervenção do estagiário”* (Ribeiro, 2005), mas não lhe basta ser experiente na profissão, com vários anos de prática, aqui o saber fazer não é de todo sinónimo com saber ensinar a ensinar. É necessário estabelecer critérios e competências base no recrutamento de professores supervisores e ter em conta a forma como influenciam o processo de formação de professores.

Realizado o levantamento bibliográfico é tempo de sintetizar as principais informações que contém. Em primeiro lugar, é necessário ter em conta que antes do ingresso num curso superior, o estudante trás consigo toda uma bagagem cultural de informações, convicções e crenças sobre o ensino, que podem comprometer a forma como encara a formação académica e a definição que faz da sua formação inicial.

O estágio pedagógico é assumido como a etapa mais importante e que melhor prepara para a profissão docente, apesar das várias dúvidas e inquietações que desperta, com especial destaque para o choque com a realidade sofrido pelos futuros professores, que inicialmente se centram em preocupações de si mesmos e só depois começam a prestar maior atenção às actividades de estágio e aos seus alunos.

O processo de Supervisão Pedagógica acompanha todo o estágio pedagógico. Deixou para trás as associações a fiscalização e inspecção e hoje centra-se num acompanhamento contínuo de apoio, com vista à auto-formação e reflexão do estagiário. Para isso recorre a ferramentas, às técnicas de supervisão, que visam o desenvolvimento de competências de registo, demonstração, reflexão e treino da prática. Dentro destas técnicas, a Autoscopia é uma das que mais vezes é identificada como significativa e promotora da reflexão, uma vez que ao escrever, obriga-se a pensar na acção e ao pensar sobre ela, reflecte a forma de actuação, reformulando o que for necessário numa futura acção.

Ao nível da prática reflexiva verifica-se que os professores tendem mais na descrição e interpretação do que na confrontação e reconstrução.

Em síntese, verifica-se que tanto o Estágio Pedagógico, como o processo de Supervisão Pedagógica e particularmente a Autoscopia pretendem a formação de um profissional reflexivo, que ao terminar a sua formação seja capaz, de forma autónoma, de resolver os problemas da prática com que se vai deparando. Esta finalidade implica então uma atenção séria sobre os modelos de formação universitários, que devem assentar numa prática reflexiva, que tem sido alvo de diversas investigações, com base em teoria e decorrente em contexto laboral.

2 – QUESTÃO DE PARTIDA

Após a fundamentação teórica anterior é agora o lugar de formular a questão de partida deste estudo. Referenciada a importância da reflexão e da autoscopia na formação dos professores, em que os próprios e os Orientadores que os acompanham atribuíram significativa importância à técnica de autoscopia e tendo em conta os objectivos gerais do estágio pedagógico (*“Reflete sobre as suas práticas, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos do seu desenvolvimento profissional e Age deontologicamente no âmbito da sua ação profissional e avalia os efeitos das decisões tomadas”*), falta na literatura ir mais fundo, caminhando para um maior detalhe. Falta verificar o que é escrito, quais os conteúdos presentes nas autoscopias escritas pelos Professores estagiários de educação física? Como é operacionalizada a reflexão na autoscopia? Que análise de ensino é feita? Qual o foco da atenção dessas autoscopias escritas que permitem a auto-reflexão e auto-crítica? O que é referenciado? Estas pequenas interrogações despertaram o interesse para o início desta investigação e conduziram à seguinte pergunta de partida:

- Que análise de ensino é feita pelos professores estagiários de Educação Física nas suas autoscopias das aulas? Que forma e que conteúdos compõem estas autoscopias ao longo do estágio pedagógico?

3 – OBJECTIVOS DO ESTUDO

Ao nível dos objectivos, apresentamos por esta ordem o objectivo principal desta investigação e de seguida, para que se clarifique o que se pretende, os objectivos específicos.

3.1 – Objectivo Principal

- Verificar quais os focos de análise de ensino presentes nas autoscopias escritas pelos professores de Educação Física ao longo do estágio pedagógico.

3.2 – Objectivos específicos

- Identificar quais são os assuntos/momentos/situações analisados nas autoscopias.
- Verificar se ao longo do estágio o foco de análise de ensino se altera.
- Comparar as diferenças nos focos de análise entre os professores com maior classificação no estágio pedagógico (maior ou igual a 17 valores), comparativamente com os que obtiveram menor classificação (menor que 17 valores).

PARTE II – METODOLOGIA

Apresentados os principais conceitos relacionados com a temática desta investigação, a sua pergunta de partida e respectivos objectivos, é agora tempo de mostrar a metodologia seguida para o estudo do problema. Será abordada a orientação metodológica, o tipo de estudo, incidindo na análise qualitativa, descrita a amostra seleccionada, os instrumentos utilizados e os principais procedimentos tidos em conta.

2.1 – Orientação metodológica

A presente investigação centra-se na dimensão qualitativa da Investigação Educacional. Centro a justificativa desta afirmação primeiramente na diferenciação perante a comparação com a Investigação Educacional Quantitativa. Neste caso específico não existem números, estes são substituídos por palavras, as muitas palavras escritas pelos Professores estagiários nas suas autoscópias de aula. A visão principal não é objectiva, mas sim perspectiva, não existirão provas estatísticas fiáveis, mas novas descobertas emergentes, sem existência inicial de qualquer categorização elaborada ou dedução, adoptando-se totalmente uma análise indutiva. Não se pense contudo que existe uma antinomia entre análise quantitativa e qualitativa. Apesar de não ser o âmbito metodológico desta investigação muitas vezes é pela coexistência, pela investigação quanti-qualitativa que se gera o conhecimento.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994) é reforçada a ideia de que se trata de um estudo qualitativo, uma vez que a fonte de dados de estudo provem somente do ambiente natural, neste caso específico das Escolas e dos Professores em formação que nelas estão inseridos, sendo o investigador o instrumento principal, um elemento crucial de recolha e análise de dados, o único que controla todo o processo, que entra em campo, recolhe os dados e os trata de forma indutiva e exaustiva. A grande preocupação do investigador centra-se no processo, e não nos produtos que decorram, porque se tudo for correctamente tratado o resultado será sempre uma nova descoberta, uma

nova perspectiva que não carece da comprovação estatística. Referem ainda que: *“a preocupação central não é a de saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados”* (Carmo & Ferreira 1998)

A vertente qualitativa do presente estudo, justifica-se também pelo propósito interpretativo-descritivo que tem, em que se interpreta uma parte, a amostra do estudo, os professores em formação de escolas específicas, para se tentar perceber um todo, um comportamento que poderá ser generalizado ao universo dos professores em formação, somente através das narrativas por eles escritas e sentidas. Existe um propósito emergente que provém do contexto real e natural dos Professores no espaço escolar, onde a maior fatia de tempo dedicada à investigação, fica retida no processo do estudo e não nos produtos, para que a qualquer descoberta realizada possa, sem refutações, ser aplicada a um universo.

De acordo com Carmo & Ferreira (1998), a análise de dados é indutiva, com importância maior atribuída ao processo de investigação, em detrimento dos resultados obtidos, onde se chega à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados, desenvolvendo-se desta forma a teoria de “baixo para cima”, com a ideia de que a partir da prática se constrói a teoria. Pretende-se iluminar o geral, partindo de uma análise particular (Denscombe, 1998, cit. por Almeida, 2009).

Fechando o tipo de análise presente, no caso específico desta investigação que trata a autoscopia e a reflexão escrita de professores em formação só faz sentido uma análise qualitativa, pois o processo autoscópico é de cariz individual, de grande abrangência e dispersão ao nível do objecto e focos de análise narrativa, que qualquer forma de categorização do mesmo pode ser estranguladora e redutora das informações e pistas que pode fornecer. Associado às características da autoscopia, também os sujeitos em estudo, são indivíduos com particularidades próprias e específicas que superam ou encontram dificuldades a um ritmo específico que tem de ser tido em conta. Não podem ser agrupados e analisados por números e categorias de análise, é

necessária abertura de grande amplitude que a investigação quantitativa não pode dar, uma vez que reduziria as palavras, os actos e os sentimentos narrados a equações estatísticas, o que levaria a perder ou a persuadir de forma significativa e errada uma determinada resposta ou informação prestada, perdendo assim a fiabilidade dos dados tratados e consequentemente de todo o estudo aqui em causa, que pretende tão somente ser descritivo e compreensivo, que ao descrever pormenorizadamente as autoscopias ganha a sua validade, ao criar soluções para a particularidades do real.

2.2 – Amostra

Verificada a orientação metodológica desta investigação, antes da descrição dos sujeitos da amostra, apresenta-se a ideia de Morse (1991, cit. por Fortin, 1999), que refere que é mais pertinente em investigação qualitativa ter uma amostra não probabilística mas apropriada, do que ter uma amostra probabilística que não o seja, no sentido de que uma grande amostra gera um amontoado de dados difíceis de analisar. Na mesma linha, os sujeitos que compõem esta amostra foram intencionalmente escolhidos, à priori. Trata-se de uma amostra definida antes da recolha de qualquer dado, que foi delimitada conscientemente, ao delimitar os objectivos em estudo e ao estabelecer um conjunto de indicadores à partida. Procuraram-se Professores estagiários de Educação Física, que tenham terminado com aproveitamento o estágio, e que tenham realizado autoscopias de aula durante esse período.

Foram então inquiridos 22 alunos do Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário (2009-2011), de uma Faculdade de Lisboa. A escolha dos mesmos deve-se à proximidade geográfica, que facilitou a comunicação e a brevidade nos assuntos e por serem os mais recentes mestres no ensino da Educação Física, no momento em que se iniciaram os contactos para obter as autoscopias. Dos 22 inquiridos, 10 responderam e aceitaram fazer parte deste estudo, obtendo-se no total 74 autoscopias para análise.

2.3 – Instrumentos

Para a análise da forma e das informações presentes nas autoscopias recolhidas, recorreu-se ao uso dos programas informáticos Office 2007 e MAXQDA 2007.

2.4 – Procedimentos

Ao nível dos procedimentos e justificada a escolha da amostra, iniciou-se a recolha da mesma, em primeiro lugar pelo o contacto com o Coordenador do Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário (2009-2011), de uma Faculdade de Lisboa, que forneceu a listagem dos alunos que concluíram o mestrado no ano lectivo 2010-2011, na qual constavam todos os contactos. Foram então contactados 22 indivíduos, pela ordem que se segue, e-mail (máximo de 3), sms, redes sociais e telefone. Quatro dos sujeitos da amostra estavam impossibilitados do envio das autoscopias, mas foi permitida a consulta dos seus dossiers de estágio presentes nas Escolas, onde estagiaram. Após a compilação das autoscopias dos 10 sujeitos, 74 no total, um número inferior ao pedido, pois nem todos os sujeitos da amostra enviaram ou realizaram o total das 9 autoscopias pedidas, uma por final de cada mês de estágio – Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio – foi aplicado um critério, nota final de mestrado – criando-se dois subgrupos, cada um com 5 sujeitos: os indivíduos com classificações menores a 17 valores e os indivíduos com classificações iguais ou superiores a 17 valores. A criação destes dois grupos estabeleceu-se na concepção de que os estagiários com nota igual ou superior a 17, tendem a ser mais critico-reflexivos nas suas análises de aula, e que esta nota, é em estágio, o valor máximo alcançável sem ter de recorrer a critérios particulares de avaliação. Optou-se por não estudar o mês de Junho, pois muitos dos estagiários terminaram as suas aulas na primeira semana desse mês. As autoscopias recolhidas em suporte de papel foram passadas a suporte informático seguindo na íntegra os documentos e textos originais.

Ainda ao nível dos procedimentos e a cada contacto realizado foi sempre mantida e informada a confidencialidade, estando asseguradas também todas as questões éticas em que deve assentar uma qualquer investigação.

Sintetizando, e após várias leituras e ajustamentos dos focos narrados, normais e pertinentes num estudo de carácter qualitativo como este, temos os Quadros 1 e 2 que ilustraram o desenho metodológico seguido nesta investigação.

Análise do ensino: Forma e Conteúdo das Autoscopias	Variáveis não controladas pelo investigador		
	Indicador qualidade	Nota de Estágio	< 17 Valores ≥ 17 Valores
	Indicador Temporal	Meses de Estágio	Setembro Outubro Novembro Dezembro Janeiro Fevereiro Março Abril Maio

Quadro 1 - Variáveis da Análise de Ensino não controladas pelo investigador

O Quadro 1 ilustra as duas variáveis não controladas pelo investigador: a nota de estágio e os meses de estágio e o Quadro 2, que se apresentará de seguida, ilustra as variáveis controladas e construídas pelo investigador, que foram particularizadas e organizadas em dimensões, sub-dimensões e temas.

		Variáveis controladas pelo investigador: Dimensões, Sub-dimensões e Temas			
Análise do Ensino: Forma e Conteúdo das Autoscopias	Forma	Modo Escrita	À mão PC		
		Formatação	Texto Tabela		
		N.º Palavras			
	Conteúdos	Episódios	Positivos Negativos A melhorar		
		Nível Reflexão	Descrição Descrição e Justificação Descrição e alteração Descrição, Justificação e Alteração Heteroscopia		
		Foco	Aula	Apreciações	
				Conteúdos	
				Aquecimento	
				Material Regras/Sinais/Rotinas Sequência/Estrutura Aula Espacial Temporal Situações Aprendizagem Estações – Distribuição e Transição Grupos/Diferenciação Ensino	
				(In) Cumprimento Erros Ajustes Indicações futuras	
				Segurança	
				Instrumentos/Objectos	
				Objectivos	
		Alunos	Ajudas Responsabilização Faltas/Material Atrasos/Pontualidade Comportamento/Disciplina Motivação/Empenho Conhecimentos/Prestação nas matérias Autonomia Avaliação		
			Professor	Posicionamento/acompanhamento/controlo Acção/Intervenção/comportamento Observação Interacção Extra-curricular Demonstração Falhas/Dificuldades Características Objectivos Estratégias Prelecção/Instrução/Explicação	
	Feedback				

Quadro 2 – Variáveis controladas pelo investigador: Dimensões, Sub-dimensões e Temas.

À excepção dos Episódios, a criação destas variáveis (Quadro 2) controladas obedeceu sobretudo a uma análise lógico-semântica que pareceu ser a mais

ajustada e apropriada face aos conteúdos dispersos e particulares desta investigação. Foram então organizados os conteúdos sob 3 grandes dimensões: Episódios, Nível de Reflexão e Foco.

No que concerne aos Episódios e importando a classificação das próprias autoscopias recolhidas, interessou classificá-los como positivos, negativos ou a melhorar.

No que respeita ao Nível de Reflexão temos a seguinte taxonomia adoptada:

- . Descrição;
- . Descrição e Justificação
- . Descrição e Alteração
- . Descrição Justificação e Alteração.

Esta taxonomia, ao contrário das classificações anteriores (Episódios positivos, negativos e a melhorar), foi totalmente criada pelo investigador pois pareceu a melhor forma de diferenciar os elevados e distintos níveis de reflexão com os quais se deparou ao longo da análise do conteúdo escrito das autoscopias.

Feita a anterior informação, para que se entenda o que se pretende com os níveis de reflexão encontrados e se perceba facilmente o que cada um representa seguir-se-á uma breve explicação dos mesmos.

O nível descrição remete para qualquer episódio em que o estagiário descreve o que fez e/ou o que se passou. Remete para: O que faz? O que Sucedeu? Exemplo: “A aula começou a horas como de costume sendo que durante a prelecção inicial foram lembrados os objectivos para esta unidade de ensino.”

O nível Descrição e Justificação é contabilizado quando o estagiário Descreve o que fez e/ou o que se passou, apresentando uma causa para esse acontecimento. Remete para: O que faz? E porquê? Exemplo: “Acabei por não realizar os dois exercícios propostos pois optei por dar maior tempo de prática a este exercício, evitando assim que cada aluno fizesse apenas 2/3 vezes o exercício”

O nível Descrição e Alteração é contabilizado quando o estagiário descreve o que fez e/ou o que se passou e apresenta uma alteração/sugestão (presente ou futura). Remete para: O que faz e/ou como irá fazer? Exemplo: “Palestra Inicial esqueci-me de referir alguns Objectivos do Voleibol/Escrever uns tópicos que me lembrem”

Por último o nível descrição, Justificação e Alteração foi contabilizado sempre que o estagiário descreve o que fez e/ou o que se passou, apresentando uma causa para esse acontecimento e uma alteração (momentânea ou futura). Remete para: O que fez/O que se passou, o porquê do que sucedeu e como irá modificar o acontecido? Exemplo:

“A situação de aprendizagem que utilizei foi a troca de bola em círculo, que consta no Nível I dos programas, em que 4 ou 5 alunos trocam a bola entre si utilizando o toque de dedos e manchete. A verdade é que os alunos ainda têm muitas lacunas na execução técnica dos vários elementos do Voleibol e terei que ajustar o planeamento para que os alunos desenvolvam as técnicas de base.”

Na análise do nível de reflexão verificou-se alguns episódios descritos contaminados. Isto é, não foram episódios reflectidos autonomamente e espontaneamente pelos estagiários, estes recorrem sempre a uma terceira pessoa para dar sentido à própria reflexão. Assim sendo, não poderiam ser agrupados estes raciocínios reflexivos nos anteriores níveis de reflexão apresentados. Criou-se então a categorização de Heteroscopia, que remete para reflexões dos estagiários que são proporcionadas por outros sujeitos, como por exemplo os Orientadores ou colegas de estágio. Para clarificar recorre-se ao seguinte exemplo:

“Segundo a O.F [Orientadora de Faculdade], no que respeita à organização espacial, tive a melhor opção pois apenas com um terço do pavilhão consegui ter os 27 alunos sempre em actividade, o que é bastante positivo.”

Relativo ao Foco dos conteúdos existem 3 grandes sub-dimensões: Aula, Alunos e Professor.

Na dimensão aula foram agrupados todos os assuntos relativos à aula propriamente dita. Aqui foram associados os seguintes temas: Apreciações,

Conteúdos, Organização, Planeamento, Segurança e Instrumentos/Objectos. As apreciações representam episódios de carácter geral e não fundamentados sobre a aula, como por exemplo: *“No geral a aula correu bem”*. Os conteúdos reúnem os assuntos sobre as matérias de ensino que foram leccionadas na aula. Por se destacar entre os conteúdos surge o Aquecimento, que remete para todas as indicações sobre este conteúdo. Exemplo: *“O aquecimento mostrou-se muito adequado, proveitoso para os alunos, e muito dinâmico”*. A Organização, como a designação sugere agrupou os episódios que remetem para a construção e gestão da organização da aula. Para maior clarificação, a Organização segmentada em particularizações que mais se destacaram. São elas:

- O material, que envolve a manipulação e gestão de materiais de aula (exemplo: *“Também a montagem do material de badminton e voleibol poderia ter sido assegurada mais cedo, tendo evitado o tempo de transição mais prolongado que se verificou”*);
- As Regras/Sinais/Rotinas utilizadas (exemplo: *“Consegui com esta aula, garantir algumas rotinas importantes para aulas futuras deste tipo”*);
- A Sequência/Estrutura de aula, que remete para a descrição da sequência das situações de ensino (exemplo: *“Depois do aquecimento, iniciei a aula organizada por estações, com distribuição rápida dos alunos por cada estação”*);
- A (organização) Espacial, que foca o que é relativo à gestão do espaço de aula (Exemplo: *“A aula estava bem organizada em termos espaciais, não havendo dúvidas entre cada estação, assim como grande aglomeração de alunos.”*);
- A (organização) Temporal, que inclui tudo o que incide sob a utilização e gestão do tempo de aula (Exemplo: *“Má gestão do tempo de aula, muito tempo para cada estação.”*);
- As Situações de aprendizagem, que remetem para reflexões sobre exercícios e matérias específicas isoladas do restante contexto da aula (Exemplo: *“Os testes [Fitnessgram] decorreram de forma fluida e organizada”*);
- As estações (Distribuição e Transição), agregam o que se refere à organização das mesmas nomeadamente ao nível da distribuição de alunos e transições entre elas. (Exemplo: *“Rotação rápida e sem dúvidas”*);

- E, o(s) Grupos/Diferenciação de Ensino que ilustra(m) o que está relacionado com a criação de grupos de trabalho – homogéneos ou heterogéneos – e com o ensino diferenciado, associando a organização seguida (Exemplo: “ (...) *mexer mais nos grupos que estabeleci para aula de forma a adequar mais os exercícios a cada aluno*”);

O Planeamento remete para episódios que o enunciam. Foi fraccionado no seu cumprimento/incumprimento, nos erros encontrados, nos ajustes a fazer e em indicações futuras a ter em conta. Exemplo: “*Relativamente ao plano de aula, importará sistematizar de forma mais explícita as actividades que cada grupo faz em cada aula, bem como os exercícios específicos para cada grupo*”. A Segurança angaria as reflexões e as acções praticadas com vista ao aumento da mesma. Exemplo: “*Pedir aos alunos que tirem fios, brincos, anéis, piercings, etc..*”. Os Instrumentos/Objectos agrupam o que se relaciona com a introdução de meios de suporte. Exemplo: “ (...) *utilização de meios de suporte, fichas de registo, fichas de níveis, etc*”. Por fim e fechando a sub-dimensão Aula temos os Objectivos, que espelham as finalidades definidas para a aula: Exemplo: “*A aula de quinta-feira teria como objectivos a revisão dos níveis por parte dos alunos e do professor, sendo a última aula da unidade de ensino*”.

A sub-dimensão Alunos, foi fraccionada em Ajudas, que remete para a cooperação para com os colegas nas aulas, em Responsabilização, sinónimo de delegação de algumas das tarefas de aula e cumprimento de regras básicas, em Faltas/material, que abrange questões de assiduidade e faltas de material essencial para a pratica da aula, em Atrasos/Pontualidade, em Comportamento/Disciplina, em Motivação/Empenho, em Conhecimentos/Prestações nas matérias, em Autonomia e em Avaliação.

Por fim, a sub-dimensão Professor segmentou-se em Posicionamento/Acompanhamento/controlo que assenta na circulação e a supervisão do professor em aula de forma passiva, em Acção/Intervenção/Comportamento, descrevendo acções tomadas em aula, em Observação, em Interacção extra-curricular, baseado em conversas e relacionamento informal, em Demonstração, em Falhas/dificuldades, verificadas e sentidas, em Características, leia-se pessoais, em Objectivos,

Estratégias aplicadas e em Prelecção/instrução/Explicação, onde se destaca o Feedback.

Optou-se por toda esta sistemática, porque a mesma se revelou útil e “ecológica”, no sentido de fácil aplicação e diferenciação entre os diferentes conteúdos encontrados.

Por último resta informar que a comparação entre os dois grupos, com diferentes classificações que compõem esta amostra, será feita por contraste entre as frequências absolutas e percentagens obtidas.

PARTE III - RESULTADOS

Fundamentada a investigação e descrito o seu procedimento metodológico, neste capítulo apresenta-se a discussão dos resultados encontrados, retirando-se posteriormente as principais conclusões.

3.1 Apresentação e discussão dos resultados.

A apresentação e discussão de resultados ocorrerá em duas grandes fases. Numa primeira fase, inicia-se esta discussão com uma apresentação dos resultados, ao nível da quantidade, modo de escrita e formatação empregue nas autoscopias. Após esta análise, focar-se-ão então os conteúdos que estão presentes autoscopias escritas pelos estagiários.

N.º Autoscopias recolhidas	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Total
< 17 valores	3	5	5	5	4	3	3	2	3	33
≥ 17 valores	5	5	5	4	4	4	4	5	5	41
Total	8	10	10	9	8	7	7	7	8	74

Tabela 1 – Número de Autoscopias recolhidas ao longo do ano de estágio

Na tabela 1, verifica-se que independente do grupo a que pertencem, ao longo dos meses de estágio a realização de Autoscopia não é um exercício contínuo e regular. Recolheu-se um maior número de Autoscopias, pertencentes ao primeiro período, que reflecte uma maior operacionalização desta técnica no início do estágio. Pelo contrário, no restante ano lectivo já não foi possível recolher autoscopias de todos os estagiários. Existem no total 7 estagiários, dos 10 que compõem a amostra, que não realizaram sempre esta técnica de formação. Desses, 5 pertencem ao grupo com classificação menor a 17 valores, em que um dos casos deixou de efectuar as Autoscopias em Janeiro e um outro em Março. Os restantes 2 pertencem ao grupo com classificação maior ou igual a 17 valores, que não deixaram esta técnica de lado, apenas não a tomaram como uma tarefa contínua ao longo do ano de estágio. Verifica-se, nesta amostra, que existem mais estagiários com classificação menor que

17 valores a abandonar a escrita de autoscopias, comparativamente aos que tenham obtido uma classificação igual ou superior a esse valor.













	Formatação			
	À mão	Suporte Informático	Tabela	Texto
< 17 valores	14	19	6	27
≥ 17 valores	0	41	4	37
Total	14	60	10	64


Tabela 2 – Formatação das Autoscopia

A tabela 2 apresenta a formatação empregue nas autoscopias. Verifica-se que a maioria dos estagiários escreve em suporte informático, existindo apenas 14 autoscopias escritas à mão. Todas as autoscopias escritas à mão pertencerem exclusivamente ao grupo com classificação menor a 17 valores, enquanto que todos os estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores escrevem a autoscopia em suporte informático. No total, o suporte informático é mais vezes escolhido e preferido. Ainda relativo à formatação, pela observação da mesma tabela, temos duas soluções adoptadas: texto corrido e tabela. Preferencialmente verifica-se que o texto corrido é mais vezes adoptado comparativamente à forma de tabela. Detalhando, é necessário referir que apenas 2 estagiários, dos 10 estudados, elaboram a autoscopia sob a forma de tabela. No geral da amostra a maioria dos estagiários escreve a autoscopia sob a forma de texto e em suporte informático.

Aconteceu?	Porquê aconteceu?	Que fazer para melhorar na próxima aula?

Tabela 3 - Tabela estagiário com classificação menor a 17 valores

		Aula nº X
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> • Clarificação dos objectivos • Questionamento • Demonstração • Dinâmica e pertinência da informação • FB (pertinente; ajustado aos objectivos) Balanço final 	  
Situações APZ's	<ul style="list-style-type: none"> • Ajuste aos objectivos da aula/ U.E. • Sucesso dos alunos • Motivação • Tempo disponível para a prática • Tempo de empenhamento motor 	  
Organização	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento do plano • Transições • Locais de instrução • Colocação dos alunos • Formação de grupos • Montagem de material • Colocação do professor 	  
Outros	<ul style="list-style-type: none"> • Aptidão física • Conhecimentos; • Estratégia de Avaliação Formativa; • Grupos 	  

 - Pontos Fortes;

 - Pontos Fracos

 - Aspectos a melhorar

Tabela 4 - Tabela estagiário com classificação maior ou igual a 17 valores

As tabelas 3 e 4 surgem a título informativo e particularizam 2 estagiários da amostra que utilizaram a forma de tabela nas suas autoscopias.

A tabela 3 diz respeito a um estagiário com classificação menor a 17 valores. Nota-se uma tabela muito “ampla” e sem critérios pré-definidos. Verificou-se que ao longo dos meses a tabela é sempre mais preenchida da esquerda para a direita, ou seja, existe mais informação na coluna “Aconteceu” comparativamente com a coluna “Porque Aconteceu” e nesta última para com a coluna “Que fazer para melhorar na próxima aula”, chegando mesmo esta última a ficar vazia. O estagiário consegue descrever o que acontece e porquê, mas progressivamente deixa de registar as soluções e estratégias para ultrapassar o sucedido.

Diferente da situação anterior, na tabela 4, pertencente ao estagiário com classificação maior ou igual a 17 valores, nota-se uma maior elaboração ao nível dos critérios. A tabela encontra-se dividida em quatro grandes áreas, Instrução, Situações de Aprendizagem, Organização e Outros, cada uma delas com alguns tópicos importantes como se verifica a seguir. Verifica-se, que ao longo do ano lectivo, se referenciam mais aspectos positivos que negativos, e que existe mais referencia aos pontos fortes comparativamente com os aspectos a melhorar. Apesar desta última tabela parecer ser mais completa, o que se verifica é uma similaridade nos dados preenchidos. Existe mais foco no que aconteceu, de positivo ou negativo, do que nas soluções encontradas para implementar futuramente.

Sobre a formatação em tabela, resta informar que esta solução só foi adoptada após Outubro no estudante com classificação menor a 17 valores e após Novembro no estagiário com classificação maior igual ou 17 valores, o que quer dizer que realizam primeiro algumas autoscopias em texto e só depois adoptam a forma de tabela.

Seguindo esta análise, importa agora verificar o quanto escrevem os estagiários.

Média n.º palavras	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
< 17 valores	189	238	257	263	231	187	202	440	239
≥ 17 valores	465	535	668	466	304	449	334	255	313
Média Total	361	386	463	353	267	336	277	308	285

Tabela 5 - Média de palavras escritas em Autoscopia, por mês de estágio

A tabela 5 apresenta a média do número de palavras escritas por cada mês de estágio. De forma global e transversal a toda a amostra, observa-se que os meses de Setembro a Dezembro, que compõem o primeiro período do ano lectivo, são aqueles em que os estagiários escrevem mais, ao contrário dos meses de Janeiro e de Março, em que escrevem menos. Estamos perante uma simples quantificação de palavras, pelo que não deve ser feita qualquer associação à reflexão. Escrever mais não é sinónimo de reflectir mais.

Relativamente ao grupo de estagiários com classificação inferior a 17 valores, estes escreveram mais nos meses de Dezembro e Abril e menos nos meses de Setembro e Fevereiro. No caso dos estagiários pertencentes ao outro grupo de classificação, observa-se que escrevem mais nos meses de Outubro e Novembro e menos nos meses de Janeiro e Abril. Exceptuando o mês de Abril, os estagiários com a maior classificação escrevem sempre mais que os que obtiveram menor classificação.

A tabela 6, que se segue, apresenta a média total do número de palavras escritas, no conjunto de todos os meses pelos dois grupos de classificação distintas.

Média do N.º de Palavras Escritas	
< 17 valores	234
≥ 17 valores	414

Tabela 6 - Média Total do Número de Palavras Escritas por grupo de classificação

Verifica-se que a média de palavras escritas é maior nos estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores (414). Ou seja os estagiários com a maior classificação, em média escrevem mais que os outros (234).

A tabela 7 intersecta o número de palavras escritas com a formatação.

Média N.º Palavras	Modo de Escrita		Formatação	
	PC	Mão	Texto	Tabela
Média	391	128	368	171

Tabela 7 - Média N.º Palavras de acordo com o Modo de Escrita e a Formatação

Observa-se por esta mesma tabela que os estagiários escrevem em média mais quando utilizam suporte informático (PC) e a forma de texto.

Pelos dados anteriores, da primeira fase de apresentação de resultados, e uma vez que as dificuldades apontadas na utilização da autoscopia é a própria escrita e o hábito de escrever, é proveitoso que em estagiários que as revelem que se lhes proponha que escrevam em suporte informático sob a forma de

texto, especialmente após o primeiro período do ano lectivo de estágio, quando tendem a abandonar esta técnica.

Seguindo para a segunda fase desta análise de resultados, serão focados os conteúdos escritos. Saímos da esfera da estética e da mera quantificação das autoscopias, para se mergulhar nos conteúdos descritos pelos estagiários. Sob a ordem que se apresenta, inicia-se a apresentação de conteúdos com a percepção que os próprios estagiários têm sobre os aspectos e episódios reflectidos, assente na tríade: positivo, negativo ou a melhorar (classificações estas proferidas pelos mesmos, sem influência do investigador); no nível de reflexão e por fim nos conteúdos propriamente ditos.

Episódios	Classificação		Meses de Estágio									Total
	<17	≥17	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	
Positivos	14	97	15	13	18	8	15	5	7	16	14	111
Negativos	11	68	6	14	15	5	13	2	2	15	7	79
A melhorar	11	56	13	9	11	7	15	4	2	3	3	67
Total	36	221	34	36	44	20	43	11	11	34	24	257

Tabela 8 - Episódios positivos, negativos e a melhorar, na visão dos estagiários.

Conforme se verifica na tabela 8, no geral desta amostra, os estagiários referem mais vezes episódios positivos, que negativos. Estes últimos são mais referenciados comparativamente com os episódios a melhorar. Verifica-se no total dos 257 episódios/situações, avaliadas pelos estagiários, que 111 são designados como positivos, 79 como negativos e por último 67 como a melhorar. Fraccionando a amostra por classificação de estágio, verifica-se também nos dois subgrupos com diferentes classificações que seguem o mesmo padrão, referindo mais vezes os aspectos positivos do que aspectos negativos. O grupo de maior classificação mantém a tendência do total da amostra, de referir mais episódios negativos (68) comparativamente com os a melhorar (56), algo que já não se verifica no grupo com menor classificação, onde os episódios negativos são igual número aos episódios a melhorar (11). Um dos resultados que também merece ser destacado é o facto de se verificar que dos 257 episódios/situações avaliadas pelos próprios estagiários, 221 pertencem aos estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores, ao passo que apenas 36 pertencem aos estagiários com classificação abaixo dos

17 valores. Percebe-se então que os estagiários com maior classificação tendem mais vezes a classificar os episódios que vivenciaram como positivos, negativas ou a melhorar.

Ao longo dos meses de estágio, no geral, verifica-se que, em Setembro (34), Outubro (36), Novembro (44), Janeiro (43) e Abril (34), existe um maior número de episódios classificados, comparativamente com os restantes meses do ano. Relativamente à tendência de referir mais episódios positivos que negativos, esta também se verifica ao longo de todos os meses de estágio, exceptuando o mês de Outubro. Já a outra tendência, de referir mais episódios negativos do que a melhorar, parece não se verificar, pois nos meses de Setembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro a situação inverte-se, existindo mais episódios a melhorar do que episódios negativos. Ainda no decorrer dos meses de estágio, verifica-se que os aspectos positivos se mantêm constantes, existindo apenas diminuição em Dezembro, Fevereiro e Março, que os aspectos negativos se mantêm em baixos valores, existindo aumento nos meses de Outubro, Novembro, Janeiro e Abril e por fim, que os aspectos a melhorar decrescem de Fevereiro a Maio, algo que se entende ou se espera, pois as dificuldades da profissão tendem a ser diminuídas com o aproximar do final de estágio.

Relativo ao que é mencionado como um episódio positivo (Anexo 1), negativo (Anexo 2) ou a melhorar (Anexo 3) observou-se que existem episódios que por uns são considerados positivos e por outros são considerados negativos e/ou a melhorar, o que resulta que os mesmos episódios, como por exemplo organização ou autonomia de alunos, tenham diferentes classificações de acordo com cada estagiário. Por esta diversidade os conteúdos propriamente ditos dos episódios positivos, negativos e a melhorar perdem significado e interesse nesta investigação. Importou sobretudo evidenciar quais as classificações que são mais vezes utilizadas, se o positivo, o negativo ou o a melhorar.

Considerando os resultados dos níveis de reflexão encontrados temos a tabela que se segue:

Níveis Reflexão	Classificação		Meses de Estágio									Total
	<17	≥17	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	
Descrição	88	248	47	41	70	44	33	27	18	25	30	335
Descrição e Justificação	66	116	21	29	29	29	9	14	17	18	17	183
Descrição e Alteração	19	65	18	9	17	6	9	11	5	4	5	84
Des., Justi., Alter.	37	72	7	15	24	12	11	9	14	8	9	109
Heteroscopia	24	0	0	6	2	2	4	1	0	5	4	24
Total	234	501	93	100	142	93	66	62	54	60	65	735

Tabela 9 - Níveis de reflexão, por classificação obtida e meses de estágio.

De acordo com a tabela 9, no total, verifica-se que dos 735 níveis de reflexão contabilizados, 335 (46%) pertencem ao nível descrição, 183 (25%) ao nível descrição e justificação, 84 (11%) ao nível descrição e alteração, 109 (15%) ao nível descrição, justificação e alteração e por fim 24 (3%) à Heteroscopia. Pela ordem que se segue, verifica-se que os estagiários tendem primeiramente a situar a reflexão ao nível da descrição, depois na descrição e justificação, passando pela descrição, justificação e alteração e por fim, leia-se menos vezes, tendem na descrição e alteração. Esta situação mantém-se quando observamos os estagiários por nota de estágio e no decorrer dos meses, à excepção de Setembro e Fevereiro, em que existem mais níveis de reflexão situados na descrição e alteração, comparativamente com a descrição, justificação e alteração.

Estas constatações assemelham-se aos resultados das investigações de Ribeiro (2010) e de Almeida (2009), que concluíram que os estagiários tendem, ao longo do ano lectivo, na descrição e na interpretação (leia-se sinónimo de justificação).

Voltando aos resultados e observando novamente os estagiários pela nota de estágio verifica-se que aqueles que obtiveram nota igual ou superior a 17 valores contabilizaram mais níveis de reflexão. No total 501 (67%) dos níveis de reflexão contabilizados pertencem a estes comparativamente aos 234 (33%) pertencentes de quem teve classificação menor a 17 valores. Estes resultados vão ao encontro da média do número de palavras escritas por autoscopia, em

que os estagiários de maior classificação apresentam uma média superior de palavras escritas. Quer isto dizer que não só escrevem mais como reflectem mais vezes sobre conteúdos e vivências da aula. Contudo, no geral não se observam grandes oscilações no decorrer dos meses de cada um dos níveis de reflexão encontrados. É então possível supor que ao escrever mais, os estagiários tendem a pensar mais sobre o que vivenciaram e a analisar e a reflectir mais sobre o sucedido. Uma vez que o interesse para esta investigação se centra na contabilização dos níveis de reflexão e não nos conteúdos de cada um desses níveis, os episódios contabilizados por cada nível de reflexão encontrado encontram-se em anexo (Anexo, 4,5,6 e 7).

Relativamente à Heteroscopia, importa salientar que as 24 contabilizações pertencem exclusivamente a 2 estagiários com classificação inferior a 17 valores e podem ser observadas na tabela 10 que se segue:

A crítica neste caso tem a ver com a escolha do 2x2 em vez do 4x4
Outra crítica recebida relaciona-se com a escolha dos grupos heterogéneos para a aula
A opinião do orientador é que os alunos bons já só devem jogar entre si porque só assim podem melhorar mais (grupos homogéneos).
A terceira e mais importante crítica tem a ver, mais uma vez, com o meu discurso. O orientador deu muita ênfase a este aspecto que me tem vindo a ser apontado desde o início do ano.
É certo que não posso levar totalmente à letra as palavras do orientador quando diz que os alunos não percebem nada e, também, pode ser uma maneira de me transmitir a importância de eu conseguir um discurso melhor.
O orientador tinha em sua posse vídeos de Dança e sugeriu que os mostrássemos aos alunos. Foi o que fizemos.
Apenas tive uma crítica relativamente ao jogo de Basquetebol em que algumas alunas não estavam a jogar nada do que se pretende da modalidade. O Orientador referiu que aquelas alunas não deveriam ter feito jogo, mas sim, exercícios analíticos para trabalharem a relação com bola.
Uma crítica, recorrente, da minha gestão da aula foi o meu discurso. Continuo com a mesma dificuldade em ter um discurso claro com os alunos. Segundo o orientador, dou feedbacks incompletos aos alunos, situação que não me apercebo durante a aula. Estarei mais atento a este assunto.
Esta 36ª aula teve alguns aspectos que deverão ser melhorados. Como refere o orientador, preciso de limar arestas. Estas arestas estão ligadas a todos os aspectos da aula, desde o planeamento à condução da aula.
Em relação à instrução, tenho ainda que melhorar e logo na instrução inicial. O meu colega de estágio referiu que na instrução inicial, quando estou a explicar a aula aos alunos, perco-me com as perguntas que eles vão fazendo e por vezes não termino o que estou a dizer. [Instrução]
Segundo o orientador, tenho dado demasiada informação aos alunos sem seleccionar o fundamental
O orientador referiu que, apesar de estar a cumprir com as minhas funções, existem aspectos que posso melhorar na aula. Segundo o mesmo orientador, tenho que estar mais inserido na aula e devo tomar certas decisões e assumir posturas que me vão tornar melhor professor.

Apesar de compreender o que isto significa, não consigo identificar este feedback na minha prestação. Espero que com as aulas que serão filmadas consiga identificar esse aspecto referido pelo orientador.
A aula de hoje, decorrida no Ginásio Verde, deu continuidade à última aula decorrida neste espaço. Contudo, fiz algumas alterações relativamente à última aula que foram sugeridas pelo orientador e me pareceram pertinentes.
Durante a estação com os alunos mais fracos o orientador sugeriu fazer jogo de 2x2 com as alunas que, apesar de terem dificuldades, já se encontram um pouco mais à frente das colegas. Experimentei essa situação e verifiquei que algumas alunas conseguem manter a bola no ar, embora ainda não me pareça suficiente para fazerem jogo. Em relação a isto, poderia ter rodado um pouco estes últimos casos de alunos de forma a observar as outras alunas com dificuldades mas a verdade é que me pareceu que elas não teriam capacidade para manter o jogo.
Os alunos continuam muito conversadores e perturbadores do bom clima de aula. Eu continuo a não ser capaz de assumir atitudes mais drásticas para controlar a turma. No momento nunca me parece grave o suficiente para mandar um aluno sentar-se ou castigá-lo de outra forma mas a verdade é que o orientador dá essa sugestão constantemente e eu nunca achei necessário.
A professora [Orientadora] demonstrou entusiasmo pelas conquistas na matéria em tão pouco tempo, elogiando a minha facilidade de condução na matéria
Outros aspectos a referir em relação à aula são referentes à segurança e ao controlo dos alunos. No exercício da apanhada que fiz no aquecimento, em que os pus a fazer salto de eixo por cima dos colegas, o orientador disse que é perigoso fazê-lo naquele contexto porque uma pequena brincadeira pode levar à queda de cabeça de um aluno.
Segundo a O.F. [Orientadora de Faculdade], no que respeita à organização espacial, tive a melhor opção pois apenas com um terço do pavilhão consegui ter os 27 alunos sempre em actividade, o que é bastante positivo.
Na organização da aula, que foi a parte em que tive mais críticas
No entanto, o orientador disse que este é um bom exercício mas não para esta fase e para estes alunos. Deveria ter começado com exercícios mais simples e, a partir daí, aumentar progressivamente a dificuldade e complexidade dos mesmos. Tenho que ter este aspecto em atenção em todas as matérias porque é essencial na Educação Física.
Relativamente ao que tinha planeado para a AF, recebi duas recomendações do orientador. A primeira é que podia ter incluído o treino da AF numa estação da parte principal da aula. Desta forma estaria a rentabilizar melhor o tempo e o espaço, ao mesmo tempo que dou mais um pouco de autonomia aos alunos. A segunda recomendação é acerca da forma como trabalhei os abdominais e as extensões de braços. Disse aos alunos para fazerem duas séries de cada um, quando deveria ter feito por tempo. Isto dá a possibilidade de individualizar o treino destas capacidades já que cada aluno faz os abdominais e extensões de braços que conseguir durante aquele período de tempo.
Na gestão da aula, recebi críticas que já tinha ouvido antes e que ainda não consegui melhorar. A principal é em relação à imagem dos exercícios e movimentos que exemplificamos para os alunos reproduzirem, se exemplificarmos com erros os alunos vão fazer os mesmos erros ou pior, pelo que é importante dizer a algum aluno para exemplificar e corrigi-lo de forma a que toda a gente identifique os erros. Ora hoje quando exemplifiquei como se faz o lob no badminton fiz mal o movimento do lado esquerdo. Corro o risco de eles terem memorizado o movimento tal como fiz quando é a forma errada de o fazer, deveria ter usado um agente de ensino para poder corrigi-lo
Outro aspecto é o feedback, o orientador diz que preciso de dar mais feedback durante os exercícios. Hoje tive essa preocupação e sei que dei mais do que na última aula, mas pelos vistos não é suficiente e tenho que dar ainda mais. Tenho que ter isso em conta nas próximas aulas.
Assim como em relação à arrumação do material, que continua a ser um aspecto que tenho de aperfeiçoar. Quando acabei com as estações do badminton e do basquetebol não disse aos alunos para arrumarem logo o material, principalmente porque os exercícios a seguir eram sentados e não havia perigo em termos de segurança. No entanto é realmente mais fácil arrumar logo o material em vez de o fazer no final da aula como fiz.

Tabela 10 - Reflexões Heteroscópicas

Apesar de não contabilizar um número expressivo, pelas anteriores reflexões importa trazer à discussão a importância do “*timing*” da realização das autoscopias e da valorização de opiniões e grau de intervenção dos Orientadores. Verificou-se neste caso particular que algumas das autoscopias foram escritas após um balanço de aula feito pelo Orientador, pelo estagiário e pelos seus colegas, baseando-se em pontos dessas reuniões que certamente ocorreram.

Relembrando que se pretende a formação de um profissional capaz de auto-reflexão para a auto-superação das dificuldades, até que ponto deve ser o Orientador interventivo? Em que momento deve ser feita a autoscopia de aula? Imediatamente após? Alguns dias após? Antes ou depois dos balanços de aula? E que intervenção deve o Orientador ter para com o estagiário? Deve ser brando e promover a liberdade na reflexão ou deve direccionar e focar o seu estagiário nas suas principais dificuldades? Terão os estagiários a real percepção da sua qualidade de intervenção? Como solucionar o confronto de opiniões e posições entre Orientador e estagiário? Algo que aqui se verificou. As respostas a estas questões não se encontram no âmbito desta investigação, mas é necessário que se perceba que até por algum facilitismo ou vontade de “agradar” o Orientador o estagiário pode deslocar os conteúdos reflexivos da autoscopia no sentido que lhe parece mais conveniente. Parece coerente admitir que quando o estagiário inicia a sua reflexão com: “*De acordo com o Orientador*” ou “*A principal crítica atribuída*” perde a sua autonomia e perde-se a significação, eficácia e vantagens que a técnica de autoscopia pode trazer. Neste caso e porque foi sendo mencionado, pelos próprios que escreveram, notaram-se 24 reflexões contaminadas por outros sujeitos que não o estagiário, mas não foi possível, com os dados recolhidos verificar se existiram mais ou até que ponto as reflexões estão mascaradas no sentido da utilidade na relação estagiário e Orientador.

Por fim e como parte final da apresentação dos resultados encontrados, chega o momento de abordar os conteúdos propriamente ditos, isto é, o assunto, o tema, o foco de reflexão na escrita autoscópica dos estagiários. Sobre o que escrevem os estagiários? Que temas? Que focos de atenção lhes merecem

mais reflexão? Quais os temas mais abordados? São a estas as respostas as que tentaremos chegar.

No geral da amostra, temos o seguinte panorama:

Total da Amostra			Frequência (%)		
Aula	Apreciações		15 (3,3%)		458 (40%)
	Conteúdos		20 (61%)	33 (7%)	
	Aquecimento		13 (39%)		
	Organização	Material	15 (5,5%)	270 (59%)	
		Regras/Sinais/Rotinas	17 (6,3%)		
		Sequência/Estrutura Aula	32 (12%)		
		Espacial	37 (13,7%)		
		Temporal	83 (30,7%)		
		Situações de Aprendizagem	30 (11,1%)		
		Estações - Distribuição e Transição	21 (7,7%)		
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	35 (13%)			
	(In) Cumprimento	18 (%)	86 (19%)		
	Erros	3 (%)			
	Ajustes	42 (%)			
Indicações futuras	23 (%)				
Objectivos		17 (3,7%)			
Segurança		18 (3,9%)			
Instrumentos/Objectos		19 (4,1%)			
Alunos	Ajudas		3 (1%)		321 (28%)
	Responsabilização		16 (5%)		
	Faltas/Material		8 (2,5%)		
	Atrasos/Pontualidade		20 (6%)		
	Comportamento/Disciplina		70 (21,8%)		
	Motivação/Empenho		67 (21%)		
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		61 (19%)		
	Autonomia		28 (8,7%)		
	Avaliação		48 (15%)		
	Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		61 (16,5%)	
Acção/Intervenção/Comportamento		61 (16,5%)			
Observação		25 (7%)			
Interacção extra-curricular		4 (1%)			
Demonstração		15 (4%)			
Falhas/Dificuldades		39 (10,6%)			
Características		1 (0,2%)			
Estratégias		49 (13,3%)			
Objectivos		8 (2,2%)			
Prelecção/Explicação/Instrução		74 (20%)			
Feedback		32 (8,7%)			

Tabela 11 – Frequência e Percentagem dos conteúdos do total da amostra

Após observação da tabela 11 verifica-se que a dimensão Aula é aquela que contabiliza mais episódios, 458 em 1148, que em termos percentuais arrecada 40%. De seguida temos a Dimensão Professor, com 369 episódios e uma percentagem de 32% e por último a dimensão Alunos que contabilizou 321 episódios, 28 %. Nota-se então uma tendência de reflectir mais sobre assuntos relacionados com a própria aula. De seguida a preocupação e foco centram-se no professor e por último com os assuntos que envolvam os alunos.

Incidindo agora dentro de cada sub-dimensão, Aula, Alunos e Professor, temos o seguinte cenário:

Ao nível da Aula, é a Organização que contabiliza mais episódios (270). Representa 59%, destacando-se de todas as outras. O planeamento contabiliza 19% dos episódios e as restantes sub-dimensões, Apreciações, Conteúdos, Objectivos, Segurança e Instrumentos/Objectos não vão além dos 7% (Conteúdos). Quer isto dizer que ao reflectir sobre a aula a grande preocupação se centra nos aspectos organizativos e, em menor grau, no planeamento da mesma. Dentro da organização destaca-se o valor obtido na Organização Temporal, uma frequência de 83, que se destaca como o valor absoluto mais alto encontrado na tabela, e que reflecte a preocupação com a gestão temporal da aula que os estagiários apresentaram;

Ao nível dos Alunos, as sub-dimensões ligadas ao Comportamento/Disciplina, Motivação/Empenho e Conhecimentos/Prestação nas matérias, são aquelas que se destacam com valores mais elevados, de 70 (21,8%), 67 (21%) e 61 (19%), respectivamente. Estas três sub-dimensões somadas têm uma incidência de 61,8% da dimensão Alunos, um valor significativo. Já as questões relacionadas com as Faltas/Material e as Ajudas obtêm valores pouco significantes de 8 (2,5%) e 3 (1%);

Ao nível do Professor, é a sub-dimensão Prelecção/Explicação/Instrução, sem a particularização do Feedback que recolhe mais episódios 74 (20%). De seguida temos o Posicionamento/Acompanhamento/Controlo e

Acção/Intervenção/Comportamento que representam 61 (20%) das incidências. Com números residuais temos: Interação extra-curricular e Características.

Em suma e como principais focos de reflexão escrita nas autoscopias temos as questões ligadas à sub-dimensão Organização, nomeadamente a organização e gestão temporal, ao próprio Professor, no que respeita à Prelecção/Instrução/Explicação ao Posicionamento/Acompanhamento/Controlo e à sua Acção/Intervenção/Comportamento e aos Alunos, ao nível Comportamento/Disciplina, Motivação/Empenho e Conhecimentos/Prestação nas matérias.

Estes resultados assemelham-se às investigações de:

- . Telama, Lädhe e Kurki (1980, citado por Teixeira, 2007) no que respeita às questões ligadas à Instrução;
- . O'Sullivan (1989, cit. por Teixeira, 2007) e Januário (1996), no que respeita à motivação dos alunos
- . Onofre e Dionísio (1995), no que respeita à disciplina e comportamento;
- . Smyth (2000 cit. por Teixeira, 2007), no controle na disciplina;
- . Onofre (2000), na gestão da disciplina, promoção de interesse e motivação para as aulas.
- . Teixeira (2007), em que o controlo da disciplina, a motivação e a organização foram as principais preocupações encontradas.

Além das investigações anteriores existem outras que apontam a motivação e disciplina como principais dificuldades, mas para não fundir dificuldades como principais focos de análise não foram mencionados.

Referidas as principais preocupações e focos presentes nas autoscopias, é tempo de verificar se existem diferenças entre os estagiários com menor ou maior classificação e como se comportam estas preocupações e focos ao longo dos meses de estágio.

De acordo com as tabelas 13 e 14 que se seguem e de acordo com a nota de estágio temos o seguinte panorama:

Classificação menor que 17 valores			Frequência (%)			
Aula	Apreciações		6 (4%)		146 (45%)	323 (100%)
	Conteúdos		7 (78%)	9		
	Aquecimento		2 (22%)	(6%)		
	Organização	Material	5 (5,1%)	98 (67%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	6 (6,1%)			
		Sequência/Estrutura Aula	15 (15,3%)			
		Espacial	13 (13,3%)			
		Temporal	34 (34,7%)			
		Situações de Aprendizagem	10 (10,2%)			
		Estações - Distribuição e Transição	6 (6,1%)			
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	9 (9,2%)				
	(In) Cumprimento	3 (10,8%)	28 (19%)			
	Erros	1 (3,6%)				
Ajustes	16 (57%)					
Indicações futuras		8 (28,6%)				
Objectivos		2 (1,5%)				
Segurança		2 (1,5%)				
Instrumentos/Objectos		1 (1%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		74 (23%)	
	Responsabilização		8 (10,8%)			
	Faltas/Material		4 (5,4%)			
	Atrasos/Pontualidade		1 (1,4%)			
	Comportamento/Disciplina		21 (28,4%)			
	Motivação/Empenho		10 (13,5%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		15 (20,3%)			
	Autonomia		6 (8%)			
	Avaliação		9 (12,2%)			
	Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		18 (17,5%)		
Acção/Intervenção/Comportamento		17 (16,5%)				
Observação		3 (2,9%)				
Interacção extra-curricular		0 (0%)				
Demonstração		7 (6,8%)				
Falhas/Dificuldades		16 (15,5%)				
Características		0 (%)				
Estratégias		4 (3,9%)				
Objectivos		0 (0%)				
Prelecção/Explicação/Instrução		26 (25,2%)				
Feedback		12 (11,7%)				

Tabela 12 - Frequência e Percentagem dos conteúdos dos estagiários com classificação menor a 17 valores

Classificação maior ou igual a 17 valores			Frequência (%)	
Aula	Apreciações		9 (3%)	
	Conteúdos		13 (54%)	24 (7,7%)
	Aquecimento		11 (46%)	
	Organização	Material	10 (5,8%)	172 (55%)
		Regras/Sinais/Rotinas	11 (6,4%)	
		Sequência/Estrutura Aula	17 (10%)	
		Espacial	24 (14%)	
		Temporal	49 (28,4%)	
		Situações de Aprendizagem	20 (11,6%)	
		Estações - Distribuição e Transição	15 (8,7%)	
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	26 (15%)		
	(In) Cumprimento	15 (26%)	58 (18,6%)	
	Erros	2 (3%)		
	Ajustes	26 (45%)		
Indicações futuras	15 (26%)			
Objectivos		15 (4,8%)		
Segurança		16 (5,1%)		
Instrumentos/Objectos		18 (5,8%)		
Alunos	Ajudas		3 (1%)	
	Responsabilização		8 (3%)	
	Faltas/Material		4 (1,6%)	
	Atrasos/Pontualidade		19 (8%)	
	Comportamento/Disciplina		49 (19,8%)	
	Motivação/Empenho		57 (23%)	
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		46 (18,6%)	
	Autonomia		22 (9%)	
	Avaliação		39 (16%)	
	Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		43 (16%)
Acção/Intervenção/Comportamento		44 (17%)		
Observação		22 (8%)		
Interacção extra-curricular		4 (1,5%)		
Demonstração		8 (3%)		
Falhas/Dificuldades		23 (8,6%)		
Características		1 (0,4%)		
Estratégias		45 (17%)		
Objectivos		8 (3%)		
Prelecção/Explicação/Instrução		48 (18%)		
Feedback		20 (7,5%)		

Tabela 13 - Frequência e Percentagem dos conteúdos dos estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores

Observando as tabelas 12 e 13, que ilustram como as incidências decorrem de acordo com a nota final de estágio, verifica-se que:

Independentes da classificação obtida no estágio, ambos os grupos contabilizam mais episódios relativos à dimensão aula (45% e 38%), seguido da dimensão professor (ambos com 32%) e por fim na dimensão alunos (23% e 30%), algo que já se tinha verificado no total da amostra.

Nos estagiários com classificação maior ou igual a 17 valores verifica-se uma proximidade de valores entre as dimensões alunos e professor (30% e 32% respectivamente).

É então provável que, independentemente da sua classificação, os estagiários, nas suas autoscopias, tendam a manter o foco das reflexões em primeiro lugar nos aspectos relativos à aula, seguidos de focos relativos ao próprio, leia-se professor, e por fim é que manifestam preocupações ao nível da dimensão alunos, existindo nos estagiários com maior classificação uma semelhança no que respeita a estas duas últimas dimensões, Alunos e Professor (25% e 25,6% respectivamente);

Na dimensão aula, verifica-se que em ambos os grupos é a Organização (67% e 55%) e o foco na gestão temporal (34,7% e 28,4%) que contabiliza maior número de reflexões, algo que já se tinha verificado para o total desta amostra. As apreciações, conteúdos, objectivos, segurança e instrumentos/objectos, mantêm níveis residuais, no entanto estas três últimas apresentam valores mais elevados nos estagiários com maior classificação, 4,8%; 5,1% e 5,8%, face a 1,5%; 1,5% e 1%; % pertencentes ao grupo de menor classificação.

Relativamente ao planeamento, os valores são praticamente idênticos (19% e 18,6%), verificando-se que a maioria das reflexões se situa ao nível dos ajustes de planeamento (57% e 45%);

No que respeita ao Professor, observa-se que a Prelecção/Explicação/Instrução, com 25,2% e 18%, é em ambos os grupos o principal foco de reflexão, seguido do Posicionamento /Acompanhamento / Controlo (17,5% e 16%) e Acção /Intervenção /Comportamento (16,5% e 17%). As diferenças situam-se ao nível das falhas e dificuldades (15,5% face a 8,6%)

e das estratégias (3,9% face a 17%). Uma outra situação apurada é que no total apenas um dos estagiários, neste caso, pertencente ao grupo de maior classificação, apresentou um episódio reflexivo sobre as características pessoais do professor;

Por fim e no âmbito da dimensão alunos observa-se que em ambos os grupos de classificação, a reflexão ocorre mais vezes sobre a Motivação/Empenho, sobre o Comportamento/Disciplina, sobre os Conhecimentos/Prestações nas matérias dos alunos e ainda nas questões da Avaliação. Pelo contrário ocorrem menos episódios que focalizem as Ajudas e as Faltas/Material. As diferenças situam-se ao nível da sequência. Os estagiários com menor classificação, reflectem mais vezes e em primeiro lugar, sobre o Comportamento/Disciplina (28,4%), em segundo sobre os Conhecimentos/Prestações nas matérias (20,3%) e em terceiro sobre Motivação/Empenho (13,5%), enquanto que os estagiários com maior classificação reflectem mais vezes e em primeiro lugar sobre Motivação/Empenho (23%), em segundo sobre Comportamento/Disciplina (19,8%) e em terceiro sobre Conhecimentos/Prestações nas matérias (18,6%). Outras diferenças situam-se ao nível da Responsabilização, em que os estagiários com classificação mais baixa, apresentam um valor superior, 10,8% face aos 3% dos estagiários com maior classificação e nos Atrasos/Pontualidade, que é um ponto mais reflectido pelos estagiários com maior classificação, 8% face a 1,4%.

Verificado sobre o que reflectem e que diferenças apresentam os estagiários com diferentes classificações, resta nesta apresentação de dados verificar se os pontos reflectidos se mantêm ou se sofrem alterações de acordo com os meses de estágio frequentados.

Iniciando os resultados com o mês de Setembro, apresenta-se a tabela 14 que o ilustra:

Setembro			Frequência (%)		
Aula	Apreciações		4 (7%)		60 (37,3%)
	Conteúdos		2 (67%)	3 (5%)	
	Aquecimento		1 (33%)		
	Organização	Material	6 (15,8%)	38 (63,3%)	
		Regras/Sinais/Rotinas	4 (10,5%)		
		Sequência/Estrutura Aula	3 (7,9%)		
		Espacial	5 (13,2%)		
		Temporal	10 (26,3%)		
		Situações de Aprendizagem	1 (2,6%)		
		Estações - Distribuição e Transição	3 (7,9%)		
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	6 (15,8%)			
	(In) Cumprimento	2 (%)	5 (8%)		
	Erros	0 (0%)			
	Ajustes	3 (%)			
Indicações futuras	0 (0%)				
Objectivos		3 (5%)			
Segurança		7 (11,7%)			
Instrumentos/Objectos		0 (0%)			
Alunos	Ajudas		0 (0%)		44 (27,3%)
	Responsabilização		3 (7%)		
	Faltas/Material		2 (4,5%)		
	Atrasos/Pontualidade		3 (7%)		
	Comportamento/Disciplina		9 (20%)		
	Motivação/Empenho		8 (18%)		
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		6 (14%)		
	Autonomia		8 (18%)		
	Avaliação		5 (11,4%)		
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		13 (22,8%)		57 (35,4%)
	Acção/Intervenção/Comportamento		9 (15,8%)		
	Observação		7 (12,3%)		
	Interacção extra-curricular		0 (0%)		
	Demonstração		4 (7%)		
	Falhas/Dificuldades		2 (3,5%)		
	Características		0 (0%)		
	Estratégias		9 (15,8%)		
	Objectivos		2 (3,5%)		
	Prelecção/Explicação/Instrução		9 (15,8%)		
	Feedback		2 (3,5%)		

Tabela 14 – Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Setembro

Em Setembro verifica-se a seguinte sequência de reflexão: primeiro, a dimensão aula (37,3%), segundo a dimensão professor (35,4%) e em terceiro a dimensão alunos (27,3%).

Dentro da dimensão aula destaca-se com maior contabilização de reflexões a Organização (63,3%): Temporal (10%), Material (6%) e Grupos/Diferenciação de Ensino (6%).

Na dimensão Professor, observa-se que o Posicionamento/Acompanhamento/Controlo (22,8%) é o maior foco, seguido da Acção/Intervenção/Comportamento (15,8%), das Estratégias (15,8%). E da Prelecção/Explicação/Instrução (15,8%).

No que respeita aos Alunos, o foco de reflexão dirige-se num primeiro momento para o Comportamento/disciplina (20%), seguido da Motivação/Empenho (18%) e da Autonomia (18%).

Relativo ao mês de Outubro surge de seguida a tabela 15:

Outubro			Frequência (%)		65 (45%)	146 (100%)
Aula	Apreciações		3 (5%)			
	Conteúdos		1 (25%)	4 (6%)		
	Aquecimento		3 (75%)			
	Organização	Material	2 (5,4%)	37 (57%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	4 (11%)			
		Sequência/Estrutura Aula	3 (8,1%)			
		Espacial	2 (5,4%)			
		Temporal	10 (27%)			
		Situações de Aprendizagem	9 (24,3%)			
		Estações - Distribuição e Transição	2 (5,4%)			
		Grupos/Diferenciação Ensino	5 (13,5%)			
	Planeamento	(In) Cumprimento	2 (18,1%)	11 (17%)		
Erros		0 (0%)				
Ajustes		4 (36,3%)				
Indicações futuras		5 (45,5%)				
Objectivos		2 (3%)				
Segurança		4 (6%)				
Instrumentos/Objectos		4 (6%)				

Tabela 15 – Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Outubro

Alunos	Ajudas	0 (0%)	41 (28%)
	Responsabilização	4 (9,8%)	
	Faltas/Material	2 (4,9%)	
	Atrasos/Pontualidade	4 (9,8%)	
	Comportamento/Disciplina	6 (14,6%)	
	Motivação/Empenho	7 (17%)	
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias	8 (19,5%)	
	Autonomia	6 (14,6%)	
	Avaliação	4 (9,8%)	
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo	7 (17,5%)	40 (27%)
	Acção/Intervenção/Comportamento	8 (20%)	
	Observação	1 (2,5%)	
	Interacção extra-curricular	0 (0%)	
	Demonstração	2 (5%)	
	Falhas/Dificuldades	1 (2,5%)	
	Características	0 (0%)	
	Estratégias	10 (25%)	
	Objectivos	0 (0%)	
	Prelecção/Explicação/Instrução	8 (20%)	
	Feedback	3 (7,5%)	

Tabela 15 A - Frequências e percentagens dos focos de reflexão em Outubro

Relativamente ao mês de Outubro, verifica-se que a dimensão aula é a que contabiliza maior número de reflexões (45%), seguida da dimensão Alunos (28%) e por fim da dimensão Professor (27%).

Na dimensão aula, o foco mais reflectido é a Organização (57%), seguido do Planeamento (17%). Detalhando, a organização temporal (27%), as Situações de Aprendizagem (24,3%) e das Indicações Futuras no planeamento (45,5%) são as categorias mais reflectidas.

Na dimensão Alunos os maiores focos de reflexão centram-se nos conhecimentos/prestações nas matérias (19,5%) e na motivação/empenho (17%).

No que concerne à dimensão professor, os maiores focos de reflexão centram-se nas Estratégias (20%), na Acção/Intervenção/Comportamento (20%) e na Prelecção/Explicação/Instrução (20%).

A tabela 16 remete para o mês de Novembro:

Novembro			Frequência (%)		238 (100%)	
Aula	Apreciações		2 (2,4%)			85 (36%)
	Conteúdos		5 (83%)	6 (7%)		
	Aquecimento		1 (17%)			
	Organização	Material	2 (4,3%)	47 (55,2%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	2 (4,3%)			
		Sequência/Estrutura Aula	2 (4,3%)			
		Espacial	10 (21,3%)			
		Temporal	11 (23,4%)			
		Situações de Aprendizagem	9 (19%)			
		Estações - Distribuição e Transição	6 (12,8%)			
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	5 (10,6%)				
	(In) Cumprimento	4 (20%)	20 (23,5%)			
	Erros	1 (5%)				
	Ajustes	9 (45%)				
Indicações futuras	6 (30%)					
Objectivos		3 (3,5%)				
Segurança		2 (2,4%)				
Instrumentos/Objectos		5 (6%)				
Alunos	Ajudas		3 (4,8%)		62 (26%)	
	Responsabilização		1 (1,6%)			
	Faltas/Material		0 (0%)			
	Atrasos/Pontualidade		1 (1,6%)			
	Comportamento/Disciplina		24 (38,7%)			
	Motivação/Empenho		15 (24,2%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		12 (19,4%)			
	Autonomia		2 (3,2%)			
	Avaliação		4 (6,5%)			
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		15 (16,5%)		91 (38%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento		13 (14,3%)			
	Observação		5 (5,5%)			
	Interacção extra-curricular		0 (0%)			
	Demonstração		6 (6,6%)			
	Falhas/Dificuldades		14 (15,4%)			
	Características		0 (0%)			
	Estratégias		11 (12%)			
	Objectivos		0 (0%)			
	Prelecção/Explicação/Instrução		20 (22%)			
	Feedback		7 (7,7%)			

Tabela 16 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Novembro

Relativo ao mês de Novembro verifica-se a Aula (36%) como sub-dimensão com maiores valores, seguida do Professor (38%) e por fim os alunos (26%).

Dentro da dimensão aula, é a Organização (55,2%) o foco de mais reflexões, seguido do Planeamento (23,5%). Dentro da organização, a questão temporal é a mais reflectida (23,4%), seguida de perto da questão espacial (21,3%). No que respeita ao planeamento, são os ajustes (45%) a este que merecem mais atenção dos estagiários.

No que diz respeito ao Professor as questões da Prelecção/explicação/instrução (22%), Posicionamento/acompanhamento/controlo (16,5%), Acção/intervenção/comportamento (16%) e Falhas/dificuldades (15,4%), são os focos de maior número de episódios analisados.

Relativo aos alunos, o comportamento/disciplina (38,7%) é o foco mais reflectido, seguido da motivação e empenho (24,2%) e dos conhecimentos/prestações nas matérias (19,4%).

Seguindo para Dezembro, apresenta-se a tabela 17:

Dezembro			Frequência (%)	
Aula	Apreciações		2 (3,7%)	
	Conteúdos		0 (0%)	0 (0%)
	Aquecimento		0 (0%)	
	Organização	Material	0 (0%)	38 (70,4%)
		Regras/Sinais/Rotinas	0 (0%)	
		Sequência/Estrutura Aula	8 (21,1%)	
		Espacial	8 (21,1%)	
		Temporal	16 (42%)	
		Situações de Aprendizagem	1 (2,6%)	
		Estações - Distribuição e Transição	1 (2,6%)	
	Grupos/Diferenciação Ensino	4 (10,5%)		
Planeamento	(In) Cumprimento	2 (22%)	9 (16,7%)	
	Erros	0 (0%)		
	Ajustes	5 (56%)		
	Indicações futuras	2 (22%)		
Objectivos		1 (1,9%)		
Segurança		0 (0%)		
Instrumentos/Objectos		4 (7,4%)		
			54 (42%)	129 (100%)

Tabela 17 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Dezembro

Alunos	Ajudas	0 (0%)	37 (28,6%)
	Responsabilização	1 (2,7%)	
	Faltas/Material	1 (2,7%)	
	Atrasos/Pontualidade	3 (8%)	
	Comportamento/Disciplina	4 (11%)	
	Motivação/Empenho	5 (13,5%)	
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias	5 (13,5%)	
	Autonomia	1 (2,7%)	
	Avaliação	17 (46%)	
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo	6 (15,8%)	38 (29,5%)
	Acção/Intervenção/Comportamento	5 (13%)	
	Observação	2 (5%)	
	Interacção extra-curricular	0 (0%)	
	Demonstração	0 (0%)	
	Falhas/Dificuldades	7 (18,4%)	
	Características	1 (3%)	
	Estratégias	1 (3%)	
	Objectivos	2 (5%)	
	Prelecção/Explicação/Instrução	10 (26,3%)	
	Feedback	4 (10,5%)	

Tabela 17 A - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Dezembro

Em Dezembro, ao nível das sub-dimensões as reflexões ocorrem em primeiro lugar ao nível da Aula (42%), de seguida ao nível do Professor (29,5%) e por fim ao nível dos Alunos (28,6%). Dá-se em Dezembro uma proximidade entre estas duas últimas sub-dimensões.

No que respeita à aula, a organização é o centro principal das reflexões (70,4%) e aqui as questões temporais (42%), espaciais (21,1%) e de sequência/estrutura de aula (21,1%) são os focos mais reflectidos.

Ao nível do professor, a prelecção/explicação/instrução (26,3%) e as falhas dificuldades (18,4%) são os pontos em que existem mais episódios reflexivos.

No que respeita aos alunos destaque para a Avaliação (46%), que até este mês obteve valores menos significantes. Não deve ser estranho a este facto a avaliação dos alunos no final do primeiro período que começa a despoletar dúvidas e incertezas no estagiário, obrigando-o a reflectir sobre o tema. Além da avaliação dos seus alunos também o processo da sua auto-avaliação ocorre no final de Dezembro.

Analizados os meses de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, pertencentes ao primeiro período lectivo do professor estagiário, seguem-se os meses de Janeiro, Fevereiro e Março que espelham os focos de reflexão no segundo período lectivo. Assim, e relativo a Janeiro apresenta-se a tabela 18:

Janeiro			Frequência (%)			
Aula	Apreciações		2 (5%)		39 (37%)	105 (100%)
	Conteúdos		3 (50%)	6 (15,4%)		
	Aquecimento		3 (50%)			
	Organização	Material	1 (4,8%)	21 (54%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	1 (4,8%)			
		Sequência/Estrutura Aula	4 (19%)			
		Espacial	2 (9,5%)			
		Temporal	8 (38%)			
		Situações de Aprendizagem	2 (9,5%)			
		Estações - Distribuição e Transição	2 (9,5%)			
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	1 (4,8%)				
	(In) Cumprimento	1 (11,1%)	9 (23%)			
	Erros	0 (0%)				
	Ajustes	4 (44,4%)				
Indicações futuras	4 (44,4%)					
Objectivos		1 (2,6%)				
Segurança		0 (0%)				
Instrumentos/Objectos		0 (0%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		26 (25%)	
	Responsabilização		3 (11,5%)			
	Faltas/Material		0 (0%)			
	Atrasos/Pontualidade		4 (15,4%)			
	Comportamento/Disciplina		4 (15,4%)			
	Motivação/Empenho		9 (35%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		5 (19%)			
	Autonomia		1 (3,8%)			
	Avaliação		0 (0%)			
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		6 (15%)		40 (38%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento		8 (20%)			
	Observação		1 (2,5%)			
	Interacção extra-curricular		1 (2,5%)			
	Demonstração		1 (2,5%)			
	Falhas/Dificuldades		0 (0%)			
	Características		0 (0%)			
	Estratégias		6 (15%)			
	Objectivos		0 (0%)			
	Prelecção/Explicação/Instrução		11 (27,5%)			
	Feedback		6 (15%)			

Tabela 18 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Janeiro

Verifica-se em Janeiro que a sub-dimensão Professor (38%) é aquela que recolhe mais reflexões, seguida de perto da sub-dimensão aula (37%) e por fim da dimensão alunos (25%). Dentro de cada uma destas sub-dimensões destaca-se a Organização da aula (54%), nomeadamente a organização temporal (38%) e de sequência/estrutura de aula (19%), a prelecção/explicação/instrução (27,5%) e a Acção/intervenção/comportamento (20%). Relativo aos alunos, existe uma incidência na motivação/empenho (35%) e uma similaridade de incidências entre conhecimentos/prestação nas matérias (19%), comportamento/disciplina (15,4%) e atrasos e pontualidade (15,4%).

A tabela seguinte reporta o mês de Fevereiro:

Fevereiro			Frequência (%)		114 (100%)	
Aula	Apreciações		1 (2%)			50 (44%)
	Conteúdos		2 (50%)	4 (8%)		
	Aquecimento		2 (50%)			
	Organização	Material	0 (0%)	25 (50%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	1 (4%)			
		Sequência/Estrutura Aula	3 (12%)			
		Espacial	4 (16%)			
		Temporal	9 (18%)			
		Situações de Aprendizagem	2 (8%)			
		Estações - Distribuição e Transição	0 (0%)			
	Grupos/Diferenciação Ensino	6 (24%)				
Planeamento	(In) Cumprimento	2 (20%)	10 (20%)			
	Erros	1(10%)				
	Ajustes	6 (60%)				
	Indicações futuras	1 (10%)				
Objectivos		2 (4%)				
Segurança		3 (6%)				
Instrumentos/Objectos		5 (10%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		30 (26%)	
	Responsabilização		1 (3,3%)			
	Faltas/Material		1 (3,3%)			
	Atrasos/Pontualidade		2 (6,7%)			
	Comportamento/Disciplina		3 (10%)			
	Motivação/Empenho		11 (36,7%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		6 (20%)			
	Autonomia		3 (10%)			
	Avaliação		3 (10%)			

Tabela 19 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Fevereiro

Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo	5 (14,7%)	34 (30%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento	6 (17,6%)		
	Observação	6 (17,6%)		
	Interacção extra-curricular	1 (3%)		
	Demonstração	0 (0%)		
	Falhas/Dificuldades	5 (14,7%)		
	Características	0 (0%)		
	Estratégias	4 (11,8%)		
	Objectivos	3 (8,8%)		
	Prelecção/Explicação/Instrução	3 (8,8%)		
	Feedback	1 (3%)		

Tabela 20A - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Fevereiro

A tabela 19, mostra que a sub-dimensão aula (44%), em Fevereiro, continua a ser aquela que mais recolhe reflexões, seguida pela sub-dimensão professor (30%) e por fim pela sub-dimensão (26%).

A Organização destaca-se com 50%, contendo a maior parte das reflexões ao nível dos grupos/diferenciação de ensino (24%) e ao nível temporal (18%). Relativo aos alunos os destaques são a motivação e empenho (36,7%) e conhecimentos/prestações nas matérias (20%), e ao nível do professor, situam-se na Acção/intervenção/comportamento (17,6%), Observação (17,6%), posicionamento/acompanhamento/controlo (14,7%) e falhas/dificuldades (14,7%).

Retira-se neste mês de Fevereiro que o foco nos grupos/diferenciação de ensino e observação foram maiores do que em qualquer dos meses anteriormente analisados.

Seguindo para Março:

Março			Frequência (%)		102 (100%)	
Aula	Apreciações		0 (0%)			42 (41,2%)
	Conteúdos		3 (75%)	4 (9,5%)		
	Aquecimento		1 (25%)			
	Organização	Material	4 (13,8%)	29 (69%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	3 (10,3%)			
		Sequência/Estrutura Aula	3 (10,3%)			
		Espacial	3 (10,3%)			
		Temporal	9 (31%)			
		Situações de Aprendizagem	1 (3,4%)			
		Estações - Distribuição e Transição	2 (7%)			
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	4 (13,8%)				
	(In) Cumprimento	1 (11,1%)	9 (21,4%)			
	Erros	1 (11,1%)				
	Ajustes	4 (44,4%)				
Indicações futuras	3 (33,3%)					
Objectivos		0 (0%)				
Segurança		0 (0%)				
Instrumentos/Objectos		0 (0%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		31 (30,4%)	
	Responsabilização		0 (0%)			
	Faltas/Material		0 (0%)			
	Atrasos/Pontualidade		0 (0%)			
	Comportamento/Disciplina		7 (22,6%)			
	Motivação/Empenho		6 (19,4%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		12 (38,7%)			
	Autonomia		2 (6,5%)			
	Avaliação		4 (12,9%)			
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		7 (24%)		29 (28,4%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento		7 (24%)			
	Observação		2 (7%)			
	Interacção extra-curricular		1 (3,4%)			
	Demonstração		0 (0%)			
	Falhas/Dificuldades		1 (3,4%)			
	Características		0 (0%)			
	Estratégias		2 (7%)			
	Objectivos		0 (0%)			
	Prelecção/Explicação/Instrução		6 (21%)			
	Feedback		3 (10,3%)			

Tabela 21 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Março

Pela tabela 20, verifica-se que a sub-dimensão aula, em Março, reúne mais reflexões (41,2%), seguida, da sub-dimensão Alunos (30,4%) e pela sub-dimensão professor (28,4%).

A organização destaca-se das restantes com 69% das reflexões pertencentes à dimensão aula e dentro desta destacam-se a organização temporal (31%), a organização ao nível do material (13,8%) e os grupos/diferenciação de ensino (13,8%). Na dimensão alunos a reflexão recai principalmente nos conhecimentos/prestações nas matérias (38,7%), no comportamento/disciplina (22,6%) e na motivação/empenho (19,4%). No que diz respeito ao professor, o posicionamento/acompanhamento/controlo (24%), a acção/intervenção/comportamento (24%) e a prelecção/explicação/instrução (21%) são os principais focos de reflexão.

Seguindo esta análise, passamos ao mês de Abril:

Abril			Frequência (%)			
Aula	Apreciações		1 (3,7%)		27 (38%)	71 (100%)
	Conteúdos		3 (60%)	5 (18,5%)		
	Aquecimento		2 (40%)			
	Organização	Material	0 (0%)	11 (40,7%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	0 (0%)			
		Sequência/Estrutura Aula	0 (0%)			
		Espacial	2 (18%)			
		Temporal	5 (46%)			
		Situações de Aprendizagem	1 (9%)			
		Estações - Distribuição e Transição	1 (9%)			
	Grupos/Diferenciação Ensino	2 (18%)				
Planeamento	(In) Cumprimento	2 (28,5%)	7 (26%)			
	Erros	0 (0%)				
	Ajustes	3 (43%)				
	Indicações futuras	2 (28,5%)				
Objectivos		2 (7,4%)				
Segurança		1 (3,7%)				
Instrumentos/Objectos		0 (0%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		24 (34%)	
	Responsabilização		0 (0%)			
	Faltas/Material		2 (8,3%)			
	Atrasos/Pontualidade		2 (8,3%)			
	Comportamento/Disciplina		8 (33,3%)			
	Motivação/Empenho		1 (4,2%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		3 (12,5%)			
	Autonomia		4 (16,7%)			
	Avaliação		4 (16,7%)			

Tabela 22 -Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Abril

Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo	1 (5%)	20 (28%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento	2 (10%)		
	Observação	0 (0%)		
	Interação extra-curricular	0 (0%)		
	Demonstração	2 (10%)		
	Falhas/Dificuldades	4 (20%)		
	Características	0 (0%)		
	Estratégias	4 (20%)		
	Objectivos	0 (0%)		
	Prelecção/Explicação/Instrução	3 (15%)		
	Feedback	4 (20%)		

Tabela 23A -Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Abril

Observando a tabela 21, verifica-se que em Abril, a dimensão aula é aquela que ocupa a maior percentagem de reflexões (38%), seguida da dimensão alunos (34%) e da dimensão professor (28%).

Dentro da sub-dimensão aula, a sub-dimensão Organização (40,7%) retém a maior parte das reflexões, nomeadamente ao nível da gestão temporal (46%), espacial (18%) e grupos/diferenciação de ensino (18%), seguida da sub-dimensão planeamento (28%), ao nível dos ajustes (43%) ao mesmo.

No que respeita aos Alunos, destaque para o comportamento/disciplina (33,3%), autonomia (16,7%) e avaliação (16,7%). Relativo ao Professor, com 20%, são as falhas/dificuldades, estratégias e feedback que mais se destacam.

Por fim e relativo ao mês de Maio, observa-se a tabela que se segue:

Maio			Frequência (%)		82 (100%)	
Aula	Apreciações		0 (0%)			36 (44%)
	Conteúdos		1 (100%)	1 (2,8%)		
	Aquecimento		0 (0%)			
	Organização	Material	0 (0%)	24 (66,7%)		
		Regras/Sinais/Rotinas	2 (8,3%)			
		Sequência/Estrutura Aula	6 (25%)			
		Espacial	1 (4,2%)			
		Temporal	5 (20,8%)			
		Situações de Aprendizagem	4 (16,7%)			
		Estações - Distribuição e Transição	4 (16,7%)			
Planeamento	Grupos/Diferenciação Ensino	2 (8,3%)				
	(In) Cumprimento	2 (33,3%)	6 (16,7%)			
	Erros	0 (0%)				
Ajustes	4 (66,7%)					
Indicações futuras		0 (0%)				
Objectivos		3 (8,3%)				
Segurança		1 (2,8%)				
Instrumentos/Objectos		1 (2,8%)				
Alunos	Ajudas		0 (0%)		26 (32%)	
	Responsabilização		3 (12%)			
	Faltas/Material		0 (0%)			
	Atrasos/Pontualidade		1 (3,8%)			
	Comportamento/Disciplina		5 (19%)			
	Motivação/Empenho		5 (19%)			
	Conhecimentos/Prestação nas Matérias		4 (15,4%)			
	Autonomia		1 (3,8%)			
	Avaliação		7 (27%)			
Professor	Posicionamento/Acompanhamento/Controlo		1 (5%)		20 (24%)	
	Acção/Intervenção/Comportamento		3 (15%)			
	Observação		1 (5%)			
	Interacção extra-curricular		1 (5%)			
	Demonstração		0 (0%)			
	Falhas/Dificuldades		5 (25%)			
	Características		0 (0%)			
	Estratégias		2 (10%)			
	Objectivos		1 (5%)			
	Prelecção/Explicação/Instrução		4 (20%)			
	Feedback		2 (10%)			

Tabela 24 - Frequências e percentagens dos Focos de reflexão em Maio

Relativamente ao último mês analisado, Maio (Tabela 22), verifica-se que a dimensão aula continua a ser aquela que recolhe mais reflexões com 44%, seguida da dimensão alunos (32%) e da dimensão professor (24%).

Na sub-dimensão aula, a Organização continua a ser destacada por conter neste mês 66,7% das reflexões. Dentro desta é a Sequência/estrutura de aula que contabiliza, pela primeira vez, mais reflexões (25%), seguida da questão temporal (20,8%) das Situações de Aprendizagem e Estações - Distribuição e Transição, ambas com valores de 16,7%.

Na sub-dimensão Alunos, a questão da avaliação surge em primeiro lugar (27%), seguida das questões da motivação/empenho e de comportamento/disciplina continuam a estar no topo das reflexões, ambas com 19%.

Relativo à sub-dimensão Professor, o primeiro foco de reflexão situa-se ao nível das falhas/dificuldades (25%), ponto este que se manteve até agora com valores residuais, da prelecção/instrução/explicação (20%) e acção/intervenção/comportamento (15%).

Descritos e particularizados todos os meses analisados nesta investigação, para maior clarificação serão intersectados estes meses para que se comparem os mesmos e se percebam as principais diferenças ao longo dos meses de estágio.

Ao nível das sub-dimensões temos o seguinte panorama:

Ordem por frequência	Sub-dimensões								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio
1ª	Aula	Aula	Prof.	Aula	Prof.	Aula	Aula	Aula	Aula
2ª	Prof.	Alunos	Aula	Prof.	Aula	Prof.	Alunos	Alunos	Alunos
3ª	Alunos	Prof.	Alunos	Alunos	Alunos	Alunos	Prof.	Prof.	Prof.

Legenda - Prof.: Professor

Tabela 25 - Sequência das sub-dimensões reflectidas, ao longo dos meses

Como se pode observar na tabela 23, a sub-dimensão aula é aquela que recolhe mais reflexões na generalidade dos meses do estágio, ou seja ao longo de todo o ano lectivo os estagiários direccionam a maior parte das suas reflexões em primeiro lugar nos aspectos relativos à aula, apesar de em Novembro e Janeiro isto não se verificar. Particularizando esses dois meses (Novembro e Janeiro) verificamos que apesar de permanecer em segundo lugar da ordem, as diferenças para a sub-dimensão Professor são pouco expressivas, não ultrapassando diferenças em 2% (Tabelas 17 e 19).

Relativamente à sub-dimensão Professor poderá verificar-se que até Fevereiro, com excepção de Outubro é a sub-dimensão que recolhe mais análise dos estagiários. Com o aproximar do final do ano de estágio esta sub-dimensão permanece no último lugar da ordem, algo que se espera e se deseja no final de estágio, onde as preocupações se devem fixar nos alunos. No que respeita aos alunos a tendência é contrária. No início do ano de estágio esta sub-dimensão é deixada para último lugar, ganhando importância e subindo na ordem de frequência partir de Março até ao final dos meses analisados. Ou seja, os resultados parecem mostrar que as preocupações com o próprio, professor, tendem a ser mais frequente no início do estágio, enquanto que as preocupações e reflexões com os alunos tendem a ser mais expressivos com aproximar do fim do ano lectivo.

Realizadas as anteriores observações, importa agora incidir dentro das sub-dimensões anteriormente analisadas: Aula, Professor e Alunos.

Ordem por frequência	Sub-dimensão Aula								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio
1ª	Org.	Org.	Org.	Org.	Org.	Org.	Org.	Org.	Org.
2ª	Seg.	Plan.	Plan.	Plan.	Plan.	Plan.	Plan.	Plan.	Plan.
3ª	Plan.	Cont. Seg. Inst./Obj.	Cont.	Inst./Obj.	Cont.	Inst./Obj.	Cont.	Cont.	Obj.
4ª	Apreci.	Apreci.	Inst./Obj.	Apreci.	Apreci.	Cont.		Obj.	Cont. Seg. Inst./Obj.
5ª	Cont. Obj.	Obj.	Obj.	Obj.	Obj.	Seg.		Seg. Appreci	
6ª			Apreci. Seg.			Obj.			
						Apreci			

Legenda - Org.: Organização; Plan.: Planeamento; Seg.: Segurança; Cont.: Conteúdos; Inst./Obj.: Instrumentos/Objectos; Appreci.: Apreciações; Obj.: Objectivos

Tabela 26 – Sequencia dos focos da sub-dimensão aula, ao longo dos meses

Verifica-se pela tabela 24, que a Organização se destaca nos episódios reflexivos relativos à aula, mantendo sempre o primeiro lugar com diferença expressiva, em termos percentuais anteriormente apresentados. Em segundo lugar surge o planeamento, que excluindo o mês de Setembro ocupa sempre o segundo lugar das reflexões relativas à aula. É curiosa no entanto a presença da Segurança, em segunda posição somente no início do estágio (Setembro), indicando que depois da organização é a segurança, no início que mais preocupa os estagiários. Após este período inicial ocupa o final da sequência ou nem é referida. A par da Segurança, no final da ordem permanecem e de forma alternada as questões ligadas aos Conteúdos, Apreciações, Objectivos e Instrumentos/Objectos.

Como a organização se mantém no topo das reflexões da aula, é importante “olhar para dentro” desta categoria e perceber mais detalhadamente onde se encontra o foco dessas reflexões. Assim:

Ordem por frequência	Organização								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio
1ª	Temp	Temp	Temp	Temp	Temp	G./D.E	Temp	Temp	S./E.A
2ª	Mat. G./D.E.	S.A.	Esp.	S./E.A. Esp.	S./E.A.	Temp	Mat. G./D.E.	Esp. G./D.E.	Temp.
3ª	Esp.	G./D.E.	S.A.	G./D.E.	Esp. S.A. E.D.T.	Esp.	R.S.R. S./E.A. Esp.	S.A E.D.T.	S.A. E.D.T.
4ª	R.S.R.	R.S.R.	E.D.T.	S.A. E.D.T	Mat. R.S.R G./D.E.	S./E.A	E.D.T.		R.S.R. G./D.E
5ª	S./E.A. E.D.T.	S./E.A	G./D.E.			S.A.	S.A.		Esp.
6ª	S.A.	Mat. Esp. E.D.T.	Mat. R.S.R. S./E.A.			R.S.R.			

Legenda – Mat.: Material; R.S.R: Regras/Sinais/Rotinas; S./E.A.: Sequência/Estrutura de Aula; Esp.: Espacial; Temp.: Temporal; S.A.: Situações de Aprendizagem; E.D.T.: Estações: Distribuição e Transição; G./D.E.: Grupos/Diferenciação de Ensino.

Tabela 27 - Sequencia dos focos de reflexão, da sub-dimensão Organização, ao longo dos meses

Verifica-se na tabela 25, que à excepção dos meses de Fevereiro e Maio, as reflexões centram-se em primeiro lugar na Organização Temporal, na forma como o tempo de aula é gerido e aproveitado, isto ao longo de todo o ano de estágio. Todos os outros aspectos organizativos têm alternância e intermitência na sequência em que surgem, não permitindo retirar constatações pertinentes.

Relativamente ao Planeamento e apesar de não ser expressiva ao nível das reflexões que contém, importa informar que o foco se direcciona primeiramente para os ajustes no planeamento, e que ao nível do (In) Cumprimento se mantém constante ao longo de todo o ano. Ao nível dos erros do planeamento, a partir de Março não se verificaram reflexões e ao nível das indicações futuras, existem mais reflexões em Outubro, Novembro e Janeiro, comparativamente com os restantes meses.

Na Sub-dimensão Professor temos o seguinte cenário:

Ordem por frequência	Sub-dimensão Professor								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
1ª	P.A.C.	EST.	P.E.I.	P.E.I.	P.E.I.	A.I.C. Obs.	P.A.C. A.I.C.	FB. F.D. EST.	F.D.
2ª	A.I.C. EST. P.E.I.	A.I.C. P.E.I.	P.A.C.	F.D.	A.I.C.	P.A.C. F.D.	P.E.I.	P.E.I.	P.E.I.
3ª	Obs.	P.A.C.	F.D.	P.A.C.	P.A.C. FB. EST.	EST.	FB.	A.I.C. Dem.	A.I.C.
4ª	Dem.	FB.	A.I.C.	A.I.C.	Obs. I.E.C. Dem.	OBJ. P.E.I.	Obs. EST.		EST.
5ª	F.D. OBJ. FB	Dem.	EST.	FB.		I.E.C. FB	I.E.C. F.D.		Obs. I.E.C. OBJ.
6ª		Obs. F.D.	FB.	Obs. OBJ.					
7ª			Dem.	Carac. EST.					
			Obs.						

Legenda – EST.: Estratégias; OBJ.: Objectivos; P.A.C.: Posicionamento/Acompanhamento/Controlo; A.I.C.: Acção/Intervenção/Comportamento; Obs.: Observação; I.E.C.: Interação Extra-Curricular; Dem.: Demonstração; F.D.: Falhas/Dificuldades; Carac.: Características; P.E.I.: Prelecção/Explicação/Instrução; FB.: Feedback.

Tabela 28 - Sequência das sub-dimensões, da dimensão Professor, ao longo dos meses.

Verifica-se na tabela 26, que na dimensão Professor as reflexões sobre o posicionamento/acompanhamento/controle sofrem oscilações ao longo do ano. Até Novembro mantêm-se no topo, em Dezembro e Janeiro decrescem e voltam a subir em Fevereiro e Março, voltando a decrescer em Abril e Maio. Parece que no final do ano estas questões estão mais resolvidas, comparativamente com o início do ano. No que respeita à Acção/Intervenção/Comportamento, observa-se que nos meses de Setembro, Outubro, Janeiro, Fevereiro e Março é uma das sub-dimensões com mais reflexões, ao contrário dos restantes meses. Relativamente à observação verifica-se que decresce até Novembro, crescendo a partir de Dezembro, atingindo o primeiro lugar das reflexões no mês de Fevereiro, voltando depois a decrescer até ao final do ano lectivo. Ao nível da interação extra-curricular, esta sub-dimensão surge após o segundo período e mantém-se sempre as

últimas posições, não se compoem de muitas reflexões. A demonstração ocupa também as últimas posições, ganhando uma única e pequena relevância no mês de Abril. Observando as falhas/dificuldades, com excepção de Janeiro e Março, verifica-se que as reflexões neste âmbito vão ganhando relevância até ao fim do ano, mantendo-se em Abril e Maio no topo dos episódios reflexivos. Relativo às características do Professor, apenas se verificam reflexões no mês de Dezembro, não se contabilizando em mais nenhum mês reflexões a este nível. Referente à Prelecção/Explicação/Instrução, pode ser referido que à excepção de Fevereiro, esta é a sub-dimensão que mais contabiliza reflexões ao longo dos meses do ano lectivo, mantendo sempre a primeira ou segunda posições. Por último, o feedback apresenta um comportamento pouco estável, de Setembro a Outubro ganha reflexões, mantendo-se com poucas reflexões em Novembro e Dezembro. De Dezembro a Janeiro sobe o número de reflexões que decrescem em Fevereiro e voltam a aumentar em Março. Em Abril contabiliza o maior número de reflexões, voltando depois para valores mais residuais em Maio. Incidindo nas estratégias, esta categoria também apresenta muitas variações na ordem de sequência. Ocupa o topo no mês de Outubro, decresce até Dezembro, e volta ao topo da sequência em Abril. Por último e tendo em conta os objectos, estes são foco apenas em 4 meses de estágio, ocupando nestes sempre os últimos lugares.

Ordem por frequência	Sub-dimensão Alunos								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
1ª	C.D.	C.P.M.	C.D.	Av.	M.E.	M.E.	C.P.M.	C.D.	Av.
2ª	M.E. Aut.	M.E.	M.E.	M.E. C.P.M.	C.P.M.	C.P.M.	C.D.	Aut. Av.	C.D. M.E.
3ª	C.P.M.	C.D. Aut.	C.P.M.	C.D.	A.P. C.D.	C.D. Aut. Av.	M.E	C.P.M.	C.P.M.
4ª	Av.	Res. A.P. Av.	Av.	A.P.	Res.	A.P.	Av.	F.M. A.P.	Res.
5ª	Res. A.P.	F.M.	Aju.	Res. F.M. Aut.	Aut.	Res. F.M:	Aut.	M.E.	A.P. Aut.
6ª	F.M.		Aut.						
7ª			Res. A.P.						

Legenda – Aju.: Ajudas; Av.: Avaliação; Res.: Responsabilização; F.M.; Faltas/Material; A.P.: Atrasos/Pontualidade; C.D.: Comportamento/Disciplina; M.E.: Motivação/Empenho; C.P.M.: Conhecimentos/Prestação nas matérias e Aut.: Autonomia.

Tabela 29 - Sequência das sub-dimensões, da dimensão Alunos, ao longo dos meses

Pela tabela 27, verifica-se que as Ajudas surgem unicamente no mês de Novembro. A responsabilização apresenta menos reflexões, permanecendo até Fevereiro no final da sequência, algo que muda no mês de Maio, onde ganha maior expressividade. No que toca às faltas/material, estas surgem em intermitência, aparecem em Setembro, Outubro, Dezembro, Fevereiro e Abril e ausentam-se nos restantes meses, permanecendo sempre no final da sequência de reflexões da sub-dimensão alunos. No que respeita a atrasos/pontualidade, verifica-se que surge em todos os meses, à excepção de Março, e que também ocupa os últimos lugares na sequência de sub-dimensões, apesar de em Janeiro e Fevereiro ser mais focalizado pelos estagiários. O comportamento/disciplina, surge como uma dos itens mais reflectido, apresentando menos expressividade em Outubro, Novembro e Dezembro, mas ganha-a novamente com o decorrer do ano lectivo, permanecendo em Abril e Maio no topo, algo que não seria de supor, pois no

final do ano lectivo espera-se um maior controlo do Professor nesta sub-dimensão. A motivação/empenho ocupa até Fevereiro o topo da sequência das, sendo uma preocupação constante até lá, descendo na sequência em Março e Abril, voltando ao topo em Maio. Ou seja, a par da anterior, é uma das categorias mais reflectidas no que respeita aos alunos, ao longo de todo o ano. Também o conhecimento/prestação nas matérias permanece no topo das reflexões, mesmo com um comportamento sobe/desce durante todo o ano lectivo. A autonomia até Janeiro vai descendo na sequência, diminuindo ao nível do número de reflexões que contém. Está ausente em Fevereiro, sobe na sequência de Março a Abril e volta a descer em Maio. Por último fica a Avaliação que se mantém nos últimos lugares até Dezembro, ocupando a primeira posição neste mês, que coincide com a realização das avaliações dos alunos no final do primeiro período lectivo. Nota-se a sua ausência em Janeiro e Fevereiro e a partir de Março e até Maio volta a subir na ordem de frequência, o que mais uma vez coincide com a avaliação dos alunos no final do terceiro período.

Com as anteriores tabelas fecha-se este capítulo de apresentação e discussão de resultados e apresentar-se-ão no próximo capítulo as principais conclusões.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo pretende-se referir as principais conclusões que podem ser retiradas desta investigação e os aspectos que podem ser melhorados/aperfeiçoados em futuros estudos que foquem na mesma temática.

Recorde-se que se pretendia “olhar” para a forma como os professores estagiários de Educação Física analisam o seu ensino, através da forma e do conteúdo das suas autoscopias das aulas, tentando entender qual a influência da nota de estágio e do decorrer do ano lectivo.

Conclusões

A primeira conclusão que se retira é de que independente da classificação, ao longo dos meses de estágio a realização de Autoscopia não é um exercício contínuo e regular, existindo no entanto mais estagiários com classificação menor a 17 valores a abandonar a escrita de autoscopias, comparativamente aos que tenham obtido uma classificação igual ou superior a esse valor.

Ao nível da formatação, a maioria dos estagiários escreve em suporte informático, existindo apenas 14 autoscopias escritas à mão, as quais pertencem exclusivamente ao grupo com classificação menor a 17 valores. A forma de texto corrido é mais vezes adoptada comparativamente à forma de tabela. No que respeita à quantificação da escrita, ao número de palavras, os meses de Setembro a Dezembro, que compõem o primeiro período do ano lectivo, são aqueles em que os estagiários escrevem mais, ao contrário dos meses de Janeiro e de Março, em que escrevem menos. De acordo com a classificação, os estagiários com nota maior ou igual a 17 valores escrevem, em média mais que os outros. De acordo com o modo de escrita, quando é utilizado o suporte informático o estagiário escreve, em média, mais. Ao nível da formatação, quando adoptam o texto como forma, também, em média, escrevem mais.

No que concerne à auto-classificação reflexiva dos episódios escritos, os estagiários referem mais vezes episódios positivos, do que negativos. Estes últimos são no entanto mais referenciados comparativamente com os episódios a melhorar. Fraccionando a amostra por classificação de estágio, verifica-se também nos dois subgrupos com diferentes classificações que seguem o mesmo padrão, referindo mais vezes os aspectos positivos do que aspectos negativos. O grupo de maior classificação mantém a tendência do total da amostra, de referir mais episódios negativos comparativamente com os a melhorar, algo que já não se verifica no grupo com menor classificação, onde os episódios negativos são igual número aos episódios a melhorar. Relativamente a esta tendência, de classificar os episódios em positivos, negativos e a melhorar, os estagiários com maior classificação tendem mais vezes neste tipo de classificação. Ao longo de todos os meses de estágio, exceptuando o mês de Outubro, mantém-se a tendência de referir mais episódios positivos que negativos. Já a outra tendência, de referir mais episódios negativos do que a melhorar, parece não se verificar, pois nos meses de Setembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro a situação inverte-se, existindo mais episódios a melhorar do que episódios negativos.

Focalizando os níveis de reflexão, os estagiários tendem primeiramente a situar a reflexão ao nível da descrição, depois na descrição e justificação, passando da descrição, justificação e alteração e por fim, leia-se menos vezes tendem na descrição e alteração. Esta situação mantém-se quando observamos os estagiários por nota de estágio e no decorrer dos meses, à excepção de Setembro e Fevereiro, em que existem mais níveis de reflexão situados na descrição e alteração, comparativamente com a descrição, justificação e alteração. No geral não se observam grandes oscilações no decorrer dos meses de cada um dos níveis de reflexão encontrados. Os episódios de heteroscopia, leia-se com influência de terceiros, pertencem exclusivamente a dois estagiários com classificação inferior a 17 valores.

Sobre os conteúdos, a reflexão incide mais sobre assuntos relacionados com a própria aula, de seguida sobre os assuntos que envolvem o professor e por último os assuntos que envolvem os alunos. Na sub-dimensão aula, a grande

preocupação centra-se nos aspectos organizativos e, em menor grau, no planeamento. Dentro da organização destaca-se o foco na organização, leia-se gestão temporal. Na sub-dimensão Professor, é a sub-dimensão Prelecção/Explicação/Instrução, que mais surge reflectido, seguida do Posicionamento/Acompanhamento/Controlo e Acção/Intervenção/Comportamento. Na sub-dimensão Alunos, as sub-dimensões Comportamento/Disciplina, Motivação/Empenho e Conhecimentos/Prestação nas matérias, são aquelas que contabilizam maior número de reflexões. Observando os estagiários por classificação, todos, mantêm o foco das reflexões em primeiro lugar nos aspectos relativos à aula, seguidos de focos relativos ao próprio, leia-se professor, e por fim é que manifestam preocupações ao nível da dimensão alunos, existindo nos estagiários com maior classificação uma semelhança no que respeita a estas duas últimas sub-dimensões, Alunos e Professor. Também para todos a sub-dimensão Organização e o foco na gestão temporal contabiliza o maior número de reflexões. No que diz respeito ao planeamento, os valores são praticamente idênticos verificando-se que a maioria das reflexões se situa ao nível dos ajustes de planeamento. Na sub-dimensão Professor, observa-se que a Prelecção/Explicação/Instrução, é para todos principal foco de reflexão, seguido do Posicionamento /Acompanhamento / Controlo e Acção /Intervenção /Comportamento O grupo de classificação inferior mostrou no entanto que reflecte mais sobre as falhas e dificuldades comparativamente com o grupo com maior classificação. Outras diferenças situam-se ao nível da Responsabilização, em que os estagiários com classificação mais baixa, apresentam um valor superior, e nos Atrasos/Pontualidade, que é um ponto mais reflectido pelos estagiários com maior classificação.

Observando os conteúdos de acordo com o decorrer do estágio, a sub-dimensão Aula é aquela que recolhe mais reflexões em todos os meses. Ao nível das sub-dimensões Professor e Alunos os resultados variam com alternância entre as mesmas. As preocupações com o próprio, professor, tendem a ser mais frequentes no início do estágio, enquanto que as preocupações e reflexões com os alunos tendem a ser mais expressivas ao aproximar do fim do ano lectivo. A sub-dimensão Organização destaca-se nos

episódios reflexivos relativos à aula, mantendo sempre o primeiro lugar com diferença expressiva para as restantes. No segundo lugar surge o planeamento, que excluindo o primeiro mês ocupa sempre o segundo lugar das reflexões relativas à aula. A Segurança, marca presença na segunda posição somente no início do estágio, indicando que depois da organização é a segurança, no início que mais preocupa os estagiários. Dentro da Organização as reflexões centram-se em primeiro lugar na Organização Temporal, na forma como o tempo de aula é gerido e aproveitado, isto ao longo de todo o ano de estágio e no Planeamento, situam-se primeiramente nos ajustes no planeamento. Na sub-dimensão Professor, a Prelecção/Explicação/Instrução, à excepção de Fevereiro, é a sub-dimensão que mais contabiliza reflexões ao longo dos meses do ano lectivo, mantendo sempre a primeira ou segunda posição e que as falhas/dificuldades, com excepção de Janeiro e Março, vão ganhando relevância até ao fim do ano, mantendo-se em Abril e Maio no topo dos episódios reflexivos. Todos os outros focos da sub-dimensão professor variam a cada mês não permitindo retirar conclusões acerca das suas evoluções ao longo dos meses. Por fim, relativo à sub-dimensão Alunos, o comportamento/disciplina, surge como uma das sub-dimensões mais reflectida, apresentando menos expressividade em Outubro, Novembro e Dezembro, mas ganha-a novamente com o decorrer do ano lectivo, permanecendo em Abril e Maio no topo. A motivação/empenho ocupa até Fevereiro o topo da sequência, sendo uma preocupação constante até lá, descendo na sequência em Março e Abril, voltando ao topo em Maio, ou seja, esta, a par da anterior, é uma das categorias mais reflectidas no que respeita aos alunos, ao longo de todo o ano. Também o conhecimento/prestação nas matérias permanece no topo das reflexões, mesmo com um comportamento instável durante todo o ano lectivo. A autonomia, até início do segundo período perde expressividade, descendo na sequência das preocupações. Está ausente em Fevereiro, sobe na sequência de Março a Abril e volta a descer em Maio, apresentando expressividade no terceiro período tal como Responsabilização ganha maior que no último mês de estágio tem a sua maior expressividade. Por fim a Avaliação só tem expressividade em Dezembro, coincidindo com o final e as avaliações do primeiro período e nos meses de Março a Maio que coincidem também com o aproximar das avaliações finais de terceiro período.

Relembrando a pergunta de partida:

- Que análise de ensino é feita pelos professores estagiários de Educação Física nas suas autoscopias das aulas? Que forma e que conteúdos compõem estas autoscopias ao longo do estágio pedagógico?

Pode ser sintetizado que a análise do ensino pelas autoscopias não é um exercício regular e assenta essencialmente na descrição e na justificação e nos aspectos positivos ao longo de todos os meses. Quanto à forma, a maioria dos estagiários escreve em texto e em suporte informático, escrevendo mais no primeiro período. Os conteúdos são vários, mas agrupam-se em três grandes grupos: Aula, Professor e Alunos. A taxa de incidência de episódios é maior para a Aula, sobretudo nas questões da organização e planeamento, depois para o Professor, no que respeita às questões da prelecção, controlo e acções e por fim para os alunos, ao nível da disciplina, motivação e conhecimentos e prestação nas matérias. Com o decorrer do ano lectivo as questões que envolvem os alunos tomam maior importância relativamente às questões que envolvem o Professor. Comparando os dois grupos de classificação deve ser referido que as principais diferenças se encontram no número de palavras escritas, nos assuntos ao nível das apreciações, conteúdos, objectivos, segurança, instrumentos/objectos, relativos à aula, nas falhas/dificuldades, características do professor e na responsabilização e atrasos/pontualidade relativos aos alunos.

Recomendações:

Após os resultados encontrados, seria benéfico em primeiro lugar referir que não foram encontrados quaisquer trabalhos que focalizassem a forma e conteúdo das autoscopias, pelo mais investigações, com este mesmo objecto de estudo, teriam muito interesse.

Ao nível da metodologia, teria sido relevante associar esta análise de autoscopias com a entrevista aos estagiários e supervisores, para que se clarificasse qual a valorização dada a esta técnica de Supervisão pelos que a

operacionalizam e analisam. Ainda neste ponto, a realização de entrevistas de estimulação de memória seriam interessantes sempre que se apresentasse uma divergência de opiniões nas autoscopias.

Ao nível do contributo para a Supervisão penso que este trabalho alerta de forma global para a importância e para a operacionalização desta técnica. Mostrou que os estagiários tendem a abandonar esta técnica no final do primeiro período pelo que uma atenção especial à elaboração da mesma após esta data será com certeza benéfica. Sempre que o estagiário apresente dificuldades em escrever, pode também ser proposta a solução de escrever a autoscopia sob a forma de texto e em suporte informático. Outro alerta que pode ser retirado desta investigação é o “timing” de realização da autoscopia, antes ou depois das discussões das aulas, nas reuniões entre estagiários e orientadores? Isto porque os episódios de Heteroscopia encontrados indicaram algumas autoscopias contaminadas pela opinião de terceiros, que os estagiários se resumiram a transcrever. Além do “timing” na elaboração, também o grau de intervenção dos Orientadores deve ser ponderado para que não se gerem os conflitos que também aqui foram encontrados.

Outra situação que não clarificada foi o que se passa ou que rotinas envolvem as autoscopias após a sua escrita. Não foi possível averiguar se estas são objectos de análise ou se são imediatamente arquivadas e esquecidas em dossier de estágio. Este ponto teria também bastante relevância. Outro facto que enriquecerá a Autoscopia é o de verificar que se tende maioritariamente na descrição e justificação deixando para segundo plano as alterações que podem ser pensadas e aplicadas. Neste ponto deve também qualquer Orientador estar mais alerta que na maioria dos casos necessita auxiliar na busca de soluções para ultrapassar os problemas sentidos. Estes são alguns dos contributos que podem e devem ser retirados desta investigação.

BIBLIOGRAFIA

- ❖ Alarcão, I. (1996). *Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores*. Revista Faculdade de Educação, v. 22, n.º 2, p. 11-42, jul./dez. São Paulo: USP;
- ❖ Alarcão, I. (2001). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 9-29;
- ❖ Alarcão e Tavares (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- ❖ Alarcão e Tavares (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. 2ª Edição. Coimbra: Almedina.
- ❖ Almeida, M. (2009). *A formação inicial de professores e os problemas da prática pedagógica: estudo da relação entre as percepções dos professores estagiários, dos professores cooperantes e dos supervisores*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa;
- ❖ Alonso, M. (1998). *Inovação Curricular, Formação de Professores e Melhoria da Escola, Uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva sobre a Prática da Inovação/Formação*. Dissertação de Doutoramento, Braga: Universidade do Minho
- ❖ Anacleto, F. (2008). *Do pensar ao planejar: análise das decisões pré-interativas de planeamento de professores de educação física em estágio curricular supervisionado*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa

- ❖ André, M. (2005). *A autopercepção relativa ao processo de orientação pedagógica dos orientadores das escolas que integram o estágio pedagógico da fcdef-uc*. Coimbra: Universidade de Coimbra;

- ❖ Aranha, À, Carreiro da Costa, F., Alves Diniz, J. (2000). *O impacto da formação inicial na construção de crenças e expectativas profissionais em estudantes de educação física*. Desporto Educação & Saúde. 8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, p. 189;

- ❖ Beineke, V. (2000). *O conhecimento prático do professor de música: Três estudos de Caso*. Dissertação de Mestrado em Música. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

- ❖ Bejarano & Carvalho (2003). *Tornando-se Professor de Ciências: crenças e conflitos*. Ciência & Educação. Volume 9, n.º 1.

- ❖ Bogdan, R., Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora

- ❖ Braga, F. (2001). *Formação de Professores e Identidade Profissional*. 1ª Edição. Coimbra: Quarteto Editora

- ❖ Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- ❖ Carreiro da Costa, F., Marcelo Garcia, C., Onofre, M. (2000). *Conhecimento prático, auto-eficácia e qualidade de ensino. Um estudo multicaso em professores de educação física*. Desporto Educação & Saúde. 8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, p. 214

- ❖ Carvalho, L. (1996). *A Formação Inicial revisitada: Contributos da investigação sobre a socialização dos professores*. Ciências da Educação. Lisboa: Edições FMH
- ❖ Cogan, M. (1973). *Clinical supervision*. Boston: Houghton – Mifflin.
- ❖ Duarte, A. (2005). *As concepções e Práticas de Supervisão, e suas Fontes de Conhecimento. Um estudo sobre os orientadores dos estágios pedagógicos universitários de Educação Física na região de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa.
- ❖ Duarte, N. (2003). Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (Por que Donald Schön não entendeu Luria). *Educação e Sociedade*, 24, n.º 83. Brasil: Campinas, pp.601-625;
- ❖ Fernandes, S. (2004). *Vídeo-Formação: Uma experiência de vídeoscopia com professores estagiários*. Dissertação de Mestrado em Educação. Braga: Universidade de Braga.
- ❖ Fortin, M (1999). *O Processo de Investigação. Da concepção à realização*. Lisboa: Lusociência – Edições técnicas e científicas.
- ❖ Frontoura, C. (2005). *A percepção das dificuldades dos estagiários da FCDEF-UC na fase inicial e na fase final do estágio pedagógico*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- ❖ Galveias, M. (2008). *Prática Pedagógica: Cenário de Formação Profissional*. In *Jornadas da Prática Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Santarém n.º 8 pp. 6-17. Disponível em <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%29.pdf>. Acesso em 14 Mar.2012

- ❖ Lortie, D. C. (1975). *Schoolteacher: A sociological study*. Chicago: University of Chicago Press.

- ❖ Hoy & Forsyth (1986). *Effective supervision: theory into practice*. New York: Random House.

- ❖ Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores: concepções e práticas*. Lisboa: Departamento da Educação Básica;

- ❖ Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor em sala de aula*. Coimbra: Livraria Almedina;

- ❖ Machado, F., Mello, M. (2000). *O Pensamento crítico na formação do profissional de educação física*. Desporto Educação & Saúde. 8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. UTL – FMH: Lisboa, pp. 195

- ❖ Maciel, L., Martineli, T. (2000). *Investigação na ação mediada pela reflexão: uma possibilidade de intervenção na prática pedagógica da educação física*. Desporto Educação & Saúde. 8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Edições FMH: Lisboa, pp. 197 – 198;

- ❖ Marcelo, C. (1998). *Pesquisa sobre a formação de Professores. O conhecimento sobre aprender a ensinar*. Revista Brasileira de Educação. ANPEd, n.º9, pp. 51-75;

- ❖ Marcelo, C. (1999). *Formação de Professores: Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

- ❖ Mc Intyre et al (1996). *Field and laboratory experiences*. Handbook of Research on Teaching and Teacher Education, 2nd ed . New York: MacMillan, pp. 173-193

- ❖ Oliveira, I.; Serrazina, (2002). *A reflexão e o professor como investigador*. GTI (Ed.) *Reflectir e Investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM, p. 30-42

- ❖ Oliveira, M. (1996). *A prática reflexiva dos professores e o seu processo de mudança: Um estudo no contexto da formação contínua*. Dissertação de Doutoramento em Didáctica. Aveiro: Universidade de Aveiro

- ❖ Onofre, M. (1996) *A supervisão pedagógica no contexto da formação didáctica em Educação Física*. Formação de Professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, p. 75-118

- ❖ Onofre, M. (2000). *Conhecimento prático, auto-eficácia e qualidade de ensino. Um estudo multicaso em professores de educação física*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa

- ❖ Onofre, M. (2003). *Das características do conhecimento prático dos professores de educação física às práticas da sua formação Inicial*. Boletim SPEF – N.º 26/27, Maio-Dez, 55-57.

- ❖ Onofre, M. (2005). *Teachers' practical knowledge and quality of teaching*. The art and science of teaching in physical education and Sport. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, p.115-138

- ❖ Pajares, F. (1992). *Teachers' Beliefs and Educational Research: Cleanning Up a Messy Construct*. Review of Educational Research, 62(3).

- ❖ Penha, A. (2008). *A Supervisão na Escola – o papel do gestor intermedo*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/2290886/A-Supervisao-na-Escola-coordenadores>. Acesso em 18 Mar.2012.

- ❖ Queiroz, G. (2001). *Processos de formação de professores artistas-reflexivos de física*. Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74

- ❖ Ribeiro, C. (2010). *Pedagogia para a Autonomia e Supervisão: a observação de aulas como estratégia de (re)definição dos papéis pedagógicos na educação em línguas*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Minho: Universidade do Minho

- ❖ Ribeiro, J. (2005). *As percepções de estagiários e de orientadores sobre as técnicas de supervisão pedagógica num processo de estágio pedagógico: sua utilização e importância relativa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FMH. Universidade Técnica de Lisboa.

- ❖ Rodrigues, J.; Ferreira, V. (1998). *Valores e Expectativas dos Professores-Estagários*. Millenium, 10

- ❖ Rosa-Silva, P.; Júnior, Á.; Laburú, C. (2009). *A autoscopia como estratégia da sala de espelhos na formação continuada de uma professora de ciências*. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis

- ❖ Sá-Chaves, I. (2000) *Formação, Conhecimento e Supervisão, Contributos nas áreas da formação de professores e de outros profissionais*. Estudos Temáticos 1. Aveiro: Universidade de Aveiro

- ❖ Sá, C. (2007). *Socialização Profissional em Educação Física, Percepções de Formadores e Estudantes do Ensino Superior Politécnico*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa

- ❖ Sadalla, A.; Larocca, P. (2004). *Autoscopia: um procedimento de pesquisa e formação*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 30, n.3, pp. 419-433. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300003&lng=en&nrm=iso. Consultado em 30 Jan. 2012;

- ❖ Saviani, D. (2000). *A Supervisão Educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia*. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto(org.), 2.^a edição., São Paulo: Cortez.

- ❖ Silva, A. (2000). *Uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação*. Educação & Sociedade, 21, n.º 72, p. 89-109. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=873136980066>. Consultado em 25 Fev. 2012;

- ❖ Teixeira, M. (2007). *Dificuldades no ensino, dos professores estagiários de educação física. Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FMH. Universidade Técnica de Lisboa.

- ❖ Tosta, C. (2006). *Autoscopia e desenho: A mediação em uma sala de educação infantil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Aplicada. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais;

- ❖ Vasconcelos, C. (2000). *A reflexão: Um elemento estruturador da formação de professores*. Millenium n.17. Disponível em <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/925/1/A%20Reflex%C3%A3o.pdf>. Consultado em 15 Fev. 2012

- ❖ Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Edições ASA

- ❖ Willes & Bondi (2000). *Definuing Educacional Supervision. In Supervision: A Guide to Practice*. 5^a ed., London: Prattice Hall.

- ❖ Wünsch, L. (2008). *“O que fiz bem, o que fiz mal”: Desenvolvimento de competências reflexivas na formação inicial de professores*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: FPCE, Universidade de Lisboa.

Anexos

Anexo 1 – Episódios classificados como Positivos

Rotinas de aula
A aula correu de forma organizada e com bastante intensidade
A estratégia de desenhar no chão o “D” e “E” para ajudar os alunos com a passada foi bastante positivo.
A estratégia de trocar 1 ou 2 pares de dança foi benéfica, pois os alunos cooperaram uns com os outros
A estratégia utilizada da contagem do tempo para cada alongamento (20”) foi bastante positiva uma vez que, assim, existe um maior controlo da minha parte assegurando que todos os alunos cumprem o pedido. Desta forma, deverei continuar a adoptar esta metodologia.
A situação de aquecimento – Apanhada Caranguejo
A situação de Dança correu melhor. A maioria dos alunos já sabe a coreografia, realizando correctamente os vários passos
A utilização de bolas na aptidão física e a sua realização a pares também se demonstrou positiva e motivante
A utilização de contagem de tempo nas barreiras foi um factor motivacional muito bom
Ajuda e feedback nos exercícios de ginástica de solo
Alunos bastante empenhados nas três estações
Alunos empenhados
Alunos melhor na execução técnica da AF
capacidade de mudar o exercício de 3x3 no voleibol pois o grupo 2 estava a ter insucesso.
Aquando a demonstração das estações foi muito bom ter levado os alunos aos locais, pois a informação foi demonstrada de forma clara.
Aquecimento dinâmico, específico e diferenciado
Aquecimento dinâmico, motivante e iniciado rapidamente
Aquecimento para introduzir alguns elementos (pirueta, salto em extensão, recepção)
Assertividade em relação à pontualidade, cabelos atados, relógios, etc
Aula bem organizada em termos espaciais
Aumentar a altura das barreiras fez com que os alunos tivessem que ter mais atenção à técnica das barreiras
Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
Avaliação inicial de Salto em Comprimento e Velocidade
Balanço – reforço positivo à turma em relação ao empenho
R No balanço expliquei como ia ser a próxima etapa, que nem todos vão trabalhar tudo
Boa gestão temporal e espacial
Bom acompanhamento individual da Dança
Bom FB visual
Clarificação dos alunos para a próxima aula a arrumar o material e de algumas regras e sinais para a organização da aula

Clima Aluno-Tarefa
Conseguir recolher dados para a formação de grupos de nível
Considero positivo o facto de ter dividido a prelecção em dois momentos diferentes, imediatamente antes de cada fase da aula (primeiro para a dança e condição física e depois para as estações).
Constante questionamento sobre os objectivos
Continuar a pedir para os alunos se sentem em U, para que estes nas próximas aulas o façam de uma forma autónoma
Critérios de êxito do mini-trampolim
Dados de avaliação
Defini tarefas durante a aula a uma aluna que estava de fora sem fazer aula
Definição de objectivos para o Salto em Comprimento e Velocidade de forma a motivar e empenhar os alunos nas tarefas, penso que esta medida teve sucesso
Definição de tarefas com responsabilidade para a aluna que não trouxe material
Demonstração recorrendo a alunos (agentes de ensino)
Deslocamento e posicionamento nos exercícios, procurei ter sempre os alunos à minha frente, controlando a prática destes
destaco o empenho da aluna Soraya e Mariana
Elevada frequência e pertinência de Feedbacks
Em relação ao clima aluno-tarefa, também correu de forma positiva, pois todos os alunos trabalharam para o seu respectivo nível e de forma motivada.
Em termos de disciplina o início e final das actividades foram controlados pelo professor, o que se assemelha positivo
Em termos de clima, evoluções no campo do clima aluno-aluno e aluno-professor parecem ser positivas. No entanto, o clima aluno-matéria parece ser positivo em algumas matérias como patinagem, voleibol(...)
Ênfase na importância das folhas no decorrer das aulas, alunos começam a perceber e a consultar
Exercícios propostos adequados ao nível dos alunos
Explicação de cada estação e do teste do fitnessgram
Falei dos objectivos da U.E., principalmente de RQ e TM
Feedback adequado nas estações de Futebol e Estafetas
Ficha de Auto-Avaliação e Explicação da mesma
Final de aula com jogos competitivos de Basquetebol
Fluidez nas transições entre cada estação
Grupos a mostrar a Dança faz com que os alunos se tenham empenhado
Início do aquecimento apenas com alguns alunos, de forma a não perder tempo da aula
introdução de elementos novos (materiais e exercícios) provocou uma reacção positiva na motivação para a prática
Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
Melhor no que respeita à disciplina, pois a turma já ouve melhor aquilo que eu digo

Melhorei a aptidão física (alunos muito mais empenhados)
Melhorei a disposição na dança e AF
Motivação e empenho dos alunos
Motivação e empenho dos alunos
Na estação de Andebol o jogo condicionado resultou muito bem, conseguindo até, uma diferenciação do ensino entre os dois grupos.
Na parte final da aula, realizei um mini torneio de Basquetebol, como forma de motivar os alunos onde também participei tornando mais competitivo o jogo, vontade dos alunos em vencer a equipa do professor. Penso ter sido uma estratégia muito positiva e que poderei adoptar em outras situações
No que respeita à disciplina a turma tem vindo a revelar grandes melhorias, já tendo conseguido largos períodos de silêncio e concentração por parte dos alunos durante os meus períodos de instrução.
No trabalho de condição física incluí uma estação de ginástica de solo o que me pareceu ser uma boa estratégia pela proximidade que me permitiu a uma matéria mais débil dos alunos
O clima de aula teve de alguma forma um balanço positivo
O exercício sofreu uma alteração no decorrer da prática, o que considero ser um ponto bastante positivo na minha intervenção, uma vez que o simples adicionar de cones durante o percurso potenciou, de um modo mais efectivo um dos objectivos pretendidos – condução de bola
O registo dos valores obtidos era feito pelos alunos em folhas coladas na parede com os seus nomes e os valores obtidos no primeiro momento de teste, permitindo a observação da evolução. Esta estratégia resultou, os alunos fizeram o registo rapidamente e voltavam para o local do teste, ficando por vezes retidos perto das folhas de registo, mas quase sempre devido à verificação da evolução que estes ou os colegas tinham feito.
O relacionamento destes alunos com outros com níveis de desempenho elevados têm tido uma influência positiva no seu próprio desempenho.
Objectivos de avaliação da aptidão física cumpridos
Organização da aula
Organização espacial
Organização espacial
Organização espacial
Organização espacial
Organização espacial;
Os alunos cooperam bem
Os grupos estavam bem formados (os “faladores” estavam todos separados)
Os rapazes demonstraram que o exercício (2x0) já não estava a ser estimulante e optei por colocá-los a fazer 1x1 terminando com finalização. Teve um bom resultado.
Participação do professor em tarefas da aula – motivante
Pedi a alguns alunos para se auto-avaliarem (e vários queriam também fazê-lo, apesar de não ter tempo)
Pedir aos alunos que tirem fios, brincos, anéis, piercings, etc
Penso que a montagem do material correu bem
Período de instrução centrado nas componentes críticas, ênfase na importância da consulta das folhas e nas ajudas
ponto forte da minha constante e boa capacidade manipulativa.

Posicionamento em relação às estações, procurei ter sempre todos os alunos à minha frente, gradualmente o meu deslocamento nesta aula foi melhorando
Procurei reduzir a conversa entre os alunos, adverti os alunos quando o faziam
Procurei relacionar ao máximo os objectivos com os vários níveis da matéria
Progressões adequadas
Rápida transição de aquecimento para parte principal da aula
Rápidas rotações
Rápidas rotações
Realização de testes Fitnessgram
Recolhi dados para a avaliação de barreiras
Reforço sobre a importância de trabalhar na ginástica de solo (que vão ser avaliados no final do período)
Registos de ginástica de aparelhos
Rotação rápida e sem dúvidas
Rotação rápida e sem dúvidas
Rotinas de aula
Rotinas de aula
Rotinas de aula
Rotinas de aula
Segunda parte da aula com exercícios de introdução da Luta, matéria que vou realizar na próxima aula
Tempo de empenhamento motor próximo do tempo disponível para a prática
Tive mais cuidado na minha colocação, procurando andar sempre à volta do espaço e não estar de costas para a turma.
Tive preocupações explicam o ciclo do FB Uma vez que é uma falha minha por vezes[FB]/Correu bem, tendo cumprido na maioria das vezes
Um aspecto positivo desta aula foi que todos os alunos fizeram a prática, facto este, que em todas as aulas anteriores de 45 minutos não tinha acontecido
Verifica-se também uma maior autonomia dos alunos nestas duas partes da aula [Aquecimento e Mobilização Articular], o que é um aspecto positivo.

Anexo 2 – Episódios classificados como negativos

Em relação ao teste de senta e alcança, não estava a utilizar a escala, de forma correcta, tenho de confirmar e experimentar todos os princípios do teste para não voltar a falhar na aplicação destes
Embora no plano de etapa não tenha equacionado o facto de os alunos puderem trocar de estação com o objectivo de obterem um nível mais alto na disciplina da ginástica que pretendem trabalhar deverei precaver tal situação na próxima aula.
Estação de Ginástica Acrobática, os alunos tiveram pouco tempo em prática
Falar enquanto os alunos estavam a falar
Falar menos
Falta de empenho e dinâmica de dois grupos
falta de explicação inicial e introdução dos principais batimentos do badminton e objectivos do jogo 1x1 que se tornou pouco motivante
Faltaram-me os pinos e as cordas (AF)
Faltou dar mais FB à distância p/ controlar os dois grupos
Faltou fazer em relação ao AFI [critérios de êxito]
Flexibilidade
Incentivar a estação de Aptidão Física
Má gestão do tempo de aula, muito tempo para cada estação
(...) mas negativo em algumas, principalmente nas cíclicas, como o exemplo das modalidades do Atletismo, salto em comprimento, corrida de barreiras e salto em altura
Na dança do chachacha a pares senti alguma resistência à formação dos pares
Na instrução das barreiras ainda me coloquei algumas vezes de costas para as outras estações
Na próxima aula não deverei abandonar a tentativa de leccionar esta dança a pares com dois objectivos: i) Promover a interacção física entre os alunos da turma ii) Melhorar as competências dos alunos numa dança de salão a pares
Não cumpri o plano de aula – parte da flexibilidade
Não dei a Rumba Quadrada
Não fiz balanço em relação aos objectivos nem auto-avaliação (aula muito curta – optei por deixar os alunos mais tempo nas estações, deixando o balanço para a outra aula)
Não foi realizada AF (opção pela falta de tempo)
Não realizei questionamento dos conhecimentos
Não ter confirmado se o Ricardo sabia os testes (devia ter havido mais um aluno a ajudar nos testes)
Não ter tirado o trampolim (reuther) quando foi o salto ao eixo (questões de segurança)
Não valorizei as fichas (e eles não ligarem nenhuma)
Nem todos os alunos conseguiram construir a coreografia a pares
Ninguém a dar ajudas nos saltos
No 1º Grupo no Basquetebol, demorou 6 minutos a começar em actividade, tenho de ter atenção a estes alunos, pois normalmente não se empenham o suficiente.

No início da aula estive muito centrado no Salto em Comprimento, descurando um pouco as outras estações
O primeiro aspecto que considero negativo e por isso a melhorar, é a falta de informação relativa às várias matérias. Depois de ter realizado com eficácia a avaliação inicial, apenas esporadicamente recolhi informação sobre o desempenho dos alunos.
o significado que tanto os alunos como o professor deram a esta aula não foi positivo. O clima aluno-matéria estava de alguma forma negativo, verificando-se em alunos e em matérias que normalmente não aconteceria e acentuando-se em alunos e matérias habituados a este quadro.
Os grupos estiveram tempos diferentes nas estações
Para facilitar a aquisição das competências que, os alunos, na sua generalidade, já adquirem na dança em linha deverei começar por optar por outras estratégias como:
· Utilização de uma pega mais simples (segurar as mãos)
· Definir a entrada simultânea para todas as duplas
· Evoluir de uma estrutura igual para todos (eventualmente a que utilizo na dança em linha) para a dança em autonomia
· Por fim, o facto de os alunos irem trocando de pares poderá eliminar algumas resiliências de alguns os alunos
Períodos reduzidos de observação
Porém a minha flexibilidade e a permissão da troca deverá ser bem explícita a fim de não existirem casos de abandono da actividade
pouca autonomia dos alunos no trabalho da matéria da ginástica de solo e sobretudo falta de cooperação de alguns grupos de alunos;
pouca intervenção e observação das execuções dos alunos na ginástica de solo
resistência à formação dos pares uma vez que os alunos não gostam de se expor perante os colegas.
Risos e brincadeiras durante o aquecimento
Só de FB negativo ao 1º grupo da Dança
Tempo no final da aula que poderia ter aproveitado para realizar alguma actividade, exemplo trabalho de força, flexibilidade;
Todo este processo deverá garantir que o aluno conheça a sua avaliação e que perante isso consiga fazer as suas apostas.
Turma cada vez mais faladora
Uma vez mais faltou a flexibilidade
Utilização de brincos, fios, piercings dos alunos

Anexo 3 – Episódios classificados como a melhorar

o professor deverá garantir que cada aluno tem um tempo significativo de aprendizagem em cada tarefa que executa.
A organização deverá ser melhor pensada em Revisão de Plano de UE.
Acompanhamento similar de todas as estações
Acompanhar restantes estações, e controlar testes também à distância
Alternar entre esperar que se calem e falar por cima deles
Apostar mais no trabalho da força superior
Aumentar períodos de observação
Captar a atenção de alunos durante períodos de prelecção
casos em que existe uma sobrevalorização por parte dos referidos alunos, o que me fará acautelar para a observação das matérias no 2º período
circulação do professor pelas várias estações e acompanhamento à distancia
Continuar a adoptar a estratégia será de apitar quando sentir necessidade para que os alunos se calem, no entanto não quero recorrer a esta estratégia muitas vezes para que os alunos não a entendam como vulgar
Controlar e acompanhar toda a turma de igual
Controlar e acompanhar toda a turma, quando estou a intervir numa estação
Cumprir com rigor as horas de transição (para que todos os alunos estejam o mesmo tempo em cada estação
Dar valorização às fichas de modo a que os alunos as utilizem como um bom instrumento de trabalho
Definir consequências para quem chega atrasado
Definir sinais de organização, principalmente para a aula de Exterior
Demonstrar mais (acompanhar a instrução)
Deslocamento por todas as estações durante toda a aula
Dirigir feedback no Andebol
dois aspectos que podem melhorar para uma futura intervenção: i) aliar a descrição de todas as acções à sua demonstração; ii) perguntar no final se alguém tem dúvidas.
Em relação à matéria de Dança, tive uma prestação fraca no ensino do nível I da Meregue, talvez derivado a algum nervosismo por não ter praticado o suficiente. Tenho que investir mais nesta matéria.
Evitar a conversa dos alunos, tem sido recorrente, para a próxima aula vou procurar calar e esperar em silêncio que os alunos se calem para eu falar, assim como avisar que quem falar deve levantar o dedo e esperar que o professor o deixe falar, ser mais autoritário nestas situações
falta de explicação inicial e introdução dos principais batimentos do badminton e objectivos do jogo 1x1 que se tornou pouco motivante
Faltou destacar positivamente os alunos que tiveram bem na aula ou que conseguiram pequenos ganhos
Fazer perguntas a quem está a falar
FB para o salto ao eixo – olhar em frente! (para não irem de cabeça)
Formar grupos homogéneos

Frisar a importância da cooperação dos alunos, sendo este um aspecto transversal a todas as matérias
Garantir período de instrução sem interrupções
Ginástica – próximas aulas criar progressões; colocar uma zona onde os alunos treinam uma sequência (para o Nível Introdutório ou Elementar) e outra zona onde eles treinam os elementos isoladamente)
intervenção e observação das execuções dos alunos na ginástica de solo.
Maior acompanhamento da estação de aptidão física
Mais tempo de jogo
Marcar mais os ritmos “rápido, rápido, lento”
Mas ainda poderá ser feita [Instrução Inicial] duma forma mais eficiente.
Melhorar no FB em relação à ginástica
montagem do material
Motivar e empenhar para a necessidade de realizar as tarefas durante o tempo em que estão na estação
Na trave deve estar um aluno de cada lado a dar segurança
Necessidade de realçar a importância do empenho e motivação na aula, para cumprimento dos objectivos;
No que respeita aos alunos que não faziam aula consegui ter tarefas para todos eles, no entanto, nas próximas aulas tenho ter em conta esse aspecto pois a tarefa pode ser melhorada.
Nunca ficar de costas para algum grupo de alunos – tentar arranjar uma estratégia para que eles achem que estou sempre a ver tudo
Parar a aula e dizer o q é mais importante no pino
Penso que a forma de melhorar isto [montagem material] será planejar aulas que requerem um menor número de material para os 45 minutos.
Período de instrução mais centrado nos objectivos dos exercícios
Períodos de observação
pouca autonomia dos alunos no trabalho da matéria da ginástica de solo e sobretudo falta de cooperação de alguns grupos de alunos
Preocupar-me com o posicionamento nos períodos de Instrução
Progressão para a roda
Próxima aula voltar a falar das características da próxima etapa e procurar motivar os alunos nas tarefas
Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas
Reduzir o tempo das estações neste tipo de aulas
Reforçar importância de chegar a horas e de se manterem em silêncio
Reforçar importância de estar em prática até trocar de estação
Reforçar que devem de estar empenhados em todos os exercícios
Reformulação dos grupos
Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula
Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula;

Só falar quando os alunos se calam
Tendo em conta este imprevistos, foi difícil ter uma organização espacial adequada, não por minha culpa, mas tenho que me habituar a lidar com estes imprevistos.
Tentar não ficar com os alunos nas costas
Ter atenção à correcta realização dos exercícios de trabalho da aptidão física
Trabalhar as ajudas (colocar os alunos a dar as ajudas – questões de segurança)
Trabalho de flexibilidade
Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas;
Realçar que os exercícios da aula estão nas folhas
Utilizar estações que dêem mais autonomia aos alunos

Anexo 4 – Nível de Reflexão: Descrição

A recolha de dados não foi exclusivamente dedicada à estação de mini-trampolim como estaria proposto no plano de UE. Preferi ir circulando por todas as estações e de uma forma informal ir recolhendo alguns dados que completarei durante as próximas aulas.
Rotinas de aula
Organização espacial
Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
Realização de testes Fitnessgram
Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
Rápidas rotações
Dificuldade em acompanhar restantes estações e controlar os testes
Algumas brincadeiras recorrentes nos mesmos alunos
No regresso ao trabalho, ocorreram nesta aula algumas situações que me parecem relevantes e que merecem ser realçadas. A primeira tem a ver com a ausência dos dois alunos mais conversadores e que são muitas vezes o foco de distrações na turma.
A segunda está relacionada com as situações de aprendizagem que escolhi para esta aula. Para o Voleibol optei por criar uma estação em que pudesse existir uma situação de 1+1 para os alunos com mais dificuldade e duas de 2x2 para os alunos que já estão mais à frente. Dentro das situações de 2x2 os objectivos variavam consoante os alunos, os alunos mais fortes tinham como preocupação com o remate, para além dos elementos técnicos que estão para trás, e os mais fracos tinham uma preocupação com o toque de dedos, manchete e deslocamentos
Foram então leccionados os conteúdos relativos à área dos conhecimentos, que servem de base ao trabalho de grupo que os alunos irão desenvolver. Apesar de ter previsto a demonstração prática da leitura de rótulos e de inclusive ter levado para a aula algumas embalagens que os alunos pudessem analisar, acabei por não as mostrar
Após as representações dos quatro grupos, fiz um balanço sobre aquilo que tinham falado e representado. De um modo global foram abordados os métodos contraceptivos mais conhecidos, como resposta à constante troca de parceiros que existe actualmente e ainda a necessidade de se informarem e falarem com os colegas, professores e pais sobre dúvidas ou inquietações que surjam no seu percurso de adolescentes. Ficou em aberto a possibilidade de abordar novamente alguns destes temas[sobre Ed. Sexual].
Falei dos objectivos da U.E., principalmente de RQ e TM.
Procurei relacionar ao máximo os objectivos com os vários níveis da matéria
Pedi a alguns alunos para se auto-avaliarem (e vários queriam também fazê-lo, apesar de não ter tempo)
Faltou dar mais FB à distância p/ controlar os dois grupos
Faltou destacar positivamente os alunos que tiveram bem na aula ou que conseguiram pequenos ganhos
A situação de Dança correu melhor. A maioria dos alunos já sabe a coreografia, realizando correctamente os vários passos
A situação de aquecimento envolvia algum trabalho de braços, pelo que houve algumas “queixas” por termos realizado a AF logo de seguida
Nem todos os alunos conseguiram construir a coreografia a pares
Uma vez mais faltou a flexibilidade
A aula de quinta-feira foi caracterizada maioritariamente pela aplicação dos testes do Fitnessgram. A organização destes foi realizada da seguinte forma, teste de extensões de braços e abdominais, alunos estavam agrupados em grupos de três, em que um realizava o teste e os outros dois teriam uma função. Nos teste de senta e alcança e extensão do tronco, a turma seria dividida em dois, mantendo-se os trios, estes realizavam um teste e assim que cada elemento do trio tivesse realizado o teste rodariam para o outro teste. O teste de flexibilidade de ombros foi feito pelo professor durante a saída dos alunos da aula.
No entanto, passaram duas semanas e o significado que tanto os alunos como o professor deram a esta aula não foi positivo. O clima aluno-matéria estava de alguma forma negativo, verificando-se em alunos e em matérias que normalmente não aconteceria e acentuando-se em alunos e matérias habituados a este quadro.

Assim, parece-me coerente reflectir que a sequência garantida pelo horário planeado de Unidade de ensino, de semana a semana, tem um resultado mais positivo na aprendizagem dos alunos. No entanto, esta reflexão poderia ser fundamentada com alguns suportes teóricos, possível com alguma pesquisa, possível com mais tempo.
Procedi, então à revelação das notas individualmente dizendo o valor que tiveram em cada uma das áreas e pedindo uma proposta de nota e que de certo modo perspectivassem as áreas mais débeis e que careceriam maior investimento no 2º período
Durante este jogo tive uma participação activa com os alunos, assegurando sempre que todas as regras eram cumpridas.
Seguiram-se 10 minutos finais nos quais os alunos optaram pela realização de uma das três matérias: futebol, voleibol e badminton.
Exposto todo este cenário da avaliação fiz um balanço geral acerca de cada uma área:
· Matérias – as maiores debilidades encontram-se nas raparigas ao nível dos JDC e em alguns alunos na ginástica
· Aptidão Física – 10 dos 21 alunos que realizaram os testes da bateria de testes do fitnessgram apresentam globalmente uma nota negativa o que de certa forma não traduz o trabalho desenvolvido durante o período nesta área
· Conhecimentos – constatei que alguns alunos não tinham recebido o e-mail com o documento de apoio de estudo para o teste pelo que optei por passar uma folha para registarem todos os e-mails pessoais. Porém, esta não é a razão de muitas das negativas até porque todos os conteúdos foram abordados na aula, comentário ao qual os alunos confirmaram.
Embora tenha feito de certa forma uma apreciação qualitativa individual confirmando e refutando as ideias dos alunos, considero que teria sido mais feliz, em alguns casos ter-lhes acautelado de uma forma subtil a nota que irão ter no final do período
De um modo geral penso que a aula correu bem, com os alunos a perceberem rapidamente a dinâmica da aula, pois já tinha feito uma aula idêntica.
Os conteúdos informações importantes foram transmitidos após o aquecimento, onde dei instrução sobre alguns aspectos organizativos e importância das folhas e empenho na aula para atingir os objectivos.
Em termos organizativos a aula esteve bem construída, quer em termos espaciais quer em termos temporais.
Os alunos conseguem consultar as folhas, estes procuram quais os exercícios que se devem de fazer e verificar as transições. No entanto tenho a percepção de que os alunos ainda não consultam a folha para verificar as componentes críticas de cada exercício.
Final da aula realizei um balanço do 1º Período, e preparei o início do 2º Período.
Rotação rápida e sem dúvidas
Boa gestão temporal e espacial
Motivação e empenho dos alunos
Segunda parte da aula com exercícios de introdução da Luta, matéria que vou realizar na próxima aula.
Atraso dos alunos, colmatado pelo início rápido da aula com os alunos pontuais
Dificuldades de conseguir controlar toda a turma enquanto estou a intervir numa estação
No entanto, na hora de início da aula o tempo estava aceitável, sem chuva, pouco frio e piso praticamente seco. Como tal, dei a aula no Exterior consoante o que tinha planeado.
No início da aula gastei mais algum tempo a falar com os alunos sobre as classificações do 1º período. Ninguém tirou dúvidas sobre as suas notas mas eu voltei a falar um pouco sobre a avaliação da disciplina. Dei todas as informações que tinha planeado.
No restante tempo de aula tudo correu dentro do normal.
Previamente à auto-avaliação, foi realizada a proposta de avaliação de todos os alunos da turma.
Como balanço, realçar mais uma vez o espírito de grupo manifestado durante a auto-avaliação, com vários alunos a elogiarem a evolução de colegas mais fracos e outros a realçarem a entreada entre os vários elementos da turma. Considero, após este 1º Período que a turma apresenta um potencial enorme para alcançar objectivos muito ambiciosos.
Com apenas 13 alunos a fazerem aula prática dividi-os em 2 grupos de nível e cada um dos grupos realizou tarefas ajustadas ao seu nível com objectivos distintos.

No 1º grupo insisti sobretudo nas competências básicas de nível I, trabalharem durante algum tempo, passes e desmarcações em situação competitiva.
No 2º grupo, inicialmente introduzi o lançamento na passada e eles repetiram durante algum tempo o gesto com algumas correcções da minha parte.
A dada altura estive com alguns alunos com dificuldades na ginástica de solo onde pude dar um acompanhamento individual e permitir mais um momento de pratica e aprendizagem.
Na instrução final, falei com os alunos acerca da matéria dada até então, realizei muito questionamento dirigido e alertei para alguns casos de mau comportamento
Na aula de terça este plano foi já cumprido, sendo reunida informação relativa ao Futebol e à Corrida de Barreiras, através de Observação e Hetero-avaliação respectivamente.
Quanto à diferenciação do ensino falta ainda sistematizar um plano que indique a diferenciação de actividades a cada grupo de nível distinto
No entanto, a aula de Ginásio A foi monotemática de Dança não permitindo grandes evoluções formativas. Os níveis dos alunos foram confirmados na matéria de Dança.
No Pátio Principal a aula correu de acordo com o plano.
O questionamento dirigido foi também um objectivo assumido pelo professor e através do planeamento e do conhecimento das dificuldades dos alunos, este processo torna-se mais presente em cada aula.
Em relação ao Clima, poucas medidas foram pensadas para evoluir nesta dimensão
Nas barreiras houve algumas evoluções em relação à frequência da passada
No Futebol, a distribuição adequada no espaço foi conseguida nos dois grupos mais avançados, no entanto, o grupo menos avançado terá de ter algum trabalho específico
Na Dança os níveis pareceram semelhantes, existindo dúvidas quanto a Guilherme, Vasco, Miguel S, Rodrigo e Telmo.
A aula começou com a explicação do funcionamento/organização da aula, e uma breve explicação em relação a ficha de Auto-Avaliação que optei rapidamente realizar o resto quando do preenchimento da mesma (final da aula).
Passei para a Dança (Merengue), em que os alunos realizaram a coreografia acordada com uma breve explicação do último passo introduzido. Esta [Dança] decorreu sem grandes problemas a nível geral apenas 3 alunos ainda apresentam dificuldades (noção de ritmo) que são o António, Bernardo e Diogo.
De seguida realizaram o aquecimento com mobilização articular, dividindo rapidamente a turma pelas estações e explicando sumariamente aquilo que iriam realizar em cada uma das estações, esta parte da aula decorreu sem problemas de maior, apenas a 1ª rotação foi um pouco mais extensa que as outras duas seguintes.
Para finalizar foi realizada a Auto-Avaliação, com uma explicação que penso que foi clara no entanto surgiram algumas dúvidas que foram sendo esclarecidas individualmente e por vezes em grupo.
Organização da aula
Ficha de Auto-Avaliação e Explicação da mesma
Elevada frequência e pertinência de Feedbacks
Demasiado tempo na 1ª Rotação
Após isto passei para a actividade, fazendo um breve aquecimento.
este atributo é algo que irá evoluir cada vez mais com a minha experiência nesta área, porém, durante esta aula na ginástica de solo a minha observação da cambalhota à frente do Cláudio fez-me aperceber que este tinha grandes dificuldades no rolamento algo que até agora não me tinha apercebido.
O aquecimento inicial conduzido pelo aluno Ricardo decorreu sem qualquer problema verificando-se que o aluno revela absoluta autonomia na condução do mesmo[Aquecimento].
Rotinas de aula
Organização espacial
Aquecimento dinâmico, motivante e iniciado rapidamente
Rápida transição de aquecimento para parte principal da aula
Falta de empenho e dinâmica de dois grupos
Períodos reduzidos de observação

As estratégias previstas e as respectivas dificuldades nesta aula foram:
- Trabalho de condição física individualizado: modo de consulta e interpretação do plano de treino;
- Dossier com fichas de registo;
- Preenchimento das fichas de auto-avaliação dos objectivos por grupos e para cada matéria.
Na primeira parte da aula, os alunos realizaram Dança do merengue mais com intuito de eu proceder à avaliação, pois eles já estavam identificados com a dança e respectiva coreografia.
Consegui registar os alunos que já dominam a sequência dos passos da coreografia e os executam ao ritmo da música
Na segunda parte da aula, sensivelmente 20 minutos, optei por criar dois jogos distintos para os alunos trabalharem passe, recepção, desmarcação de apoio e rotura e enquadramento defensivo no andebol.
Para além destas tarefas, procurei que mais uma vez os alunos com mais dificuldades na ginástica de solo tivessem a oportunidade para trabalhar os elementos isolados de nível I
Ao longo da aula, sobretudo nesta parte, procurei intervir em todas as estações, com circulação global, apelando à dinâmica dos alunos e intervindo sobre aspectos acima mencionados.
No final foram realizados exercícios de flexibilidade
A aula correu de forma organizada, estando já definidas as rotinas organizativas para o resto da unidade
As tarefas estavam adequadas aos alunos, tendo havido bastante aprendizagem.
No Futebol, o Danilo, a Daniela, o Edgar e a Andreia alcançaram o nível Elementar
A aula de terça tinha objectivos muito ambiciosos relacionados com a avaliação formativa, instrumentos vários seriam experimentados pela primeira vez e outros redefinidos e utilizados em contextos/matérias diferentes. Inovação essa que continuaria com os objectivos do professor, em que o fecho do ciclo do feedback se tornaria uma preocupação premente, tal como o conteúdo do mesmo, as intervenções à distância e o acompanhamento de estações e alunos, equitativamente.
Os objectivos principais desta aula seriam o aumento das intervenções à distância, a preocupação com o fecho do ciclo do feedback e a manutenção de aspectos organizativos.
A instrução inicial foi rápida e focando apenas os aspectos essenciais de cada estação, os alunos atrasados chegaram sem prejudicar o desenrolar da interacção entre alunos e professores.
O início das estações é rápido, existindo uma relação de colaboração entre professores e alunos, relação manifestada por comunicação, muitas vezes não verbal, quando os alunos percebem que a aula funcionará melhor se fizerem determinada coisa ou alterarem determinado comportamento.
No circuito de CF os alunos mostraram interesse nos seus resultados do Fitnessgram e foram notados alguns exemplos de aumento de significância na tarefa. A Erica e a Rita, a Inês e a Iris.
A Acrobática foi acompanhada de uma forma completamente diferente, mais interventiva, os alunos pareceram entusiasmados com as figuras e por vezes chamavam a atenção do professor para a sua prática
O Miguel Sequeira fez a aula, mostrando um bom nível de prática nos saltos no plinto, alguma recusa a praticar na Acrobática e não verifiquei a sua atitude no Circuito de CF.
Os alunos perderam tempo de prática ao almejar cumprir os objectivos de avaliação formativa propostos pelo professor. Notou-se na ginástica de solo e no lançamento do peso que eram necessárias intervenções do professor para a recondução dos alunos para a prática.
Durante a corrida de aquecimento o professor teve o discernimento de resolver todos os aspectos organizativos. Penso que, pela primeira vez, consegui aproveitar este tempo para observar os alunos e aperceber-me das pastilhas (6), ausência de sapatilhas, relógios, cabelos apanhados.
No ensino da dança pretendia-se, inicialmente, a realização da rumba a pares e para tal recomecei com a estrutura celular já feita na última UE deste espaço
Nesta organização em line dance, o Emanuel foi o aluno com mais dificuldades.
A pares as dificuldades são mais evidentes e são poucos os pares que conseguem fazer o pedido sem incorrecções.
Ainda assim houve um aluno a recusar fazer rolamento à frente mesmo com a minha ajuda, Gonçalo Martins.

De um modo geral penso que esta aula correu bem, tendo em conta o que foi planeado.
Após o período de aquecimento, realizei instrução para os alunos, referindo aspectos organizativos e explicando cada estação.
A distribuição dos alunos por estação foi rápida, no entanto as transições de estações mostraram-se um pouco mais lentas que o normal
O Feedback centrou-se maioritariamente nas estações das estafetas e futebol, sendo este específico, descritivo e prescritivo, no entanto na estação de Andebol, o meu feedback mostrou-se reduzido, assim como o meu acompanhamento.
Procurei também dar feedback à distância como forma de controlar os alunos e de os manter em actividade.
Rotinas de aula
Organização espacial
Aquecimento dinâmico, específico e diferenciado
Feedback adequado nas estações de Futebol e Estafetas
Demora nas transições para cada estação
Acompanhamento reduzido no Andebol
Incentivar a estação de Aptidão Física
Faltou fazer em relação ao AFI[crítérios de êxito]
Demonstrar mais (acompanhar a instrução)
Melhorar no FB em relação à ginástica
Tempo de empenhamento motor próximo do tempo disponível para a prática
Melhorei a aptidão física (alunos muito mais empenhados)
Melhorei a disposição na dança e AF
Não cumpri o plano de aula – parte da flexibilidade
No que respeita à disciplina a turma tem vindo a revelar grandes melhorias, já tendo conseguido largos períodos de silêncio e concentração por parte dos alunos durante os meus períodos de instrução.
Todavia em relação à ginástica de solo, foram conseguidos nesta aula 4 Níveis I, foram os casos da Marta Rodrigues, Ricardo e Fábio Contente.
Em termos de Instrução Inicial, as estratégias apontadas para diminuição dos tempos de espera foram experimentadas, como dirigir o discurso para um aluno distraído ou dirigir o questionamento com rápido recurso a um aluno que sabe para continuar. Estes momentos têm sido mais céleres, no entanto, falta a confirmação quantitativa de tal.
Em termos de Acompanhamento das actividades, senti uma maior maturidade, como que uma consolidação de comportamentos que tinha vindo a treinar ao longo destes primeiros períodos de formação. No entanto, parece-me que estes comportamentos, como por exemplo, fechar o ciclo do feedback, acompanhar o início das actividades, preocupar-me com a intervenção em todas as estações, são comportamentos que não se manifestam de uma forma sistemática. Terão de se manter como preocupação para a próxima Unidade de Ensino, como consolidação
m termos de clima, evoluções no campo do clima aluno-aluno e aluno-professor parecem ser positivas. No entanto, o clima aluno-matéria parece ser positivo em algumas matérias como patinagem, voleibol, mas negativo em algumas, principalmente nas cíclicas, como o exemplo das modalidades do Atletismo, salto em comprimento, corrida de barreiras e salto em altura. Estratégias terão de ser consideradas para potenciar o tempo de prática em tempo de aprendizagem nestas estações
A aula começou a horas como de costume sendo que durante a prelecção inicial foram lembrados os objectivos para esta unidade de ensino.
Seguisse o aquecimento geral em que os alunos correram a volta do campo durante 5 minutos , antes e após a corrida registaram os valores de FC
Após o termino da corrida realizaram uma ligeira sessão de alongamentos durante a qual o professor explicou novamente os exercícios a realizar durante as estações.
De realçar que na estação de Futebol o Grupo B e C demonstraram bastante empenho no entanto deverão conter mais tempo de jogo.
A aula terminou com uma sessão de alongamentos dada pelo aluno Miguel sendo que os alunos que não fizeram a auala ajudaram o professor no arrumo do material.

Feitos os alertas, embora estivesse muito calor não deixei de realizar a aula tal como a tinha planeado.
Numa aula com uma organização recheada de diferentes matérias e diferentes momentos distintos, destaco positivamente a forma como decorreram as transições. Estas foram rápidas não permitindo que os alunos deixassem de realizar as actividades pelas condições adversas.
A organização da aula sob a forma de torneio no futebol foi, nesta primeira aula da UE, um sucesso para os objectivos que se pretendiam. As regras foram estabelecidas à partida e embora tivessem causado alguma resiliência nos alunos foram bem aceites decorrendo sem problemas
Técnica de recepção – em movimento, sem contacto visual
Por último, é de referir que hoje era o dia da entrega dos trabalhos teóricos, e dos 19 alunos inscritos na disciplina 12 entregaram
Organização espacial
Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
Rápidas rotações
Final de aula com jogos competitivos de Basquetebol
Algumas brincadeiras recorrentes nos mesmos alunos
Dificuldades de início na estação de exercício no Andebol
Algumas dificuldades sentidas em ter um período de instrução fluido sem interrupções dos alunos
Rotinas de aula
Antes de mais, tive que avaliar outros testes do Fitnessgram com características diferentes dos que foram avaliados na última aula. Hoje avaliei os testes de flexibilidade (ombros, tronco e pernas). Para isso utilizei o aluno que não estava a fazer aula para registar os resultados dos alunos
No Voleibol, os alunos com maiores dificuldades trabalharam numa situação de 1+1 e os mais fortes fizeram jogo 3x3.
Relativamente à Dança, fiz apenas um pouco o Regadinho para relembrar e observar os alunos. A seguir ainda abordei a Salsa para relembrar e consolidar os passos abordados até agora.
Depois de uma primeira aula de UE bem conseguida ao nível da gestão do tempo e organização da aula, esperava nesta aula focar a minha atenção no desempenho dos alunos, quer no fornecimento de feedbacks quer na recolha de informações
Balanço – reforço positivo à turma em relação ao empenho
R No balanço expliquei como ia ser a próxima etapa, que nem todos vão trabalhar tudo
Alunos bastante empenhados nas três estações
Na instrução das barreiras ainda me coloquei algumas vezes de costas para as outras estações
Os grupos estiveram tempos diferentes nas estações
Recolhi dados para a avaliação de barreiras
Os grupos estavam bem formados (os “faladores” estavam todos separados)
A 1ª parte da aula foi prova global e a segunda avaliação de acrobática
Quase toda a turma atingiu o Nível E da acrobática realizando cada um dois trios e três pares do nível.
Apenas o Leonardo, o David, a Marta R e o Filipe não o conseguiram.
Os níveis dados aos professores foram níveis obtidos através de uma avaliação formativa, presente em todas as aulas, e do conhecimento dos alunos, através do constante feedback e da utilização de meios de suporte, fichas de registo, fichas de níveis, etc. Estes níveis foram aferidos após prática dos alunos nas situações de aprendizagem definidas pelo professor no planeamento anual e confirmadas em plano de etapa
“Elabora uma sequência com as figuras “prancha facial”, “quatro”, “titanic” de frente, “titanic” de costas coluna de joelhos à sequência, utilizando voltas, afundos, piruetas, rolamentos, passo-troca- passo, tesouras (saltos), posições de equilíbrio e outras destrezas gímnicas”
Os testes decorreram de forma fluida e organizada
No final fiquei a compilar os dados dos testes e a comparar os alunos com os resultados do período anterior.

Na auto-avaliação pedi aos alunos para que de acordo com as notas das várias componentes da avaliação, que eu própria disse, atribuissem um valor à nota que consideravam que deviam ter no final do período. Tal como seria espectável, os alunos na sua generalidade as notas subiram, não indo atribuir qualquer nota negativa neste período.
Após este período inicial de instrução, realizei a explicação da organização da aula bem como os objectivos que os alunos devem ter em conta na realização dos exercícios. Penso que as informações transmitidas foram apreendidas pelos alunos
Depois do aquecimento, iniciei a aula organizada por estações, com distribuição rápida dos alunos por cada estação, processos que se demonstraram automatizados após a interrupção do período lectivo.
Motivação e empenho dos alunos
Rotinas de aula
Organização espacial
Dados de avaliação
Aptidão física
Ainda no que respeita à organização da aula, registei um pequeno equívoco, tendo reunido a turma em dois locais diferentes em dois momentos consecutivos.
também a montagem do material de badminton e voleibol poderia ter sido assegurada mais cedo, tendo evitado o tempo de transição mais prolongado que se verificou.
Consegui durante a aula confirmar e validar no Ténis de Mesa nível I do Hélder, Vítor, David e Inês. O Danilo e as dois Fábios atingiram nível E.
De um modo geral, a aula correu de forma disciplinada, destaco o empenho da aluna Soraya e Mariana.
Em relação à dimensão de instrução, os períodos de informação à turma foram breves e sintéticos, carregando a informação necessária para ajudar os alunos a adquirir os conteúdos obtidos, o controlo da disciplina durante os mesmos, foram também geridos com êxito, verificando-se apenas alguns períodos de espera que os alunos permitissem que o professor falasse, sendo no entanto, curtos, em comparação com outros momentos.
Este parágrafo abrange os primeiros 45 minutos da aula de terça, sendo o estilo de ensino utilizado, durante este período, de comando
No primeiro período de aula, a turma esteve a rever as danças Foxtrot e Valsa, mostrando algum esquecimento e necessidade de praticar, sendo as principais dificuldades o acompanhamento da estrutura rítmica da música e a confusão de passos de uma dança e outra. O PE utilizou este período para observar alguns alunos com mais dificuldades, Samuel, Eliana, Vasco, Diogo, Margarida.
O balanço foi conseguido, sintético e dirigido a um problema verificado durante a aula, a indisciplina, no entanto, falta referir exemplos de uma forma mais sistemática.
Introduzi os novos grupos de trabalho
Balanço focando os erros típicos do remate em salto, e falando de situações e comportamento na ginástica
Na prelecção inicial fiz uma breve revisão de todos os conteúdos teóricos abordados durante o 1º período, incidindo sobretudo nas questões que irão surgir no teste escrito. Embora, tenha referenciado várias vezes este facto alguns alunos permaneciam algo distraídos.
Considero que ambas as estações de ginástica são uma excelente oportunidade para iniciar a avaliação formativa através de fichas de registo simples
No período da aula organizado sob a forma de estações a instrução foi dada sobretudo sob a forma verbal para toda a turma e só depois acompanhada em pequenos grupos no local. Como todos os alunos iriam passar por todas as matérias talvez tivesse sido aconselhável fazer uma explicação detalhada do pretendido em cada estação aliando à demonstração.
De um modo global penso que esta aula não correu muito bem.
Senti que alguns alunos estavam desempenhados e desmotivados na prática das actividades propostas.
Na instrução inicial, centrei-me nos aspectos organizativos da aula, explicando cada estação, assim como as respectivas ajudas e segurança. Fiz apenas algumas referências a conteúdos e componentes críticas dos exercícios propostos.
No início o aquecimento estava pouco dinâmico, mas depois de fazer algumas alterações o exercício tornou-se mais dinâmico, no final realizei mobilização articular específico para as

matérias a abordar na aula.
A aula estava bem organizada em termos espaciais, não havendo dúvidas entre cada estação, assim como grande aglomeração de alunos.
Considero que os alunos estão mais autónomos na consulta das folhas de grupo, tirando dúvidas, vão ler o que está escrito, componentes críticas, exercícios.
Finalmente importa referir que a maior parte dos alunos ainda não realiza a ajuda ao colega que está a fazer o exercício, ou se realiza não o faz correctamente.
Rotação rápida e sem dúvidas
Aula bem organizada em termos espaciais
Exercícios propostos adequados ao nível dos alunos
Ênfase na importância das folhas no decorrer das aulas, alunos começam a perceber e a consultar
Período de instrução centrado nas componentes críticas, ênfase na importância da consulta das folhas e nas ajudas
Alguns alunos desmotivados e pouco empenhados
Dificuldades de gestão do tempo, cada grupo não chegou a estar numa estação
Dificuldades de controlo de toda a turma, acompanhar todos os grupos, tive muito tempo na estação de salto de eixo e mini-trampolim
Alunos não realizam a ajuda nos exercícios, excepto algumas excepções
Estação de Ginástica Acrobática, os alunos tiveram pouco tempo em prática
Esta aula ficou marcada pelo sermão que o orientador deu aos alunos. Eles têm vindo para a aula cada vez mais distraídos e acabam por não trabalhar nada nos exercícios
Os aspectos que continuo a não conseguir melhorar a esta altura são o não mandar os alunos sentarem-se quando quero falar com eles, repetir mais as componentes críticas, não virar as costas ao espaço de aula e mexer mais nos grupos que estabeleci para aula de forma a adequar mais os exercícios a cada aluno.
O outro aspecto, o controlo dos alunos, tem a ver com uma capacidade que ainda não adquiri. Ainda não consigo “ler” os alunos, isto é, observar os alunos e ver que é preciso acalmá-los quando estão demasiado excitados ou o contrário.
De um modo geral esta aula pretendia constituir uma introdução à UE que se iniciava, apresentando o modo global de funcionamento, as matérias a abordar e os grupos de trabalho. A consecução deste objectivo só poderá ser avaliada durante as próximas duas aulas.
Apesar deste objectivo geral, nunca poderá ser menosprezado o carácter formativo de cada aula pois é esse o principal objectivo de todas as aulas.
Assim considero necessário reflectir sobre um conjunto de aspectos que não foram tão bem conseguidos da minha parte durante esta aula.
De um modo geral, a densidade de conteúdos previstos para esta aula, condicionou a minha forma de estar durante a aula. Sendo igual a mim mesmo, mantive a minha postura passiva e algo descontraída durante toda a aula, apesar de procurar estar sempre a corrigir os alunos, ainda que de forma algo anárquica.
os alunos estão muito dependentes da proximidade do professor, facto que terei que ter em conta no meu deslocamento durante a aula. Por outro lado, a introdução de elementos novos (materiais e exercícios) provocou uma reacção positiva na motivação para a prática. É da minha responsabilidade canalizar essa motivação e energia para uma prática efectiva das matérias.
A introdução de novos exercícios não terá sido a mais eficaz tendo em conta os erros observados. Poderia ter aproveitado a demonstração para desde logo alertar para erros típicos.
Considero positivo o facto de ter dividido a prelecção em dois momentos diferentes, imediatamente antes de cada fase da aula (primeiro para a dança e condição física e depois para as estações)
A estratégia para esta UE nesta matéria passa por um aumento da complexidade do estímulo:
Ensino massivo por comando;
Alteração dos agentes de ensino;
Instrução “de fora”;
Divisão de géneros (frente a frente);
Dança a pares;

Dança a pares com alunos a comandarem.
Pretende-se que os alunos evoluam até à dança a pares com uma célula de movimento previamente definida (que não existiu nesta aula).
Ainda dentro da qualidade de intervenção esta deverá ser garantida quer pelo diagnóstico dos erros, quer pelo fornecimento de feedback adequado quer pela verificação da alteração da execução.
Na parte principal, a organização e distribuição dos grupos pelas estações aconteceu de forma rápida, no entanto, os alunos não ficaram devidamente informados sobre as condições de realização sobretudo no jogo de basquetebol, jogo dos castelos.
Bom acompanhamento individual da Dança
Bom FB visual
Não realizei questionamento dos conhecimentos;
Só de FB negativo ao 1º grupo da Dança
Ameaçar com a nota (não fazem ginástica, não têm 1 ponto)
Fazer perguntas a quem está a falar
Alternar entre esperar que se calem e falar por cima deles
Não dei a Rumba Quadrada
Faltaram-me os pinos e as cordas (AF)
Confusão espacial na AF (leva à pouca seriedade do exercício)
Os alunos cooperam bem
Alunos empenhados
Turma cada vez mais faladora
Progressões adequadas
Quando um grupo acabava de realizar a Dança, podia ter realizado questionamento aos outros grupos sobre uma coisa bem e outra má
Conseguir o silêncio no início da aula (andei de um lado para o outro) – devo sentir-me segura em relação ao que vou fazer
Tenho que assumir que a Dança é uma coisa séria (ex da Diana: alunos fez Dança de calças de ganga mas não podia fazer Ginástica)
Na Dança, trocar as frentes
Evolui nas matérias de Dança e Ginástica
No que respeita à dimensão disciplina a turma portou-se lindamente, denoto uma consolidação de rotinas por parte dos alunos.
Em suma, considero que foi uma das minhas melhores aulas enquanto estagiário, e também no que concerne aos alunos, estes estão bem melhores do que chegaram.
As matérias da 2ª Unidade de Ensino que terão continuidade da 1ª serão Ginástica de Solo e Lançamento do Peso. As outras matérias são, de um modo geral, campos de inexperiência por parte do professor, principalmente na ginástica de Aparelhos e na Dança
Na instrução inicial, a dança foi explicada como uma dança progressiva e foi feita uma referência às danças abordadas pelos alunos nos anos anteriores. Senti-me relativamente à vontade na explicação da Dança, na instrução dos tempos e dos passos bem como na sua demonstração.
Durante o acompanhamento, senti uma insuficiência na observação dos alunos todos, intervindo apenas individualmente, neste caso, para a par. A Eliana, o Diogo e o Samuel foram identificados como alunos com mais dificuldades nesta matéria. Sendo a Mafalda, a Cátia e o João os alunos com mais aptidão para a mesma.
O clima de aula não sofreu alterações com a introdução duma matéria de alguma forma problemática, a Dança, devido à formação de pares mistos. Apesar de, no início da aula, existirem alguns comentários negativos em relação à temática da aula, todos os alunos fizeram a aula, sem qualquer tipo de comportamento fora da tarefa relacionado com a formação de pares. Os pares foram formados de acordo com a escolha dos alunos, o que poderá ter contribuído para o constatado anteriormente. Os alunos que ficavam sem par, 5 rapazes, faziam sozinhos, trocando no final da música.
Na instrução inicial, foram abordados os objectivos de UE, no entanto, não houve uma explicação mais transversal, ou seja, que abordasse também aspectos para os alunos mais fracos ou mais fortes. Não aconteceu questionamento, sendo esta uma falha de planeamento.

No entanto, a noção do objectivo para o qual estão a trabalhar garante um bom clima aluno matéria, como se verificou na Ginástica.
Em termos de disciplina o início e final das actividades foram controlados pelo professor, o que se assemelha positivo. No entanto, durante a Instrução ainda existe muitos momentos de agitação por parte dos alunos.
A aula começou pelas 10.10 com o material de Voleibol já todo montado, começando a prelecção inicial com questionamento sobre estilos de vida saudável e “TRIPLA -AMEAÇA” (demonstração da situação de 2x1 – Ricardo e Rute).
Rute Voleibol explicação do Basquetebol 2x1 e Voleibol aquecimento (1x1)
Começou C – Voleibol A- Condição Física B-Basquetebol).
2ª Rotação (C – Condição Física B-Voleibol A-Basquetebol) ;
Balanço
Balanço de aula (Linha de passe de Basquetebol; tripla ameaça)
Espaço da próxima aula
3ª Rotação (C – [INFORMAÇÃO RISCADA] Voleibol B-Condição Física NOTA TRABALHAR MAIS CONDIÇÃO FÍSICA A – Basquetebol
Co[informação não perceptível]com mobilização articular, exercício de passe picado/peito com drible com ambas as mãos (demasiado tempo na transição).
Na corrida à volta do espaço de aula nem todos perceberam o trajecto gerando confusão
Circulação e posicionamento foi uma preocupação, no entanto houve situações em que reuni erradamente
FB à distancia foi fornecido mas apenas por 3 ou 4 vezes
No final reuni e fiz o balanço focando os erros mais comuns (atletismo); sinto que podia ter focado mais coisas.
Quanto à abordagem aos novos conteúdos quero realçar a pertinência de mostrar um objecto novo para muitos dos alunos (cardiofrequencímetro) que aproximou os alunos da realidade desportiva.
Tal como aconteceu na aula anterior, também os exercícios de aquecimento específico de velocidade deveriam ter surgido antes da realização do próprio teste.
Avaliação inicial de Salto em Comprimento e Velocidade
Definição de tarefas com responsabilidade para a aluna que não trouxe material
Retoma de rotinas e organização da aula, autonomia dos alunos.
Atraso inicial dos alunos, no entanto este atraso tem vindo a diminuir na minha opinião
Conversa dos alunos no período de instrução dos alunos
Tempo no final da aula que poderia ter aproveitado para realizar alguma actividade, exemplo trabalho de força, flexibilidade
No início da aula estive muito centrado no Salto em Comprimento, descurando um pouco as outras estações
Deslocamento por todas as estações durante toda a aula
De um modo global penso que esta aula correu bem. Tal como tinha previsto depois da aula anterior, reflecti e decidi que nesta aula voltaria a organizar a aula como praticamente todas as aulas do período de avaliação inicial à excepção da anterior.
No geral a aula correu bem, tendo ainda alguns aspectos em que tenho que me preocupar mais um pouco.
Ora hoje quando exemplifiquei como se faz o lob no badminton fiz mal o movimento do lado esquerdo.
Hoje tive essa preocupação e sei que dei mais do que na última aula
Na prelecção inicial foram ainda leccionados alguns conteúdos dentro do tema “Capacidades físicas”. Assim, relacionei os testes do fitnessgram com cada capacidade física, introduzi as comparações possíveis (inter-indivíduos e com o mesmo indivíduo ao longo do tempo) através dos testes e salientei ainda a necessidade de os realizar com correcção técnica e sem faltas. Para terminar lembrei quais os indicadores externos e internos, revendo as várias intensidades da escala subjectiva de esforço, dissociando-a de indicadores objectivos como a frequência cardíaca.

No aquecimento foi interessante constatar que a maioria dos alunos já distingue mobilização articular com objectivo de preparação do organismo para a prática de actividade física, de alongamentos como forma de retorno aos níveis de repouso. Existe inclusive, por parte deles, a necessidade de corrigir o colega que está responsável pelo aquecimento (ou alongamentos no final da aula).
No grupo da patinagem foi possível verificar que dois alunos (André e Bernardo) têm grandes dificuldades em equilibrar-se na posição base. O Marco, o Bruno, o João Rosa, o Filipe e a Cátia Mendes embora já dominem a posição base e o deslize têm dificuldades em realizar a puxada de frente. A Sara C., a Joana Lopes, Joana Colaço e a Filipa embora tivessem realizado alguns exercícios base como consolidação de algumas técnicas, demonstram claramente um nível superior aos anteriores.
Apesar de nestas duas estações o controlo não ter sido muito, considero que os alunos tiveram oportunidade de repetir várias vezes os exercícios propostos cumprindo o objectivo de aperfeiçoamento técnico nas várias matérias.
Um aspecto positivo desta aula foi que todos os alunos fizeram a prática, facto este, que em todas as aulas anteriores de 45 minutos não tinha acontecido.
O aquecimento foi dinâmico e adequado à parte principal da aula.
Procurei criar intensidade no jogo e gerir da melhor forma o facto de ter alguns alunos de fora.
No grupo dos rapazes, no futebol ficaram a fazer passe frente a frente, porque só permiti o 5x5
Nesta parte da aula, tentei também questionar alguns alunos sobre os critérios de sucesso no andebol e futebol.
Registos de ginástica de aparelhos
Assertividade em relação à pontualidade, cabelos atados, relógios, etc.;
Aquecimento para introduzir alguns elementos (pirueta, salto em extensão, recepção)
Demonstração recorrendo a alunos (agentes de ensino)
Falar enquanto os alunos estavam a falar;
Não ter confirmado se o Ricardo sabia os testes (devia ter havido mais um aluno a ajudar nos testes)
Controlar mais os alunos no aquecimento (os faladores)
Ninguém a dar ajudas nos saltos
Não ter tirado o trampolim (reuther) quando foi o salto ao eixo (questões de segurança)
Não valorizei as fichas (e eles não ligarem nenhuma)
A aula correu de forma organizada e com bastante intensidade
No 1º Grupo no Basquetebol, demorou 6 minutos a começar em actividade, tenho de ter atenção a estes alunos, pois normalmente não se empenham o suficiente.
A instrução inicial foi mais curta que nas aulas anteriores e com a tentativa de sintetizar o discurso aos pontos mais importantes
O aquecimento foi demonstrado e teve alguma celeridade no seu começo. Mas ainda poderá ser feita [Instrução Inicial] duma forma mais eficiente.
Os alunos do grupo mais avançado já executam carrinho e quatro. E a trabalhar meia volta está Manuel, Rodrigo (talvez até mais avançado), João, Rui, Vasco, Francisco e Telmo?. Do outro grupo o Rafael e o Diogo precisam de treinar o Quatro, tal como a Eliana, que tem de subir o Joelho. A Mafalda e o Samuel vão praticar o carrinho. A Rafaela vai praticar o deslize à frente e juntamente com Luís vão ter aulas fora do horário. O Pedro aperfeiçoa o Quatro e passa para o Parte do Elementar. Não observei a Rita, a Cátia, a Inês, a Íris, o Miguel D e S, a Erica, a Margarida, a Beatriz.
No Basquetebol, o grupo menos avançado tem de trabalhar corredores e aclareamento.
O grupo médio tem de passar a Passe e Corte. E o grupo mais avançado tem de assumir corredores e ressalto Ofensivo e Defensivo.
Expliquei os exercícios mas esqueci-me de referir todos os critérios de êxito
Tentei fazer a circulação por fora sempre que possível
Para registar os resultados tive sempre como prioridade os alunos que estavam no badminton e que de seguida iam para a condição física.
No voleibol ficaram mais dados por recolher referente ao último grupo que esteve na condição física.

No que ao badminton diz respeito, verifiquei que alguns alunos não sabiam realizar o serviço, fazendo-o incorrectamente acima da cabeça. Notei ainda que o padrão motor de alguns alunos era muito limitado mantendo a raquete sempre na mesma posição, não conseguindo alterar a pega consoante a trajectória do volante.
Apesar de ser considerada por muitos alunos da turma como a matéria preferida[Voleibol] verifiquei na avaliação diagnóstica de voleibol que a grande dificuldade se centra na continuidade de jogo, impedindo assim visionar elevado tempo da bola no ar. De um modo geral as raparigas são as que têm mais dificuldades centrando-se entre o nível NI e PI. Quanto aos elementos do género masculino estão globalmente entre o I e o E. Ainda sem terminar a avaliação diagnóstica arrisco-me a dizer que esta deverá ser uma matéria prioritária
Quanto à organização da aula considero que poderia ser melhorada, sobretudo na troca de tarefas, se estimulasse os alunos a decorarem o seu grupo (A,B,C)
Outro aspecto que penso que nesta aula teve maior incidência está relacionado com os alunos que estavam sem fazer nada, por vezes deitados nos colchões, devo procurar evitar estes comportamentos.
Em relação ao período que defini para o teste das Extensões de Braços, penso que este foi bem aproveitado, e consegui controlar bem a execução do mesmo.
Pedir aos alunos que tirem fios, brincos, anéis, piercings, etc.
Procurei reduzir a conversa entre os alunos, adverti os alunos quando o faziam.
Ajuda e feedback nos exercícios de ginástica de solo.
Clarificação dos alunos para a próxima aula a arrumar o material e de algumas regras e sinais para a organização da aula.
Objectivos de avaliação da aptidão física cumpridos
Fluidez nas transições entre cada estação
Explicação de cada estação e do teste do fitnessgram
Conversas dos alunos durante o período de Instrução
Risos e brincadeiras durante o aquecimento
Utilização de brincos, fios, piercings dos alunos
Desmotivação dos alunos, muito parados em vez de estarem a realizar o que lhes é proposto
Acidente na trave
Esta aula foi a primeira do período de avaliação inicial, sendo este o principal objectivo da mesma. Foi por isso decidido realizar uma estação de patinagem, uma de futebol e uma de barreiras. A turma foi dividida em dois grupos, sendo que um grupo apenas realizou patinagem e outro passou pelo futebol e pelas barreiras. Este grupo realizou ainda o teste de velocidade.
Ainda na prelecção inicial, faltou a explicação dos exercícios de condição física, apesar de ser a primeira aula do período de avaliação inicial é fundamental que os alunos tenham um primeiro contacto e que experimentem estes exercícios.
No exercício de jogo lúdico poderia ter incluído alguma componente competitiva de maneira a aumentar os índices de motivação dos alunos. No entanto, considero ter sido um bom exercício de preparação, especificamente para o teste de velocidade.
De um modo global, o meu comportamento continua a ser um pouco passivo, o que poderá trazer algumas desvantagens em momentos em que a turma apresente níveis de motivação abaixo do expectável, relacionado com este facto está ainda o tom de voz monocórdico que apresento durante todas as situações da aula.
Outro aspecto que considero relevante foi não alertar para a regra de segurança relativa aos fios, brincos, pulseiras e anéis.
Na fase inicial, podia ter demonstrado e explicado melhor os exercícios de condição física bem como, a maneira como os alunos iriam trabalhar autonomamente, em grupos de 2
Consegui com esta aula, garantir algumas rotinas importantes para aulas futuras deste tipo, ginástica e perceber que os alunos conseguem trabalhar autonomamente e outros que não podem estar juntos.
O objectivo principal da aula foi cumprido, a avaliação inicial de solo, mas para além disso consegui proporcionar já aprendizagens na ginástica acrobática e mesmo no solo apesar de não ter estado próximo da maioria dos alunos a fornecer informações e correcções.
A estrutura desta aula foi bastante semelhante à da aula anterior, pelo que as principais alterações foram realizadas ao nível dos exercícios de aquecimento e na aptidão física.

No que diz respeito ao início da aula, ainda houve alunos que chegaram depois dos 5 minutos de tolerância, contudo, em menor número que a primeira aula. Voltei a referir a importância de chegarem a horas às aulas, tentando dar um tom autoritário ao discurso. Referi que havia consequências, mas não especifiquei nada em concreto.
Além do lançamento na passada, foi trabalhado o drible de protecção e o enquadramento ofensivo, úteis para serem utilizados em jogo
A estratégia de desenhar no chão o “D” e “E” para ajudar os alunos com a passada foi bastante positivo.
A utilização de bolas na aptidão física e a sua realização a pares também se demonstrou positiva e motivante, porém, os alunos encontravam-se muito dispersos pelo que não houve um controlo eficaz de todos.
Outro factor que também falhou foi não ter dado muita atenção à própria correcção dos movimentos.
A aula começou ligeiramente mais tarde mas no entanto, já existe uma maior aproximação à hora pretendida
Quando realizei o teste do Vaivém não fui claro quanto à zona saudável, também deveria ter frisado que os alunos quando terminassem o teste, não parassem repentinamente para o retorno à calma ser activo.
Utilizei questionamento várias vezes, todavia este deve ser utilizado de forma dirigido e não foi.
Na estação de Andebol o jogo condicionado resultou muito bem, conseguindo até, uma diferenciação do ensino entre os dois grupos.
Em relação ao badminton detectei que primeiro grupo tem problemas em flectir as pernas, isto é, adquirir a posição base que é bastante importante para quase todos os desportos.
Algumas rotinas organizativas parecem ter alcançado um melhoramento progressivo, outras, como o caso dos atrasos ao toque têm se mantido. Atenção, hoje já conversei com eles, mas se se continuar a verificar será necessário pensar numa estratégia alternativa.
Outra questão premente que se levantou hoje, foi a falta de material de alguns alunos. Uma falta de material simples, “esqueci-me do material” e duas birras “esqueci-me das sapateiras e não faço descalça”. Juntamente com as duas ausências à aula e à Íris que não fez a aula porque se encontrava com febre, deu um total de 6 alunos que não fizeram a aula. O Miguel Sequeira é outro problema onde terá de ser encontrada uma solução alternativa. Apenas fez uma das nove aulas.
A competência de multitarefa foi exercitada por mim, estando a ajudar no plinto e tentei observar, corrigir e controlar os outros espaços. Ainda há muita coisa que passa, mas com o treino evolui-se.
A aula terminou depois do toque com um balanço sobre esta, com um comentário do professor sobre o empenho e o trabalho autónomo
A aula teve um balanço positivo. O professor saiu satisfeito da mesma. A avaliação inicial foi concretizada com um registo da observação informal em aula. A observação da ginástica de solo foi prejudicada.
Na instrução inicial falei da organização da aula, formei os grupos e ainda disse como ia decorrer o aquecimento.
Na demonstração penso que podia ter mostrado o que era pretendido no badminton.
Hoje tentei manter-me sempre posicionado de forma a ver toda a turma, consegui [INFORMAÇÃO RISCADA] dar os 3 feedback à distância que tinha proposto e acompanhar o desenrolar das outras actividades.
Fiz a avaliação da G Solo como tinha previsto, apenas, de metade da turma.

Anexo 5 – Nível de Reflexão: Descrição e Justificação

No início da aula de hoje alguns alunos queixaram-se do cansaço muscular sentido após a aula de 3ª feira, o que mais uma vez demonstra existir uma reversibilidade das capacidades durante o período de interrupção lectiva – Páscoa.
Porém a minha flexibilidade e a permissão da troca deverá ser bem explícita a fim de não existirem casos de abandono da actividade. Todo este processo deverá garantir que o aluno conheça a sua avaliação e que perante isso consiga fazer as suas apostas.
Senti a turma mais empenhada, houve menos brincadeira e não me apercebi de comportamentos fora da tarefa. Isto pode ter acontecido pela ausência dos tais dois alunos como pode, também, ter acontecido por estarmos a abordar duas matérias que são realmente interessantes para a maior parte dos alunos.
Os alunos mais fortes fizeram jogo o tempo todo da estação, enquanto que os mais fracos iam trocando da situação de 2x2 para o 1+1. Desta forma todos poderiam passar pelo jogo, o que acho ser um estímulo importante.
Na minha opinião, e por isso é que tomei essa opção, os alunos precisam mais do 2x2 porque estimula a movimentação ainda que ela não seja, por vezes, boa o suficiente. Por outro lado, sei que é mais fácil haver jogo numa situação de 3x3 ou 4x4 porque os alunos ocupam uma maior área do espaço de jogo. O que me preocupa nesta situação é o diminuído número de repetições de toques na bola que ela promove, em detrimento do 2x2.
Tomei esta opção porque acredito que no Badminton é muito importante que os alunos experimentem jogar contra colegas com diferentes capacidades. Assim, os bons ajudam os maus a aprender jogando numa situação de cooperação (1+1) e os bons podem evoluir mais quando jogam entre si numa situação de oposição (1x1).
O que eu acho é que ainda é importante jogarem entre todos porque parece-me que o Badminton é uma matéria na qual os alunos mais fracos poderão ter mais facilidades em evoluir. No entanto, concordo plenamente que os melhores alunos poderiam evoluir mais se jogassem apenas entre si e, preferencialmente, se tivéssemos as condições espaciais ideais para promover essa evolução.
Não tenho qualquer dúvida que este é o meu ponto fraco e que tenho que o melhorar com a prática. A comunicação professor-aluno é essencial para que haja um melhor processo de ensino-aprendizagem.
também acredito que eu não me esteja a aperceber da gravidade da situação mas eu tenho tido a preocupação de garantir que os alunos percebem o que eu digo. Para confirmar essa situação, quando dou um feedback a um aluno ou grupo de alunos, pergunto sempre no final do feedback se eles perceberam realmente o que lhes disse e, quase sempre, confirmo se eles fazem ou tentam fazer o que transmiti. O que me parece é que eles percebem e tentam fazer o que lhes digo. É urgente fazer as filmagens das aulas.
Devido à queda de granizo na passada sexta-feira, o pavilhão gimnodesportivo ficou inutilizável. Assim, houve necessidade de planejar uma aula alternativa.
Outra decisão que tomei, foi abordar a temática da Educação Sexual, uma vez que em reunião do NEEF tinham já sido delineadas as principais estratégias de abordagem. Assim, dividi a turma em quatro grupos, dois de rapazes e dois de raparigas e provoqueei-os no sentido de enumerarem 3 temas que gostassem de ver discutidos na aula, relativamente à sexualidade, ao sexo oposto, aos mitos da adolescência. Após este período de reflexão cada grupo elegeu um dos tópicos e construíram uma pequena cena que o teatralizasse.
Considero que esta estratégia poderá surtir alguns efeitos pelo facto de ser algo que é criado e pensado pelos alunos, apesar de ser orientado pelo professor. No entanto, a escassez de sistematização na abordagem escolar da educação sexual bem como a falta de formação específica para tal, leva-me a reflectir sobre os benefícios que tal abordagem pode ter junto dos alunos.
A estratégia de trocar 1 ou 2 pares de dança foi benéfica, pois os alunos cooperaram uns com os outros
O registo dos valores obtidos era feito pelos alunos em folhas coladas na parede com os seus nomes e os valores obtidos no primeiro momento de teste, permitindo a observação da evolução. Esta estratégia resultou, os alunos fizeram o registo rapidamente e voltavam para o local do teste, ficando por vezes retidos perto das folhas de registo, mas quase sempre devido à verificação da evolução que estes ou os colegas tinham feito
Assim, apesar de a instrução ter sido um pouco longa, pouco dinâmica e interrompida vezes demais pelos alunos que chegavam atrasados, a gestão de tempo foi garantida graças a este

sistema de registo que provou ser eficaz.
Esta aula está enquadrada na última unidade de ensino, o professor escolheu fazer os testes antes das restantes sessões para tornar estes resultados mais significantes, na medida em que possibilitam que os alunos identifiquem as suas dificuldades e trabalhem para as melhorar.
Circulação foi feita em linha recta, junto aos contentores, e mais junto aos grupos do andebol/Porque pensei que o badminton ficasse mais autónomo
Tive preocupações explicam o ciclo do FB Uma vez que é uma falha minha por vezes[FB]/Correu bem, tendo cumprido na maioria das vezes
Sendo esta a última aula do 1º período lectivo faz todo o sentido fazer um balanço do sucedido até à data com os alunos, quer em termos individuais quer no colectivo (turma). Para esclarecer melhor todo o processo avaliativo, e porque o espaço 3 estava disponível optei por ocupar este local. Nesta medida sistematizei todas ponderações de cada área (matérias, atitudes, condição física e conhecimentos) no quadro bem como a discriminação dos níveis de ensino (introdução, elementar, avançado) e as 3 componentes que considere nas atitudes.
Atitudes – relembro que são valores fáceis de obter contudo nem todas as notas são satisfatórias pois a pontualidade e alguns comportamentos desviantes prejudicam determinados alunos.
Desta conversa com os alunos tiro algumas conclusões: Apenas 2 dos 8 alunos que terão negativa estão conscientes desse facto. Porém estou certa que em alguns casos os alunos estão mais conscientes e dizem valores mais elevados na tentativa de influenciar a classificação
Fazendo uma retrospectiva das notas finais atribuídas considero não terem sido muito satisfatórias o que me dará maior motivação para a aprendizagem que irá ocorrer no 2º período. Creio que até ao final do ano não terei um número tão acentuado de negativas e que as notas, na generalidade, subirão.
Não abdiquei da realização do jogo do mata, a fim de promover o entrosamento entre alguns alunos da turma daí que tenha utilizado os alunos mais rejeitados da turma, segundo o documento do estudo de turma (João e Érica), para escolher as equipas.
Porém, todas as actividades foram devidamente acompanhadas por mim dando uma maior prioridade ao voleibol por ser a matéria que tinha escolhido inicialmente para esta aula.
No início da aula os alunos começaram por chegar um pouco atrasados, então tal como na aula anterior, optei por iniciar o aquecimento assim que os alunos chegavam, excluindo assim o período de instrução inicial para toda a turma, uma vez que perdia muito tempo. Optei por continuar com esta estratégia pois penso que resultou muito bem na aula anterior.
Tal como já referi, não senti a necessidade de realizar esta instrução, pois já o tinha feito numa das aulas anteriores.
Na segunda parte da aula optei por incluir um exercício massivo de introdução a uma matéria que vou abordar na próxima aula, neste caso no início do próximo período. Penso que fiz um planeamento pequeno desta parte da aula, uma vez que realizei os exercícios rapidamente e ainda sobrou algum tempo para introduzir mais exercícios.
Início do aquecimento apenas com alguns alunos, de forma a não perder tempo da aula
Esta 28ª aula estava prevista para o espaço Exterior. Por esta altura, com o mau tempo que tem estado, optei por pensar numa alternativa ao plano de aula que foi pensado segundo a UE a que diz respeito. A alternativa não era complexa, pelo que não foi necessário fazer um plano para tal. Apenas me preparei para o facto de poder estar a chover e pensei numa aula de Dança dada na sala de aula.
Relativamente à parte da aula prática, enquanto durou, não correu exactamente como planeei. Tinha planeado um exercício de Corfebol para o início da parte principal da aula e acabei por me esquecer de o dar aos alunos. Entretanto, já no exercício seguinte, lembrei-me deste exercício que me tinha esquecido e optei por fazê-lo no final da aula. Como começou a chover já não dei este exercício nem deu tempo para todos os alunos passarem em todas as estações. Estou convencido que ainda estava dentro do tempo e que era possível fazer tudo o que tinha planeado
Pelo facto de ser a última aula do período, planeei a aula de modo a que os alunos estivessem no pouco tempo de prática, realmente em actividade. Para isso, dividi o campo de voleibol ao meio, formando dois campos (3x3), e utilizei as tabelas de basquetebol para fazer um jogo de lançamentos. Esta parte da sessão demorou cerca de 25 minutos e funcionou de forma bastante dinâmica.

esta aula ficou marcada pelo reduzido número de alunos que realizaram aula prática e pelo aglomerar de turmas no pavilhão que dificultou nos primeiros 45 minutos o diálogo com os alunos.
Pelo facto de serem pouco alunos, não existiram comportamentos desviantes, estava sempre próximo e o rendimento deles foi superior.
O objectivo passou por chamar aluno a aluno, no entanto, por que estive muito dinâmico por todos os espaços consegui mais avaliar do que intervir em casos críticos.
Os alunos ficaram muito afastados, dificultando a minha intervenção e controlo.
O feedback nem sempre foi pertinente mas foi mais positivo comparando com aulas anteriores.
Na parte final da sessão, coloquei alguns alunos mais fortes a funcionarem como jokers no jogo dos alunos menos fortes promovendo assim cooperação e inter-ajuda entre eles.
Tendo em conta este imprevisto, foi difícil ter uma organização espacial adequada, não por minha culpa, mas tenho que me habituar a lidar com estes imprevistos. Como consequência o Badminton ficou descurado na medida em que foi praticado sem rede. Acabou por não haver diferenciação no ensino nesta estação.
Em relação à avaliação formativa, consegui retirar registos do basquetebol de bastantes alunos pois na última unidade esta avaliação não foi permitida devido à condições climatéricas.
De acordo com os objectivos formativos do professor a um nível mais lato, a diferenciação do ensino através do planeamento mais completo e a avaliação formativa através de um planeamento mais realista. Estes objectivos parecem ter uma evolução interessante, já que surgiu uma forma de organização da avaliação formativa mais realista e mais prática, logo, mais simples de aplicar.
Em relação aos objectivos formativos em termos mais restritos, Foi realizada uma tentativa de diminuir o tempo de Instrução através da não interrupção pelos atrasos ou outros problemas de organização. Parece que este objectivo [diminuir tempo de instrução pela não interrupção por atrasos ou problemas de organização] é determinante, já que possibilitará a intervenção com barulho de fundo (o aceitável), e a correcção de comportamentos de desvio ou indisciplina o mais rápido e eficiente possível.
Em relação à organização, os aspectos organizativos merecem uma atitude mais rígida, explicando sempre a razão da regra. Este objectivo parece ser difícil de alcançar já que se afasta das características pessoais do professor.
verificou-se na terça-feira, na Dança e no Futebol, parecendo que no Atletismo os alunos tiveram tempo na estação, mas por alguma falta de empenho e acompanhamento pelo professor, não aproveitaram o tempo da melhor forma.
Na Acrobática, na aula do Ginásio C, também devido a falta de acompanhamento do professor, houve grupos que não tiveram tempo significativo de aprendizagem na estação.
Balanço final não realizado por falta de tempo pois o preenchimento da Fica de Auto-Avaliação demorou mais que o previsto/planeado.
Uma vez na actividade posicionei-me sempre estrategicamente, o que possibilitou um maior nível de feedback à distancia
A rotação não foi feita ao minuto, demorando mais no 1º grupo/Porque o grupo era maior e esperei que terminassem primeiro, enquanto o 2º grupo já veio da ginástica não necessitando que treinassem
O meu posicionamento no espaço de aula e o consequente controlo à distância foi algo que tinha verificado como menos positivo na aula anterior pelo que tive cuidados acrescidos com este factor. Por, propositadamente, não ter pedido o auxílio do meu colega Diogo na estação da escalada, a existência de alguns comentários à distância foi mais evidente uma vez que existia uma estação que requeria cuidados de segurança acrescidos e estava pela primeira vez em autonomia absoluta pelos alunos.
A observação dos gestos técnicos nas várias matérias é algo que tem evoluído desde o início do ano lectivo na medida em que agora tenho maior facilidade em detectar os erros de execução dos diversos elementos e em separar o essencial do supérfluo.
Nos três grupos formados para esta aula, apenas o grupo superior, nível Elementar apresentou uma boa dinâmica e autonomia no desempenho das actividades propostas. Os restantes grupos demonstraram alguns elementos desmotivados o que dificultou a dinâmica de trabalho e o empenho dos restantes elementos.

Depois do aquecimento, juntei a turma para uma breve instrução, referindo necessidade de empenho, alterações em relação à ficha (na aptidão física), e aspectos relacionados com a organização da aula, estações e matérias. Penso que este período foi rápido, evitando assim quebras maiores na transição do aquecimento para a parte principal da aula.
Outro aspecto em que falhei na preparação da aula foi, mais uma vez, o tempo que atribuí aos exercícios, não pelo que planeei mas pelo que estava a indicar na aula. Isto é, calculei que cada estação demorasse 10' mas a estação da condição física demora sempre muito menos tempo. Isto fez com que eu rodasse os grupos demasiado cedo, ficando muito tempo de sobra para o resto da aula.
Todas estas alterações no decorrer da aula provocaram desorganização e falta de acompanhamento aos alunos. Aspectos estes que me deram no momento um certo sentimento de frustração. Espero conseguir responder de melhor forma numa próxima situação deste género.
A aula de hoje sofreu um contratempo que alterou toda a dinâmica da mesma [vento e volante Badminton]. O problema começou logo no planeamento quando pensei em abordar o Badminton no espaço Exterior. Pensei em fazê-lo neste espaço para aproveitar a sua dimensão e assim dar mais espaço para os alunos trabalharem as técnicas pretendidas no Badminton.
Esta aula acabou por ficar marcada por um grande período de prelecção inicial conforme estava previsto. Foi necessário explicitar algumas estratégias de funcionamento da aula/UE e também de avaliação formativa que se iniciaram nesta UE. A prelecção inicial foi feita junto à parede de escalada e não debaixo das galerias, como habitualmente, pela necessidade de fornecer alguma informação relativa à escalada.
Por último, saliento dois casos que me têm despertado alguma atenção na minha turma e por razões semelhantes. O Marco e a Sara F. têm-se revelado níveis de desempenho muito superiores aos da avaliação inicial. Apesar de este facto poder estar relacionado com a minha capacidade de observação, atribuo outra explicação a este acontecimento. O relacionamento destes alunos com outros com níveis de desempenho elevados têm tido uma influência positiva no seu próprio desempenho.
Um dos aspectos que irei aferir durante esta UE é de que forma a motivação dos alunos varia com a criação de grupos homogéneos. Na visita inter-escola realizada no dia 14 de Fevereiro, deparámo-nos com a formação de grupos homogéneos já na 3ª Etapa. A justificação dada para tal foi a de que alunos muito evoluídos que já detêm o nível Avançado poderão continuar a servir de agentes de ensino para colegas com níveis inferiores. Será interessante acompanhar a evolução da relação aluno-aluno ao longo desta UE.
Não criei situações de finalização pois o espaço era reduzido, incuti marcação individual e ausência de drible.
Pareceu-me uma aula típica de um professor que está em modificação comportamental, em desafio, com objectivos novos, já que no início da sessão esta preocupação verificou-se, manifestada em alguns comportamentos, mas com o prolongar da sessão comecei a preocupar-me com outros aspectos de aula e desconcentrei-me dos objectivos propostos a mim mesmo. Esta desconcentração deveu-se, principalmente, ao impacto dos novos instrumentos de avaliação formativa nos alunos.
A progressão utilizada nos saltos do plinto parece ter funcionado, já que foram notadas melhorias substantivas na subida da bacia de muitos alunos, Samuel, Rafael, Rita, Pedro, Telmo. Esta progressão teve uma evolução nesta aula, que foi a subida do plinto com passagem para o outro lado.
No mini-trampolim esta redução do nível de prática não se verificou já que os instrumentos de avaliação formativa foram experimentados apenas por alguns.
Após a minha ausência como docente da turma devido à STI do Diogo fez para mim sentido ter uma conversa mais ligeira onde incluí algumas interações extra-curriculares.
o trabalho de condição física incluí uma estação de ginástica de solo o que me pareceu ser uma boa estratégia pela proximidade que me permitiu a uma matéria mais débil dos alunos.
Esta opção beneficiou em alguns receios de cambalhota frente (Gonçalo R.) e atrás (Cláudia, Beatriz, Midian). Sei porém que esta organização pode não ser suficiente para cumprir o nível introdução pois não se dá oportunidade aos alunos de realizar as sequências gímnicas.
A estratégia utilizada da contagem do tempo para cada alongamento (20'') foi bastante positiva uma vez que, assim, existe um maior controlo da minha parte assegurando que todos os alunos cumprem o pedido. Desta forma, deverei continuar a adoptar esta metodologia.

Nesta aula, fiz um aquecimento específico e diferenciado tendo em conta o nível dos alunos na matéria de Futebol. Assim o grupo mais forte fez o jogo dos passes, e os grupos e nível inferior realizaram um exercício de técnica individual para o Futebol. O aquecimento mostrou-se muito adequado, proveitoso para os alunos, e muito dinâmico.
Esta aula teve como aspectos negativos e pontos a melhorar o facto de ter começado a aula muito atrasado devido à complexa montagem do material; pouca autonomia dos alunos no trabalho da matéria da ginástica de solo e sobretudo falta de cooperação de alguns grupos de alunos; falta de explicação inicial e introdução dos principais batimentos do badminton e objectivos do jogo 1x1 que se tornou pouco motivante; ausência de circulação do professor pelas várias estações e acompanhamento à distancia; pouca intervenção e observação das execuções dos alunos na ginástica de solo.
Em relação ao clima aluno-tarefa, este é na ginástica de solo um problema para os alunos Fábio Contente, Mauro, David e Inês, pois tem sido difícil motivar estes alunos na medida em que, se não for com o meu incentivo estão parados.
No geral a aula correu bem com bastante tempo de pratica, sendo um ponto forte da minha constante e boa capacidade manipulativa
A aula terminou com o professor a fazer o balanço da aula, reforçando a necessidade de trazerem para a próxima aula a definição de treino pois haverá um questionamento sobre esta matéria proporcionando assim discussão sobre o tema.
Na prelecção inicial tive a preocupação de lembrar a regra do andebol respeitante à área restrita do guarda-redes, visto que na UE anterior tinha reparado que os alunos não sabiam esta regra.
Tal como já havia acontecido na anterior abordagem à patinagem, também desta vez resultou a organização proposta. O jogo desta vez foi o hóquei em patins tendo sido uma motivação para os alunos.
A aula de hoje, decorrida no Ginásio Verde, deu continuidade à última aula decorrida neste espaço. Contudo, fiz algumas alterações relativamente à última aula que foram sugeridas pelo orientador e me pareceram pertinentes.
Enquanto que na última aula todos os alunos fizeram os testes de abdominais e extensões de braços ao mesmo tempo e no início da aula, os testes avaliados hoje tinham características que não podiam ser executados da mesma forma. Assim, o aluno que não fez aula foi chamando um colega de cada vez para fazer os testes enquanto a restante turma trabalhava normalmente nas várias estações.
Outra alteração nesta aula foi a rotação dos grupos. Em vez de quatro estações em que os alunos rodavam de 10 em 10', dividi em duas grandes estações, uma de Voleibol e outra de Ginástica e Condição Física (CF). Ao fim de 10' os alunos trocavam entre as estações de Ginástica e CF enquanto que os restantes alunos se mantinham no Voleibol. Ao fim de 20' os dois grandes grupos trocavam e seguia-se a mesma rotação. Desta forma é possível poupar algum tempo nas transições de estação e os alunos não passam duas vezes pelo Voleibol como aconteceu na aula anterior.
Não fiz balanço em relação aos objectivos nem auto-avaliação (aula muito curta – optei por deixar os alunos mais tempo nas estações, deixando o balanço para a outra aula)
Capacidade de mudar o exercício de 3x3 no voleibol pois o grupo 2 estava a ter insucesso.
Aumentar a altura das barreiras fez com que os alunos tivessem que ter mais atenção à técnica das barreiras
Tive mais cuidado na minha colocação, procurando andar sempre à volta do espaço e não estar de costas para a turma
Não foi realizada AF (opção pela falta de tempo)
A utilização de contagem de tempo nas barreiras foi um factor motivacional muito bom
Não sendo a Ginástica Acrobática uma matéria prioritária foram definidos objectivos de acordo com a carga horária disponibilizada para tal, não sendo possível cumprir os objectivos definidas nas orientações do sub-departamento
Sendo a principal falha às competências terminais definidas para o 9ºano a não utilização da elaboração de uma sequência. Esta decisão foi tomada de acordo com o tempo disponível para cumprir os objectivos da Ginástica Acrobática, tal como com a constatação da dificuldade da turma em trabalho autónomo, verificada na definição de uma sequência em Ginástica de Solo (matéria prioritária em Plano Plurianual e confirmada em Plano Anual). As decisões tomadas por mim ao nível da definição de objectivos a nível macro e micro são de alguma forma validadas pelo Projecto Curricular de EF e pelo Plano Plurianual para o período trianual de 2010 a 2013.

Os níveis aferidos pelos professores observadores foram inferiores aos obtidos na avaliação formativa. Surgem assim duas linhas de raciocínio. Primeira, a avaliação formativa e contínua origina resultados mais satisfatórios. Tal como Black & William (1998) afirmam, os alunos que frequentam aulas onde a avaliação é essencialmente formativa aprendem significativamente mais e melhor do que os alunos que frequentam aulas em que a avaliação é sobretudo sumativa. Segunda, a minha sistematização da observação dos alunos e a utilização de ferramentas de avaliação formativa ainda não se tornou eficiente e os resultados obtidos surgem da potenciação de um clima positivo aluno-professor, não correspondendo às reais capacidades dos alunos. Mais do que a polarização de um dos extremos mencionados parece-me que o que acontece é um pouco dos dois, havendo alguma observação não sistematizada, mas também alguns dos resultados positivos são, certamente, do processo de avaliação formativa planeado por mim.
Aula com funcionamento diferente das anteriores/Devido à ida de alguns alunos para a Galiza
Parte inicial correu de forma organizada a permitir a avaliação da patinagem na que faltavam e os testes nos que vão à Galiza./[PQ] Fechar a matéria
Situação de torneio no Badminton decorreu sem grandes FB/[PQ] Preocupação com os testes do Fitnessgram
Em média as notas dos alunos corresponderam à nota que irão ter o que revela terem noção do trabalho desenvolvido ao longo do ano.
Por ser a última aula do período, nos restantes 45 minutos da aula, cedi ao pedido dos alunos para realizarem duas das modalidades para as quais estão inscritos na semana de EF. Assim, o grupo de raparigas foi jogar voleibol e os rapazes futebol.
Iniciei esta aula com uma breve revisão das regras da disciplina, lembrando que faltam poucas aulas para o final do ano lectivo, o que implica a necessidade de aumentar o empenho como forma de atingir os objectivos.
Iniciei o aquecimento com o jogo dos passes, organizei os jogos consoante os grupos formados para a aula, facto que me permitiu organizar rapidamente o jogo. Também o conhecimento do jogo e das regras por parte dos alunos facilitou os processos de organização.
Na parte final da aula, realizei um mini torneio de Basquetebol, como forma de motivar os alunos onde também participei tornando mais competitivo o jogo, vontade dos alunos em vencer a equipa do professor. Penso ter sido uma estratégia muito positiva e que poderei adoptar em outras situações.
No final da aula mostrei os dados de avaliação formativa e sumativa do 2º período, como forma de explicar as matérias prioritárias para os alunos neste último período, enquadrando os alunos no processo de avaliação e de aprendizagem.
Participação do professor em tarefas da aula – motivante
Por um lado foi bom não conseguir trabalhar o que tinha planeado porque os alunos mais fortes iam trabalhar o remate em suspensão e hoje, pela situação de aprendizagem que utilizei, verifiquei que os alunos precisam de exercícios mais simples
Nesta UE, a recolha de informação admite uma importância fundamental uma vez que é a última do período. No entanto, nem sempre é possível dissociar-me completamente do acompanhamento efectivo das actividades.
A aula teve as rotinas da aula anterior, desta forma o tempo potencial de aprendizagem foi aumentado, pois ocorreram de forma mais rápida as transições.
Em relação ao Voleibol, o grupo mais fraco ainda demonstra muita dificuldade em jogo 2x2 pois no critério "Utiliza ou passe ou manchete" os alunos não sabem qual a decisão acertada.
No entanto, os alunos aprenderam a dança de uma forma rápida, já que alguns alunos, Mafalda, Beatriz, Iris, os repetentes ou provenientes de outra turma, já tinham aprendido a dança, podendo ajudar os colegas e tornar o processo de aprendizagem mais rápido e eficaz.
Na segunda parte da aula a turma libertou-se. De que modo? A turma tinha sido acompanhada de perto, no ginásio C, não permitindo qualquer tipo de desconcentração. Parece-me que assim que o professor ficou preocupado com outras tarefas não relacionadas com a gestão da disciplina ou prevenção da indisciplina que os alunos aproveitaram este momento, devido às suas características intrínsecas de jovens e à agitação particular da turma. Assim, o professor não conseguiu controlar todos os aspectos da aula, sendo muitas vezes o acompanhamento das tarefas o mais prejudicado o que proporcionou vários episódios de indisciplina e comportamentos desviantes.
Aula começou com palestra inicial explicando a nova organização/Porque houve alteração do espaço disponível, existindo adaptação no número de estações e matérias, assim como das

rotinas organizacionais.
Tentei impor dinâmica no andebol, focando a minha atenção nesta estação e não tanto na ginástica./[PQ]Tentei criar ritmo nas situações do andebol para nas próximas aulas ajudar mais na ginástica e deixar o andebol mais autónomo, pois já sabem o que fazer
Circulação foi algo reduzida, ficando muitas vezes no andebol parado. Aqui conseguia ver toda a aula controlando a prática com FB à distância/ [Quis]Criar ritmo nas situações de andebol
Aula terminou para lá da hora/ [PQ] Distracção
Sendo esta a primeira aula da UE que antecede o final do período lectivo considerei essencial dar a conhecer aos alunos como iriam ocorrer os registos para avaliação, tal como já havia ocorrido em aulas anteriores. Além da importância na transparência dos processos avaliativos com os alunos, dar-lhes a conhecer a avaliação poderá ser uma excelente forma de os motivar para uma prática mais intensa nas aulas.
A revisão aconteceu sobre a forma de questionamento dirigido o qual nem sempre foi bem respondido pelos alunos. Considero esta síntese ter sido fundamental pois deu oportunidade aos alunos menos estudiosos para tirarem, no mínimo, nota positiva no teste escrito. Agora, estou bastante curiosa quanto aos resultados que os alunos irão obter e, como é óbvio, desejo que sejam bons!
Penso que tanto eu como os alunos nos sentimos confortáveis na estrutura de aula que lhes apresentei pelo que, em princípio, esta será mantida ao longo da UE. Além disso, em termos espaciais pareceu-me esta ser uma solução bastante viável.
Acabei por não realizar os dois exercícios propostos pois optei por dar maior tempo de prática a este exercício, evitando assim que cada aluno fizesse apenas 2/3 vezes o exercício
Em comparação com o sucedido na AI, o receio em saltar a fasquia foi amplamente diminuído, embora ainda não esteja completamente anulado. Penso que no auxílio desta diminuição esteve a apresentação aos alunos de uma progressão (uma tábua apoiada em dois cones) onde a altura da fasquia era consideravelmente mais baixa e onde os alunos tiveram oportunidade de mecanizar o movimento pretendido
Senti que as progressões pedagógicas e os feedbacks dados produziram efectivamente resultados. Exemplo disso mesmo é a realização do elemento proposto com o base encostado à parede
As progressões apresentadas para o pino no espaldar foram bem aceites pelos alunos, tendo eu visto alunos que nunca o tinham feito a experimentar estas situações
Quanto aos períodos da aula orientados pelos alunos sinto que a rotina organizacional está criada mas que o conjunto de dinâmicas propostas pelos alunos está por vezes esquecido, o que será normal visto não ter adoptado esta estratégia na UE.
Tive algumas dificuldades na gestão temporal da aula, uma vez que a instrução foi longa e o aquecimento também, pois perdi mais tempo a explicar.
Também a primeira rotação demorou mais tempo que as seguintes, o que levou a que um grupo não tenha passado por uma estação.
Na estação do salto de eixo os alunos sentiram dificuldades, uma vez que não usaram as progressões que defini nas fichas de grupo, excepto quando eu dizia a eles para fazerem.
Senti ainda algumas dificuldades no controlo e acompanhamento de toda a turma, pois tive muito centrado nas estações de salto de eixo e mini-trampolim.
Continuar a adoptar a estratégia será de apitar quando sentir necessidade para que os alunos se calem, no entanto não quero recorrer a esta estratégia muitas vezes para que os alunos não a entendam como vulgar
Penso que eu sou o principal problema aqui, não tenho sido ríspido quando é necessário. A questão é que os alunos não se portam mal, logo não consigo dar-lhes um sermão mais agressivo.
Em relação a este último, por exemplo, hoje tinha duas estações de Voleibol, numa tinha jogo 4x4 e na outra os alunos trabalhavam a técnica do toque de dedos e manchete. Deveria ter identificado quem precisava mais de estar a trabalhar a técnica, em vez de estar no jogo, e alterar no momento. Ainda tenho que praticar isto porque não é fácil, com a rotação dos grupos pelas estações, garantir que todos os alunos passam em todas as estações.
A minha visão sobre a aula é muito superficial, pelo que tenho que melhorar bastante esta capacidade que é essencial num professor.

No plano de aula devem estar perfeitamente definidas as minhas prioridades de intervenção, para que possa focalizar a minha atenção numa matéria ou elemento, aumentando a qualidade da intervenção;
à semelhança da condição física verifica-se um acompanhamento pouco efectivo da minha parte, visto que por vezes forneço feedback e não verifico se há realmente mudança de comportamento
Pelo facto de o espaço disponível ter sido bastante reduzido, as várias estações não estiveram muito organizadas, e os alunos estiveram muito próximos.
Na instrução inicial, explicitiei apenas as matérias e tarefas da aula pois havia muito ruído no pavilhão.
De seguida, o aquecimento também esteve condicionado pelo espaço disponível.
Grupos a mostrar a Dança faz com que os alunos se tenham empenhado
Em relação ao clima aluno-tarefa, também correu de forma positiva, pois todos os alunos trabalharam para o seu respectivo nível e de forma motivada
A avaliação inicial nesta matéria não foi realizada, já que a informação recolhida junto do professor do ano anterior, mostrou que a maior parte da turma tem um nível de prática baixo nesta matéria. Assim, esta primeira aula serviu também como um momento de observação e avaliação inicial. A segunda, no Ginásio C, serviu para rectificar alguns erros comuns à turma, dançar fora da música e do ritmo, passo de canto realizado incorrectamente.
A demonstração foi feita com a Mafalda, numa tentativa de vincular a aluna à disciplina de EF, através da sua matéria mais forte e preferida.
A demonstração foi realizada, sendo necessário tomar atenção aos alunos que são escolhidos para demonstrar, correndo o risco de ter de salientar muitos erros, desmotivando assim o aluno para a prática.
1ª rotação bastante longa prepositado para os alunos do Grupo A + fracos aptidão física);
Distribuição dos grupos pelas estações de forma rápida, optando por colocar o futebol a funcionar primeiro explicando depois o volei/ Porque o primeiro grupo que foi para o futebol é mais forte no volei e não era necessário tanto xxxxlítico
Troca de estações mais demorada que o previsto pois faltaram 3 alunos do grupo mais fraco/Desorganizou-se as equipas para Futebol
Terminada a 1ª UE da 2ª etapa achei por bem fazer um resumo de todos os conteúdos teóricos abordados durante esta UE. Assim sendo e como estratégia para compreender a retenção por parte dos alunos utilizei o questionamento fechado e dirigido para os alunos (preferencialmente aqueles que estavam mais desatentos ou que através da expressão compreendi a sua insegurança na resposta). Penso que resultou bem, mas realço que ainda existem alunos com dificuldades na compreensão dos conteúdos.
Ainda no que respeita a esta matéria tinha previsto a realização de uma forma lúdica (jogo caça pinos), mas acabei por não fazer por considerar que seria muito difícil para alguns alunos. Todavia, sei que este tipo de soluções didácticas deverá surgir como forma de motivação dos alunos.
Quanto às situações proporcionadas no futebol penso que até estariam ajustadas aos objectivos da aula porém, não as apliquei na forma que tinha planeado, apenas por uma razão simplista de organização, o que levou a que muitas raparigas passassem o jogo na conversa. É sem duvida importante a presença de jogos reduzidos.
Em ambas as matérias saliento a necessidade e importância de juntar elementos que fossem mais aptos com aqueles menos aptos. Nesse sentido, no futebol fiz essa associação no inicio da aula enquanto esperava os alunos que tinham ido buscar os patins.
Penso que estes processos estão automatizados pelos alunos, uma vez que não há dúvidas nos momentos de rotação e os mesmos são rápidos.
Uma das estratégias que introduzi nesta aula foi definir objectivos para as estações mais críticas, que poderiam provocar a falta de motivação e de empenho. Nomeadamente a estação de Velocidade onde coloquei uma competição de 1 contra 1, e cada aluno tinha de realizar pelo menos uma corrida com cada 1 dos restantes colegas do grupo e na estação de Salto em Comprimento coloquei marcas, para que no salto seguinte o aluno tenha o objectivo de melhorar o seu salto. Estas estratégias tiveram o resultado que previa, uma vez que foi das aulas onde os alunos tiveram mais empenhados para a prática das actividades propostas.
Posicionamento em relação às estações, procurei ter sempre todos os alunos à minha frente, gradualmente o meu deslocamento nesta aula foi melhorando

Definição de objectivos para o Salto em Comprimento e Velocidade de forma a motivar e empenhar os alunos nas tarefas, penso que esta medida teve sucesso
Aquecimento com pouca dinâmica, devido principalmente ao espaço ser grande e pouco alunos a apanhar
Na aula de hoje tive que alterar um pouco o que tinha planeado. Estava convencido que iria conseguir fazer uma segunda fase de AI de basquetebol em que iria juntar os alunos por níveis, mas acabei por não ter tempo para isso.
comecei logo por falhar na colocação da aparelhagem para o teste do vai-vem. A aparelhagem estava de um lado do pavilhão, que era onde estava a tomada, e eu tinha idealizado fazer o teste do outro lado do pavilhão. Isto resultou nos alunos a fazerem o teste com a aparelhagem no outro lado do pavilhão porque eu não me lembrei de fazer o teste do lado que estava a aparelhagem. Visto que os restantes alunos estavam a fazer o aquecimento no meio poderia ter havido alguma confusão por cauda do barulho, mas o som era bem audível e os três alunos que estavam a fazer o teste fizeram-no naturalmente.
A seguir fiz um exercício de basquetebol que pensei ser muito bom para fazer aquecimento específico e princípio de AI da matéria, visto que incluía o drible, rotações, passes, e recepção
Quando acabei com as estações do badminton e do basquetebol não disse aos alunos para arrumarem logo o material, principalmente porque os exercícios a seguir eram sentados e não havia perigo em termos de segurança.
Esta aula, pertencendo à 2ª etapa, pretendeu reflectir a necessidade de novas aprendizagens na maioria dos alunos. Para isso foram construídos dois grupos heterogéneos, tendo como principal critério, a formação de um grupo com alunos mais fracos na patinagem com juntamente com três alunos de nível elementar, que pudessem servir de modelo de aprendizagem. Também para o treino da resistência foram criados três grupos com base nos resultados do teste do vaivém.
Verifica-se também uma maior autonomia dos alunos nestas duas partes da aula [Aquecimento e Mobilização Articular], o que é um aspecto positivo. Para isso penso ter contribuído a minha estratégia de progressivo afastamento desta tarefa, supervisionando e ajudando apenas quando algum aluno com maior dificuldade.
No exercício de resistência, optei por introduzir um pequeno factor de competição, como forma de motivação: o grupo que se aproximasse mais do tempo alvo por volta, ganharia um ponto. Esta condicionante acabou por concorrer para o sucesso do exercício, uma vez que os alunos já não paravam na zona de contagem e de forma global, pareceram-me ajustados os percursos a cada aluno.
Optei por organizar as matérias em 3 estações: Patinagem, andebol e barreiras. Sendo que um grupo apenas realizou patinagem e o outro realizou andebol e barreiras. Esta opção prende-se com questões logísticas uma vez que a colocação dos patins ainda demora algum tempo.
Nesta lógica de organização a minha intenção seria dar/exemplificar um conjunto de exercícios de base para depois me deslocar para as outras estações enquanto os alunos da patinagem repetiam os exercícios propostos. No entanto, esta estratégia não funcionou da melhor maneira, uma vez que nem todos os alunos realizaram os exercícios autonomamente. Deste modo o meu acompanhamento nas barreiras e no andebol foi pouco efectivo, tendo apenas corrigido erros globais, e orientado o meu feedback para o grupo, descurando os erros individuais.
As diferenças do sucesso desta tarefa da aula anterior para a presente, permitem reflectir sobre a necessidade de repetição dos exercícios, no entanto esta repetição deve acontecer de forma equilibrada. Assim deve ser repetido o número de vezes necessário para garantir a eficiência desejada, não comprometendo a motivação dos alunos para a realização do mesmo.
Na instrução inicial, organizei os alunos na área da baliza tendo como referência essa mesma linha. A minha preocupação foi explicitar aos alunos os critérios de sucesso no jogo de andebol e futebol, para durante a parte principal incidir nesses aspectos interrompendo o jogo várias vezes.
Demorei algum tempo na formação das equipas, porque não esperava que todos os alunos fizessem aula.
Durante a parte principal, procurei intervir ao máximo, forneci feedbacks sobretudo ao grupo/equipa porque o sucesso de um aluno numa determinada acção está sempre dependente da atitude dos companheiros de equipa.
Ao longo de toda aula, mantive uma postura bastante rígida e um tom de voz agressivo, bastante interventivo, esses factos aumentam a concentração e a aplicação dos alunos na tarefa, promovendo também a aquisição de conhecimentos básicos sobre o jogo.

Reforço sobre a importância de trabalhar na ginástica de solo (que vão ser avaliados no final do período)
Melhor no que respeita à disciplina, pois a turma já ouve melhor aquilo que eu digo
Nesta aula tentei prever momentos e pormenores que prejudicassem a organização geral da aula. Assim, fui mais cedo para o local da aula e preparei todo o material e, talvez mais importante, coloquei as fitas e o papel com as equipas prontas no local onde queria que os alunos se juntassem. Apesar de ser importante garantir alguma autonomia aos alunos, talvez neste momento seja melhor começar por baixo e garantir estes pequenos aspectos organização para potenciar o restante tempo e as restantes preocupações do professor.
Muitas das situações poderão ser previstas em planeamento, outras surgem com a experiência. Esta aula surge como exemplo para tal. Já é a terceira aula com esta estrutura que a turma tem, o que contribua para o melhor funcionamento dentro dela.
Bastantes alterações ao plano de aula, uma vez que tive que retomar dados dos alunos em vários testes de aptidão física
Aquecimento mais demorado, não possibilitando mobilização articular Porque dei prioridade às rotinas organizacionais
No que respeita à autonomia concedida aos alunos para a realização das medições de peso e altura foram capazes sem eu ter que passar muitas vezes por aquela estação o que me permitiu tal como esperado realizar a avaliação diagnóstica das matérias. Depois de ter visto a aula do professor Hamilton e tendo eu o curso do ISAK, teria obrigação de ser mais rigorosa nos procedimentos utilizados para a medição da altura, nomeadamente na superfície que se coloca na cabeça para ver a altura.
Em suma, cruzando os objectivos propostos para esta aula e as estratégias de deslocação do professor utilizadas para a anotação do nível dos alunos parece-me ter sido ajustada para o badminton pois apenas não tenho os dados de duas alunas.
A rede de voleibol ficou muito baixa o que poderá ter causado a desmotivação dos alunos que ficaram em último lugar na condição física.
No exercício/jogo de badminton deveria ter esclarecido melhor a questão da troca de campo para discriminar mais facilmente o nível dos alunos. Mais um indicador de que a prelecção deve ser algo minucioso e transmitido com a máxima atenção dos alunos, provavelmente neste caso a reunião dos alunos perto de mim seria a solução.
De um modo geral a aula foi boa. No entanto revelei algumas dificuldades de manter os alunos constantemente em actividade, principalmente nos períodos finais da aula. Este facto deveu-se sobretudo aos longos períodos de tempo definidos para cada estação.
Continuar a pedir para os alunos se sentem em U, para que estes nas próximas aulas o façam de uma forma autónoma
Deslocamento e posicionamento nos exercícios, procurei ter sempre os alunos à minha frente, controlando a prática destes
Defini tarefas durante a aula a uma aluna que estava de fora sem fazer aula
Má gestão do tempo de aula, muito tempo para cada estação
Nesta aula consegui preparar e montar o material com antecedência, assim não perdi qualquer tempo durante a aula para montagem do material, visto que as estações já estavam montadas
A divisão dos grupos foi feita com base nas impressões retiradas da primeira aula, assim foi criado um grupo com os alunos mais hábeis que iniciou a patinagem nesta aula.
No que concerne à aula na sua parte principal, penso que o facto de estar a abordar 2 matérias de trabalho individual mais uma de condição física, dificultou a minha tarefa de controlo e maximização do tempo da prática dos alunos. Existiram vários alunos que estiveram pouco tempo em actividade, até porque não houve preocupação minha na formação de grupos.
Tinha também planeado colocar uma condicionante nos jogos de basquetebol e futebol que era a de não se poder roubar a bola ao jogador com a sua posse. Porém, esqueci-me de a referir aos alunos, o que, após reflexão, percebi que não fazia sentido, uma vez que estamos em Avaliação Inicial e não devemos condicionar as situações previstas
Ao nível da formação de equipas, nesta aula procurei misturar mais os géneros, o que não correu tão bem, pois os grupos ficaram heterogéneos e, não havendo grande cooperação por parte de alguns alunos, demonstrou-se uma estratégia mal conseguida.
Os dois jogos de futebol 5x5 foram realizados nos campos transversais, o que também se demonstrou como um espaço pequeno para o número de jogadores, o que provocou maiores dificuldades da minha parte em observar.

Em simultâneo aos jogos de futebol, existiu uma estação de passe e recepção. Uma vez que me foquei nos jogos, só estive nesta estação quando trocava os alunos e lhes explicava o que era para fazer.
Aquando a demonstração das estações foi muito bom ter levado os alunos aos locais, pois a informação foi demonstrada de forma clara.
A aula iniciou-se fluidamente, com a opção de instrução mais demorada pós-aquecimento. Este sistema funcionou. Perdeu-se muito tempo a montar o material, mas parece normal, visto ser o início, e a primeira vez que trabalhamos juntos naquele espaço.
Os alunos pareceram abertos às matérias de Ginástica Acrobática e de Aparelhos, mantendo-se alguma desmotivação e reduzido nível de prática na ginástica de Solo. Quase todos me pareceram realizar os elementos técnicos propostos, menos aqueles que provavelmente não fizeram porque o meu controle era reduzido.
O espaço reduzido do Ginásio C tornou o sistema de rotações fácil de gerir com transições rápidas, no entanto, houve uma confusão na gestão do tempo, que retirou tempo da última estação
No final devido à escassez de tempo não fiz o retorno à calma, sendo só feita a arrumação do material pelos alunos.

Anexo 6 - Nível de Reflexão: Descrição e Alteração

Embora no plano de etapa não tenha equacionado o facto de os alunos puderem trocar de estação com o objectivo de obterem um nível mais alto na disciplina da ginástica que pretendem trabalhar deverei precaver tal situação na próxima aula
Captar a atenção de alunos durante períodos de prelecção
Acompanhar restantes estações, e controlar testes também à distância
Início da actividade lento nas estações que não houve demonstração. Demonstrar todas as estações
Para além destes casos o Rúben e o Ricardo são os casos em que existe uma sobrevalorização por parte dos referidos alunos, o que me fará acautelar para a observação das matérias no 2º período
Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas; Realçar que os exercícios da aula estão nas folhas;
Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula
Controlar e acompanhar toda a turma, quando estou a intervir numa estação
Na próxima aula, neste espaço, vou falar com os alunos para alertá-los dos erros que cometeram nesta aula.
Passado a parte dos alongamentos, referi como em aulas anteriores que esta função irá começar a ser desempenhada por um par de alunos a partir do próximo período
Pretendo adoptar para a próxima unidade de ensino a formulação de grupos heterogéneos que previnam estas situações de desmotivação de alguns alunos.
Motivar e empenhar para a necessidade de realizar as tarefas durante o tempo em que estão na estação
Reformulação dos grupos
Acompanhamento similar de todas as estações
Períodos de observação
Estes dois aspectos[vento-Badminton e tempo excessivo para CF] criarem alguma preocupação e tempo de reflexão sobre a organização da aula que me distraíram e que eu não consegui corresponder. Relativamente ao Badminton, nunca deveria ter pensado nesta matéria para este espaço. A condição física apenas precisava que lhes atribuisse uma outra tarefa, como corrida lenta até concluir os 10', e já não teria problemas neste aspecto.
Sabendo que a quantidade de informação foi considerável importa testar a capacidade de retenção dos alunos. Assim na próxima aula, terão que ser revistas as estratégias que foram explicadas, para garantir que não há perda de informação.
No início da aula, aquando da consulta do plano de aula, deparei-me com um erro de planeamento: apenas tinha previsto 4 estações para 5 grupos. A minha decisão no momento foi a de separar a Ginástica de solo e Acrobática e assim criar duas estações autónomas. Considero ter sido uma boa opção.
O Mauro, Danilo e David voltaram a chegar atrasados, na próxima aula estão avisados que têm de chegar a horas
No circuito de CF os alunos mostraram interesse nos seus resultados do Fitnessgram e foram notados alguns exemplos de aumento de significância na tarefa. A Erica e a Rita, a Inês e a Iris. Penso que antes da 2ª aplicação dos testes, os alunos ganharão muito se lhes for fornecida uma ficha individual com os resultados do Fitnessgram e as melhorias a fazer, tal como os valores da ZSAF.
Assim, parece-me que a pós-reflexão desta aula orientada para os instrumentos de avaliação formativa deve orientá-los para a simplicidade e para aplicabilidade aos alunos e à dinâmica de aula.
Necessidade de realçar a importância do empenho e motivação na aula, para cumprimento dos objectivos
Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula
Dirigir feedback no Andebol
Relativamente ao planeamento da aula, é essencial que comece a especificar mais, no plano de aula, as componentes críticas dos exercícios que vão ser trabalhados na aula. Durante a mesma, são essas componentes críticas que tenho que transmitir, de forma explícita, aos alunos. Esta parte do plano é um aspecto que tenho que alterar urgentemente, vou começar a colocar apenas o essencial que pretendo de cada aula em cada exercício.

Tenho que ser mais assertivo com os alunos e aplicar reprimendas quando não respeitarem o que é pedido. Tenho mesmo que começar a mandar sentar os alunos que não respeitem ordens.
Ainda em relação ao planeamento da aula, vou criar na próxima aula mais exercícios de relação com bola para o Futebol (ex.: passe contra a parede, circuito de condução de bola).
No que diz respeito a estação de Basquetebol foi priorizado pelo professor a situação de 3x1 pelo que na próxima aula deverá acontecer mais situação de jogo(3x3)
Mais tempo de jogo
Tentar não ficar com os alunos nas costas
Na execução do exercício deparei-me com melhorias em relação aos conteúdos abordados mas com o desconhecimento de outras regras pelo que deverei dar ênfase a estes conteúdos ao longo da UE.
Técnica de transmissão – Descendente. à Neste caso referi apenas que os alunos deviam transmitir da mão direita para a esquerda do colega. Na próxima aula deverei dar maior ênfase à troca rápida do testemunho assim que recebo do meu colega
Embora com esta entrega esteja concluída esta área de extensão da EF se na correcção dos trabalhos verificar algum erro comum deverei esclarecer no início das aulas.
Garantir período de instrução sem interrupções
Próxima aula voltar a falar das características da próxima etapa e procurar motivar os alunos nas tarefas
Penso que os alunos estiveram empenhados na realização das actividades propostas, no entanto deve ser ponderado um maior acompanhamento da estação de aptidão física.
Aumentar períodos de observação
Maior acompanhamento da estação de aptidão física
À semelhança do que aconteceu na UE anterior (na corrida de barreiras), será necessário fornecer alguma informação de retorno relativamente ao nível em que os alunos se encontram em cada matéria.
Relativamente ao plano de aula, importará sistematizar de forma mais explícita as actividades que cada grupo faz em cada aula, bem como os exercícios específicos para cada grupo.
Nesta aula foi menos notório do que seria de esperar a resiliência dos alunos à matéria. Contudo, e prevenindo esta situação deverei apresentar uma situação didáctica/jogo complementar onde possa existir prática motora específica evitando a desmotivação
Ainda existem alunos que devido a receios não realizam de todo os elementos propostos. Poderei experimentar uma estratégia proposta pela professora Fernanda Santinha onde quem não faz não troca de estação
A rotação de todos os alunos por todas as matérias acabou por não se efectivar pelo que poderá ser interessante esta abordagem na próxima aula com estrutura idêntica (3ªf).
Reforçar importância de chegar a horas e de se manterem em silêncio
Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas
Controlar e acompanhar toda a turma de igual
Reforçar importância de estar em prática até trocar de estação
Reforçar que devem de estar empenhados em todos os exercícios
Apesar de ser uma das matérias em que estou menos à vontade [Dança], a minha postura enquanto líder terá que ser mais descontraída, mais apelativa e mais condizente com a mensagem que a própria música e a expressividade que dela advém.
Importa também salientar a fraca qualidade de execução que os alunos demonstraram principalmente nas fitballs e nos elásticos. Como estratégia de prevenção poderia ter identificado a priori na prelecção inicial os erros típicos de cada exercício proposto. Meio que utilizarei na próxima aula com os erros mais comuns diagnosticados nesta aula.
Outro factor determinante para o sucesso do trabalho de condição física é a correcta execução técnica dos exercícios. O meu acompanhamento durante esta parte de aula terá que incidir em duas estações mais prioritárias (fitballs e elásticos) por forma a focalizar a minha atenção
Podia ter substituído os exercícios de condição física por exercícios de drible, passe e recepção ao nível do Basquetebol.
A organização deverá ser melhor pensada em Revisão de Plano de UE.
No Ginásio A, o acompanhamento do Badminton foi assumido como prioritário, apesar da ginástica de solo ter como prevista uma maior solicitação dos alunos. Foi então o que se verificou, o professor tentava dirigir-se e manter a sua circulação e posição na estação de Badminton, sendo muito solicitado pelos alunos da ginástica, por vezes cedi a esta solicitação.

Na próxima será necessário dar um acompanhamento não só ao Badminton como ao mini-trampolim, dando alguma liberdade, mas garantindo autonomia, na estação de Ginástica de Solo.
3ª Rotação (C – INFORMAÇÃO RISCADA Voleibol B-Condição Física NOTA TRABALHAR MAIS CONDIÇÃO FÍSICA A – Basquetebol
Serviço por baixo urgente próxima aula
Palestra Inicial esqueci-me de referir alguns Objectivos do Voleibol/Escriver uns tópicos que me lembrem
Sobre esta área de instrução dos conhecimentos importa sistematizar alguns indicadores que facilitarão a compreensão por parte dos alunos: · Utilização de meios auxiliares de ensino (ex: quadro); · Utilização de alunos que demonstrem; · Separação de conteúdos, ou seja, durante a prelecção é importante que oriente no sentido da mudança de tema. Esta orientação pode ser feita de várias formas: i) alteração do tipo de voz; ii) representação esquemática e organizada no quadro
Na patinagem, e por ter optado pela realização de grupos heterogéneos, será interessante da próxima vez que estivermos neste espaço responsabilizar um aluno para os exercícios básicos de adaptação desta matéria, tal como já acontece na parte inicial da aula durante o aquecimento.
Período de instrução mais centrado nos objectivos dos exercícios
Em futuras aulas, aprofundarei este tema, incidindo sobre as fontes energéticas e o ritmo de respiração durante a corrida.
Alunos muito juntos no aquecimento (colocar pinos para se afastarem mais)
Só falar quando os alunos se calam
Ginástica – próximas aulas criar progressões; colocar uma zona onde os alunos treinam uma sequência (para o Nível Introdutório ou Elementar) e outra zona onde eles treinam os elementos isoladamente);
Outra preocupação do professor foi o controlo do tempo duma forma mais certa. Controlando as rotações e garantindo tempo significativo para todos os grupos em cada estação. Sendo que um grupo esteve durante mais tempo na patinagem, logo, na próxima aula começa no Basquetebol.
Penso que a aula no geral correu bem, no entanto é de evitar a realização dos testes de aptidão física numa só aula
Penso que a montagem do material correu bem apenas a apontar dois aspectos que podem melhorar para uma futura intervenção: i) aliar a descrição de todas as acções à sua demonstração; ii) perguntar no final se alguém tem dúvidas.
No aquecimento é necessário definir uma estratégia clara para os alunos provavelmente referindo esquematicamente o que pretendo.
Preocupar-me com o posicionamento nos períodos de Instrução
Na trave deve estar um aluno de cada lado a dar segurança
Reduzir o tempo das estações neste tipo de aulas
Definir sinais de organização, principalmente para a aula de Exterior
No que diz respeito ao posicionamento, aconteceram algumas situações em que fiquei de costas para algum grupo, pelo que terei que ter em atenção este aspecto.
Definir consequências para quem chega atrasado
Ter atenção à correcta realização dos exercícios de trabalho da aptidão física;
Frisar a importância da cooperação dos alunos, sendo este um aspecto transversal a todas as matérias;
Formar grupos homogéneos
Nunca ficar de costas para algum grupo de alunos – tentar arranjar uma estratégia para que eles achem que estou sempre a ver tudo;
Utilizar estações que dêem mais autonomia aos alunos
Durante a instrução tive alunos de pé será preferível ter os alunos todos sentados em U de forma a evitar comportamentos de desvio.
No início da aula, não falei nas regras de segurança, na próxima aula terei que o dizer e também fazer a verificação se de facto os alunos retiraram todos os brincos e pulseiras.
No que respeita aos alunos que não faziam aula consegui ter tarefas para todos eles, no entanto, nas próximas aulas tenho ter em conta esse aspecto pois a tarefa pode ser melhorada.
O aquecimento correu bem, os alunos estavam envolvidos, foi dinâmico e específico para a parte principal, incluindo muita mobilização articular. A música e o silêncio são uma estratégia a explorar nesta turma.

Atenção na próxima aula com o contacto com Beatriz e Inês, questão das sapatilhas. Com Miguel Sequeira, questão das faltas. E Mafalda, questão do empenho.

Anexo 7 – Nível de Reflexão: Descrição, Justificação e Alteração

Na dança do chachacha a pares senti alguma resistência à formação dos pares uma vez que os alunos não gostam de se expor perante os colegas. Na próxima aula não deixarei abandonar a tentativa de leccionar esta dança a pares com dois objectivos: i) Promover a interacção física entre os alunos da turma; ii) Melhorar as competências dos alunos numa dança de salão a pares
Para facilitar a aquisição das competências que, os alunos, na sua generalidade, já adquirem na dança em linha deixarei começar por optar por outras estratégias como: · Utilização de uma pega mais simples (segurar as mãos); · Definir a entrada simultânea para todas as duplas; · Evoluir de uma estrutura igual para todos (eventualmente a que utilizo na dança em linha) para a dança em autonomia. · Por fim, o facto de os alunos irem trocando de pares poderá eliminar algumas resistências de alguns os alunos
A situação de aquecimento – Apanhada Caranguejo – foi engraçada, porém apenas 2 a apanhar em 23 alunos demonstrou-se reduzido (colocar pelo menos mais um)
A aula de terça-feira surgiu como a última aula da unidade ensino anterior, devido aos testes intermédios e às condições climatéricas apenas tinham sido prescritas duas aulas desta unidade, sendo necessário acontecer mais uma, decidiu-se realizá-la no período que precedia às férias da Páscoa.
Aula começou com atraso de dez minutos/[PQ] Alunos chegaram atrasados e demoraram a ficar sossegados/Houve um aviso para que as horas de entrada e a disposição para a instrução inicial
Nesta aula tentei utilizar exercícios que eles já tivessem executado, não demonstrando os dois de andebol falando apenas no Badminton/Porque era a primeira aula do período e era de apenas de 45', pretendendo poupar tempo. O andebol tinha sido a última matéria da etapa anterior/Contudo deixarei sempre demonstrar pois eles esquecem-se com muita facilidade
O Badminton não funcionou muito bem/Devido ao vento/Retirar o Badminton do exterior
Distribuição foi rápida, tendo ajustado os grupos durante o aquecimento/Faltaram alunos, o que obrigou a esses ajustes
O tempo previsto para toda esta partilha de informações ultrapassou o previsto em plano de aula e para além disso tinha disponível todo o pavilhão (E1+E2) pelo que realizei alguns reajustes nos conteúdos abordados.
Decorridos cerca de 60' da aula, começou a chover e não haviam mesmo condições de continuar lá fora, arrumámos o material e fomos para a sala. Quando chegámos à sala já faltavam cerca de 15' para o seu término, já não havia tempo de arrumar as mesas e depois voltar a colocar tudo no mesmo sítio. O orientador tinha em sua posse vídeos de Dança e sugeriu que os mostrássemos aos alunos. Foi o que fizemos.
Na verdade, esta não era uma matéria prioritária nesta aula, por isso mesmo, não estive com muita atenção ao que as alunas estavam a jogar. Ainda assim, procurei sempre manter uma posição frontal à aula e fui dando instruções à distância para as outras duas estações. Na próxima aula vou ajustar esta estação de acordo com os alunos, se eles continuarem a não fazer jogo vou passar para exercícios mais simples.
O primeiro aspecto que considero negativo e por isso a melhorar, é a falta de informação relativa às várias matérias. Depois de ter realizado com eficácia a avaliação inicial, apenas esporadicamente recolhi informação sobre o desempenho dos alunos. Este procedimento será fundamental na construção do portfólio dos alunos, que me permitirá regular e diferenciar as aprendizagens dos alunos, bem como consciencializar os alunos das competências que já adquiriram.
Fazendo agora um balanço da auto-avaliação, foi possível verificar que alguns alunos apresentaram valores algo diferentes dos propostos por mim. É importante ter em atenção estes casos, uma vez que o erro poderá ser meu, havendo uma subvalorização dos alunos. Assim, os alunos que disseram notas 2 ou mais valores acima da minha proposta, foram: o Bruno, o António, a Carla, a Catarina, o Filipe e o Caio. Tendo os meus registos provindo da avaliação inicial admite-se aqui alguma margem de erro, no entanto, perante este cenário, parece-me que tanto o António, como a Carla e a Catarina não terão razões que justifiquem a nota que enunciaram, já no caso do Filipe e do Bruno, assumo que poderão estar um pouco abaixo daquilo que é o real valor dos alunos, pelo que terei que sustentar melhor a minha avaliação. O Caio certamente irá alcançar notas superiores pelo excelente atleta que é, precisa no entanto de reforçar a área dos conhecimentos para alcançar a melhor nota

possível. No geral, os alunos têm uma ideia correcta da sua nota, não havendo grandes discrepâncias entre a auto e a minha avaliação.
Ao longo de toda a aula tive sempre a preocupação de intervir nos dois grupos, mudar constantemente o exercício incutindo algumas variantes para manter os alunos despertos e motivados.
Para além disto, e porque alguns alunos já estavam saturados do basquetebol, no final já com o pavilhão disponível, promovi um exercício de manutenção da posse de bola no futebol.
No que respeita a esta aula, esta começou demasiado tarde pois tive que reajustar a aula para dois terços do pavilhão, e depois de ter decorrido 25 minutos de aula, tive que voltar a reajustar para um terço, devido à entrada de um outro colega que chegou atrasado
Em relação à matéria de Dança, tive uma prestação fraca no ensino do nível I da Mergue, talvez derivado a algum nervosismo por não ter praticado o suficiente. Tenho que investir mais nesta matéria.
A gestão do tempo tem sido alvo duma evolução constante, no entanto, parece ser importante encara o conceito de tempo de aprendizagem como a progressão seguinte. Assim, o professor deverá garantir que cada aluno tem um tempo significativo de aprendizagem em cada tarefa que executa.
Quanto à prestação nas matérias dos alunos, o Salto em comprimento vai sofrer alterações nos níveis, já que não houve prática desta modalidade na etapa transacta.
Comecei com a prelecção inicial e esqueci-me de dar o aquecimento/Costumo introduzir a aula e só depois específico melhor os exercícios, e hoje fiz o inverso o que gerou alguma confusão/Seguir o que costumo fazer normalmente
Nesta aula presenciei uma discussão mais acesa entre dois alunos da turma (Gonçalo M. e Beatriz) e a minha reacção foi prontamente terminar a referida troca de palavras. Fi-lo diante de toda a turma mostrando alguma autoridade e após o incidente tive a oportunidade de dialogar com o Gonçalo explicando-lhe detalhadamente que a sua revolta não fazia sentido. O aluno acabou por se comover e aparentemente compreender a justificação que lhe dei, porém evitar colocar estes dois alunos no mesmo grupo de trabalho foi-me aconselhado quer por outros colegas da turma quer pela DT após uma conversa com a mesma.
No salto em altura a introdução de um campeonato entre os alunos do mesmo grupo aumentou a motivação para a prática desta modalidade, no entanto se este for apresentado de forma mais formal [salto em altura] e para toda a turma estou certa de que melhorará quer as prestações dos alunos quer o seu empenho pela actividade
Na ginástica acrobática deverei em UE futuras reforçar a ideia de que as figuras deverão permanecer pelo menos durante 3 segundos imóveis e preferencialmente na ausência de ajudas externas para que os elementos sejam considerados cumpridos para os níveis de ensino a que estão propostos. Por outro lado, será importante dar maior ênfase aos montes e desmontes das figuras assegurando que estes ocorrem em segurança.
Durante a aula tive de realizar algumas alterações em termos organização dos grupos, visto que algumas raparigas de um dos grupos estavam lesionadas e outra a faltar. Assim tive de ajustar dois dos grupos da aula
No início da aula, visto que alguns alunos chegaram atrasados, optei por iniciar a aula com os alunos que foram pontuais com um aquecimento específico (exercícios específicos para o Voleibol). Este rápido início de aula beneficiou os alunos pontuais, evitou percas de tempo e fez com que os restantes alunos percebessem que estavam atrasados para a aula
O aquecimento mostrou-se dinâmico, com os alunos empenhados, no entanto como o objectivo inicial era manter a bola no ar em grupos reduzidos, o aquecimento teve pouca intensidade. Após esta observação[Aquecimento com pouca intensidade] procurei aplicar algumas alterações no exercício que provoca-se aumento de dinâmica e intensidade.
As condições meteorológicas estavam boas mas a mais pequena brisa fazia com que o volante se desviasse e impedisse os alunos de jogar Badminton. Ao ver isto, tendo em mente que o professor deve ter a capacidade de alterar quando um exercício não corre bem, abortei totalmente a estação do Badminton e criei uma estação de Corfebol que é uma matéria alternativa nesta UE. Este foi o princípio do problema
Considero que a organização da aula era bastante ambiciosa, uma vez que estava previsto que os cinco grupos percorressem todas as estações o que acabou por não acontecer. Apesar disso considero que no geral o equilíbrio entre o tempo de prática e os objectivos propostos para cada estação estão adequados. A única estação onde poderá haver alguma discrepância talvez seja na condição física. Assim, para a próxima aula será feita uma alteração, com os

alunos a realizarem apenas uma série de cada exercício proposto prevendo-se assim a realização do salto em altura que acabou por não se realizar nesta aula.
Com o aproveitamento do tempo a melhorar, consegui fazer um balanço com significado e um retorno à calma com relaxamento. No relaxamento os alunos terão de sair um a um, perdendo o efeito do mesmo se acontecer a saída da turma em simultâneo.
Passando para os pares verificou-se alguma relutância dos alunos em juntarem-se com colegas do sexo oposto o que me obrigou ter uma intervenção por modelagem que à partida não estaria pensada.
Quanto ao chachacha e por nunca ter existido uma abordagem a esta dança previa-se uma leccionação lenta e fraccionada dos passos com várias variantes de adaptação a cada passo. Contudo, não foi isso que sucedeu sendo a leccionação muito rápida e com poucos feedbacks descritivos com o que se pretendia. Fica a nota e a necessidade de voltar a rever os passos tal como se fosse a primeira abordagem.
Uma gestão menos eficiente nos restantes períodos da aula levou a que apenas fosse efectuada uma estação por cada aluno, pelo que deverá ser completada na próxima aula.
A par daquilo que tinha acontecido na última rotação neste espaço a organização por estações na ginástica diminui o empenhamento dos alunos nas mesmas pelo que o discurso da responsabilização teve novamente que surgir.
No entanto, considero que a culpa de alguma falta de empenhamento se tenha devido a uma deficiente instrução daquilo que era para realizar em cada estação pelo que esta situação deverá ser acautelada nas próximas aulas
No início da aula optei por não estabelecer um período de instrução inicial e começar a aula com o aquecimento não perdendo tempo de aula e beneficiando os alunos que foram pontuais.
Alguns alunos empenharam-se na estação de resistência, no entanto poderia ter controlado melhor esta estação para que o empenho dos alunos fosse superior.
[Instrução]Vou estar mais atento a esta situação porque não me apercebi disto ter acontecido com regularidade. Se assim for, terei que impor nos alunos a noção de que só deverão fazer as perguntas quando eu terminar a explicação. Durante os exercícios, a instrução terá que ser mais direccionada para o que pretendo. Este aspecto está relacionado com as componentes críticas que tenho que definir no plano de aula.
Nesta aula tive que fazer dois ajustes no momento. Um foi relativamente a dois rapazes que estavam num grupo de raparigas e que estavam a fazer Futebol. Os rapazes demonstraram que o exercício (2x0) já não estava a ser estimulante e optei por colocá-los a fazer 1x1 terminando com finalização. Teve um bom resultado. O outro ajuste foi em relação à estação de relação com bola no Futebol. Aqui todos os grupos iam fazer relação com bola mas o grupo mais forte ia perder o interesse na aula se fizessem naquele momento relação com bola. Daí que optei por alterar e disse-lhes para fazerem jogo, tal como na outra estação. Penso que este grupo não precisa mesmo de trabalhar o Futebol em exercícios analíticos, agora só precisam de jogo independentemente das suas características.
os alunos têm progressivamente sido mais pontuais, o grupo mais pontual tinha vindo a desleixar-se um pouco, provavelmente pela falta de estratégias por parte do professor neste campo, e notavam-se casos de falta extrema de pontualidade. Existe um grupo de cerca de 10 alunos que chega ao toque e os restantes vão chegando até aos 5 minutos de aula. Para não voltar à mesma situação parece-me necessário utilizar formas diferentes de motivá-los para cumprir a pontualidade. Por exemplo, o grupo de dez alunos que chega sempre a horas queixa-se de ficar algum tempo à espera que os outros cheguem para começar. Começar alguma actividade com este grupo parece-me uma estratégia não só de compensar a pontualidade destes mas também de motivar os outros a ser mais pontuais. Existem ainda alguns casos residuais[atrasos] que deverão ser resolvidos individualmente.
Atenção que a próxima Unidade de Ensino conterà muitas matérias susceptíveis de clima aluno-matéria negativo, como ginástica de solo, acrobática ou lançamento do Peso. Em Plano de Unidade será necessário pensar em estratégias criativas que transformem estas estações em momentos de aprendizagem e não apenas de experimentação.
Num dia de muito calor e com um sol intenso à hora da aula (12h), não foi fácil conduzir a aula. Devido a estas condições e a pedido dos alunos, mudei o local habitual da prelecção inicial colocando os alunos na sombra e expondo-me eu própria contra o sol. Desde logo tive a preocupação de recomendar os alunos acerca do vestuário que trazem para a aula e a trazer água para as próximas aulas.

Na abordagem à corrida de estafetas, tal como já calculava quando planeei a aula não tive tempo de realizar esta matéria pelo que optei apenas por fazer uma demonstração salientando alguns aspectos específicos do sucesso nesta matéria:
No que respeita às regras estabelecidas devo ter em atenção à sua aplicação de forma a não beneficiar em demasia determinado grupo de alunos – por exemplo: não se pode desarmar as raparigas. Caso fique desajustado deverei ter a perspicácia de alterar as condições para um caso específico.
Esta dinâmica de avaliação correu bem, o problema seria se não tivesse alunos a não fazer a aula. Teria muito mais dificuldade em dar a aula e manter-me próximo dos alunos que precisam constantemente de um feedback sobre o que estão a trabalhar [se ainda tivesse que registar os valores dos testes]. Caso esta situação acontecesse, penso que a melhor opção seria chamar dois alunos de cada vez para fazerem os testes e cada um avaliava o colega. Esta situação só seria possível porque os alunos já fizeram e conhecem todos os testes do Fitnessgram
Também só no final da aula percebi que tinham tido teste de biologia imediatamente antes da aula e daí que os seus níveis de concentração pudessem estar abaixo do normal. Toma assim alguma importância uma estratégia preventiva deste tipo de situações: o professor deve no início de cada aula manter um contacto mais informal no sentido de averiguar a pré-disposição geral da turma, procurando eventuais acontecimentos que ponham em causa a motivação, concentração ou vontade dos alunos em realizar a aula, tais como testes, apresentações de trabalhos, reuniões ou ainda outro tipo de actividade física.
No entanto, desde cedo percebi que a pré-disposição dos alunos não era a melhor. Alguns alunos chegaram atrasados, outros mostravam um estranho alheamento, outros ainda estavam mais agitados do que era normal. Deparei-me então com um cenário que teve o seu ponto mais alto no final da aula, quando percebi que ninguém se lembrava da forma de organização da corrida de estafetas. Após um curto período de indecisão da minha parte, resolvi parar a aula, sentar todos os alunos e um a um dirigiram-se para as posições para iniciar a corrida. Só assim foi possível garantir um empenho mínimo de todos
Cumprir com rigor as horas de transição (para que todos os alunos estejam o mesmo tempo em cada estação)
No entanto, parece-me que o objectivo da prova global não deve ser encarado apenas como um momento de avaliação sumativa, mas terá outro tipo de objectivos. A reflexão sobre esses objectivos ainda está um pouco difusa, no entanto, parece-me interessante, definir e ajustar critérios entre diferentes professores, bem como aferir níveis a um nível transversal potenciando a definição de objectivos em Plano Plurianual para os trienais seguintes
A aula de quinta-feira teria como objectivos a revisão dos níveis por parte dos alunos e do professor, sendo a última aula da unidade de ensino. No entanto, procurando descobrir os objectivos da prova global e a forma como estes poderiam contribuir para a minha formação e para a aprendizagem dos alunos, decidi tornar esta aula, uma aula de prova global, em que os níveis da aprendizagem referentes à Ginástica Acrobática e à Ginástica de Aparelhos, neste caso ao Plinto, estariam ao dispor dos professores observadores, Manuela Jardim e André Góis, aferindo estes, de acordo com a prática dos alunos nessa aula os níveis da prova global.
Através de uma conversa informal com as professoras que estavam a dar aula ao mesmo tempo que eu, organizamos os alunos de modo a que pudessem experimentar uma situação mais formal de ambas as matérias. Embora não seja recorrente esta forma de organização da classe poderá ser benéfica para os alunos uma vez que desta forma alunos de diferentes turmas partilham experiências diferentes.
Esta aula no Polidesportivo começou mal à partida. Planeei trabalhar neste espaço o Voleibol pensando na rede que nele existe. Cometi o erro de não verificar as condições do material antes da aula e não pude cumprir o planeado por falta de condições dos postes e redes de Voleibol. Face a esta situação, optei por trabalhar o Voleibol mas com situações diferentes.
Outros aspectos a referir sobre esta aula prendem-se com a gestão da mesma. No exercício da condição física poderia ter intervindo mais com os alunos que executavam mal os exercícios. Dei prioridade à intervenção com os alunos que não estava a fazer o que era pedido e se deixavam descansar. Vou tentar conciliar estes dois tipos de intervenção.
Em alguns momentos, em que dava feedback aos alunos, virei as costas para uma grande parte da aula. Este é um aspecto que tenho mesmo que evitar já que se trata de uma turma com muita tendência para os comportamentos fora da tarefa.

A situação de aprendizagem que utilizei foi a troca de bola em círculo, que consta no Nível I dos programas, em que 4 ou 5 alunos trocam a bola entre si utilizando o toque de dedos e manchete. A verdade é que os alunos ainda têm muitas lacunas na execução técnica dos vários elementos do Voleibol e terei que ajustar o planeamento para que os alunos desenvolvam as técnicas de base.
Apesar de ter previsto a realização do teste de abdominais para esta aula, uma falha na preparação do material impediu-me de cumprir este objectivo. No entanto, será compensado na próxima aula, articulando com o teste de força superior.
Em relação às actividades propostas um dos aspectos que posso melhorar é aumentar o número de bolas no exercício de lançamento na passada. Esta é uma das opções para que o tempo de espera se torne em tempo de actividade por exemplo através do treino do drible.
Uma vez que os grupos desta UE foram definidos em função do nível de desempenho no voleibol, fará todo o sentido adaptar os exercícios desta matéria ao nível de cada grupo – ensino diferenciado.
Assim, e já que todos os outros anos estariam num nível mais evoluído que o deles e com conteúdos não aprendidos por estes, o PE pensou numa estratégia para introduzir o Malhão. Esta estratégia incluía a possibilidade de chover num dos dias da 5ª UE.
No entanto, o tempo de introdução do Malhão foi um pouco ocupado e a mesma teve de ser mais célere. Assim, o professor tomou a decisão de passar algumas fases, colocando os alunos directamente em roda. O sucesso foi quase total, permitindo que todos os alunos dominassem o passe de serrar simples, no entanto, com mais tempo e respeitando as fases de aprendizagem das danças, a aprendizagem teria sido mais efectiva. A dança não foi toda introduzida, ficando a faltar o passo de malhão rodado. No entanto os alunos apreenderam o básico da dança e parece-me que será possível introduzir o resto da dança noutra oportunidade de aula alternativa ou então antes dos testes do Fitnessgram durante a próxima UE.
O plano teve de ser modificado, devido à chuva, e assim fomos para o Ginásio C rever as danças já aprendidas e introduzir uma dança, o Malhão. Foram introduzidas à turma as danças sociais do plano plurianual, Foxtrot Social e Valsa Lenta, sendo estas apreendidas, com algumas falhas no plano rítmico. Aquando o momento da introdução da dança tradicional planeada, a Barra de Folclore, o PE ajustou o planeamento, já que os alunos não tinham apreendidos conteúdos anteriores do plano plurianual, nomeadamente a dança Tacão e Bico do nível Elementar. Sendo assim, o professor planeou introduzir e consolidar esta dança
Distribuição pela prática algo demorada/Alguma desorganização na ginástica, esperando que eu lá fosse para iniciar a actividade./Distribuir primeiro ginástica e dança e depois o andebol
Não consegui realizar o jogo no final, pois o remate em salto deu alguma luta na assimilação por alguns alunos/Criar mais situações de remate saltado, alterando a organização das situações 1x0
Ginástica com dinâmica por alguns alunos, com os mais fracos a fingir que faziam/Estação mais autónoma/Estar mais focado na ginástica
Acerca deste item realço, que a não realização dos exercícios de luta propostos no plano de aula deveu-se única exclusivamente ao meu esquecimento. Penso, portanto introduzi-los nas próximas aulas sendo que poderá tomar duas formas: i) intercalar entre a rotação nas estações da aula; ii) surgir após a abordagem massiva do futebol
A instrução do exercício deveria ter sido mais esclarecedora no sentido de evitar questões individuais semelhantes por diferentes alunos. Para tal, a organização prévia dos alunos todos juntos acompanhada de uma demonstração e relato da minha parte seria uma boa solução
O exercício sofreu uma alteração no decorrer da prática, o que considero ser um ponto bastante positivo na minha intervenção, uma vez que o simples adicionar de cones durante o percurso potenciou, de um modo mais efectivo um dos objectivos pretendidos – condução de bola
Devo ajustar os objectivos aos alunos pois para alguns a técnica de tesoura já não constitui qualquer dificuldade. Esta situação evitará sucessivas mudanças na altura da fasquia devida a esta diferenciação de objectivos
Fui positivamente surpreendida pelo gosto e adesão dos alunos na realização desta matéria. Porém, a maioria dos alunos tem facilidade em realizar os elementos propostos pelo que deverei ajustar os objectivos propostos para criar desafio nos alunos
Quando tive um discurso de estimulação através da atribuição de nível introdução deparei-me com alguma estranheza por parte dos alunos quando referenciei este termo, pelo que deverei esclarecer os níveis de ensino das matérias em EF

A ideia de sequência gímnica deve ser incutida a fim de ser consolidada pois os alunos realizam os elementos de forma isolada e com grandes quebras
A questão é que os alunos não se portam mal, logo não consigo dar-lhes um sermão mais agressivo. Quando demos a aula da pior turma do orientador, que tem alunos piores que os meus, não tive problemas em pô-los de castigo e dar-lhes um sermão no final da aula. Com os meus alunos não consigo fazer isso porque eles não se portam mal, apesar de haver alguns comportamentos fora da tarefa. Tenho que conseguir mudar urgentemente a minha postura com os alunos e ser agressivo no discurso quando for necessário
Foi notório o entusiasmo com que os alunos receberam as novas propostas de exercícios principalmente devido aos materiais utilizados, no entanto, este aspecto conteve em si um ponto negativo. A certa altura os alunos encararam o treino da condição física como um espaço de recreação e não como meio de desenvolvimento. Como estratégia para combater esta situação farei em futuras aulas a ponte entre os exercícios de condição física e: a) a aplicação prática nos exercícios de ginástica; b) a avaliação das capacidades físicas.
O facto de ter organizado em cinco estações teve a intenção de rentabilizar o tempo de prática dos alunos, no entanto esta rentabilização como já foi referido deverá aparecer nas próximas aulas
Antes da aula devo procurar identificar as minhas lacunas formativas, principalmente nas matérias em que apresento mais dificuldades, procurando depois investigar e pesquisar por forma a colmatar essas lacunas;
Ainda nesta aula, importa ressaltar os sucessivos comportamentos fora da tarefa da aluna Sara F. Até agora a minha estratégia tem sido de alguma condescendência, tentando focalizar a aluna apenas nas tarefas da aula, com sucessivos feedbacks, no entanto não estando a resultar, considero que em futuras situações semelhantes, a minha estratégia passará por fazê-la tomar consciência das atitudes que tem, através do registo escrito. Caso esta estratégia não resulte e os comportamentos se mantenham, terei que informar a directora de turma com vista à obtenção de uma estratégia mais eficaz.
Como estratégia para uma maior qualidade de ensino, optei por introduzir em cada estação apenas um ou dois elementos, por forma a focalizar a atenção dos alunos (e a minha) para garantir que a maioria dos alunos adquira competências de base na ginástica.
A aula que estava planeada, no exterior, não foi leccionada devido às condições atmosféricas. Aproveitei para proporcionar aos alunos a aprendizagem e prática das matérias de solo, basquetebol e condição física.
No 1º grupo, porque o espaço de jogo era pequeno, necessitei de introduzir algumas condicionantes no jogo, para potenciar o maior número de aprendizagens e a aquisição das competências de nível I
Ao nível da ginástica de solo, os alunos têm revelado empenho e esforço na aquisição de competências que ainda não estão adquiridas, pois são conhecedores do que precisam trabalhar, no entanto, necessito agora de trabalhar e ajudar um número reduzido de alunos que têm grandes dificuldades e receio na execução de alguns elementos.
Ao longo desta aula, ainda denotei dificuldades no acompanhamento da prática nas estações mais distantes, venho melhorando de certa forma a minha circulação com recolha de dados e avaliação dos alunos, mas tenho sem dúvida de estar mais desperto para os comportamentos fora da tarefa, já que quando o faço, existem sempre alunos a comportarem-se de forma incorrecta. Este aspecto foi salientado na prelecção inicial, com o intuito de alguns alunos modificarem o seu comportamento
Para os outros grupos de trabalho, consegui, aproveitar o facto de já ter mais espaço disponível, para o 2º grupo, aumentei o espaço de jogo dos castelos e para o 3º grupo permiti soluções de 3x3 com especial incidência para a ocupação do espaço, condução de bola pelo corredor central, passe e corta e correcta leitura de jogo.
Esta foi mais uma aula em que foi obrigado a mudar o espaço devido às condições climatéricas, mais uma vez segui uma lógica, de substituir as matérias da unidade presente por matérias da unidade seguinte.
No final desta aula foi explicado e praticado o nível Elementar da dança, mas aconteceu num período de tempo muito reduzido, sendo necessário abordar ainda estes conteúdos na próxima aula de Dança.
A organização dos alunos poderá sofrer algumas alterações, já que por vezes, no treino de alguns passos, em que rapazes e raparigas estavam separados, por vezes estes não tinham espaço para completar tudo o que o professor pedia. Também aconteceu, na dança em pares, estes ficarem muito próximos uns dos outros. Será então necessário um constante ajuste desta

organização para garantir um espaço mais potencial de aprendizagem. Para a próxima aula também será exigido a formação de alguns pares estratégicos, alunos com mais dificuldade com alunos com mais facilidade.
O clima de aula teve de alguma forma um balanço positivo, no entanto, um acompanhamento do Mini-trampolim parece ser exigido, já que os alunos assumem muitos comportamentos fora da tarefa, o que reduz significativamente o seu tempo potencial de aprendizagem.
A Mafalda recusou-se a fazer Pino e Mini-trampolim, o professor ignorou na altura para garantir a consecução da aula em si, tratando deste assunto num período pós-aula. O que fazer mais para motivar esta aluna para a prática da EF? A conversa já foi... Vamos ser então mais criativos. Clube de Dança... Talvez?
No aquecimento específico e mobilização articular o percurso ficava a meio/Apesar de ter colocado os pinos no local eles assim que me passavam paravam/Colocar-me junto aos pinos
Embora em autonomia, a realização dos exercícios calisténicos de condição física faz todo o sentido que apresente uma boa correcção técnica, o que ainda não acontece. Para combater esta dificuldade[incorrecção técnica] de execução será uma mais-valia ter novamente com os alunos um discurso de promoção da condição física revelando os seus benefícios quer em termos de imagem corporal, quer na repercussão da avaliação
Quando planeei a aula deparei-me com uma indecisão acerca da realização da corrida de resistência aeróbia. Por um lado, seria vantajoso fazê-lo pois permitiria uma relação directa entre os conteúdos teóricos e a prática (FC), tal como já tinha sido reflectido em outras autoscopias. Por outro, a prioridade desta aula seria sem dúvida a realização do teste de velocidade. Perante este cenário pensei ainda em fazer no final da aula a fim de rentabilizar tempo uma vez que teriam que calçar os patins mas acabei por não fazer por pensar que não seria muito ajustado pois já tinham a duração do esforço de uma aula. Porém, se fosse agora não teria abdicado nem que fosse para testar a receptividade dos alunos ao exercício.
Desta aula retenho ainda uma atitude menos positiva da aluna Sara Monteiro. Por ter dificuldades/medo na matéria de patinagem recusou-se a executar os exercícios propostos, sendo estes os mais básicos possível uma vez que eram exercícios de adaptação aos patins. Perante este cenário conversei individualmente com a aluna fazendo-lhe crer que qualquer aprendizagem requer tempo, prática e vontade em aprender. A permanência sentada no chão durante algum tempo levou-me a uma abordagem diferente questionando se essa seria a sua opção nesse caso sabia qual era a sua avaliação. A aluna compreendeu os parâmetros que lhe apresentei pelo que a mudei de grupo para o futebol. De salientar que deste grupo faziam parte outros colegas que inicialmente apresentavam iguais dificuldades mas que se esforçaram pela realização dos exercícios. Reflectindo acerca deste caso saliento os passos que considero importantes sempre que um aluno recusa a aprendizagem de uma matéria: 1º - Abordagem individual e motivacional adaptada à matéria em questão, centrada na premissa que toda e qualquer aprendizagem leva tempo 2º - Proporcionar exercícios de baixa dificuldade na execução técnica 3º - Aproximar o aluno com dificuldades de um outro mais apto a fim de existir um clima de cooperação e ajuda 4º - Caso a resistência na realização da actividade se mantenha consciencializar o aluno da sua avaliação na matéria e caso seja possível nessa aula proporcionar a aprendizagem noutra matéria
Por se tratar da avaliação sumativa do teste de velocidade pretendi ser eu a controlar os tempos para existir uniformidade nos resultados. Assim, e para não ficarem 19 alunos à espera enquanto apenas um realizava o teste decidi dividir a turma em dois grupos, enquanto um estava no teste de velocidade os outros estavam a realizar a condição física de forma autónoma, promovendo o aumento de prática de aula e consequentemente diminuindo o tempo de espera.
Evitar a conversa dos alunos, tem sido recorrente, para a próxima aula vou procurar calar e esperar em silêncio que os alunos se calem para eu falar, assim como avisar que quem falar deve levantar o dedo e esperar que o professor o deixe falar, ser mais autoritário nestas situações
Na parte final da aula sobrou um pouco de tempo que aproveitei para realizar um balanço mais cuidado do período de avaliação inicial que terminou e preparar já a próxima etapa. No entanto poderia aproveitar este período para realizar algum tipo de actividade, por exemplo algum trabalho de força ou flexibilidade.

A aula iniciou-se cerca de 20 minutos depois do toque, facto que se deveu a uma certa displicência por parte dos alunos quer no período que tiveram para se equiparem, quer depois na aquisição dos patins. Situação que “condenei” assim que iniciei a minha prelecção, com o objectivo de alterar tal atraso na próxima aula.
Nos exercícios de condição física voltei a dispor os alunos em “U” com o objectivo de terem um modelo correcto de execução. Depois desta abordagem massiva, será benéfico começar a individualizar o desenvolvimento das capacidades físicas.
No período de rotação dos alunos pelas estações, permiti que as raparigas fossem beber água, e não deixei ir os rapazes porque queria maximizar ao máximo o tempo de prática e tinha de explicar a tarefa/jogo. Isto queriu alguma sentimento de injustiça, no entanto, na prelecção final estabeleci já as regras de funcionamento para o resto do ano, ou seja, em aula de 45 minutos ninguém bebe água.
no andebol, e por falta de tempo, optei por colocar o jogo em 7x6 nada apropriado sobretudo a alunos com grandes dificuldades.
FB para o salto ao eixo – olhar em frente! (para não irem de cabeça)
Trabalhar as ajudas (colocar os alunos a dar as ajudas – questões de segurança)
Em relação ao teste de senta e alcança, não estava a utilizar a escala, de forma correcta, tenho de confirmar e experimentar todos os princípios do teste para não voltar a falhar na aplicação destes
Houve um comportamento de desvio Gonçalo Amigo e Diogo Costa/Estava na brincadeira e acabaram por se pegar/Separá-los
No final não executei os alongamentos planeados/Optei por enviá-los para o balneário de forma a ficar e medir alunos que faltavam/Deixar um aluno a dar alongamentos enquanto fazia as medições
No final da aula, aconteceu um pequeno acidente, pois uma aluna caiu da trave para uma zona de colchões e depois bateu com a cabeça no chão já fora dos colchões. Penso que não foi um acidente com gravidade, no entanto penso que em termos de segurança a estação da trave estava bem montada, e talvez tenha falhado em não pedir aos alunos para que exista sempre um aluno de cada lado da trave a dar segurança para estes casos, no entanto já tinha observado a aluna a executar as tarefas pedidas neste aparelho e o seu nível era bom, por isso não senti que houvesse necessidade de pedir segurança. No entanto sempre que fizer trave devo pedir para os alunos devem dar segurança ao colega que esta a executar as tarefas.
No entanto, ficou comprometido o principal objectivo que passava pela avaliação inicial dos alunos nas três matérias abordadas. Esta situação[comprometida AI em 3 matérias] esteve relacionada com dois factores: a pouca experiência de observação e a organização da aula. Quanto a este último factor, considera-se que apesar de se ter verificado que a utilização de apenas duas estações (patinagem e barreiras) tivesse sido mais adequada de modo a poder obter um maior número de registos, a organização não irá ser alterada na próxima aula para evitar alguma desigualdade de oportunidades entre os dois grupos formados. Para além disto, a estação do futebol permite que estejam menos alunos em tempo de espera nas barreiras. Outra desvantagem desta organização foi o facto de ter que ser eu a tirar os tempos do teste de velocidade, estratégia que vou alterar na próxima aula na tentativa de promover alguma autonomia aos alunos.
A alteração nos exercícios de aquecimento aconteceu no sentido de aproveitar este momento para trabalhar o lançamento na passada, movimento técnico bastante importante no basquetebol, o qual observei, na aula, bastantes dificuldades da parte dos alunos.
Apesar de ter escrito no plano de aula para falar da importância da cooperação, antes do jogo de basquetebol, mais uma vez me esqueci. Quando me lembrei, já na parte de futebol, tentei remediar a questão indo a cada jogo falar com o grupo de alunos.
No final da aula, o balanço foi claro e conciso mas não avisei os alunos em relação ao espaço da aula seguinte nem que tinham de trazer sapatilhas para a próxima aula. No entanto esta situação foi resolvida pois pedi a uma aluna que os avisasse na aula seguinte.
As estações funcionaram, sendo que o plinto foi mais controlado por mim, já que me encontrava lá a ajudar. Nas estações ainda houve muita brincadeira e pouco trabalho. Eu não devo brincar e devo insistir no ponto do trabalho autónomo com veemência, ainda mais nas unidades de ensino.
Em termos organizacionais, penso que tinha demasiado material para montar para o pouco tempo disponível. Penso que a forma de melhorar isto [montagem material] será planejar aulas

que requerem um menor número de material para os 45 minutos.

Anexo 8 – Episódios reflexivos sobre Apreciações

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Dezembro	De um modo geral penso que a aula correu bem, com os alunos a perceberem rapidamente a dinâmica da aula, pois já tinha feito uma aula idêntica
< 17 - Dezembro	No restante tempo de aula tudo correu dentro do normal.
≥17 - Janeiro	De um modo geral penso que esta aula correu bem, tendo em conta o que foi planeado
<17 - Janeiro	No geral a aula correu bem
≥17 - Novembro	De um modo global penso que esta aula não correu muito bem
<17 - Novembro	Em suma, considero que foi uma das minhas melhores aulas enquanto estagiário
≥17 - Outubro	De um modo global penso que esta aula correu bem.
<17 - Outubro	No geral a aula correu bem, tendo ainda alguns aspectos em que tenho que me preocupar mais um pouco
<17 - Outubro	Penso que a aula no geral correu bem,
≥17 - Setembro	De um modo geral a aula foi boa
≥17 - Setembro	De um modo geral, a aula correu bem, sendo fluida
≥17 - Setembro	A aula iniciou-se fluidamente
≥17 - Setembro	A aula teve um balanço positivo. O professor saiu satisfeito da mesma
≥17 - Abril	A aula de quinta-feira foi caracterizada maioritariamente pela aplicação dos testes do Fitnessgram.
<17 - Fevereiro	A aula de hoje sofreu um contratempo que alterou toda a dinâmica da mesma [vento e volante Badminton].

Anexo 9 - Episódios reflexivos sobre Conteúdos

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Fevereiro	Na ginástica acrobática deverei em UE futuras reforçar a ideia de que as figuras deverão permanecer pelo menos durante 3 segundos imóveis e preferencialmente na ausência de ajudas externas para que os elementos sejam considerados cumpridos para os níveis de ensino a que estão propostos. Por outro lado, será importante dar maior ênfase aos montes e desmontes das figuras assegurando que estes ocorrem em segurança.
<17 - Setembro	Na estação de Andebol o jogo condicionado resultou muito bem,
<17 - Outubro	A seguir fiz um exercício de basquetebol que pensei ser muito bom para fazer aquecimento específico e princípio de AI da matéria, visto que incluía o drible, rotações, passes, e recepção.
<17 - Novembro	Serviço por baixo urgente próxima aula
<17 - Abril	O Badminton não funcionou muito bem/Devido ao vento/Retirar o Badminton do exterior
<17 - Fevereiro	Relativamente ao Badminton, nunca deveria ter pensado nesta matéria para este espaço
≥17 - Abril	De um modo global foram abordados os métodos contraceptivos mais conhecidos, como resposta à constante troca de parceiros que existe actualmente e ainda a necessidade de se informarem e falarem com os colegas, professores e pais sobre dúvidas ou inquietações que surjam no seu percurso de adolescentes.
≥17 - Abril	No entanto, a escassez de sistematização na abordagem escolar da educação sexual bem como a falta de formação específica para tal, leva-me a reflectir sobre os benefícios que tal abordagem pode ter junto dos alunos.
≥17 - Janeiro	No ensino da dança pretendia-se, inicialmente, a realização da rumba a pares e para tal recomecei com a estrutura celular já feita na última UE deste espaço
≥17 - Janeiro	Quanto ao chachacha e por nunca ter existido uma abordagem a esta dança previa-se uma leccionação lenta e fraccionada dos passos com várias variantes de adaptação a cada passo. Contudo, não foi isso que sucedeu sendo a leccionação muito rápida e com poucos feedbacks descritivos com o que se pretendia. Fica a nota e a necessidade de voltar a rever os passos tal como se fosse a primeira abordagem.
≥17 - Janeiro	Marcar mais os ritmos “rápido, rápido, lento”
<17 - Maio	Relativamente à Dança, fiz apenas um pouco o Regadinho para relembrar e observar os alunos. A seguir ainda abordei a Salsa para relembrar e consolidar os passos abordados até agora.
≥17 - Março	A dança não foi toda introduzida, ficando a faltar o passo de malhão rodado.
≥17 - Novembro	matéria de alguma forma problemática, a Dança, devido à formação de pares mistos
≥17 - Março	Aptidão física
≥17 - Setembro	Em relação ao período que defini para o teste das Extensões de Braços, penso que este foi bem aproveitado
≥17 - Novembro	Foi notório o entusiasmo com que os alunos receberam as novas propostas de exercícios principalmente devido aos materiais utilizados
≥17 - Março	Exercícios propostos adequados ao nível dos alunos
<17 - Março	A situação de aprendizagem que utilizei foi a troca de bola em círculo, que consta no Nível I dos programas, em que 4 ou 5 alunos trocam a bola entre si utilizando o toque de dedos e manchete.
≥17 - Novembro	Flexibilidade

Anexo 10 - Episódios reflexivos sobre Aquecimento

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Novembro	No início o aquecimento estava pouco dinâmico
<17 - Outubro	O aquecimento foi dinâmico e adequado à parte principal da aula.
≥17 - Outubro	Aquecimento para introduzir alguns elementos (pirueta, salto em extensão, recepção)
≥17 - Outubro	O aquecimento foi demonstrado e teve alguma celeridade no seu começo.
≥17 - Setembro	O aquecimento correu bem, os alunos estavam envolvidos, foi dinâmico e específico para a parte principal, incluindo muita mobilização articular.
<17 - Janeiro	Seguisse o aquecimento geral em que os alunos correram a volta do campo durante 5 minutos, antes e após a corrida registaram os valores de FC. Após o termino da corrida realizaram uma ligeira sessão de alongamentos durante a qual o professor explicou novamente os exercícios a realizar durante as estações.
≥17 - Março	Iniciei o aquecimento com o jogo dos passes
≥17 - Abril	A situação de aquecimento – Apanhada Caranguejo – foi engraçada, porém apenas 2 a apanhar em 23 alunos demonstrou-se reduzido (colocar pelo menos mais um)
≥17 - Abril	A situação de aquecimento envolvia algum trabalho de braços, pelo que houve algumas “queixas” por termos realizado a AF logo de seguida
≥17 - Fevereiro	O aquecimento mostrou-se dinâmico, com os alunos empenhados, no entanto como o objectivo inicial era manter a bola no ar em grupos reduzidos, o aquecimento teve pouca intensidade
≥17 - Fevereiro	Aquecimento dinâmico, motivante e iniciado rapidamente
≥17 - Janeiro	O aquecimento mostrou-se muito adequado, proveitoso para os alunos, e muito dinâmico.
≥17 - Janeiro	Aquecimento dinâmico, específico e diferenciado

Anexo 11 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Material

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
<17 – Março	Cometi o erro de não verificar as condições do material antes da aula e não pude cumprir o planeado por falta de condições dos postes e redes de Voleibol.
≥17 - Março	Apesar de ter previsto a realização do teste de abdominais para esta aula, uma falha na preparação do material impediu-me de cumprir este objectivo. No entanto, será compensado na próxima aula, articulando com o teste de força superior.
≥17 - Março	Também a montagem do material de badminton e voleibol poderia ter sido assegurada mais cedo, tendo evitado o tempo de transição mais prolongado que se verificou
≥17 - Março	Em relação às actividades propostas um dos aspectos que posso melhorar é aumentar o número de bolas no exercício de lançamento na passada. Esta é uma das opções para que o tempo de espera se torne em tempo de actividade por exemplo através do treino do drible.
≥17 - Novembro	Faltaram-me os pinos e as cordas (AF)
<17 - Novembro	com o material de Voleibol já todo montado
<17 - Outubro	comecei logo por falhar na colocação da aparelhagem para o teste do vai-vem. A aparelhagem estava de um lado do pavilhão, que era onde estava a tomada, e eu tinha idealizado fazer o teste do outro lado do pavilhão. Isto resultou nos alunos a fazerem o teste com a aparelhagem no outro lado do pavilhão porque eu não me lembrei de fazer o teste do lado que estava a aparelhagem. Visto que os restantes alunos estavam a fazer o aquecimento no meio poderia ter havido alguma confusão por cauda do barulho, mas o som era bem audível e os três alunos que estavam a fazer o teste fizeram-no naturalmente.
≥17 - Outubro	Assim, fui mais cedo para o local da aula e preparei todo o material
≥17 - Setembro	Penso que a montagem do material correu bem
≥17 - Setembro	A rede de voleibol ficou muito baixa
≥17 - Setembro	Nesta aula consegui preparar e montar o material com antecedência, assim não perdi qualquer tempo durante a aula para montagem do material, visto que as estações já estavam montadas.
≥17 - Setembro	Clarificação dos alunos para a próxima aula a arrumar o material e de algumas regras e sinais para a organização da aula
<17 - Setembro	Em termos organizacionais, penso que tinha demasiado material para montar para o pouco tempo disponível. Penso que a forma de melhorar isto [montagem material] será planejar aulas que requerem um menor número de material para os 45 minutos.
<17 - Janeiro	devido à complexa montagem do material
≥17 - Setembro	Perdeu-se muito tempo a montar o material

Anexo 12 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Regras/Sinais/Rotinas

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Setembro	Clarificação dos alunos para a próxima aula a arrumar o material e de algumas regras e sinais para a organização da aula
≥17 - Setembro	Definir sinais de organização, principalmente para a aula de Exterior
<17 - Setembro	Consegui com esta aula, garantir algumas rotinas importantes para aulas futuras deste tipo
≥17 - Setembro	Algumas rotinas organizativas parecem ter alcançado um melhoramento progressivo
≥17 - Fevereiro	Rotinas de aula
≥17 - Janeiro	Rotinas de aula
≥17 - Março	Rotinas de aula
≥17 - Maio	Rotinas de aula;
≥17 - Novembro	Retoma de rotinas e organização da aula
<17 - Março	A aula teve as rotinas da aula anterior,
<17 - Março	assim como das rotinas organizacionais.
<17 - Outubro	Porque dei prioridade às rotinas organizacionais
≥17 - Novembro	Quanto aos períodos da aula orientados pelos alunos sinto que a rotina organizacional está criada mas que o conjunto de dinâmicas propostas pelos alunos está por vezes esquecido
<17 - Novembro	consolidação de rotinas por parte dos alunos
≥17 - Outubro	Penso que estes processos estão automatizados pelos alunos
≥17 - Maio	No que respeita às regras estabelecidas devo ter em atenção à sua aplicação de forma a não beneficiar em demasia determinado grupo de alunos – por exemplo: não se pode desarmar as raparigas. Caso fique desajustado deverei ter a perspicácia de alterar as condições para um caso específico.
<17 - Outubro	na prelecção final estabeleci já as regras de funcionamento para o resto do ano, ou seja, em aula de 45 minutos ninguém bebe água.

Anexo 13 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Sequência/Estrutura Aula

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
< 17 - Dezembro	A aula começou com a explicação do funcionamento/organização da aula, e uma breve explicação em relação a ficha de Auto-Avaliação que optei rapidamente realizar o resto quando do preenchimento da mesma (final da aula).
< 17 - Dezembro	De seguida realizaram o aquecimento com mobilização articular, dividindo rapidamente a turma pelas estações e explicando sumariamente aquilo que iriam realizar em cada uma das estações, esta parte da aula decorreu sem problemas de maior, apenas a 1ª rotação foi um pouco mais extensa que as outras duas seguintes.
< 17 - Dezembro	Organização da aula
< 17 - Dezembro	Após isto passei para a actividade, fazendo um breve aquecimento.
≥17 - Janeiro	Após o período de aquecimento, realizei instrução para os alunos, referindo aspectos organizativos e explicando cada estação.
<17 - Janeiro	Seguisse o aquecimento geral
<17 - Janeiro	A aula terminou com o professor a fazer o balanço da aula
≥17 - Maio	Depois de uma primeira aula de UE bem conseguida ao nível da gestão do tempo e organização da aula
< 17 - Maio	A 1ª parte da aula foi prova global e a segunda avaliação de acrobática.
< 17 - Maio	Aula com funcionamento diferente das anteriores/Devido à ida de alguns alunos para a Galiza
≥17 - Março	Foram introduzidas à turma as danças sociais do plano plurianual, Foxtrot Social e Valsa Lenta
≥17 - Novembro	Penso que tanto eu como os alunos nos sentimos confortáveis na estrutura de aula que lhes apresentei pelo que, em princípio, esta será mantida ao longo da EU
≥17 - Novembro	De um modo geral esta aula pretendia constituir uma introdução à UE que se iniciava, apresentando o modo global de funcionamento, as matérias a abordar e os grupos de trabalho
≥17 - Outubro	Tal como aconteceu na aula anterior, também os exercícios de aquecimento específico de velocidade deveriam ter surgido antes da realização do próprio teste.
≥17 - Outubro	Já é a terceira aula com esta estrutura que a turma tem, o que contribua para o melhor funcionamento dentro dela.
≥17 - Setembro	Esta situação[comprometida AI em 3 matérias] esteve relacionada com dois factores: a pouca experiência de observação e a organização da aula.
<17 - Outubro	A aula correu de forma organizada e com bastante intensidade
≥17 - Dezembro	Segunda parte da aula com exercícios de introdução da Luta, matéria que vou realizar na próxima aula
<17 - Fevereiro	No final foram realizados exercícios de flexibilidade
≥17 - Fevereiro	Com o aproveitamento do tempo a melhorar, consegui fazer um balanço com significado e um retorno à calma com relaxamento.
<17 - Janeiro	A aula terminou com uma sessão de alongamentos dada pelo aluno Miguel
≥17 - Março	Depois do aquecimento, iniciei a aula organizada por estações, com distribuição rápida dos alunos por cada estação
≥17 - Março	Na parte final da aula, realizei um mini torneio de Basquetebol,
≥17 - Setembro	a organização não irá ser alterada na próxima aula para evitar alguma desigualdade de oportunidades entre os dois grupos formados
< 17 - Maio	Ao fim de 10' os alunos trocavam entre as estações de Ginástica e CF enquanto que os restantes alunos se mantinham no Voleibol. Ao fim de 20'

	os dois grandes grupos trocavam e seguia-se a mesma rotação
≥17 - Dezembro	Na segunda parte da aula optei por incluir um exercício massivo de introdução a uma matéria que vou abordar na próxima aula, neste caso no início do próximo período
≥17 - Maio	Final de aula com jogos competitivos de Basquetebol
< 17 - Maio	Parte inicial correu de forma organizada a permitir a avaliação da patinagem na que faltavam e os testes nos que vão à Galiza./[PQ] Fechar a matéria
≥17 - Fevereiro	Considero que a organização da aula era bastante ambiciosa, uma vez que estava previsto que os cinco grupos percorressem todas as estações
< 17 - Dezembro	Passei para a Dança (Merengue), em que os alunos realizaram a coreografia acordada
≥17 - Setembro	Para registar os resultados tive sempre como prioridade os alunos que estavam no badminton e que de seguida iam para a condição física
< 17 - Dezembro	e esqueci-me de dar o aquecimento/Costumo introduzir a aula e só depois específico melhor os exercícios, e hoje fiz o inverso o que gerou alguma confusão/Seguir o que costumo fazer normalmente

Anexo 14 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Espacial

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Organização espacial
≥17 - Dezembro	Em termos organizativos a aula esteve bem construída, quer em termos espaciais quer em termos temporais
≥17 - Dezembro	Boa gestão temporal e espacial
< 17 - Dezembro	No que respeita a esta aula, esta começou demasiado tarde pois tive que reajustar a aula para dois terços do pavilhão, e depois de ter decorrido 25 minutos de aula, tive que voltar a reajustar para um terço, devido à entrada de um outro colega que chegou atrasado.
< 17 - Dezembro	foi difícil ter uma organização espacial adequada
≥17 - Dezembro	(...) distribuição adequada no espaço foi conseguida nos dois grupos mais avançados
≥17 - Fevereiro	Organização espacial
≥17 - Janeiro	Organização espacial
≥17 - Janeiro	Melhorei a disposição na dança e AF
≥17 - Março	Organização espacial
≥17 - Novembro	Além disso, em termos espaciais pareceu-me esta ser uma solução bastante viável.
≥17 - Novembro	A aula estava bem organizada em termos espaciais, não havendo dúvidas entre cada estação, assim como grande aglomeração de alunos.
≥17 - Novembro	Aula bem organizada em termos espaciais
<17 - Novembro	Pelo facto de o espaço disponível ter sido bastante reduzido, as várias estações não estiveram muito organizadas, e os alunos estiveram muito próximos.
<17 - Novembro	No 1º grupo, porque o espaço de jogo era pequeno, necessitei de introduzir algumas condicionantes no jogo, para potenciar o maior número de aprendizagens e a aquisição das competências de nível I.
<17 - Novembro	Para os outros grupos de trabalho, consegui, aproveitar o facto de já ter mais espaço disponível, para o 2º grupo, aumentei o espaço de jogo dos castelos e para o 3º grupo permiti soluções de 3x3 com especial incidência para a ocupação do espaço, condução de bola pelo corredor central, passe e corta e correcta leitura de jogo.
≥17 - Novembro	Confusão espacial na AF (leva à pouca seriedade do exercício)
≥17 - Novembro	A organização dos alunos poderá sofrer algumas alterações, já que por vezes, no treino de alguns passos, em que rapazes e raparigas estavam separados, por vezes estes não tinham espaço para completar tudo o que o professor pedia. Também aconteceu, na dança em pares, estes ficarem muito próximos uns dos outros. Será então necessário um constante ajuste desta organização para garantir um espaço mais potencial de aprendizagem.
≥17 - Outubro	Aquecimento com pouca dinâmica, devido principalmente ao espaço ser grande e pouco alunos a apanhar
≥17 - Outubro	Alunos muito juntos no aquecimento (colocar pinos para se afastarem mais)
≥17 - Setembro	Continuar a pedir para os alunos se sentem em U
≥17 - Setembro	os alunos encontravam-se muito dispersos
≥17 - Setembro	Os dois jogos de futebol 5x5 foram realizados nos campos transversais, o que também se demonstrou como um espaço pequeno para o número de jogadores
<17 - Setembro	Durante a instrução tive alunos de pé será preferível ter os alunos todos sentados em U
≥17 - Setembro	O espaço reduzido do Ginásio C
<17 - Fevereiro	Não criei situações de finalização pois o espaço era reduzido, incuti marcação individual e ausência de drible.
<17 - Novembro	o aquecimento também esteve condicionado pelo espaço disponível.

≥17 - Dezembro	Para esclarecer melhor todo o processo avaliativo, e porque o espaço 3 estava disponível optei por ocupar este local
<17 - Fevereiro	aproveitar a sua dimensão e assim dar mais espaço para os alunos trabalharem
≥17 - Maio	Devido a estas condições e a pedido dos alunos, mudei o local habitual da prelecção inicial colocando os alunos na sombra e expondo-me eu própria contra o sol.
≥17 - Março	Ainda no que respeita à organização da aula, registei um pequeno equívoco, tendo reunido a turma em dois locais diferentes em dois momentos consecutivos.
<17 - Março	houve alteração do espaço disponível, existindo adaptação no número de estações e matérias,
≥17 - Dezembro	Para isso, dividi o campo de voleibol ao meio, formando dois campos (3x3), e utilizei as tabelas de basquetebol para fazer um jogo de lançamentos.
< 17 - Dezembro	Os alunos ficaram muito afastados
<17 - Novembro	Na corrida à volta do espaço de aula nem todos perceberam o trajecto gerando confusão
< 17 - Abril	e a disposição para a instrução inicial
≥17 - Fevereiro	A prelecção inicial foi feita junto à parede de escalada e não debaixo das galerias, como habitualmente

Anexo 15 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Temporal

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 – Abril	Assim, apesar de a instrução ter sido um pouco longa, pouco dinâmica e interrompida vezes demais pelos alunos que chegavam atrasados, a gestão de tempo foi garantida graças a este sistema de registo que provou ser eficaz.
< 17 – Abril	Aula começou com atraso de dez minutos
< 17 – Abril	Houve um aviso para que as horas de entrada
< 17 – Abril	Início da actividade lento nas estações que não houve demonstração
≥17 - Dezembro	Em termos organizativos a aula esteve bem construída, quer em termos espaciais quer em termos temporais
≥17 - Dezembro	Boa gestão temporal e espacial
≥17 - Dezembro	Início do aquecimento apenas com alguns alunos, de forma a não perder tempo da aula
< 17 - Dezembro	Decorridos cerca de 60' da aula, começou a chover e não haviam mesmo condições de continuar lá fora, arrumámos o material e fomos para a sala. Quando chegámos à sala já faltavam cerca de 15' para o seu término, já não havia tempo de arrumar as mesas e depois voltar a colocar tudo no mesmo sítio.
< 17 - Dezembro	Como começou a chover já não dei este exercício nem deu tempo para todos os alunos passarem em todas as estações. Estou convencido que ainda estava dentro do tempo e que era possível fazer tudo o que tinha planeado.
< 17 - Dezembro	No início da aula gastei mais algum tempo a falar com os alunos sobre as classificações do 1º período
< 17 - Dezembro	No que respeita a esta aula, esta começou demasiado tarde pois tive que reajustar a aula
≥17 - Dezembro	A gestão do tempo tem sido alvo duma evolução constante, no entanto, parece ser importante encara o conceito de tempo de aprendizagem como a progressão seguinte. Assim, o professor deverá garantir que cada aluno tem um tempo significativo de aprendizagem em cada tarefa que executa. Verificou-se na terça-feira, na Dança e no Futebol, parecendo que no Atletismo os alunos tiveram tempo na estação, mas por alguma falta de empenho e acompanhamento pelo professor, não aproveitaram o tempo da melhor forma. Na Acrobática, na aula do Ginásio C, também devido a falta de acompanhamento do professor, houve grupos que não tiveram tempo significativo de aprendizagem na estação.
< 17 - Dezembro	dividindo rapidamente a turma pelas estações
< 17 - Dezembro	a 1ª rotação foi um pouco mais extensa que as outras duas seguintes
< 17 - Dezembro	Demasiado tempo na 1ª Rotação
< 17 - Dezembro	Balanço final não realizado por falta de tempo pois o preenchimento da Fica de Auto-Avaliação demorou mais que o previsto/planeado
< 17 - Dezembro	A rotação não foi feita ao minuto, demorando mais no 1º grupo/Porque o grupo era maior e esperei que terminassem primeiro, enquanto o 2º grupo já veio da ginástica não necessitando que treinassem
≥17 - Fevereiro	evitou percas de tempo
≥17 - Fevereiro	Penso que este período foi rápido, evitando assim quebras maiores na transição do aquecimento para a parte principal da aula.
≥17 - Fevereiro	iniciado rapidamente
≥17 - Fevereiro	Rápida transição de aquecimento para parte principal da aula
<17 - Fevereiro	Outro aspecto em que falhei na preparação da aula foi, mais uma vez, o tempo que atribuí aos exercícios, não pelo que planeei mas pelo que estava a indicar na

	aula. Isto é, calculei que cada estação demorasse 10' mas a estação da condição física demora sempre muito menos tempo. Isto fez com que eu rodasse os grupos demasiado cedo, ficando muito tempo de sobra para o resto da aula.
≥17 - Fevereiro	Apesar disso considero que no geral o equilíbrio entre o tempo de prática e os objectivos propostos para cada estação estão adequados
≥17 - Fevereiro	Os alunos perderam tempo de prática ao almejar cumprir os objectivos de avaliação formativa propostos pelo professor.
≥17 - Fevereiro	O início das estações é rápido, existindo uma relação de colaboração entre professores e alunos, relação manifestada por comunicação, muitas vezes não verbal, quando os alunos percebem que a aula funcionará melhor se fizerem determinada coisa ou alterarem determinado comportamento.
≥17 - Janeiro	Uma gestão menos eficiente nos restantes períodos da aula levou a que apenas fosse efectuada uma estação por cada aluno, pelo que deverá ser completada na próxima aula
≥17 - Janeiro	A distribuição dos alunos por estação foi rápida, no entanto as transições de estações mostraram-se um pouco mais lentas que o normal
≥17 - Janeiro	Demora nas transições para cada estação
<17 - Janeiro	Esta aula teve como aspectos negativos e pontos a melhorar o facto de ter começado a aula muito atrasado devido à complexa montagem do material;
≥17 - Janeiro	Tempo de empenhamento motor próximo do tempo disponível para a prática
<17 - Janeiro	com bastante tempo de pratica
≥17 - Janeiro	Estes momentos têm sido mais céleres, no entanto, falta a confirmação quantitativa de tal.
<17 - Janeiro	A aula começou a horas como de costume
≥17 - Maio	Depois de uma primeira aula de UE bem conseguida ao nível da gestão do tempo e organização da aula
≥17 - Maio	Os grupos estiveram tempos diferentes nas estações
≥17 - Maio	Cumprir com rigor as horas de transição (para que todos os alunos estejam o mesmo tempo em cada estação)
≥17 - Maio	Não foi realizada AF (opção pela falta de tempo)
≥17 - Março	permitiu organizar rapidamente o jogo
≥17 - Março	distribuição rápida dos alunos por cada estação
≥17 - Março	tendo evitado o tempo de transição mais prolongado que se verificou
≥17 - Março	é uma das opções para que o tempo de espera se torne em tempo de actividade por exemplo através do treino do drible
<17 - Março	desta forma o tempo potencial de aprendizagem foi aumentado, pois ocorreram de forma mais rápida as transições.
≥17 - Março	No entanto, o tempo de introdução do Malhão foi um pouco ocupado e a mesma teve de ser mais célere.
<17 - Março	Distribuição pela prática algo demorada
<17 - Março	Aula terminou para lá da hora
≥17 - Novembro	Tive algumas dificuldades na gestão temporal da aula, uma vez que a instrução foi longa e o aquecimento também, pois perdi mais tempo a explicar. Também a primeira rotação demorou mais tempo que as seguintes, o que levou a que um grupo não tenha passado por uma estação
≥17 - Novembro	Rotação rápida
≥17 - Novembro	Dificuldades de gestão do tempo, cada grupo não chegou a estar numa estação
≥17 - Novembro	O facto de ter organizado em cinco estações teve a intenção de rentabilizar o tempo de prática dos alunos, no entanto esta rentabilização como já foi referido deverá aparecer nas próximas aulas.

≥17 - Novembro	aconteceu num período de tempo muito reduzido
<17 - Novembro	A aula começou pelas 10.10
<17 - Novembro	1ª rotação bastante longa
<17 - Novembro	Troca de estações mais demorada que o previsto
≥17 - Outubro	promovendo o aumento de prática de aula e consequentemente diminuindo o tempo de espera.
≥17 - Outubro	Na parte final da aula sobrou um pouco de tempo
<17 - Outubro	Estava convencido que iria conseguir fazer uma segunda fase de AI de basquetebol em que iria juntar os alunos por níveis, mas acabei por não ter tempo para isso
≥17 - Outubro	Esta opção prende-se com questões logísticas uma vez que a colocação dos patins ainda demora algum tempo.
<17 - Outubro	Demorei algum tempo na formação das equipas, porque não esperava que todos os alunos fizessem aula.
<17 - Outubro	por falta de tempo, optei por colocar o jogo em 7x6 nada apropriado
<17 - Outubro	No 1º Grupo no Basquetebol, demorou 6 minutos a começar em actividade, tenho de ter atenção a estes alunos, pois normalmente não se empenham o suficiente.
≥17 - Outubro	Outra preocupação do professor foi o controlo do tempo duma forma mais certa. Controlando as rotações e garantindo tempo significativo para todos os grupos em cada estação. Sendo que um grupo esteve durante mais tempo na patinagem, logo, na próxima aula começa no Basquetebol.
≥17 - Setembro	Este facto deveu-se sobretudo aos longos períodos de tempo definidos para cada estação.
≥17 - Setembro	Má gestão do tempo de aula, muito tempo para cada estação
≥17 - Setembro	Reduzir o tempo das estações neste tipo de aulas
≥17 - Setembro	transições rápidas
≥17 - Setembro	Para além disto, a estação do futebol permite que estejam menos alunos em tempo de espera nas barreiras.
<17 - Setembro	A aula começou ligeiramente mais tarde mas no entanto, já existe uma maior aproximação à hora pretendida
≥17 - Setembro	Perdeu-se muito tempo a montar o material, mas parece normal, visto ser o início, e a primeira vez que trabalhamos juntos naquele espaço.
≥17 - Setembro	no entanto, houve uma confusão na gestão do tempo, que retirou tempo da última estação.
≥17 - Setembro	A aula terminou depois do toque com um balanço sobre esta
<17 - Setembro	No final devido à escassez de tempo não fiz o retorno à calma
≥17 - Novembro	Estação de Ginástica Acrobática, os alunos tiveram pouco tempo em prática
≥17 - Dezembro	Esta parte da sessão demorou cerca de 25 minutos e funcionou de forma bastante dinâmica
<17 - Março	Não consegui realizar o jogo no final,
<17 - Outubro	Aquecimento mais demorado, não possibilitando mobilização articular
<17 - Dezembro	nem dei tempo para os alunos perceberem o mesmo
≥17 - Novembro	pois optei por dar maior tempo de prática a este exercício, evitando assim que cada aluno fizesse apenas 2/3 vezes o exercício
<17 - Maio	é possível poupar algum tempo nas transições

< 17 - Abril	Porque era a primeira aula do período e era de apenas de 45', pretendendo poupar tempo.
<17 - Outubro	No período de rotação dos alunos pelas estações, permiti que as raparigas fossem beber água, e não deixei ir os rapazes porque queria maximizar ao máximo o tempo de prática e tinha de explicar a tarefa/jogo.
≥17 - Fevereiro	consegui aproveitar este tempo
≥17 - Novembro	tive muito tempo na estação de salto de eixo e mini-trampolim;
≥17 - Dezembro	tentativa de diminuir o tempo de Instrução

Anexo 16 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Situações de Aprendizagem

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	A aula de quinta-feira foi caracterizada maioritariamente pela aplicação dos testes do Fitnessgram. A organização destes foi realizada da seguinte forma, teste de extensões de braços e abdominais, alunos estavam agrupados em grupos de três, em que um realizava o teste e os outros dois teriam uma função. Nos testes de senta e alcança e extensão do tronco, a turma seria dividida em dois, mantendo-se os trios, estes realizavam um teste e assim que cada elemento do trio tivesse realizado o teste rodariam para o outro teste. O teste de flexibilidade de ombros foi feito pelo professor durante a saída dos alunos da aula. O registo dos valores obtidos era feito pelos alunos em folhas coladas na parede com os seus nomes e os valores obtidos no primeiro momento de teste, permitindo a observação da evolução
≥17 - Maio	A organização da aula sob a forma de torneio no futebol foi, nesta primeira aula da UE, um sucesso para os objectivos que se pretendiam. As regras foram estabelecidas à partida e embora tivessem causado alguma resiliência nos alunos foram bem aceites decorrendo sem problemas.
≥17 - Maio	Tal como já havia acontecido na anterior abordagem à patinagem, também desta vez resultou a organização proposta.
< 17 - Maio	Enquanto que na última aula todos os alunos fizeram os testes de abdominais e extensões de braços ao mesmo tempo e no início da aula, os testes avaliados hoje tinham características que não podiam ser executados da mesma forma. Assim, o aluno que não fez aula foi chamando um colega de cada vez para fazer os testes enquanto a restante turma trabalhava normalmente nas várias estações.
< 17 - Maio	Os testes decorreram de forma fluida e organizada
≥17 - Novembro	Penso que no auxílio desta diminuição esteve a apresentação aos alunos de uma progressão (uma tábua apoiada em dois cones) onde a altura da fasquia era consideravelmente mais baixa e onde os alunos tiveram oportunidade de mecanizar o movimento pretendido
≥17 - Novembro	Senti que as progressões pedagógicas e os feedbacks dados produziram efectivamente resultados.
≥17 - Novembro	Exemplo disso mesmo é a realização do elemento proposto com o base encostado à parede
≥17 - Novembro	Progressões adequadas
≥17 - Novembro	Na Dança, trocar as frentes
≥17 - Outubro	Assim, e para não ficarem 19 alunos à espera enquanto apenas um realizava o teste decidi dividir a turma em dois grupos, enquanto um estava no teste de velocidade os outros estavam a realizar a condição física de forma autónoma,
≥17 - Outubro	Quanto às situações proporcionadas no futebol penso que até estariam ajustadas aos objectivos da aula porém, não as apliquei na forma que tinha planeado, apenas por uma razão simplista de organização, o que levou a que muitas raparigas passassem o jogo na conversa. É sem duvida importante a presença de jogos reduzidos.
≥17 - Outubro	Nomeadamente a estação de Velocidade onde coloquei uma competição de 1 contra 1, e cada aluno tinha de realizar pelo menos uma corrida com cada 1 dos restantes colegas do grupo e na estação de Salto em Comprimento coloquei marcas, para que no salto seguinte o aluno tenha o objectivo de melhorar o seu salto.
≥17 - Outubro	Aquecimento com pouca dinâmica, devido principalmente ao espaço ser grande e pouco alunos a apanhar
≥17 - Outubro	No exercício de resistência, optei por introduzir um pequeno factor de competição, como forma de motivação: o grupo que se aproximasse mais do tempo alvo por volta, ganharia um ponto. Esta condicionante acabou por

	concorrer para o sucesso do exercício, uma vez que os alunos já não paravam na zona de contagem e de forma global, pareceram-me ajustados os percursos a cada aluno.
≥17 - Outubro	Nos exercícios de condição física voltei a dispor os alunos em “U” com o objectivo de terem um modelo correcto de execução. Depois desta abordagem massiva, será benéfico começar a individualizar o desenvolvimento das capacidades físicas.
≥17 - Outubro	Ninguém a dar ajudas nos saltos
<17 - Outubro	no entanto é de evitar a realização dos testes de aptidão física numa só aula
≥17 - Janeiro	Sei porém que esta organização pode não ser suficiente para cumprir o nível introdução pois não se dá oportunidade aos alunos de realizar as sequências gímnicas.
≥17 - Novembro	Progressão para a roda
<17 - Fevereiro	Para além destas tarefas, procurei que mais uma vez os alunos com mais dificuldades na ginástica de solo tivessem a oportunidade para trabalhar os elementos isolados de nível I.
<17 - Fevereiro	Na segunda parte da aula, sensivelmente 20 minutos, optei por criar dois jogos jogos distintos para os alunos trabalharem passe, recepção, desmarcação de apoio e rotura e enquadramento defensivo no andebol
<17 - Janeiro	No que diz respeito a estação de Basquetebol foi priorizado pelo professor a situação de 3x1 pelo que na próxima aula deverá acontecer mais situação de jogo(3x3)
≥17 - Novembro	Trabalho de flexibilidade
≥17 - Março	organizei os jogos consoante os grupos formados para a aula, facto que me permitiu organizar rapidamente o jogo
<17 - Novembro	hoje tinha duas estações de Voleibol, numa tinha jogo 4x4 e na outra os alunos trabalhavam a técnica do toque de dedos e manchete.
<17 - Novembro	permiti soluções de 3x3 com especial incidência para a ocupação do espaço, condução de bola pelo corredor central, passe e corta e correcta leitura de jogo.
≥17 - Setembro	Foi por isso decidido realizar uma estação de patinagem, uma de futebol e uma de barreiras.
<17 - Outubro	gerir da melhor forma o facto de ter alguns alunos de fora. No grupo dos rapazes, no futebol ficaram a fazer passe frente a frente, porque só permiti o 5x5; no andebol, e por falta de tempo, optei por colocar o jogo em 7x6 nada apropriado sobretudo a alunos com grandes dificuldades.
< 17 - Dezembro	Na parte final da sessão, coloquei alguns alunos mais fortes a funcionarem como jokers no jogo dos alunos menos fortes promovendo assim cooperação e inter-ajuda entre eles.

Anexo 17 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Estações: Distribuição e Transição

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Rápidas rotações
≥17 - Dezembro	Rotação rápida e sem dúvidas
≥17 - Janeiro	as transições de estações mostraram-se um pouco mais lentas que o normal
≥17 - Janeiro	Demora nas transições para cada estação
≥17 - Maio	Numa aula com uma organização recheada de diferentes matérias e diferentes momentos distintos, destaco positivamente a forma como decorreram as transições. Estas foram rápidas não permitindo que os alunos deixassem de realizar as actividades pelas condições adversas.
≥17 - Maio	Rápidas rotações
< 17 - Maio	Desta forma é possível poupar algum tempo nas transições de estação e os alunos não passam duas vezes pelo Voleibol como aconteceu na aula anterior.
≥17 - Maio	Cumprir com rigor as horas de transição (para que todos os alunos estejam o mesmo tempo em cada estação)
<17 - Março	Distribuição pela prática algo demorada/Alguma desorganização na ginástica, esperando que eu lá fosse para iniciar a actividade
≥17 - Novembro	primeira rotação demorou mais tempo que as seguintes, o que levou a que um grupo não tenha passado por uma estação
≥17 - Novembro	Rotação rápida e sem dúvidas
<17 - Novembro	Na parte principal, a organização e distribuição dos grupos pelas estações aconteceu de forma rápida
<17 - Novembro	demasiado tempo na transição
<17 - Novembro	1ª rotação bastante longa prepositado para os alunos do Grupo A + fracos aptidão física
<17 - Novembro	Distribuição dos grupos pelas estações de forma rápida, optando por colocar o futebol a funcionar primeiro explicando depois o volei/Porque o primeiro grupo que foi para o futebol é mais forte no volei e não era necessário tanto xxxxlítico
≥17 - Outubro	não há dúvidas nos momentos de rotação e os mesmos são rápidos.
≥17 - Outubro	Optei por organizar as matérias em 3 estações: Patinagem, andebol e barreiras. Sendo que um grupo apenas realizou patinagem e o outro realizou andebol e barreiras.
≥17 - Setembro	Fluidez nas transições entre cada estação
≥17 - Setembro	As estações funcionaram
≥17 - Setembro	O espaço reduzido do Ginásio C tornou o sistema de rotações fácil de gerir com transições rápidas
≥17 - Março	distribuição rápida dos alunos por cada estação

Anexo 18 - Episódios reflexivos sobre (Organização) Grupos/Diferenciação de Ensino

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Assim, dividi a turma em quatro grupos, dois de rapazes e dois de raparigas e provoqueei-os no sentido de enumerarem 3 temas que gostassem de ver discutidos na aula, relativamente à sexualidade, ao sexo oposto, aos mitos da adolescência. Após este período de reflexão cada grupo elegeu um dos tópicos e construíram uma pequena cena que o teatralizasse.
< 17 - Abril	Distribuição foi rápida, tendo ajustado os grupos durante o aquecimento
< 17 - Dezembro	Com apenas 13 alunos a fazerem aula prática dividi-os em 2 grupos de nível e cada um dos grupos realizou tarefas ajustadas ao seu nível com objectivos distintos. No 1º grupo insisti sobretudo nas competências básicas de nível I, trabalharem durante algum tempo, passes e desmarcações em situação competitiva. No 2º grupo, inicialmente introduzi o lançamento na passada e eles repetiram durante algum tempo o gesto com algumas correcções da minha parte
< 17 - Dezembro	Acabou por não haver diferenciação no ensino nesta estação
≥17 - Dezembro	Quanto à diferenciação do ensino falta ainda sistematizar um plano que indique a diferenciação de actividades a cada grupo de nível distinto.
≥17 - Fevereiro	Pretendo adoptar para a próxima unidade de ensino a formulação de grupos heterogéneos que previnam estas situações de desmotivação de alguns alunos.
≥17 - Fevereiro	Reformulação dos grupos
≥17 - Fevereiro	Um dos aspectos que irei aferir durante esta UE é de que forma a motivação dos alunos varia com a criação de grupos homogéneos.
≥17 - Fevereiro	Na visita inter-escola realizada no dia 14 de Fevereiro, deparámo-nos com a formação de grupos homogéneos já na 3ª Etapa. A justificação dada para tal foi a de que alunos muito evoluídos que já detêm o nível Avançado poderão continuar a servir de agentes de ensino para colegas com níveis inferiores. Será interessante acompanhar a evolução da relação aluno-aluno ao longo desta UE.
≥17 - Fevereiro	O relacionamento destes alunos com outros com níveis de desempenho elevados têm tido uma influência positiva no seu próprio desempenho
≥17 - Janeiro	Nesta aula, fiz um aquecimento específico e diferenciado tendo em conta o nível dos alunos na matéria de Futebol. Assim o grupo mais forte fez o jogo dos passes, e os grupos e nível inferior realizaram um exercício de técnica individual para o Futebol.
< 17 - Maio	No Voleibol, os alunos com maiores dificuldades trabalharam numa situação de 1+1 e os mais fortes fizeram jogo 3x3.
≥17 - Maio	Os grupos estavam bem formados (os “faladores” estavam todos separados)
≥17 - Março	Uma vez que os grupos desta UE foram definidos em função do nível de desempenho no voleibol, fará todo o sentido adaptar os exercícios desta matéria ao nível de cada grupo – ensino diferenciado
<17 - Março	Introduzi os novos grupos de trabalho
<17 - Novembro	mexer mais nos grupos que estabeleci para aula de forma a adequar mais os exercícios a cada aluno
<17 - Novembro	faltaram 3 alunos do grupo mais fraco/Desorganizou-se as equipas para Futebol
≥17 - Outubro	optado pela realização de grupos heterogéneos
≥17 - Outubro	Em ambas as matérias saliento a necessidade e importância de juntar elementos que fossem mais aptos com aqueles menos aptos. Nesse sentido, no futebol fiz essa associação no início da aula enquanto esperava os alunos que tinham ido buscar os patins
≥17 - Outubro	Para isso foram construídos dois grupos heterogéneos, tendo como principal critério, a formação de um grupo com alunos mais fracos na patinagem com juntamente com três alunos de nível elementar, que pudessem servir de modelo de aprendizagem. Também para o treino da resistência foram criados três grupos com

	base nos resultados do teste do vaivém.
≥17 - Outubro	talvez mais importante, coloquei as fitas e o papel com as equipas prontas no local onde queria que os alunos se juntassem.
≥17 - Setembro	Quanto à organização da aula considero que poderia ser melhorada, sobretudo na troca de tarefas, se estimulasse os alunos a decorarem o seu grupo (A,B,C)
≥17 - Setembro	A turma foi dividida em dois grupos, sendo que um grupo apenas realizou patinagem e outro passou pelo futebol e pelas barreiras. Este grupo realizou ainda o teste de velocidade.
	A divisão dos grupos foi feita com base nas impressões retiradas da primeira aula, assim foi criado um grupo com os alunos mais hábeis que iniciou a patinagem nesta aula.
<17 - Setembro	até porque não houve preocupação minha na formação de grupos
≥17 - Setembro	Ao nível da formação de equipas, nesta aula procurei misturar mais os géneros, o que não correu tão bem, pois os grupos ficaram heterogéneos e, não havendo grande cooperação por parte de alguns alunos,
≥17 - Setembro	Formar grupos homogéneos
<17 - Setembro	conseguindo até, uma diferenciação do ensino entre os dois grupos.
≥17 - Dezembro	o Salto em comprimento vai sofrer alterações nos níveis, já que não houve prática desta modalidade na etapa transacta.
≥17 - Março	Assim, o grupo de raparigas foi jogar voleibol e os rapazes futebol.
≥17 - Março	organizamos os alunos de modo a que pudessem experimentar uma situação mais formal de ambas as matérias. Embora não seja recorrente esta forma de organização da classe poderá ser benéfica para os alunos uma vez que desta forma alunos de diferentes turmas partilham experiências diferentes.
≥17 - Novembro	formação de pares mistos
≥17 - Novembro	Devo ajustar os objectivos aos alunos pois para alguns a técnica de tesoura já não constitui qualquer dificuldade. Esta situação evitará sucessivas mudanças na altura da fasquia devida a esta diferenciação de objectivos
≥17 - Novembro	deverei ajustar os objectivos propostos para criar desafio nos alunos
≥17 - Outubro	Definição de objectivos para o Salto em Comprimento e Velocidade de forma a motivar e empenhar os alunos nas tarefas, penso que esta medida teve sucesso;
≥17 - Fevereiro	Assim tive de ajustar dois dos grupos da aula

Anexo 19 - Episódios reflexivos sobre (Planeamento) (In)Cumprimento

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
<17 - Março	Face a esta situação, optei por trabalhar o Voleibol mas com situações diferentes. Por um lado foi bom não conseguir trabalhar o que tinha planeado porque os alunos mais fortes iam trabalhar o remate em suspensão e hoje, pela situação se aprendizagem que utilizei, verifiquei que os alunos precisam de exercícios mais simples.
≥17 - Fevereiro	o que acabou por não acontecer.
≥17 - Novembro	A rotação de todos os alunos por todas as matérias acabou por não se efectivar pelo que poderá ser interessante esta abordagem na próxima aula com estrutura idêntica (3 ^{af}).
≥17 - Novembro	cada grupo não chegou a estar numa estação
≥17 - Abril	Uma vez mais faltou a flexibilidade
< 17 - Dezembro	Relativamente à parte da aula prática, enquanto durou, não correu exactamente como planeei. Tinha planeado um exercício de Corfebol para o início da parte principal da aula e acabei por me esquecer de o dar aos alunos. Entretanto, já no exercício seguinte, lembrei-me deste exercício que me tinha esquecido e optei por fazê-lo no final da aula. Como começou a chover já não dei este exercício nem deu tempo para todos os alunos passarem em todas as estações. Estou convencido que ainda estava dentro do tempo e que era possível fazer tudo o que tinha planeado.
< 17 - Dezembro	No Pátio Principal a aula correu de acordo com o plano
≥17 - Janeiro	Não cumpro o plano de aula – parte da flexibilidade
≥17 - Maio	Feitos os alertas, embora estivesse muito calor não deixei de realizar a aula tal como a tinha planeado.
≥17 - Maio	Na abordagem à corrida de estafetas, tal como já calculava quando planeei a aula não tive tempo de realizar esta matéria pelo que optei apenas por fazer uma demonstração salientando alguns aspectos específicos do sucesso nesta matéria
≥17 - Novembro	Acerca deste item realço, que a não realização dos exercícios de luta propostos no plano de aula deveu-se única e exclusivamente ao meu esquecimento
≥17 - Outubro	Ainda no que respeita a esta matéria tinha previsto a realização de uma forma lúdica (jogo caça pinos), mas acabei por não fazer por considerar que seria muito difícil para alguns alunos.
≥17 - Setembro	Tinha também planeado colocar uma condicionante nos jogos de basquetebol e futebol que era a de não se poder roubar a bola ao jogador com a sua posse. Porém, esqueci-me de a referir aos alunos, o que, após reflexão, percebi que não fazia sentido, uma vez que estamos em Avaliação Inicial e não devemos condicionar as situações previstas
≥17 - Fevereiro	que acabou por não se realizar nesta aula
≥17 - Abril	Realização de testes Fitnessgram
≥17 - Novembro	Não dei a Rumba Quadrada
≥17 - Setembro	Apesar de ter escrito no plano de aula para falar da importância da cooperação, antes do jogo de basquetebol, mais uma vez me esqueci.
<17 - Outubro	No final não executei os alongamentos planeados/Optei por enviá-los para o balneário de forma a ficar e medir alunos que faltavam

Anexo 20 - Episódios reflexivos sobre (Planeamento) Erros

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Fevereiro	No início da aula, aquando da consulta do plano de aula, deparei-me com um erro de planeamento: apenas tinha previsto 4 estações para 5 grupos.
<17 - Março	Esta aula no Polidesportivo começou mal à partida. Planeei trabalhar neste espaço o Voleibol pensando na rede que nele existe. Cometi o erro de não verificar as condições do material antes da aula e não pude cumprir o planeado por falta de condições dos postes e redes de Voleibol.
≥17 - Novembro	Não aconteceu questionamento, sendo esta uma falha de planeamento.

Anexo 21 - Episódios reflexivos sobre (Planeamento) Ajustes

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Janeiro	optei por não estabelecer um período de instrução inicial e começar a aula com o aquecimento não perdendo tempo de aula
<17 - Novembro	Esta foi mais uma aula em que foi obrigado a mudar o espaço devido às condições climáticas, mais uma vez segui uma lógica, de substituir as matérias da unidade presente por matérias da unidade seguinte
≥17 - Setembro	Quanto a este último factor, considera-se que apesar de se ter verificado que a utilização de apenas duas estações (patinagem e barreiras) tivesse sido mais adequada de modo a poder obter um maior número de registos
≥17 - Setembro	A estrutura desta aula foi bastante semelhante à da aula anterior, pelo que as principais alterações foram realizadas ao nível dos exercícios de aquecimento e na aptidão física.
< 17 - Dezembro	Decorridos cerca de 60' da aula, começou a chover e não haviam mesmo condições de continuar lá fora, arrumámos o material e fomos para a sala
< 17 - Dezembro	Como consequência o Badminton ficou descurado na medida em que foi praticado sem rede
≥17 - Fevereiro	Após esta observação [Aquecimento com pouca intensidade] procurei aplicar algumas alterações no exercício que provoca-se aumento de dinâmica e intensidade.
≥17 - Fevereiro	A minha decisão no momento foi a de separar a Ginástica de solo e Acrobática e assim criar duas estações autónomas. Considero ter sido uma boa opção.
<17 - Janeiro	Nesta aula tive que fazer dois ajustes no momento. Um foi relativamente a dois rapazes que estavam num grupo de raparigas e que estavam a fazer Futebol. Os rapazes demonstraram que o exercício (2x0) já não estava a ser estimulante e optei por colocá-los a fazer 1x1 terminando com finalização. Teve um bom resultado. O outro ajuste foi em relação à estação de relação com bola no Futebol. Aqui todos os grupos iam fazer relação com bola mas o grupo mais forte ia perder o interesse na aula se fizessem naquele momento relação com bola. Daí que optei por alterar e disse-lhes para fazerem jogo, tal como na outra estação. Penso que este grupo não precisa mesmo de trabalhar o Futebol em exercícios analíticos, agora só precisam de jogo independentemente das suas características.
< 17 - Maio	Outra alteração nesta aula foi a rotação dos grupos. Em vez de quatro estações em que os alunos rodavam de 10 em 10', dividi em duas grandes estações, uma de Voleibol e outra de Ginástica e Condição Física (CF)
≥17 – Maio	Aumentar a altura das barreiras fez com que os alunos tivessem que ter mais atenção à técnica das barreiras
≥17 - Novembro	O exercício sofreu uma alteração no decorrer da prática, o que considero ser um ponto bastante positivo na minha intervenção, uma vez que o simples adicionar de cones durante o percurso potenciou, de um modo mais efectivo um dos objectivos pretendidos – condução de bola
≥17 - Novembro	mas depois de fazer algumas alterações o exercício tornou-se mais dinâmico
≥17 - Setembro	A alteração nos exercícios de aquecimento aconteceu no sentido de aproveitar este momento para trabalhar o lançamento na passada, movimento técnico bastante importante no basquetebol, o qual observei, na aula, bastantes dificuldades da parte dos alunos. Além do lançamento na passada, foi trabalhado o drible de protecção e o enquadramento ofensivo, úteis para serem utilizados em jogo.
<17 - Fevereiro	A condição física apenas precisava que lhes atribuisse uma outra tarefa, como corrida lenta até concluir os 10', e já não teria problemas neste aspecto.
≥17 - Fevereiro	Assim tive de ajustar dois dos grupos da aula
<17 - Novembro	Podia ter substituído os exercícios de condição física por exercícios de drible, passe e recepção ao nível do Basquetebol

≥17 – Abril	Devido à queda de granizo na passada sexta-feira, o pavilhão gimnodesportivo ficou inutilizável. Assim, houve necessidade de planear uma aula alternativa. Foram então leccionados os conteúdos relativos à área dos conhecimentos, que servem de base ao trabalho de grupo que os alunos irão desenvolver. Apesar de ter previsto a demonstração prática da leitura de rótulos e de inclusive ter levado para a aula algumas embalagens que os alunos pudessem analisar, acabei por não as mostrar. Outra decisão que tomei, foi abordar a temática da Educação Sexual, uma vez que em reunião do NEEF tinham já sido delineadas as principais estratégias de abordagem.
≥17 - Abril	Esta aula está enquadrada na última unidade de ensino, o professor escolheu fazer os testes antes das restantes sessões para tornar estes resultados mais significantes, na medida em que possibilitam que os alunos identifiquem as suas dificuldades e trabalhem para as melhorar. A aula de terça-feira surgiu como a última aula da unidade ensino anterior, devido aos testes intermédios e às condições climatéricas apenas tinham sido prescritas duas aulas desta unidade, sendo necessário acontecer mais uma, decidiu-se realizá-la no período que precedia às férias da Páscoa.
< 17 - Abril	Nesta aula tentei utilizar exercícios que eles já tivessem executado, não demonstrando os dois de andebol falando apenas no Badminton
≥17 - Dezembro	Penso que fiz um planeamento pequeno desta parte da aula, uma vez que realizei os exercícios rapidamente e ainda sobrou algum tempo para introduzir mais exercícios.
< 17 - Dezembro	Esta 28ª aula estava prevista para o espaço Exterior. Por esta altura, com o mau tempo que tem estado, optei por pensar numa alternativa ao plano de aula que foi pensado segundo a UE a que diz respeito. A alternativa não era complexa, pelo que não foi necessário fazer um plano para tal. Apenas me preparei para o facto de poder estar a chover e pensei numa aula de Dança dada na sala de aula. No entanto, na hora de início da aula o tempo estava aceitável, sem chuva, pouco frio e piso praticamente seco. Como tal, dei a aula no Exterior consoante o que tinha planeado.
≥17 - Dezembro	Pelo facto de ser a última aula do período, planeei a aula de modo a que os alunos estivessem no pouco tempo de prática, realmente em actividade.
<17 - Fevereiro	O problema começou logo no planeamento quando pensei em abordar o Badminton no espaço Exterior. Pensei em fazê-lo neste espaço para aproveitar a sua dimensão e assim dar mais espaço para os alunos trabalharem as técnicas pretendidas no Badminton. As condições meteorológicas estavam boas mas a mais pequena brisa fazia com que o volante se desviasse e impedisse os alunos de jogar Badminton. Ao ver isto, tendo em mente que o professor deve ter a capacidade de alterar quando um exercício não corre bem, abortei totalmente a estação do Badminton e criei uma estação de Corfebol que é uma matéria alternativa nesta UE. Este foi o princípio do problema
<17 - Janeiro	Relativamente ao planeamento da aula, é essencial que comece a especificar mais, no plano de aula, as componentes críticas dos exercícios que vão ser trabalhados na aula.
<17 - Janeiro	Esta parte do plano é um aspecto que tenho que alterar urgentemente, vou começar a colocar apenas o essencial que pretendo de cada aula em cada exercício.
≥17 - Maio	No entanto, procurando descobrir os objectivos da prova global e a forma como estes poderiam contribuir para a minha formação e para a aprendizagem dos alunos, decidi tornar esta aula, uma aula de prova global, em que os níveis da aprendizagem referentes à Ginástica Acrobática e à Ginástica de Aparelhos, neste caso ao Plinto, estariam ao dispor dos professores observadores, Manuela Jardim e André Góis, aferindo estes, de acordo com a prática dos alunos nessa aula os níveis da prova global.
≥17 - Maio	Sendo a principal falha às competências terminais definidas para o 9ºano a não utilização da elaboração de uma sequência. Esta decisão foi tomada de acordo com o tempo disponível para cumprir os objectivos da Ginástica Acrobática, tal como com a constatação da dificuldade da turma em trabalho autónomo, verificada na definição de uma sequência em Ginástica de Solo (matéria prioritária em Plano

	Plurianual e confirmada em Plano Anual)
<17 - Março	terei que ajustar o planeamento para que os alunos desenvolvam as técnicas de base.
≥17 - Março	Relativamente ao plano de aula, importará sistematizar de forma mais explícita as actividades que cada grupo faz em cada aula, bem como os exercícios específicos para cada grupo.
≥17 - Março	O plano teve de ser modificado, devido à chuva, e assim fomos para o Ginásio C rever as danças já aprendidas e introduzir uma dança, o Malhão.
≥17 - Março	Aquando o momento da introdução da dança tradicional planeada, a Barra de Folclore, o PE ajustou o planeamento, já que os alunos não tinham apreendidos conteúdos anteriores do plano plurianual, nomeadamente a dança Tacão e Bico do nível Elementar. Sendo assim, o professor planeou introduzir e consolidar esta dança.
≥17 - Novembro	Penso, portanto introduzi-los nas próximas aulas sendo que poderá tomar duas formas: i) intercalar entre a rotação nas estações da aula ii) surgir após a abordagem massiva do futebol
≥17 - Novembro	As matérias da 2ª Unidade de Ensino que terão continuidade da 1ª serão Ginástica de Solo e Lançamento do Peso
≥17 - Novembro	A aula de terça foi modificada devido às condições climatéricas, assim a aula do Pátio Principal, Andebol, Estafetas e Peso, não se realizou. Em substituição foi dada uma aula de Dança no Ginásio B, espaço interior alternativo ao PP.
≥17 - Outubro	Quando planeei a aula deparei-me com uma indecisão acerca da realização da corrida de resistência aeróbia. Por um lado, seria vantajoso fazê-lo pois permitiria uma relação directa entre os conteúdos teóricos e a prática (FC), tal como já tinha sido reflectido em outras autoscopias. Por outro, a prioridade desta aula seria sem dúvida a realização do teste de velocidade. Perante este cenário pensei ainda em fazer no final da aula a fim de rentabilizar tempo uma vez que teriam que calçar os patins mas acabei por não fazer por pensar que não seria muito ajustado pois já tinham a duração do esforço de uma aula. Porém, se fosse agora não teria abdicado nem que fosse para testar a receptividade dos alunos ao exercício.
≥17 - Outubro	Tal como tinha previsto depois da aula anterior, reflecti e decidi que nesta aula voltaria a organizar a aula como praticamente todas as aulas do período de avaliação inicial à excepção da anterior.
<17 - Outubro	Na aula de hoje tive que alterar um pouco o que tinha planeado
<17 - Outubro	Bastantes alterações ao plano de aula, uma vez que tive que retomar dados dos alunos em vários testes de aptidão física.
≥17 - Fevereiro	Assim, para a próxima aula será feita uma alteração, com os alunos a realizarem apenas uma série de cada exercício proposto prevendo-se assim a realização do salto em altura
<17 - Novembro	A aula que estava planeada, no exterior, não foi leccionada devido à condições atmosféricas. Aproveitei para proporcionar aos alunos a aprendizagem e prática das matérias de solo, basquetebol e condição física.
≥17 - Novembro	Acabei por não realizar os dois exercícios propostos pois optei por dar maior tempo de prática a este exercício, evitando assim que cada aluno fizesse apenas 2/3 vezes o exercício

Anexo 22 - Episódios reflexivos sobre (Planeamento) Indicações futuras

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Fevereiro	No relaxamento os alunos terão de sair um a um, perdendo o efeito do mesmo se acontecer a saída da turma em simultâneo.
<17 - Março	Criar mais situações de remate saltado, alterando a organização das situações 1x0
≥17 - Outubro	No entanto poderia aproveitar este período para realizar algum tipo de actividade, por exemplo algum trabalho de força ou flexibilidade.
≥17 - Novembro	A organização deverá ser melhor pensada em Revisão de Plano de UE.
≥17 - Outubro	Tempo no final da aula que poderia ter aproveitado para realizar alguma actividade, exemplo trabalho de força, flexibilidade
< 17 - Dezembro	Na próxima aula vou ajustar esta estação de acordo com os alunos, se eles continuarem a não fazer jogo vou passar para exercícios mais simples.
<17 - Janeiro	Mais tempo de jogo
≥17 - Março	Em relação às actividades propostas um dos aspectos que posso melhorar é aumentar o número de bolas no exercício de lançamento na passada
<17 - Novembro	Deveria ter identificado quem precisava mais de estar a trabalhar a técnica, em vez de estar no jogo, e alterar no momento.
≥17 - Outubro	Trabalhar as ajudas (colocar os alunos a dar as ajudas – questões de segurança)
<17 - Janeiro	na próxima aula deverá acontecer mais situação de jogo(3x3)
≥17 - Janeiro	Apostar mais no trabalho da força superior
<17 - Novembro	garantir que todos os alunos passam em todas as estações
≥17 - Abril	Embora no plano de etapa não tenha equacionado o facto de os alunos puderem trocar de estação com o objectivo de obterem um nível mais alto na disciplina da ginástica que pretendem trabalhar deverei precaver tal situação na próxima aula.
≥17 - Abril	Assim, parece-me coerente reflectir que a sequência garantida pelo horário planeado de Unidade de ensino, de semana a semana, tem um resultado mais positivo na aprendizagem dos alunos. No entanto, esta reflexão poderia ser fundamentada com alguns suportes teóricos, possível com alguma pesquisa, possível com mais tempo.
≥17 - Novembro	No plano de aula devem estar perfeitamente definidas as minhas prioridades de intervenção, para que possa focalizar a minha atenção numa matéria ou elemento, aumentando a qualidade da intervenção;
≥17 - Outubro	Muitas das situações poderão ser previstas em planeamento, outras surgem com a experiência. Esta aula surge como exemplo para tal.
≥17 - Novembro	Ginástica - definir duas sequências (uma para PE e outra para o E) e definir claramente o que os alunos estão a trabalhar -» Dar um desafio concreto para os alunos;
≥17 - Março	parece-me que será possível introduzir o resto da dança noutra oportunidade de aula alternativa ou então antes dos testes do Fitnessgram durante a próxima UE
<17 - Novembro	TRABALHAR MAIS CONDIÇÃO FÍSICA
≥17 - Outubro	Ginástica – próximas aulas criar progressões; colocar uma zona onde os alunos treinam uma sequência (para o Nível Introdutório ou Elementar) e outra zona onde eles treinam os elementos isoladamente);
<17 - Janeiro	componentes críticas que tenho que definir no plano de aula.
≥17 - Dezembro	Em relação ao Clima, poucas medidas foram pensadas para evoluir nesta dimensão.

Anexo 23 - Episódios reflexivos sobre Objectivos (Aula)

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Procurei relacionar ao máximo os objectivos com os vários níveis da matéria
≥17 - Novembro	Pretende-se que os alunos evoluam até à dança a pares com uma célula de movimento previamente definida (que não existiu nesta aula).
≥17 - Dezembro	para atingir os objectivos
≥17 - Fevereiro	Os objectivos principais desta aula seriam o aumento das intervenções à distância, a preocupação com o fecho do ciclo do feedback e a manutenção de aspectos organizativos.
≥17 - Novembro	O professor aproveitou as condições para avançar com a matéria de Dança, já que os objectivos da mesma para esta UE, nível Elementar de Foxtrot Social, poder-se-ão apresentar demasiado ambiciosos para a turma em questão.
<17 - Setembro	O objectivo principal da aula foi cumprido, a avaliação inicial de solo
≥17 – Maio	No entanto, parece-me que o objectivo da prova global não deve ser encarado apenas como um momento de avaliação sumativa, mas terá outro tipo de objectivos. A reflexão sobre esses objectivos ainda está um pouco difusa, no entanto, parece-me interessante, definir e ajustar critérios entre diferentes professores, bem como aferir níveis a um nível transversal potenciando a definição de objectivos em Plano Plurianual
≥17 – Novembro	No entanto, a noção do objectivo para o qual estão a trabalhar garante um bom clima aluno matéria, como se verificou na Ginástica
≥17 – Maio	Não sendo a Ginástica Acrobática uma matéria prioritária foram definidos objectivos de acordo com a carga horária disponibilizada para tal, não sendo possível cumprir os objectivos definidas nas orientações do sub-departamento,
≥17 – Abril	Na próxima aula não deixarei abandonar a tentativa de leccionar esta dança a pares com dois objectivos: i) Promover a interacção física entre os alunos da turma ii) Melhorar as competências dos alunos numa dança de salão a pares
≥17 – Setembro	Esta aula foi a primeira do período de avaliação inicial, sendo este o principal objectivo da mesma
<17 – Janeiro	durante a prelecção inicial foram lembrados os objectivos para esta unidade de ensino.
≥17 – Setembro	cruzando os objectivos propostos para esta aula
≥17 – Outubro	considero que os alunos tiveram oportunidade de repetir várias vezes os exercícios propostos cumprindo o objectivo de aperfeiçoamento técnico nas várias matérias.
≥17 – Fevereiro	Apesar disso considero que no geral o equilíbrio entre o tempo de prática e os objectivos propostos para cada estação estão adequados
≥17 – Maio	A aula de quinta-feira teria como objectivos a revisão dos níveis por parte dos alunos e do professor, sendo a última aula da unidade de ensino.
≥17 - Outubro	há que enfatizar que o objectivo seria conseguir prolongar aquela intensidade de corrida por mais 20 minutos.

Anexo 24 - Episódios reflexivos sobre Segurança

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
≥17 - Fevereiro	existia uma estação que requeria cuidados de segurança acrescidos
≥17 - Fevereiro	ênfase aos montes e desmontes das figuras assegurando que estes ocorrem em segurança.
≥17 - Fevereiro	relógios, cabelos apanhados
≥17 - Maio	Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados
≥17 - Novembro	segurança
<17 - Novembro	segurança
≥17 - Outubro	Ninguém a dar ajudas nos saltos
≥17 - Outubro	Não ter tirado o trampolim (reuther) quando foi o salto ao eixo (questões de segurança)
≥17 - Outubro	Trabalhar as ajudas (colocar os alunos a dar as ajudas – questões de segurança)
≥17 - Setembro	No final da aula, aconteceu um pequeno acidente, pois uma aluna caiu da trave para uma zona de colchões e depois bateu com a cabeça no chão já fora dos colchões. Penso que não foi um acidente com gravidade, no entanto penso que em termos de segurança a estação da trave estava bem montada, e talvez tenha falhado em não pedir aos alunos para que exista sempre um aluno de cada lado da trave a dar segurança para estes casos, no entanto já tinha observado a aluna a executar as tarefas pedidas neste aparelho e o seu nível era bom, por isso não senti que houvesse necessidade de pedir segurança. No entanto sempre que fizer trave devo pedir para os alunos devem dar segurança ao colega que esta a executar as tarefas.
≥17 - Setembro	Pedir aos alunos que tirem fios, brincos, anéis, piercings, etc.
≥17 - Setembro	Utilização de brincos, fios, piercings dos alunos
≥17 - Setembro	Acidente na trave
≥17 - Setembro	Na trave deve estar um aluno de cada lado a dar segurança
≥17 - Setembro	Outro aspecto que considero relevante foi não alertar para a regra de segurança relativa aos fios, brincos, pulseiras e anéis
<17 - Setembro	No início da aula, não falei nas regras de segurança, na próxima aula terei que o dizer e também fazer a verificação se de facto os alunos retiraram todos os brincos e pulseiras
≥17 - Outubro	cabelos atados, relógios, etc.;

Anexo 25 - Episódios reflexivos sobre Instrumentos/Objectos

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Dezembro	Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas
≥17 - Dezembro	Realçar que os exercícios da aula estão nas folhas
< 17 - Dezembro	Ficha de Auto-Avaliação e Explicação da mesma
≥17 - Dezembro	alterações em relação à ficha (na aptidão física)
≥17 - Fevereiro	instrumentos vários seriam experimentados pela primeira vez e outros redefinidos e utilizados em contextos/matérias diferentes
≥17 - Fevereiro	Assim, parece-me que a pós-reflexão desta aula orientada para os instrumentos de avaliação formativa deve orientá-los para a simplicidade e para aplicabilidade aos alunos e à dinâmica de aula.
≥17 - Fevereiro	Penso que antes da 2ª aplicação dos testes, os alunos ganharão muito se lhes for fornecida uma ficha individual com os resultados do Fitnessgram e as melhorias a fazer, tal como os valores da ZSAF.
≥17 - Maio	utilização de meios de suporte, fichas de registo, fichas de níveis, etc
≥17 - Novembro	através de fichas de registo simples
≥17 - Novembro	na consulta das folhas de grupo, tirando dúvidas, vão ler o que está escrito, componentes críticas, exercícios.
≥17 - Novembro	Ênfase na importância das folhas no decorrer das aulas, alunos começam a perceber e a consultar
≥17 - Novembro	importância da consulta das folhas
≥17 - Novembro	Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas
≥17 - Outubro	Não valorizei as fichas (e eles não ligarem nenhuma)
≥17 - Outubro	Dar valorização às fichas de modo a que os alunos as utilizem como um bom instrumento de trabalho
≥17 - Outubro	coloquei as fitas e o papel com as equipas prontas
≥17 - Fevereiro	instrumentos de avaliação formativa foram experimentados apenas por alguns
≥17 - Dezembro	importância das folhas
≥17 - Outubro	Quanto à abordagem aos novos conteúdos quero realçar a pertinência de mostrar um objecto novo para muitos dos alunos (cardiofrequencímetro) que aproximou os alunos da realidade desportiva.

Anexo 26 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Ajudas

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Novembro	Finalmente importa referir que a maior parte dos alunos ainda não realiza a ajuda ao colega que está a fazer o exercício, ou se realiza não o faz correctamente.
≥17 - Novembro	Ajudas
≥17 - Novembro	Alunos não realizam a ajuda nos exercícios, excepto algumas excepções

Anexo 27 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Responsabilização

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Outubro	Definição de tarefas com responsabilidade para a aluna que não trouxe material
≥17 - Setembro	Defini tarefas durante a aula a uma aluna que estava de fora sem fazer aula
<17 - Setembro	No que respeita aos alunos que não faziam aula consegui ter tarefas para todos eles, no entanto, nas próximas aulas tenho ter em conta esse aspecto pois a tarefa pode ser melhorada
<17 - Setembro	sendo só feita a arrumação do material pelos alunos
≥17 - Fevereiro	O aquecimento inicial conduzido pelo aluno Ricardo decorreu sem qualquer problema
<17 - Janeiro	sendo que os alunos que não fizeram a aula ajudaram o professor no arrumo do material.
≥17 - Novembro	períodos da aula orientados pelos alunos
< 17 - Maio	o aluno que não fez aula foi chamando um colega de cada vez para fazer os testes enquanto a restante turma trabalhava normalmente nas várias estações.
≥17 - Outubro	colocar os alunos a dar as ajudas
≥17 - Maio	Por último, é de referir que hoje era o dia da entrega dos trabalhos teóricos, e dos 19 alunos inscritos na disciplina 12 entregaram. Embora com esta entrega esteja concluída esta área de extensão da EF se na correcção dos trabalhos verificar algum erro comum deverei esclarecer no início das aulas.
< 17 - Dezembro	Passado a parte dos alongamentos, referi como em aulas anteriores que esta função irá começar a ser desempenhada por um par de alunos a partir do próximo período.
≥17 - Janeiro	discurso da responsabilização teve novamente que surgir
<17 - Janeiro	trazerem para a próxima aula a definição de treino pois haverá um questionamento
≥17 - Outubro	Na patinagem, e por ter optado pela realização de grupos heterogéneos, será interessante da próxima vez que estivermos neste espaço responsabilizar um aluno para os exercícios básicos de adaptação desta matéria, tal como já acontece na parte inicial da aula durante o aquecimento
<17 - Outubro	um aluno a dar alongamentos
< 17 - Maio	Para isso utilizei o aluno que não estava a fazer aula para registar os resultados dos alunos

Anexo 28 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Faltas/Material

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
< 17 - Abril	ausência dos dois alunos mais conversadores e que são muitas vezes o foco de distrações na turma
< 17 - Abril	Faltaram alunos, o que obrigou a esses ajustes
< 17 - Dezembro	Esta aula ficou marcada pelo reduzido número de alunos que realizaram aula prática
≥17 - Fevereiro	ausência de sapatilhas
≥17 - Outubro	Um aspecto positivo desta aula foi que todos os alunos fizeram a prática, facto este, que em todas as aulas anteriores de 45 minutos não tinha acontecido.
≥17 - Setembro	Outra questão premente que se levantou hoje, foi a falta de material de alguns alunos. Uma falta de material simples, “esqueci-me do material” e duas birras “esqueci-me das sapateiras e não faço descalça”. Juntamente com as duas ausências à aula e à Íris que não fez a aula porque se encontrava com febre, deu um total de 6 alunos que não fizeram a aula. O Miguel Sequeira é outro problema onde terá de ser encontrada uma solução alternativa. Apenas fez uma das nove aulas.
≥17 - Setembro	Atenção na próxima aula com o contacto com Beatriz e Inês, questão das sapatilhas. Com Miguel Sequeira, questão das faltas.
≥17 - Outubro	aluna que não trouxe material

Anexo 29 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Atrasos/Pontualidade

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	alunos que chegavam atrasados
< 17 - Abril	Alunos chegaram atrasados
≥17 - Dezembro	No início da aula os alunos começaram por chegar um pouco atrasados
≥17 - Dezembro	Atraso dos alunos, colmatado pelo início rápido da aula com os alunos pontuais
≥17 - Fevereiro	alguns alunos chegaram atrasados
≥17 - Fevereiro	os alunos atrasados chegaram sem prejudicar o desenrolar da interação entre alunos e professores
≥17 - Janeiro	Os alunos têm progressivamente sido mais pontuais, o grupo mais pontual tinha vindo a desleixar-se um pouco, provavelmente pela falta de estratégias por parte do professor neste campo, e notavam-se casos de falta extrema de pontualidade. Existe um grupo de cerca de 10 alunos que chega ao toque e os restantes vão chegando até aos 5 minutos de aula.
≥17 - Janeiro	Existem ainda alguns casos residuais[atrasos] que deverão ser resolvidos individualmente.
≥17 - Maio	Alguns alunos chegaram atrasados
≥17 - Outubro	Atraso inicial dos alunos, no entanto este atraso tem vindo a diminuir na minha opinião
≥17 - Outubro	A aula iniciou-se cerca de 20 minutos depois do toque, facto que se deveu a uma certa displicência por parte dos alunos quer no período que tiveram para se equiparem, quer depois na aquisição dos patins.
≥17 - Setembro	No que diz respeito ao início da aula, ainda houve alunos que chegaram depois dos 5 minutos de tolerância, contudo, em menor número que a primeira aula. Voltei a referir a importância de chegarem a horas às aulas, tentando dar um tom autoritário ao discurso. Referi que havia consequências, mas não especifiquei nada em concreto.
≥17 - Setembro	Definir consequências para quem chega atrasado
≥17 - Setembro	outras, como o caso dos atrasos ao toque têm se mantido.
≥17 - Janeiro	beneficiando os alunos que foram pontuais
≥17 - Dezembro	pontualidade
≥17 - Novembro	Reforçar importância de chegar a horas
≥17 - Janeiro	cumprir a pontualidade.
≥17 - Outubro	Assertividade em relação à pontualidade
≥17 - Outubro	alterar tal atraso na próxima aula

Anexo 30 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Comportamento/Disciplina

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Outubro	Controlar mais os alunos no aquecimento (os faladores)
<17 - Outubro	Houve um comportamento de desvio Gonçalo Amigo e Diogo Costa/Estava na brincadeira e acabaram por se pegar/Separá-los
≥17 - Setembro	Outro aspecto que penso que nesta aula teve maior incidência está relacionado com os alunos que estavam sem fazer nada, por vezes deitados nos colchões, devo procurar evitar estes comportamentos.
≥17 - Setembro	Conversas dos alunos durante o período de Instrução
≥17 - Setembro	Risos e brincadeiras durante o aquecimento
<17 - Setembro	Existiram vários alunos que estiveram pouco tempo em actividade
≥17 - Setembro	Frisar a importância da cooperação dos alunos, sendo este um aspecto transversal a todas as matérias;
<17 - Setembro	de forma a evitar comportamentos de desvio.
≥17 - Setembro	Nas estações ainda houve muita brincadeira e pouco trabalho.
≥17 - Maio	embora tivessem causado alguma resiliência nos alunos foram bem aceites
<17 - Outubro	Melhor no que respeita à disciplina, pois a turma já ouve melhor aquilo que eu digo
≥17 - Setembro	duas birras “esqueci-me das sapateiras e não faço descalça”
< 17 - Abril	houve menos brincadeira e não me apercebi de comportamentos fora da tarefa. Isto pode ter acontecido pela ausência dos tais dois alunos como pode, também, ter acontecido por estarmos a abordar duas matérias que são realmente interessantes para a maior parte dos alunos.
≥17 - Dezembro	alguns comportamentos desviantes prejudicam determinados alunos.
≥17 - Novembro	de se manterem em silêncio
≥17 - Novembro	nota-se que os alunos estão muito dependentes da proximidade do professor
≥17 - Janeiro	Passando para os pares verificou-se alguma relutância dos alunos em juntarem-se com colegas do sexo oposto
<17 - Março	Ginástica com dinâmica por alguns alunos, com os mais fracos a fingir que faziam
≥17 - Fevereiro	alguma recusa a praticar na Acrobática e não verifiquei a sua atitude no Circuito de CF.
≥17 - Novembro	As progressões apresentadas para o pino no espaldar foram bem aceites pelos alunos, tendo eu visto alunos que nunca o tinham feito a experimentar estas situações
≥17 - Novembro	O clima de aula não sofreu alterações com a introdução duma matéria de alguma forma problemática, a Dança, devido à formação de pares mistos.
≥17 - Novembro	não verifico se há realmente mudança de comportamento
≥17 - Novembro	Em termos de disciplina o início e final das actividades foram controlados pelo professor, o que se assemelha positivo
≥17 - Setembro	a conversa entre os alunos
<17 - Novembro	apesar de haver alguns comportamentos fora da tarefa.
≥17 - Novembro	O clima de aula não sofreu alterações com a introdução duma matéria de alguma forma problemática, a Dança, devido à formação de pares mistos.

Anexo 31 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Motivação/Empenho

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Dezembro	Motivação e empenho dos alunos
< 17 - Dezembro	porque alguns alunos já estavam saturados do basquetebol, no final já com o pavilhão disponível, promovi um exercício de manutenção da posse de bola no futebol.
≥17 - Fevereiro	campeonato entre os alunos do mesmo grupo aumentou a motivação
≥17 - Fevereiro	os alunos empenhados
≥17 - Fevereiro	Os restantes grupos demonstraram alguns elementos desmotivados o que dificultou a dinâmica de trabalho e o empenho dos restantes elementos.
≥17 - Fevereiro	referindo necessidade de empenho
≥17 - Fevereiro	que previnam estas situações de desmotivação de alguns alunos.
≥17 - Fevereiro	Falta de empenho e dinâmica de dois grupos
≥17 - Fevereiro	Motivar e empenhar para a necessidade de realizar as tarefas durante o tempo em que estão na estação
≥17 - Fevereiro	Um dos aspectos que irei aferir durante esta UE é de que forma a motivação dos alunos varia com a criação de grupos homogêneos.
≥17 - Janeiro	A par daquilo que tinha acontecido na última rotação neste espaço a organização por estações na ginástica diminui o empenhamento dos alunos nas mesmas
≥17 - Janeiro	Necessidade de realçar a importância do empenho e motivação na aula, para cumprimento dos objectivos
≥17 - Janeiro	Melhorei a aptidão física (alunos muito mais empenhados)
<17 - Janeiro	Em relação ao clima aluno-tarefa, este é na ginástica de solo um problema para os alunos Fábio Contente, Mauro, David e Inês, pois tem sido difícil motivar estes alunos na medida em que, se não for com o meu incentivo estão parados.
≥17 - Janeiro	Para não voltar à mesma situação parece-me necessário utilizar formas diferentes de motivá-los para cumprir a pontualidade.
<17 - Janeiro	De realçar que na estação de Futebol o Grupo B e C demonstraram bastante empenho no entanto deverão conter mais tempo de jogo
≥17 - Maio	O jogo desta vez foi o hóquei em patins tendo sido uma motivação para os alunos
≥17 - Maio	procurar motivar os alunos nas tarefas
≥17 - Maio	Alunos bastante empenhados nas três estações
≥17 - Março	necessidade de aumentar o empenho como forma de atingir os objectivos
≥17 - Março	Penso que os alunos estiveram empenhados na realização das actividades propostas
≥17 - Março	realizei um mini torneio de Basquetebol, como forma de motivar os alunos
≥17 - Março	Motivação e empenho dos alunos
≥17 - Março	Participação do professor em tarefas da aula – motivante
≥17 - Novembro	Nesta aula foi menos notório do que seria de esperar a resiliência dos alunos à matéria. Contudo, e prevenindo esta situação deverei apresentar uma situação didáctica/jogo complementar onde possa existir prática motora específica evitando a desmotivação
≥17 - Novembro	Senti que alguns alunos estavam desempenhados e desmotivados na prática das actividades propostas.
≥17 - Novembro	Alguns alunos desmotivados e pouco empenhados
≥17 - Novembro	Reforçar que devem de estar empenhados em todos os exercícios
≥17 - Novembro	a introdução de elementos novos (materiais e exercícios) provocou uma reacção positiva na motivação para a prática. É da minha responsabilidade

	canalizar essa motivação e energia para uma prática efectiva das matérias.
<17 - Novembro	Ao nível da ginástica de solo, os alunos têm revelado empenho e esforço na aquisição de competências que ainda não estão adquiridas, pois são conhecedores do que precisam trabalhar
≥17 - Novembro	Alunos empenhados
≥17 - Novembro	Grupos a mostrar a Dança faz com que os alunos se tenham empenhado
≥17 - Novembro	desmotivando assim o aluno para a prática
≥17 - Novembro	O que fazer mais para motivar esta aluna para a prática da EF?
≥17 - Outubro	Todavia, sei que este tipo de soluções didácticas deverá surgir como forma de motivação dos alunos.
≥17 - Outubro	que poderiam provocar a falta de motivação e de empenho.
≥17 - Outubro	uma vez que foi das aulas onde os alunos tiveram mais empenhados para a prática das actividades propostas.
≥17 - Outubro	de forma a motivar e empenhar os alunos nas tarefas
≥17 - Outubro	No exercício de resistência, optei por introduzir um pequeno factor de competição, como forma de motivação: o grupo que se aproximasse mais do tempo alvo por volta, ganharia um ponto
<17 - Outubro	tenho de ter atenção a estes alunos, pois normalmente não se empenham o suficiente.
≥17 - Setembro	o que poderá ter causado a desmotivação dos alunos que ficaram em último lugar na condição física.
≥17 - Setembro	Desmotivação dos alunos, muito parados em vez de estarem a realizar o que lhes é proposto
≥17 - Setembro	No exercício de jogo lúdico poderia ter incluído alguma componente competitiva de maneira a aumentar os índices de motivação dos alunos.
≥17 - Setembro	momentos em que a turma apresente níveis de motivação abaixo do expectável
≥17 - Setembro	A utilização de bolas na aptidão física e a sua realização a pares também se demonstrou positiva e motivante
≥17 - Setembro	Os alunos pareceram abertos às matérias de Ginástica Acrobática e de Aparelhos, mantendo-se alguma desmotivação e reduzido nível de prática na ginástica de Solo.
≥17 - Setembro	com um comentário do professor sobre o empenho e o trabalho autónomo.
≥17 - Setembro	E Mafalda, questão do empenho
≥17 - Fevereiro	quer o seu empenho pela actividade
≥17 - Fevereiro	os alunos pareceram entusiasmados com as figuras e por vezes chamavam a atenção do professor para a sua prática.
≥17 - Dezembro	por alguma falta de empenho
≥17 - Maio	A utilização de contagem de tempo nas barreiras foi um factor motivacional muito bom
< 17 - Abril	Senti a turma mais empenhada
<17 - Novembro	Em relação ao clima aluno-tarefa, também correu de forma positiva, pois todos os alunos trabalharam para o seu respectivo nível e de forma motivada.
≥17 - Novembro	bom clima aluno matéria, como se verificou na Ginástica
≥17 - Novembro	Reforçar importância de estar em prática até trocar de estação
≥17 - Novembro	Clima Aluno-Tarefa
≥17 - Fevereiro	No circuito de CF os alunos mostraram interesse nos seus resultados do Fitnessgram
<17 - Março	destaco o empenho da aluna Soraya e Mariana.
≥17 - Novembro	dar-lhes a conhecer a avaliação poderá ser uma excelente forma de os motivar para uma prática mais intensa nas aulas.
≥17 - Outubro	não comprometendo a motivação dos alunos para a realização do mesmo.
< 17 - Dezembro	para manter os alunos despertos e motivados.

≥17 - Janeiro	Alguns alunos empenharam-se na estação de resistência, no entanto poderia ter controlado melhor esta estação para que o empenho dos alunos fosse superior
≥17 - Maio	Só assim foi possível garantir um empenho mínimo de todos.
≥17 - Dezembro	empenho na aula
≥17 - Janeiro	alguma falta de empenhamento
<17 - Janeiro	jogo 1x1 que se tornou pouco motivante

Anexo 32 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Conhecimentos/Prestação nas Matérias

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Nem todos os alunos conseguiram construir a coreografia a pares
≥17 - Dezembro	as maiores debilidades encontram-se nas raparigas ao nível dos JDC e em alguns alunos na ginástica
≥17 - Dezembro	Nas barreiras houve algumas evoluções em relação à frequência da passada. No Futebol, a distribuição adequada no espaço foi conseguida nos dois grupos mais avançados, no entanto, o grupo menos avançado terá de ter algum trabalho específico. Na Dança os níveis pareceram semelhantes, existindo dúvidas quanto a Guilherme, Vasco, Miguel S, Rodrigo e Telmo.
< 17 - Dezembro	Esta [Dança] decorreu sem grandes problemas a nível geral apenas 3 alunos ainda apresentam dificuldades (noção de ritmo) que são o António, Bernardo e Diogo.
≥17 - Janeiro	Nesta organização em line dance, o Emanuel foi o aluno com mais dificuldades.
≥17 - Janeiro	A pares as dificuldades são mais evidentes e são poucos os pares que conseguem fazer o pedido sem incorrecções.
≥17 - Janeiro	Alunos melhor na execução técnica da AF
<17 - Janeiro	Todavia em relação à ginástica de solo, foram conseguidos nesta aula 4 Níveis I, foram os casos da Marta Rodrigues, Ricardo e Fábio Contente.
< 17 - Maio	Quase toda a turma atingiu o Nível E da acrobática realizando cada um dois trios e três pares do nível.
	Apenas o Leonardo, o David, a Marta R e o Filipe não o conseguiram.
≥17 - Março	o conhecimento do jogo e das regras por parte dos alunos
<17 - Março	foi bom não conseguir trabalhar o que tinha planeado porque os alunos mais fortes iam trabalhar o remate em suspensão e hoje, pela situação de aprendizagem que utilizei, verifiquei que os alunos precisam de exercícios mais simples.
<17 - Março	A verdade é que os alunos ainda têm muitas lacunas na execução técnica dos vários elementos do Voleibol e terei que ajustar o planeamento para que os alunos desenvolvam as técnicas de base.
<17 - Março	Conseguir durante a aula confirmar e validar no Ténis de Mesa nível I do Hélder, Vítor, David e Inês. O Danilo e as dois Fábios atingiram nível E
<17 - Março	Em relação ao Voleibol, o grupo mais fraco ainda demonstra muita dificuldade em jogo 2x2 pois no critério “Utiliza ou passe ou manchete” os alunos não sabem qual a decisão acertada.
≥17 - Março	algumas falhas no plano rítmico
≥17 - Março	No entanto, os alunos aprenderam a dança de uma forma rápida, já que alguns alunos, Mafalda, Beatriz, Iris, os repetentes ou provenientes de outra turma, já tinham aprendido a dança, podendo ajudar os colegas e tornar o processo de aprendizagem mais rápido e eficaz.
≥17 - Março	No primeiro período de aula, a turma esteve a rever as danças Foxtrot e Valsa, mostrando algum esquecimento e necessidade de praticar, sendo as principais dificuldades o acompanhamento da estrutura rítmica da música e a confusão de passos de uma dança e outra.
≥17 - Março	O sucesso foi quase total, permitindo que todos os alunos dominassem o passe de serrar simples, no entanto, com mais tempo e respeitando as fases de aprendizagem das danças, a aprendizagem teria sido mais efectiva.
<17 - Março	remate em salto deu alguma luta na assimilação por alguns alunos
≥17 - Novembro	A revisão aconteceu sobre a forma de questionamento dirigido o qual nem sempre foi bem respondido pelos alunos
≥17 - Novembro	Porém, a maioria dos alunos tem facilidade em realizar os elementos propostos
≥17 - Novembro	A ideia de sequência gímnica deve ser incutida a fim de ser consolidada pois os alunos realizam os elementos de forma isolada e com grandes quebras

≥17 - Novembro	Ainda existem alunos que devido a receios não realizam de todo os elementos propostos.
≥17 - Novembro	Na estação do salto de eixo os alunos sentiram dificuldades, uma vez que não usaram as progressões que defini nas fichas de grupo, excepto quando eu dizia a eles para fazerem.
≥17 - Novembro	Importa também salientar a fraca qualidade de execução que os alunos demonstraram principalmente nas fitballs e nos elásticos.
<17 - Novembro	ajudar um número reduzido de alunos que têm grandes dificuldades e receita na execução de alguns elementos
<17 - Novembro	também no que concerne aos alunos, estes estão bem melhores do que chegaram.
≥17 - Novembro	A segunda, no Ginásio C, serviu para rectificar alguns erros comuns à turma, dançar fora da música e do ritmo, passo de canto realizado incorrectamente.
≥17 - Novembro	A Eliana, o Diogo e o Samuel foram identificados como alunos com mais dificuldades nesta matéria. Sendo a Mafalda, a Cátia e o João os alunos com mais aptidão para a mesma.
≥17 - Outubro	mas realço que ainda existem alunos com dificuldades na compreensão dos conteúdos.
≥17 - Outubro	Embora em autonomia, a realização dos exercícios calisténicos de condição física faz todo o sentido que apresente uma boa correcção técnica, o que ainda não acontece.
≥17 - Outubro	por considerar que seria muito difícil para alguns alunos
≥17 - Outubro	No grupo da patinagem foi possível verificar que dois alunos (André e Bernardo) têm grandes dificuldades em equilibrar-se na posição base. O Marco, o Bruno, o João Rosa, o Filipe e a Cátia Mendes embora já dominem a posição base e o deslize têm dificuldades em realizar a puxada de frente. A Sara C., a Joana Lopes, Joana Colaço e a Filipa embora tivessem realizado alguns exercícios base como consolidação de algumas técnicas, demonstram claramente um nível superior aos anteriores.
≥17 - Outubro	Não ter confirmado se o Ricardo sabia os testes (devia ter havido mais um aluno a ajudar nos testes)
≥17 - Outubro	Os alunos do grupo mais avançado já executam carrinho e quatro. E a trabalhar meia volta está Manuel, Rodrigo (talvez até mais avançado), João, Rui, Vasco, Francisco e Telmo?. Do outro grupo o Rafael e o Diogo precisam de treinar o Quatro, tal como a Eliana, que tem de subir o joelho. A Mafalda e o Samuel vão praticar o carrinho. A Rafaela vai praticar o deslize à frente e juntamente com Luís vão ter aulas fora do horário. O Pedro aperfeiçoa o Quatro e passa para o Parte do Elementar.
≥17 - Outubro	No Basquetebol, o grupo menos avançado tem de trabalhar corredores e aclareamento. O grupo médio tem de passar a Passe e Corte. E o grupo mais avançado tem de assumir corredores e ressalto Ofensivo e Defensivo.
≥17 - Setembro	No que ao badminton diz respeito, verifiquei que alguns alunos não sabiam realizar o serviço, fazendo-o incorrectamente acima da cabeça. Notei ainda que o padrão motor de alguns alunos era muito limitado mantendo a raquete sempre na mesma posição, não conseguindo alterar a pega consoante a trajectória do volante.
<17 - Setembro	consegui proporcionar já aprendizagens na ginástica acrobática e mesmo no solo
≥17 - Setembro	bastantes dificuldades da parte dos alunos
<17 - Setembro	Em relação ao badminton detectei que primeiro grupo tem problemas em flectir as pernas, isto é, adquirir a posição base que é bastante importante para quase todos os desportos.
≥17 - Setembro	Quase todos me pareceram realizar os elementos técnicos propostos, menos aqueles que provavelmente não fizeram porque o meu controle era reduzido.
≥17 - Dezembro	10 dos 21 alunos que realizaram os testes da bateria de testes do fitnessgram apresentam globalmente uma nota negativa
≥17 - Fevereiro	A progressão utilizada nos saltos do plinto parece ter funcionado, já que foram notadas melhorias substantivas na subida da bacia de muitos alunos, Samuel,

	Rafael, Rita, Pedro, Telmo. Esta progressão teve uma evolução nesta aula, que foi a subida do plinto com passagem para o outro lado.
≥17 - Janeiro	Esta opção beneficiou em alguns receios de cambalhota frente (Gonçalo R.) e atrás (Cláudia, Beatriz, Midian).
≥17 - Setembro	Apesar de ser considerada por muitos alunos da turma como a matéria preferida[Voleibol] verifiquei na avaliação diagnóstica de voleibol que a grande dificuldade se centra na continuidade de jogo, impedindo assim visionar elevado tempo da bola no ar. De um modo geral as raparigas são as que têm mais dificuldades centrando-se entre o nível NI e PI. Quanto aos elementos do género masculino estão globalmente entre o I e o E. Ainda sem terminar a avaliação diagnóstica arrisco-me a dizer que esta deverá ser uma matéria prioritária.
≥17 - Abril	A situação de Dança correu melhor. A maioria dos alunos já sabe a coreografia, realizando correctamente os vários passos
≥17 - Abril	o que mais uma vez demonstra existir uma reversibilidade das capacidades durante o período de interrupção lectiva – Páscoa
≥17 - Novembro	Outro factor determinante para o sucesso do trabalho de condição física é a correcta execução técnica dos exercícios.
≥17 - Março	Penso que as informações transmitidas foram apreendidas pelos alunos.
< 17 - Dezembro	Nesta aula prática ultima da unidade, utilizei alguns exercícios que os alunos desconheciam
≥17 - Fevereiro	se este for apresentado de forma mais formal [salto em altura] e para toda a turma estou certa de que melhorará quer as prestações dos alunos
≥17 - Fevereiro	O Miguel Sequeira fez a aula, mostrando um bom nível de prática nos saltos no plinto
< 17 - Maio	No final fiquei a compilar os dados dos testes e a comparar os alunos com os resultados do período anterior
≥17 - Outubro	As diferenças do sucesso desta tarefa da aula anterior para a presente, permitem reflectir sobre a necessidade de repetição dos exercícios, no entanto esta repetição deve acontecer de forma equilibrada. Assim deve ser repetido o número de vezes necessário para garantir a eficiência desejada
≥17 - Fevereiro	foram notados alguns exemplos de aumento de significância na tarefa. A Erica e a Rita, a Inês e a Iris. Penso que antes da 2ª aplicação dos testes, os alunos ganharão muito se lhes for fornecida uma ficha individual com os resultados do Fitnessgram e as melhorias a fazer, tal como os valores da ZSAF
≥17 - Fevereiro	fez-me aperceber que este tinha grandes dificuldades no rolamento algo que até agora não me tinha apercebido
≥17 - Fevereiro	O Marco e a Sara F. têm-se revelado níveis de desempenho muito superiores aos da avaliação inicial
< 17 - Maio	Esta situação só seria possível porque os alunos já fizeram e conhecem todos os testes do Fitnessgram.
≥17 - Maio	visto que na UE anterior tinha reparado que os alunos não sabiam esta regra. Na execução do exercício deparei-me com melhorias em relação aos conteúdos abordados mas com o desconhecimento de outras regras pelo que deverei dar ênfase a estes conteúdos ao longo da UE.
≥17 - Novembro	tendo em conta os erros
≥17 - Março	já que todos os outros anos estariam num nível mais evoluído que o deles e com conteúdos não aprendidos por estes

Anexo 33 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Autonomia

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	consiga fazer as suas apostas
≥17 - Abril	Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
≥17 - Abril	Considero que esta estratégia poderá surtir alguns efeitos pelo facto de ser algo que é criado e pensado pelos alunos, apesar de ser orientado pelo professor
< 17 - Abril	pensei que o badminton ficasse mais autónomo
≥17 - Dezembro	Os alunos conseguem consultar as folhas, estes procuram quais os exercícios que se devem de fazer e verificar as transições
≥17 - Fevereiro	pela primeira vez em autonomia absoluta pelos alunos
≥17 - Fevereiro	verificando-se que o aluno revela absoluta autonomia na condução do mesmo[Aquecimento].
≥17 - Fevereiro	Nos três grupos formados para esta aula, apenas o grupo superior, nível Elementar apresentou uma boa dinâmica e autonomia no desempenho das actividades propostas
<17 - Janeiro	pouca autonomia dos alunos no trabalho da matéria da ginástica de solo
≥17 - Maio	Autonomia dos alunos nas tarefas propostas
<17 - Março	deixar o andebol mais autónomo, pois já sabem o que fazer
<17 - Março	Estação mais autónoma
≥17 - Novembro	Considero que os alunos estão mais autónomos
≥17 - Novembro	dando alguma liberdade, mas garantindo autonomia, na estação de Ginástica de Solo.
≥17 - Outubro	os outros estavam a realizar a condição física de forma autónoma
≥17 - Outubro	autonomia dos alunos
≥17 - Outubro	Verifica-se também uma maior autonomia dos alunos nestas duas partes da aula[Aquecimento e Mobilização Articular], o que é um aspecto positivo.
≥17 - Outubro	nem todos os alunos realizaram os exercícios autonomamente
≥17 - Outubro	Apesar de ser importante garantir alguma autonomia aos alunos, talvez neste momento seja melhor começar por baixo e garantir estes pequenos aspectos organização para potenciar o restante tempo e as restantes preocupações do professor.
≥17 - Setembro	No que respeita à autonomia concedida aos alunos para a realização das medições de peso e altura foram capazes sem eu ter que passar muitas vezes por aquela estação o que me permitiu tal como esperado realizar a avaliação diagnóstica das matérias.
≥17 - Setembro	para que estes nas próximas aulas o façam de uma forma autónoma.
≥17 - Setembro	na tentativa de promover alguma autonomia aos alunos
<17 - Setembro	bem como, a maneira como os alunos iriam trabalhar autonomamente, em grupos de 2.
<17 - Setembro	perceber que os alunos conseguem trabalhar autonomamente
≥17 - Setembro	Utilizar estações que dêem mais autonomia aos alunos
≥17 - Setembro	insistir no ponto do trabalho autónomo com veemência
≥17 - Setembro	com um comentário do professor sobre o empenho e o trabalho autónomo.
≥17 - Outubro	Embora em autonomia

Anexo 34 - Episódios reflexivos sobre (Alunos) Avaliação

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Todo este processo deverá garantir que o aluno conheça a sua avaliação e que perante isso consiga fazer as suas apostas.
≥17 - Dezembro	Matérias – as maiores debilidades encontram-se nas raparigas ao nível dos JDC e em alguns alunos na ginástica
≥17 - Dezembro	Aptidão Física – 10 dos 21 alunos que realizaram os testes da bateria de testes do fitnessgram apresentam globalmente uma nota negativa o que de certa forma não traduz o trabalho desenvolvido durante o período nesta área
≥17 - Dezembro	Conhecimentos – constatei que alguns alunos não tinham recebido o e-mail com o documento de apoio de estudo para o teste pelo que optei por passar uma folha para registarem todos os e-mails pessoais. Porém, esta não é a razão de muitas das negativas até porque todos os conteúdos foram abordados na aula, comentário ao qual os alunos confirmaram.
≥17 - Dezembro	Atitudes – relembro que são valores fáceis de obter contudo nem todas as notas são satisfatórias pois a pontualidade e alguns comportamentos desviantes prejudicam determinados alunos.
≥17 - Dezembro	Procedi, então à revelação das notas individualmente dizendo o valor que tiveram em cada uma das áreas e pedindo uma proposta de nota e que de certo modo perspectivassem as áreas mais débeis e que careceriam maior investimento no 2º período.
≥17 - Dezembro	Fazendo uma retrospectiva das notas finais atribuídas considero não terem sido muito satisfatórias o que me dará maior motivação para a aprendizagem que irá ocorrer no 2º período. Creio que até ao final do ano não terei um número tão acentuado de negativas e que as notas, na generalidade, subirão.
< 17 - Dezembro	No início da aula gastei mais algum tempo a falar com os alunos sobre as classificações do 1º período. Ninguém tirou dúvidas sobre as suas notas mas eu voltei a falar um pouco sobre a avaliação da disciplina. Dei todas as informações que tinha planeado
≥17 - Dezembro	<p>Previamente à auto-avaliação, foi realizada a proposta de avaliação de todos os alunos da turma.</p> <p>O primeiro aspecto que considero negativo e por isso a melhorar, é a falta de informação relativa às várias matérias. Depois de ter realizado com eficácia a avaliação inicial, apenas esporadicamente recolhi informação sobre o desempenho dos alunos. Este procedimento será fundamental na construção do portfólio dos alunos, que me permitirá regular e diferenciar as aprendizagens dos alunos, bem como consciencializar os alunos das competências que já adquiriram.</p>
< 17 - Dezembro	por que estive muito dinâmico por todos os espaços consegui mais avaliar do que intervir em casos críticos
<17 - Fevereiro	Na primeira parte da aula, os alunos realizaram Dança do merengue mais com intuito de eu proceder à avaliação, pois eles já estavam identificados com a dança e respectiva coreografia. Consegui registar os alunos que já dominam a sequência dos passos da coreografia e os executam ao ritmo da música.
< 17 - Maio	Hoje avaliei os testes de flexibilidade (ombros, tronco e pernas). Para isso utilizei o aluno que não estava a fazer aula para registar os resultados dos alunos.
< 17 - Maio	Esta dinâmica de avaliação correu bem, o problema seria se não tivesse alunos a não fazer a aula.
≥17 - Maio	na recolha de informações
≥17 - Maio	Recolhi dados para a avaliação de barreiras
≥17 - Maio	Os níveis aferidos pelos professores observadores foram inferiores aos obtidos na avaliação formativa. Surgem assim duas linhas de raciocínio. Primeira, a avaliação formativa e contínua origina resultados mais satisfatórios. Tal como Black & William (1998) afirmam, os alunos que frequentam aulas onde a avaliação é essencialmente formativa aprendem significativamente mais e melhor do que os alunos que frequentam aulas em que a avaliação é sobretudo sumativa.

	<p>Segunda, a minha sistematização da observação dos alunos e a utilização de ferramentas de avaliação formativa ainda não se tornou eficiente e os resultados obtidos surgem da potenciação de um clima positivo aluno-professor, não correspondendo às reais capacidades dos alunos.</p> <p>Mais do que a polarização de um dos extremos mencionados parece-me que o que acontece é um pouco dos dois, havendo alguma observação não sistematizada, mas também alguns dos resultados positivos são, certamente, do processo de avaliação formativa planeado por mim.</p>
≥17 - Maio	Os níveis dados aos professores foram níveis obtidos através de uma avaliação formativa, presente em todas as aulas, e do conhecimento dos alunos, através do constante feedback e da utilização de meios de suporte, fichas de registo, fichas de níveis, etc. Estes níveis foram aferidos após prática dos alunos nas situações de aprendizagem definidas pelo professor no planeamento anual e confirmadas em plano de etapa.
< 17 - Maio	avaliação da patinagem na que faltavam e os testes nos que vão à Galiza
≥17 - Março	Dados de avaliação
≥17 - Março	Nesta UE, a recolha de informação admite uma importância fundamental uma vez que é a última do período.
≥17 - Novembro	Sendo esta a primeira aula da UE que antecede o final do período lectivo considerei essencial dar a conhecer aos alunos como iriam ocorrer os registos para avaliação, tal como já havia ocorrido em aulas anteriores. Além da importância na transparência dos processos avaliativos com os alunos, dar-lhes a conhecer a avaliação poderá ser uma excelente forma de os motivar para uma prática mais intensa nas aulas.
≥17 - Novembro	Quando tive um discurso de estimulação através da atribuição de nível introdução deparei-me com alguma estranheza por parte dos alunos quando referenciei este termo, pelo que deverei esclarecer os níveis de ensino das matérias em EF
≥17 - Novembro	Considero que ambas as estações de ginástica são uma excelente oportunidade para iniciar a avaliação formativa através de fichas de registo simples.
≥17 - Outubro	Registos de ginástica de aparelhos
≥17 - Setembro	permitiu tal como esperado realizar a avaliação diagnóstica das matérias
≥17 - Setembro	para a anotação do nível dos alunos parece-me ter sido ajustada para o badminton pois apenas não tenho os dados de duas alunas. No voleibol ficaram mais dados por recolher referente ao último grupo que esteve na condição física.
≥17 - Setembro	verifiquei na avaliação diagnóstica de voleibol
<17 - Setembro	Fiz a avaliação da GSolo como tinha previsto, apenas, de metade da turma
≥17 - Dezembro	Nesta medida sistematizei todas ponderações de cada área (matérias, atitudes, condição física e conhecimentos) no quadro bem como a descrimação dos níveis de ensino (introdução, elementar, avançado) e as 3 componentes que considerei nas atitudes. Exposto todo este cenário da avaliação fiz um balanço geral acerca de cada uma área:
≥17 - Abril	Consegui recolher dados para a formação de grupos de nível
≥17 - Outubro	que vão ser avaliados no final do período
< 17 - Dezembro	Em relação à avaliação formativa, consegui retirar registos do basquetebol de bastantes alunos pois na última unidade esta avaliação não foi permitida devido à condições climatéricas.
≥17 - Dezembro	surgiu uma forma de organização da avaliação formativa mais realista e mais prática, logo, mais simples de aplicar. Na aula de terça este plano foi já cumprido, sendo reunida informação relativa ao Futebol e à Corrida de Barreiras, através de Observação e Hetero-avaliação respectivamente.
≥17 - Dezembro	No entanto, a aula de Ginásio A foi monotemática de Dança não permitindo grandes evoluções formativas. Os níveis dos alunos foram confirmados na matéria de Dança.
≥17 - Abril	A recolha de dados não foi exclusivamente dedicada à estação de mini-trampolim como estaria proposto no plano de UE. Preferi ir circulando por todas as estações e de uma forma informal ir recolhendo alguns dados que completarei durante as próximas aulas.

≥17 - Fevereiro	A aula de terça tinha objectivos muito ambiciosos relacionados com a avaliação formativa
≥17 - Março	No final da aula mostrei os dados de avaliação formativa e sumativa do 2º período, como forma de explicar as matérias prioritárias para os alunos neste último período, enquadrando os alunos no processo de avaliação e de aprendizagem.
≥17 - Fevereiro	avaliação formativa
≥17 - Novembro	A avaliação inicial nesta matéria não foi realizada, já que a informação recolhida junto do professor do ano anterior, mostrou que a maior parte da turma tem um nível de prática baixo nesta matéria. Assim, esta primeira aula serviu também como um momento de observação e avaliação inicial.
≥17 - Outubro	Avaliação inicial de Salto em Comprimento e Velocidade
≥17 - Setembro	A avaliação inicial foi concretizada com um registo da observação informal em aula.
≥17 - Outubro	Por se tratar da avaliação sumativa do teste de velocidade pretendi ser eu a controlar os tempos para existir uniformidade nos resultados.
≥17 - Abril	Pedi a alguns alunos para se auto-avaliarem (e vários queriam também fazê-lo, apesar de não ter tempo)
≥17 - Dezembro	Apenas 2 dos 8 alunos que terão negativa estão conscientes desse facto. Porém estou certa que em alguns casos os alunos estão mais conscientes e dizem valores mais elevados na tentativa de influenciar a classificação
≥17 - Dezembro	o Rúben e o Ricardo são os casos em que existe uma sobrevalorização por parte dos referidos alunos, o que me fará acautelar para a observação das matérias no 2º período
≥17 - Dezembro	Fazendo agora um balanço da auto-avaliação, foi possível verificar que alguns alunos apresentaram valores algo diferentes dos propostos por mim. É importante ter em atenção estes casos, uma vez que o erro poderá ser meu, havendo uma subvalorização dos alunos. Assim, os alunos que disseram notas 2 ou mais valores acima da minha proposta, foram: o Bruno, o António, a Carla, a Catarina, o Filipe e o Caio. Tendo os meus registos provindo da avaliação inicial admite-se aqui alguma margem de erro, no entanto, perante este cenário, parece-me que tanto o António, como a Carla e a Catarina não terão razões que justifiquem a nota que enunciaram, já no caso do Filipe e do Bruno, assumo que poderão que poderão estar um pouco abaixo daquilo que é o real valor dos alunos, pelo que terei que sustentar melhor a minha avaliação. O Caio certamente irá alcançar notas superiores pelos excelente atleta que é, precisa no entanto de reforçar a área dos conhecimentos para alcançar a melhora nota possível. No geral, os alunos têm uma ideia correcta da sua nota, não havendo grandes discrepâncias entre a auto e a minha avaliação.
< 17 - Dezembro	Para finalizar foi realizada a Auto-Avaliação, com uma explicação que penso que foi clara no entanto surgiram algumas dúvidas que foram sendo esclarecidas individualmente e por vezes em grupo
≥17 - Março	Na auto-avaliação pedi aos alunos para que de acordo com as notas das várias componentes da avaliação, que eu própria disse, atribuíssem um valor à nota que consideravam que deviam ter no final do período. Tal como seria espectável, os alunos na sua generalidade as notas subiram, não indo atribuir qualquer nota negativa neste período. Em média as notas dos alunos corresponderam à nota que irão ter o que revela terem noção do trabalho desenvolvido ao longo do ano.

Anexo 35 - Episódios reflexivos sobre (Professor)
Posicionamento/Acompanhamento/Controlo

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 – Abril	Preferi ir circulando por todas as estações
≥17 – Abril	Constante questionamento sobre os objectivos
< 17 – Dezembro	estava sempre próximo e o rendimento deles foi superior.
< 17 – Dezembro	Ainda assim, procurei sempre manter uma posição frontal à aula e fui dando instruções à distância para as outras duas estações
< 17 – Dezembro	Uma vez na actividade posicionei-me sempre estrategicamente, o que possibilitou um maior nível de feedback à distancia
≥17 – Fevereiro	O meu posicionamento no espaço de aula e o consequente controlo à distância foi algo que tinha verificado como menos positivo na aula anterior pelo que tive cuidados acrescidos com este factor. Por, propositadamente, não ter pedido o auxílio do meu colega Diogo na estação da escalada, a existência de alguns comentários à distância foi mais evidente uma vez que existia uma estação que requeria cuidados de segurança acrescidos e estava pela primeira vez em autonomia absoluta pelos alunos.
≥17 – Fevereiro	A Acrobática foi acompanhada de uma forma completamente diferente, mais interventiva
≥17 – Janeiro	mostrou-se reduzido, assim como o meu acompanhamento
≥17 – Janeiro	Acompanhamento reduzido no Andebol
<17 – Janeiro	ausência de circulação do professor pelas várias estações e acompanhamento à distancia
≥17 - Janeiro	Em termos de Acompanhamento das actividades, senti uma maior maturidade, como que uma consolidação de comportamentos que tinha vindo a treinar ao longo destes primeiros períodos de formação. No entanto, parece-me que estes comportamentos, como por exemplo, fechar o ciclo do feedback, acompanhar o início das actividades, preocupar-me com a intervenção em todas as estações, são comportamentos que não se manifestam de uma forma sistemática. Terão de se manter como preocupação para a próxima Unidade de Ensino, como consolidação.
<17 - Janeiro	Tentar não ficar com os alunos nas costas
≥17 - Maio	Tive mais cuidado na minha colocação, procurando andar sempre à volta do espaço e não estar de costas para a turma. Na instrução das barreiras ainda me coloquei algumas vezes de costas para as outras estações
≥17 - Março	no entanto deve ser ponderado um maior acompanhamento da estação de aptidão física.
≥17 - Março	Maior acompanhamento da estação de aptidão física
<17 - Março	Em alguns momentos, em que dava feedback aos alunos, virei as costas para uma grande parte da aula. Este é um aspecto que tenho mesmo que evitar já que se trata de uma turma com muita tendência para os comportamentos fora da tarefa.
≥17 - Março	No entanto, nem sempre é possível dissociar-me completamente do acompanhamento efectivo as actividades.
<17 - Março	Circulação foi algo reduzida, ficando muitas vezes no andebol parado. Aqui conseguia ver toda a aula controlando a prática
≥17 - Novembro	dificuldades no controlo e acompanhamento de toda a turma
≥17 - Novembro	Controlar e acompanhar toda a turma de igual
<17 - Novembro	não virar as costas ao espaço de aula
≥17 - Novembro	facto que terei que ter em conta no meu deslocamento durante a aula.
≥17 - Novembro	O meu acompanhamento durante esta parte de aula terá que incidir em duas estações mais prioritárias (fitballs e elásticos) por forma a focalizar a minha atenção.

≥17 - Novembro	verifica-se um acompanhamento pouco efectivo da minha parte, visto que por vezes forneço feedback e não verifico se há realmente mudança de comportamento;
<17 - Novembro	venho melhorando de certa forma a minha circulação com recolha de dados e avaliação dos alunos
≥17 - Novembro	Bom acompanhamento individual da Dança
≥17 - Novembro	Durante o acompanhamento, senti uma insuficiência na observação dos alunos todos, intervindo apenas individualmente, neste caso, para a par.
≥17 - Novembro	No Ginásio A, o acompanhamento do Badminton foi assumido como prioritário, apesar da ginástica de solo ter como prevista uma maior solicitação dos alunos. Foi então o que se verificou, o professor tentava dirigir-se e manter a sua circulação e posição na estação de Badminton, sendo muito solicitado pelos alunos da ginástica, por vezes cedi a esta solicitação. Na próxima será necessário dar um acompanhamento não só ao Badminton como ao mini-trampolim, dando alguma liberdade, mas garantindo autonomia, na estação de Ginástica de Solo.
≥17 - Novembro	um acompanhamento do Mini-trampolim parece ser exigido
<17 - Novembro	Colocar-me junto aos pinos
<17 - Novembro	Circulação e posicionamento foi uma preocupação, no entanto houve situações em que reuni erradamente
≥17 - Outubro	Posicionamento em relação às estações, procurei ter sempre todos os alunos à minha frente, gradualmente o meu deslocamento nesta aula foi melhorando
≥17 - Outubro	No início da aula estive muito centrado no Salto em Comprimento, descurando um pouco as outras estações
≥17 - Outubro	Deslocamento por todas as estações durante toda a aula
≥17 - Outubro	Deste modo o meu acompanhamento nas barreiras e no andebol foi pouco efectivo, tendo apenas corrigido erros globais, e orientado o meu feedback para o grupo, descurando os erros individuais
≥17 - Outubro	Apesar de nestas duas estações o controlo não ter sido muito
<17 - Outubro	Tentei fazer a circulação por fora sempre que possível
≥17 - Setembro	e as estratégias de deslocação do professor utilizadas
≥17 - Setembro	Deslocamento e posicionamento nos exercícios, procurei ter sempre os alunos à minha frente, controlando a prática destes
≥17 - Setembro	Preocupar-me com o posicionamento nos períodos de Instrução
<17 - Setembro	No que concerne à aula na sua parte principal, penso que o facto de estar a abordar 2 matérias de trabalho individual mais uma de condição física, dificultou a minha tarefa de controlo e maximização do tempo da prática dos alunos.
<17 - Setembro	apesar de não ter estado próximo da maioria dos alunos a fornecer informações e correcções.
≥17 - Setembro	pelo que não houve um controlo eficaz de todos
≥17 - Setembro	Em simultâneo aos jogos de futebol, existiu uma estação de passe e recepção. Uma vez que me foquei nos jogos, só estive nesta estação quando trocava os alunos e lhes explicava o que era para fazer.
	No que diz respeito ao posicionamento, aconteceram algumas situações em que fiquei de costas para algum grupo, pelo que terei que ter em atenção este aspecto.
≥17 - Setembro	Nunca ficar de costas para algum grupo de alunos
≥17 - Setembro	sendo que o plinto foi mais controlado por mim, já que me encontrava lá a ajudar.
≥17 - Setembro	não fizeram porque o meu controle era reduzido.
<17 - Setembro	Hoje tentei manter-me sempre posicionado de forma a ver toda a turma, consegui (INFORMAÇÃO RISCADA) dar os 3 feedback à distância que tinha proposto e acompanhar o desenrolar das outras actividades
≥17 - Dezembro	acompanhamento pelo professor
≥17 - Fevereiro	o acompanhamento de estações e alunos, equitativamente.
<17 - Fevereiro	com circulação global,
≥17 - Março	A turma tinha sido acompanhada de perto, no ginásio C, não permitindo qualquer tipo de desconcentração

< 17 - Dezembro	A dada altura estive com alguns alunos com dificuldades na ginástica de solo onde pude dar um acompanhamento individual e permitir mais um momento de pratica e aprendizagem. O objectivo passou por chamar aluno a aluno, no entanto, por que estive muito dinâmico por todos os espaços consegui mais avaliar do que intervir em casos críticos.
≥17 - Janeiro	no entanto poderia ter controlado melhor esta estação
≥17 - Novembro	controlados pelo professor
≥17 - Outubro	Controlar mais os alunos no aquecimento (os faladores)
≥17 - Setembro	consegui controlar bem a execução do mesmo
≥17 - Setembro	controlar os outros espaços
<17 - Fevereiro	e falta de acompanhamento aos alunos
≥17 - Março	sendo muitas vezes o acompanhamento das tarefas o mais prejudicado
≥17 - Novembro	Dificuldades de controlo de toda a turma, acompanhar todos os grupos,
≥17 - Dezembro	Controlar e acompanhar toda a turma

Anexo 36 - Episódios reflexivos sobre (Professor)
Acção/Intervenção/Controlo

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Porém a minha flexibilidade e a permissão da troca deverá ser bem explícita a fim de não existirem casos de abandono da actividade
≥17 - Dezembro	Embora tenha feito de certa forma uma apreciação qualitativa individual confirmando e refutando as ideias dos alunos, considero que teria sido mais feliz, em alguns casos ter-lhes acautelado de uma forma subtil a nota que irão ter no final do período
< 17 - Dezembro	Ao longo de todo a aula tive sempre a preocupação de intervir nos dois grupos, mudar constantemente o exercício incutindo algumas variantes para manter os alunos despidos e motivados.
< 17 - Dezembro	realizei muito questionamento dirigido
≥17 - Dezembro	os aspectos organizativos merecem uma atitude mais rígida
≥17 - Fevereiro	Pareceu-me uma aula típica de um professor que está em modificação comportamental, em desafio, com objectivos novos, já que no início da sessão esta preocupação verificou-se, manifestada em alguns comportamentos, mas com o prolongar da sessão comecei a preocupar-me com outros aspectos de aula e desconcentrei-me dos objectivos propostos a mim mesmo.
≥17 - Fevereiro	Notou-se na ginástica de solo e no lançamento do peso que eram necessárias intervenções do professor para a recondução dos alunos para a prática.
≥17 - Fevereiro	minha reacção foi prontamente terminar a referida troca de palavras. Fi-lo diante de toda a turma mostrando alguma autoridade
≥17 - Janeiro	o que me obrigou ter uma intervenção por modelagem que à partida não estaria pensada.
≥17 - Janeiro	Incentivar a estação de Aptidão Física
<17 - Janeiro	Tenho que ser mais assertivo com os alunos e aplicar reprimendas quando não respeitarem o que é pedido. Tenho mesmo que começar a mandar sentar os alunos que não respeitem ordens.
≥17 - Janeiro	Parar a aula e dizer o q é mais importante no pino
<17 - Janeiro	sendo um ponto forte da minha constante e boa capacidade manipulativa.
≥17 - Maio	Desde logo tive a preocupação de recomendar os alunos acerca do vestuário que trazem para a aula e a trazer água para as próximas aulas.
≥17 - Maio	Capacidade de mudar o exercício de 3x3 no voleibol pois o grupo 2 estava a ter insucesso.
≥17 - Março	Por ser a última aula do período, nos restantes 45 minutos da aula, cedi ao pedido dos alunos para realizarem duas das modalidades para as quais estão inscritos na semana de EF
≥17 - Março	Participação do professor em tarefas da aula – motivante
<17 - Março	No exercício da condição física poderia ter intervindo mais com os alunos que executavam mal os exercícios. Dei prioridade à intervenção com os alunos que não estava a fazer o que era pedido e se deixavam descansar. Vou tentar conciliar estes dois tipos de intervenção.
≥17 - Março	Este parágrafo abrange os primeiros 45 minutos da aula de terça, sendo o estilo de ensino utilizado, durante este período, de comando
≥17 - Março	Assim, o professor tomou a decisão de passar algumas fases, colocando os alunos directamente em roda.
<17 - Março	Tentei impor dinâmica no andebol, focando a minha atenção nesta estação e não tanto na ginástica./[PQ]Tentei criar ritmo nas situações do andebol para nas próximas aulas ajudar mais na ginástica e deixar o andebol mais autónomo, pois já sabem o que fazer
<17 - Março	Estar mais focado na ginástica

≥17 - Novembro	excepto quando eu dizia a eles para fazerem.
≥17 - Novembro	De um modo geral, a densidade de conteúdos previstos para esta aula, condicionou a minha forma de estar durante a aula. Sendo igual a mim mesmo, mantive a minha postura passiva e algo descontraída durante toda a aula, apesar de procurar estar sempre a corrigir os alunos, ainda que de forma algo anárquica.
≥17 - Novembro	a minha postura enquanto líder terá que ser mais descontraída, mais apelativa e mais condizente com a mensagem que a própria música e a expressividade que dela advém.
≥17 - Novembro	Ainda dentro da qualidade de intervenção esta deverá ser garantida quer pelo diagnóstico dos erros, quer pelo fornecimento de feedback adequado quer pela verificação da alteração da execução
≥17 - Novembro	qualidade da intervenção
<17 - Novembro	necessito agora de trabalhar e ajudar um número reduzido de alunos que têm grandes dificuldades e receio na execução de alguns elementos
≥17 - Novembro	Não realizei questionamento dos conhecimentos
≥17 - Novembro	Ameaçar com a nota (não fazem ginástica, não têm 1 ponto)
≥17 - Novembro	Alternar entre esperar que se calem e falar por cima deles
≥17 - Novembro	Quando um grupo acabava de realizar a Dança, podia ter realizado questionamento aos outros grupos sobre uma coisa bem e outra má;
≥17 - Novembro	Tenho que assumir que a Dança é uma coisa séria (ex da Diana: alunos fez Dança de calças de ganga mas não podia fazer Ginástica);
≥17 - Novembro	Evolui nas matérias de Dança e Ginástica
≥17 - Novembro	o professor ignorou na altura para garantir a consecução da aula em si, tratando deste assunto num período pós-aula.
≥17 - Outubro	Perante este cenário conversei individualmente com a aluna fazendo-lhe crer que qualquer aprendizagem requer tempo, prática e vontade em aprender. A permanência sentada no chão durante algum tempo levou-me a uma abordagem diferente questionando se essa seria a sua opção nesse caso sabia qual era a sua avaliação. A aluna compreendeu os parâmetros que lhe apresentei pelo que a mudei de grupo para o futebol. De salientar que deste grupo faziam parte outros colegas que inicialmente apresentavam iguais dificuldades mas que se esforçaram pela realização dos exercícios.
≥17 - Outubro	para a próxima aula vou procurar calar e esperar em silêncio que os alunos se calem para eu falar, assim como avisar que quem falar deve levantar o dedo e esperar que o professor o deixe falar, ser mais autoritário nestas situações
<17 - Outubro	Procurei criar intensidade no jogo e gerir da melhor forma o facto de ter alguns alunos de fora.
≥17 - Outubro	Reforço sobre a importância de trabalhar na ginástica de solo (que vão ser avaliados no final do período)
≥17 - Outubro	Só falar quando os alunos se calam
<17 - Outubro	tenho de confirmar e experimentar todos os princípios do teste para não voltar a falhar na aplicação destes
≥17 - Setembro	Procurei reduzir a conversa entre os alunos, adverti os alunos quando o faziam
≥17 - Setembro	Ajuda e feedback nos exercícios de ginástica de solo
≥17 - Setembro	De um modo global, o meu comportamento continua a ser um pouco passivo, o que poderá trazer algumas desvantagens em momentos em que a turma apresente níveis de motivação abaixo do expectável, relacionado com este facto está ainda o tom de voz monocórdico que apresento durante todas as situações da aula.
≥17 - Setembro	Porém, esqueci-me de a referir aos alunos, o que, após reflexão, percebi que não fazia sentido, uma vez que estamos em Avaliação Inicial e não devemos condicionar as situações previstas.
<17 - Setembro	Utilizei questionamento várias vezes, todavia este deve ser utilizado de forma dirigido e não foi.
≥17 - Setembro	Eu não devo brincar e devo insistir no ponto do trabalho autónomo com veemência, ainda mais nas unidades de ensino.

≥17 - Setembro	A competência de multitarefa foi exercitada por mim, estando a ajudar no plinto e tentei observar, corrigir e controlar os outros espaços. Ainda há muita coisa que passa, mas com o treino evolui-se
≥17 - Fevereiro	Durante a corrida de aquecimento o professor teve o discernimento de resolver todos os aspectos organizativos.
≥17 - Fevereiro	intervenções à distância
<17 - Fevereiro	Ao longo da aula, sobretudo neste parte, procurei intervir em todas as estações, com circulação global, apelando à dinâmica dos alunos e intervindo sobre aspectos acima mencionados.
≥17 - Janeiro	intervenção em todas as estações
< 17 - Dezembro	do que intervir em casos críticos
≥17 - Maio	Após um curto período de indecisão da minha parte, resolvi parar a aula, sentar todos os alunos e um a um dirigiram-se para as posições para iniciar a corrida.
<17 - Outubro	Durante a parte principal, procurei intervir ao máximo
<17 - Outubro	Nesta parte da aula, tentei também questionar alguns alunos sobre os critérios de sucesso no andebol e futebol. Ao longo de toda aula, mantive uma postura bastante rígida e um tom de voz agressivo, bastante interventivo, esses factos aumentam a concentração e a aplicação dos alunos na tarefa, promovendo também a aquisição de conhecimentos básicos sobre o jogo.
≥17 - Setembro	teria obrigação de ser mais rigorosa nos procedimentos utilizados para a medição da altura, nomeadamente na superfície que se coloca na cabeça para ver a altura.
≥17 - Setembro	Quando me lembrei, já na parte de futebol, tentei remediar a questão indo a cada jogo falar com o grupo de alunos.
<17 - Janeiro	pouca intervenção
<17 - Janeiro	Se assim for, terei que impor nos alunos a noção de que só deverão fazer as perguntas quando eu terminar a explicação

Anexo 37 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Observação

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Fevereiro	A observação dos gestos técnicos nas várias matérias é algo que tem evoluído desde o início do ano lectivo na medida em que agora tenho maior facilidade em detectar os erros de execução dos diversos elementos e em separar o essencial do supérfluo. Este atributo é algo que irá evoluir cada vez mais com a minha experiência nesta área, porém, durante esta aula na ginástica de solo a minha observação da cambalhota à frente do Cláudio fez-me aperceber que este tinha grandes dificuldades no rolamento algo que até agora não me tinha apercebido.
≥17 - Fevereiro	Após esta observação [Aquecimento com pouca intensidade]
≥17 - Fevereiro	Períodos reduzidos de observação
≥17 - Fevereiro	Períodos de observação
≥17 - Fevereiro	Penso que, pela primeira vez, consegui aproveitar este tempo para observar os alunos e aperceber-me das pastilhas (6), ausência de sapatilhas, relógios, cabelos apanhados.
<17 - Janeiro	pouca intervenção e observação das execuções dos alunos na ginástica de solo
≥17 - Maio	esperava nesta aula focar a minha atenção no desempenho dos alunos
≥17 - Março	Aumentar períodos de observação
≥17 - Março	O PE utilizou este período para observar alguns alunos com mais dificuldades, Samuel, Eliana, Vasco, Diogo, Margarida.
≥17 - Novembro	pela verificação da alteração da execução.
≥17 - Novembro	esta primeira aula serviu também como um momento de observação
≥17 - Outubro	Não observei a Rita, a Cátia, a Inês, a Íris, o Miguel D e S, a Erica, a Margarida, a Beatriz.
≥17 - Setembro	Esta situação[comprometida AI em 3 matérias] esteve relacionada com dois factores: a pouca experiência de observação
≥17 - Setembro	o qual observei
≥17 - Setembro	Outro factor que também falhou foi não ter dado muita atenção à própria correcção dos movimentos
≥17 - Setembro	Ter atenção à correcta realização dos exercícios de trabalho da aptidão física;
≥17 - Setembro	A observação da ginástica de solo foi prejudicada.
< 17 - Dezembro	Na verdade, esta não era uma matéria prioritária nesta aula, por isso mesmo, não estive com muita atenção ao que as alunas estavam a jogar
≥17 - Setembro	e tentei observar, corrigir
≥17 - Fevereiro	Apesar de este facto poder estar relacionado com a minha capacidade de observação,
≥17 - Novembro	senti uma insuficiência na observação dos alunos todos, intervindo apenas individualmente
<17 - Novembro	A minha visão sobre a aula é muito superficial, pelo que tenho que melhorar bastante esta capacidade que é essencial num professor.
≥17 - Setembro	dificuldades da minha parte em observar
≥17 - Novembro	erros observados
≥17 - Dezembro	acautelar para a observação das matérias no 2º período

Anexo 38 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Interação Extra-curricular

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Janeiro	Após a minha ausência como docente da turma devido à STI do Diogo fez para mim sentido ter uma conversa mais ligeira onde incluí algumas interações extra-curriculares.
≥17 - Fevereiro	após o incidente tive a oportunidade de dialogar com o Gonçalo explicando-lhe detalhadamente que a sua revolta não fazia sentido. O aluno acabou por se comover e aparentemente compreender a justificação que lhe dei,
≥17 - Maio	Também só no final da aula percebi que tinham tido teste de biologia imediatamente antes da aula e daí que os seus níveis de concentração pudessem estar abaixo do normal. Toma assim alguma importância uma estratégia preventiva deste tipo de situações: o professor deve no início de cada aula manter um contacto mais informal no sentido de averiguar a pré-disposição geral da turma, procurando eventuais acontecimentos que ponham em causa a motivação, concentração ou vontade dos alunos em realizar a aula, tais como testes, apresentações de trabalhos, reuniões ou ainda outro tipo de actividade física.
≥17 - Março	Através de uma conversa informal com as professoras que estavam a dar aula ao mesmo tempo que eu, organizamos os alunos de modo a que pudessem experimentar uma situação mais formal de ambas as matérias.

Anexo 39 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Demonstração

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
< 17 - Abril	Demonstrar todas as estações
≥17 - Janeiro	Demonstrar mais (acompanhar a instrução)
≥17 - Novembro	acompanhada de uma demonstração
≥17 - Novembro	Poderia ter aproveitado a demonstração para desde logo alertar para erros típicos.
≥17 - Novembro	A demonstração foi feita com a Mafalda
≥17 - Novembro	A demonstração foi realizada, sendo necessário tomar atenção aos alunos que são escolhidos para demonstrar, correndo o risco de ter de salientar muitos erros,
<17 - Novembro	demonstração da situação de 2x1 – Ricardo e Rute
<17 - Outubro	Ora hoje quando exemplifiquei como se faz o lob no badminton fiz mal o movimento do lado esquerdo.
≥17 - Outubro	Demonstração recorrendo a alunos (agentes de ensino);
≥17 - Setembro	aliar a descrição de todas as acções à sua demonstração;
<17 - Setembro	Na fase inicial, podia ter demonstrado
<17 - Setembro	Aquando a demonstração das estações foi muito bom ter levado os alunos aos locais, pois a informação foi demonstrada de forma clara.
<17 - Setembro	Na demonstração penso que podia ter mostrado o que era pretendido no badminton.
< 17 - Abril	O andebol tinha sido a última matéria da etapa anterior/Contudo deverei sempre demonstrar pois eles esquecem-se com muita facilidade
≥17 - Novembro	aliando à demonstração.

Anexo 40 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Falhas/dificuldades

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Dificuldade em acompanhar restantes estações e controlar os testes
<17 - Abril	é uma falha minha por vezes[FB]
<17 - Dezembro	Dificuldades de conseguir controlar toda a turma enquanto estou a intervir numa estação
<17 - Dezembro	Tendo em conta este imprevistos, foi difícil ter uma organização espacial adequada, não por minha culpa, mas tenho que me habituar a lidar com estes imprevistos.
<17 - Dezembro	Em relação à matéria de Dança, tive uma prestação fraca no ensino do nível I da Meregue, talvez derivado a algum nervosismo por não ter praticado o suficiente. Tenho que investir mais nesta matéria.
≥17 - Dezembro	Em relação à organização, os aspectos organizativos merecem uma atitude mais rígida, explicando sempre a razão da regra. Este objectivo parece ser difícil de alcançar já que se afasta das características pessoais do professor.
≥17 - Abril	Captar a atenção de alunos durante períodos de prelecção
≥17 - Abril	Acompanhar restantes estações, e controlar testes também à distância
≥17 - Fevereiro	Acompanhamento similar de todas as estações
<17 - Fevereiro	Estes dois aspectos[vento-Badminton e tempo excessivo para CF] criarem alguma preocupação e tempo de reflexão sobre a organização da aula que me distraíram e que eu não consegui corresponder
<17 - Fevereiro	Todas estas alterações no decorrer da aula provocaram desorganização e falta de acompanhamento aos alunos. Aspectos estes que me deram no momento um certo sentimento de frustração. Espero conseguir responder de melhor forma numa próxima situação deste género.
≥17 - Fevereiro	Trabalho de condição física individualizado: modo de consulta e interpretação do plano de treino
≥17 - Fevereiro	Preenchimento das fichas de auto-avaliação dos objectivos por grupos e para cada matéria
≥17 - Maio	Num dia de muito calor e com um sol intenso à hora da aula (12h), não foi fácil conduzir a aula.
≥17 - Maio	Dificuldades de início na estação de exercício no Andebol
≥17 - Maio	Algumas dificuldades sentidas em ter um período de instrução fluido sem interrupções dos alunos
< 17 - Maio	Eu continuo a não ser capaz de assumir atitudes mais drásticas para controlar a turma.
≥17 - Março	Assim, o professor não conseguiu controlar todos os aspectos da aula, sendo muitas vezes o acompanhamento das tarefas o mais prejudicado o que proporcionou vários episódios de indisciplina e comportamentos desviantes.
≥17 - Novembro	Senti ainda algumas dificuldades no controlo e acompanhamento de toda a turma, pois tive muito centrado nas estações de salto de eixo e mini-trampolim.
≥17 - Novembro	Dificuldades de gestão do tempo
≥17 - Novembro	Dificuldades de controlo de toda a turma, acompanhar todos os grupos, tive muito tempo na estação de salto de eixo e mini-trampolim
<17 - Novembro	Penso que eu sou o principal problema aqui, não tenho sido ríspido quando é necessário
<17 - Novembro	Com os meus alunos não consigo fazer isso porque eles não se portam mal, apesar de haver alguns comportamentos fora da tarefa. Tenho que conseguir mudar urgentemente a minha postura com os alunos e ser agressivo no discurso quando for necessário
<17 - Novembro	Os aspectos que continuo a não conseguir melhorar a esta altura são o não mandar os alunos sentarem-se quando quero falar com eles, repetir mais as componentes críticas, não virar as costas ao espaço de aula e mexer mais nos grupos que estabeleci para aula de forma a adequar mais os exercícios a cada

	aluno.
<17 - Novembro	Ainda tenho que praticar isto porque não é fácil, com a rotação dos grupos pelas estações, garantir que todos os alunos passam em todas as estações.
<17 - Novembro	A minha visão sobre a aula é muito superficial, pelo que tenho que melhorar bastante esta capacidade que é essencial num professor.
≥17 - Novembro	Apesar de ser uma das matérias em que estou menos à vontade [Dança]
≥17 - Novembro	Antes da aula devo procurar identificar as minhas lacunas formativas, principalmente nas matérias em que apresento mais dificuldades, procurando depois investigar e pesquisar por forma a colmatar essas lacunas;
<17 - Novembro	denotei dificuldades no acompanhamento da pratica nas estações mais distantes
≥17 - Novembro	Conseguir o silêncio no início da aula (andei de um lado para o outro) – devo sentir-me segura em relação ao que vou fazer
≥17 - Novembro	Durante o acompanhamento, senti uma insuficiência na observação dos alunos todos, intervindo apenas individualmente, neste caso, para a par.
≥17 - Setembro	No entanto revelei algumas dificuldades de manter os alunos constantemente em actividade, principalmente nos períodos finais da aula.
≥17 - Setembro	o que provocou maiores dificuldades da minha parte em observar.
≥17 - Novembro	As outras matérias são, de um modo geral, campos de inexperiência por parte do professor, principalmente na ginástica de Aparelhos e na Dança.
<17 - Outubro	Em relação ao teste de senta e alcança, não estava a utilizar a escala, de forma correcta, tenho de confirmar e experimentar todos os princípios do teste para não voltar a falhar na aplicação destes
< 17 - Dezembro	dificultando a minha intervenção e controlo
≥17 - Dezembro	Controlar e acompanhar toda a turma, quando estou a intervir numa estação
<17 – Dezembro	reduzido número de alunos que realizaram aula prática e pelo aglomerar de turmas no pavilhão que dificultou nos primeiros 45 minutos o diálogo com os alunos.
<17 – Maio	Teria muito mais dificuldade em dar a aula e manter-me próximo dos alunos que precisam constantemente de um feedback sobre o que estão a trabalhar [se ainda tivesse que registar os valores dos testes].

Anexo 41 - Episódio reflexivo sobre (Professor) Características

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Dezembro	Este objectivo parece ser difícil de alcançar já que se afasta das características pessoais do professor.

Anexo 42 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Estratégias

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Abril	Para facilitar a aquisição das competências que, os alunos, na sua generalidade, já adquirem na dança em linha deverei começar por optar por outras estratégias como: <ul style="list-style-type: none"> · Utilização de uma pega mais simples (segurar as mãos) · Definir a entrada simultânea para todas as duplas · Evoluir de uma estrutura igual para todos (eventualmente a que utilizo na dança em linha) para a dança em autonomia · Por fim, o facto de os alunos irem trocando de pares poderá eliminar algumas resiliências de alguns os alunos
≥17 - Abril	Ficou em aberto a possibilidade de abordar novamente alguns destes temas[sobre Ed. Sexual]. Considero que esta estratégia poderá surtir alguns efeitos pelo facto de ser algo que é criado e pensado pelos alunos, apesar de ser orientado pelo professor.
≥17 - Abril	Esta estratégia resultou, os alunos fizeram o registo rapidamente e voltavam para o local do teste, ficando por vezes retidos perto das folhas de registo, mas quase sempre devido à verificação da evolução que estes ou os colegas tinham feito.
≥17 - Dezembro	optei por iniciar o aquecimento assim que os alunos chegavam, excluindo assim o período de instrução inicial para toda a turma, uma vez que perdia muito tempo. Optei por continuar com esta estratégia pois penso que resultou muito bem na aula anterior.
≥17 - Fevereiro	evitar colocar estes dois alunos no mesmo grupo de trabalho foi-me aconselhado quer por outros colegas da turma quer pela DT após uma conversa com a mesma.
≥17 - Fevereiro	No início da aula, visto que alguns alunos chegaram atrasados, optei por iniciar a aula com os alunos que foram pontuais com um aquecimento específico (exercícios específicos para o Voleibol). Este rápido início de aula beneficiou os alunos pontuais, evitou percas de tempo e fez com que os restantes alunos percebessem que estavam atrasados para a aula.
≥17 - Fevereiro	Assim na próxima aula, terão que ser revistas as estratégias que foram explicadas, para garantir que não há perda de informação.
≥17 - Janeiro	No trabalho de condição física incluí uma estação de ginástica de solo o que me pareceu ser uma boa estratégia pela proximidade que me permitiu a uma matéria mais débil dos alunos
≥17 - Janeiro	A estratégia utilizada da contagem do tempo para cada alongamento (20'') foi bastante positiva uma vez que, assim, existe um maior controlo da minha parte assegurando que todos os alunos cumprem o pedido. Desta forma, deverei continuar a adoptar esta metodologia.
≥17 - Janeiro	Em termos de Instrução Inicial, as estratégias apontadas para diminuição dos tempos de espera foram experimentadas, como dirigir o discurso para um aluno distraído ou dirigir o questionamento com rápido recurso a um aluno que sabe para continuar
≥17 - Janeiro	Por exemplo, o grupo de dez alunos que chega sempre a horas queixa-se de ficar algum tempo à espera que os outros cheguem para começar. Começar alguma actividade com este grupo parece-me uma estratégia não só de compensar a pontualidade destes mas também de motivar os outros a ser mais pontuais.
≥17 - Janeiro	Estratégias terão de ser consideradas para potenciar o tempo de prática em tempo de aprendizagem nestas estações. Atenção que a próxima Unidade de Ensino conterà muitas matérias susceptíveis de clima aluno-matéria negativo, como ginástica de solo, acrobática ou lançamento do Peso. Em Plano de Unidade será necessário pensar em estratégias criativas que transformem estas estações em momentos de aprendizagem e não apenas de experimentação.
≥17 - Março	Penso ter sido uma estratégia muito positiva e que poderei adoptar em outras situações.
≥17 - Março	Assim, e já que todos os outros anos estariam num nível mais evoluído que o deles e com conteúdos não aprendidos por estes, o PE pensou numa estratégia para

	introduzir o Malhão. Esta estratégia incluía a possibilidade de chover num dos dias da 5ª UE.
≥17 - Novembro	Poderei experimentar uma estratégia proposta pela professora Fernanda Santinha onde quem não faz não troca de estação
≥17 - Novembro	Continuar a adoptar a estratégia será de apitar quando sentir necessidade para que os alunos se calem, no entanto não quero recorrer a esta estratégia muitas vezes para que os alunos não a entendam como vulgar
≥17 - Novembro	Como estratégia para combater esta situação farei em futuras aulas a ponte entre os exercícios de condição física e: a) a aplicação prática nos exercícios de ginástica; b) a avaliação das capacidades físicas.
≥17 - Novembro	Como estratégia de prevenção poderia ter identificado a priori na prelecção inicial os erros típicos de cada exercício proposto. Meio que utilizarei na próxima aula com os erros mais comuns diagnosticados nesta aula.
≥17 - Novembro	Como estratégia para uma maior qualidade de ensino, optei por introduzir em cada estação apenas um ou dois elementos, por forma a focalizar a atenção dos alunos (e a minha) para garantir que a maioria dos alunos adquire competências de base na ginástica.
≥17 - Novembro	minha estratégia tem sido de alguma condescendência, tentando focalizar a aluna apenas nas tarefas da aula, com sucessivos feedbacks, no entanto não estando a resultar, considero que fm futuras situações semelhantes, a minha estratégia passará por fazê-la tomar consciência das atitudes que tem, através do registo escrito. Caso esta estratégia não resulte e os comportamentos se mantenham, terei que informar a directora de turma com vista à obtenção de uma estratégia mais eficaz.
≥17 - Novembro	Fazer perguntas a quem está a falar
≥17 - Novembro	numa tentativa de vincular a aluna à disciplina de EF, através da sua matéria mais forte e preferida.
≥17 - Novembro	Para a próxima aula também será exigido a formação de alguns pares estratégicos, alunos com mais dificuldade com alunos com mais facilidade.
≥17 - Novembro	A conversa já foi... Vamos ser então mais criativos. Clube de Dança... Talvez?
≥17 - Outubro	Terminada a 1ª UE da 2ª etapa achei por bem fazer um resumo de todos os conteúdos teóricos abordados durante esta UE. Assim sendo e como estratégia para compreender a retenção por parte dos alunos utilizei o questionamento fechado e dirigido para os alunos (preferencialmente aqueles que estavam mais desatentos ou que através da expressão compreendi a sua insegurança na resposta). Penso que resultou bem
≥17 - Outubro	Sobre esta área de instrução dos conhecimentos importa sistematizar alguns indicadores que facilitarão a compreensão por parte dos alunos: <ul style="list-style-type: none"> · Utilização de meios auxiliares de ensino (ex: quadro) · Utilização de alunos que demonstrem · Separação de conteúdos, ou seja, durante a prelecção é importante que oriente no sentido da mudança de tema. Esta orientação pode ser feita de várias formas: i) alteração do tipo de voz; ii) representação esquemática e organizada no quadro
≥17 - Outubro	Para combater esta dificuldade[incorrecção técnica] de execução será uma mais-valia ter novamente com os alunos um discurso de promoção da condição física revelando os seus benefícios quer em termos de imagem corporal, quer na repercussão da avaliação
≥17 - Outubro	saliento os passos que considero importantes sempre que um aluno recusar a aprendizagem de uma matéria: <ol style="list-style-type: none"> 1º - Abordagem individual e motivacional adaptada à matéria em questão, centrada na premissa que toda e qualquer aprendizagem leva tempo 2º - Proporcionar exercícios de baixa dificuldade na execução técnica 3º - Aproximar o aluno com dificuldades de um outro mais apto a fim de existir um clima de cooperação e ajuda 4º - Caso a resistência na realização da actividade se mantenha consciencializar o aluno da sua avaliação na matéria e caso seja possível nessa aula proporcionar a aprendizagem noutra matéria
≥17 - Outubro	Uma das estratégias que introduzi nesta aula foi definir objectivos para as estações mais críticas

≥17 - Outubro	Estas estratégias tiveram o resultado que previa
≥17 - Outubro	Para isso penso ter contribuído a minha estratégia de progressivo afastamento desta tarefa, supervisionando e ajudando apenas quando algum aluno com maior dificuldade.
≥17 - Outubro	Nesta lógica de organização a minha intenção seria dar/exemplificar um conjunto de exercícios de base para depois me deslocar para as outras estações enquanto os alunos da patinagem repetiam os exercícios propostos. No entanto, esta estratégia não funcionou da melhor maneira, uma vez que nem todos os alunos realizaram os exercícios autonomamente.
≥17 - Outubro	Nesta aula tentei prever momentos e pormenores que prejudicassem a organização geral da aula.
<17 - Outubro	Deixar um aluno a dar alongamentos enquanto fazia as medições
≥17 - Setembro	No aquecimento é necessário definir uma estratégia clara para os alunos provavelmente referindo esquematicamente o que pretendo.
≥17 - Setembro	Outra desvantagem desta organização foi o facto de ter que ser eu a tirar os tempos do teste de velocidade, estratégia que vou alterar na próxima aula
≥17 - Setembro	A estratégia de desenhar no chão o “D” e “E” para ajudar os alunos com a passada foi bastante positivo.
≥17 - Setembro	demonstrou-se uma estratégia mal conseguida.
≥17 - Setembro	tentar arranjar uma estratégia para que eles achem que estou sempre a ver tudo;
<17 - Setembro	No entanto esta situação foi resolvida pois pedi a uma aluna que os avisasse na aula seguinte.
≥17 - Setembro	Atenção, hoje já conversei com eles, mas se se continuar a verificar será necessário pensar numa estratégia alternativa.
≥17 - Setembro	A música e o silêncio são uma estratégia a explorar nesta turma.
≥17 - Abril	A estratégia de trocar 1 ou 2 pares de dança foi benéfica, pois os alunos cooperaram uns com os outros
≥17 - Novembro	A estratégia para esta UE nesta matéria passa por um aumento da complexidade do estímulo: Ensino massivo por comando; Alteração dos agentes de ensino; Instrução “de fora”; Divisão de géneros (frente a frente); Dança a pares; Dança a pares com alunos a comandarem.
≥17 - Janeiro	Incentivar a estação de Aptidão Física;
<17 - Setembro	e outros que não podem estar juntos.
≥17 - Maio	Toma assim alguma importância uma estratégia preventiva deste tipo de situações: o professor deve no início de cada aula manter um contacto mais informal no sentido de averiguar a pré-disposição geral da turma, procurando eventuais acontecimentos que ponham em causa a motivação, concentração ou vontade dos alunos em realizar a aula
< 17 - Maio	Caso esta situação acontecesse, penso que a melhor opção seria chamar dois alunos de cada vez para fazerem os testes e cada um avaliava o colega. Esta situação só seria possível porque os alunos já fizeram e conhecem todos os testes do Fitnessgram
≥17 - Fevereiro	estratégias de funcionamento da aula/UE

Anexo 43 - Episódios reflexivos sobre (Professor) Objectivos

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
≥17 - Dezembro	De acordo com os objectivos formativos do professor a um nível mais lato, a diferenciação do ensino através do planeamento mais completo e a avaliação formativa através de um planeamento mais realista. Estes objectivos parecem ter uma evolução interessante, já que surgiu uma forma de organização da avaliação formativa mais realista e mais prática, logo, mais simples de aplicar.
≥17 - Dezembro	Parece que este objectivo [diminuir tempo de instrução pela não interrupção por atrasos ou problemas de organização] é determinante, já que possibilitará a intervenção com barulho de fundo (o aceitável), e a correcção de comportamentos de desvio ou indisciplina o mais rápido e eficiente possível. O questionamento dirigido foi também um objectivo assumido pelo professor e através do planeamento e do conhecimento das dificuldades dos alunos, este processo torna-se mais presente em cada aula.
≥17 - Fevereiro	Inovação essa que continuaria com os objectivos do professor
≥17 - Fevereiro	Os alunos perderam tempo de prática ao almejar cumprir os objectivos de avaliação formativa propostos pelo professor.
≥17 - Maio	As decisões tomadas por mim ao nível da definição de objectivos a nível macro e micro são de alguma forma validadas pelo Projecto Curricular de EF e pelo Plano Plurianual para o período trianual de 2010 a 2013.
≥17 - Setembro	Objectivos de avaliação da aptidão física cumpridos
≥17 - Setembro	No entanto, ficou comprometido o principal objectivo que passava pela avaliação inicial dos alunos nas três matérias abordadas.
≥17 - Fevereiro	desconcentrei-me dos objectivos propostos a mim mesmo.

Anexo 44 - Episódios reflexivos sobre (Professor)
Prelecção/Explicação/Instrução

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
< 17 - Dezembro	Na instrução final, falei com os alunos acerca da matéria dada até então, realizei muito questionamento dirigido e alertei para alguns casos de mau comportamento
< 17 - Dezembro	explicando sumariamente aquilo que iriam realizar em cada uma das estações
< 17 - Dezembro	não fui nesses muito claro
< 17 - Dezembro	Comecei com a prelecção inicial
<17 - Janeiro	Durante a mesma, são essas componentes críticas que tenho que transmitir, de forma explícita, aos alunos
<17 - Janeiro	Em relação à instrução, tenho ainda que melhorar e logo na instrução inicial.
<17 - Janeiro	Durante os exercícios, a instrução terá que ser mais direccionada para o que pretendo. Este aspecto está relacionado com as componentes críticas que tenho que definir no plano de aula.
<17 - Janeiro	falta de explicação inicial e introdução dos principais batimentos do badminton e objectivos do jogo 1x1 que se tornou pouco motivante
<17 - Janeiro	durante a prelecção inicial foram lembrados os objectivos para esta unidade de ensino.
<17 - Janeiro	A aula terminou com o professor a fazer o balanço da aula, reforçando a necessidade de trazerem para a próxima aula a definição de treino pois haverá um questionamento sobre esta matéria proporcionando assim discussão sobre o tema.
<17 - Março	Aula começou com palestra inicial explicando a nova organização
<17 - Março	Balanço focando os erros típicos do remate em salto, e falando de situações e comportamento na ginástica
<17 - Novembro	repetir mais as componentes críticas
<17 - Novembro	Na instrução inicial, explicitar apenas as matérias e tarefas da aula pois havia muito ruído no pavilhão
<17 - Novembro	no entanto, os alunos não ficaram devidamente informados sobre as condições de realização sobretudo no jogo de basquetebol, jogo dos castelos.
<17 - Novembro	começando a prelecção inicial com questionamento sobre estilos de vida saudável
<17 - Novembro	Balanço de aula (Linha de passe de Basquetebol; tripla ameaça) Espaço da próxima aula
<17 - Novembro	Palestra Inicial esqueci-me de referir alguns Objectivos do Voleibol/Escriver uns tópicos que me lembrem
<17 - Novembro	No final reuni e fiz o balanço focando os erros mais comuns (atletismo); sinto que podia ter focado mais coisas.
<17 - Outubro	Na instrução inicial, organizei os alunos na área da baliza tendo como referência essa mesma linha. A minha preocupação foi explicitar aos alunos os critérios de sucesso no jogo de andebol e futebol, para durante a parte principal incidir nesses aspectos interrompendo o jogo várias vezes.
<17 - Outubro	Expliquei os exercícios mas esqueci-me de referir todos os critérios de êxito
<17 - Setembro	e explicado melhor os exercícios de condição física
<17 - Setembro	Quando realizei o teste do Vaivém não fui claro quanto à zona saudável, também deveria ter frisado que os alunos quando terminassem o teste, não parassem repentinamente para o retorno à calma ser activo
<17 - Setembro	No final da aula, o balanço foi claro e conciso mas não avisei os alunos em relação ao espaço da aula seguinte nem que tinham de trazer sapatilhas para a próxima aula.
<17 - Setembro	Na instrução inicial falei da organização da aula, formei os grupos e ainda disse como ia decorrer o aquecimento

≥17 - Abril	Após as representações dos quatro grupos, fiz um balanço sobre aquilo que tinham falado e representado
≥17 - Abril	Falei dos objectivos da U.E., principalmente de RQ e TM
≥17 - Abril	instrução ter sido um pouco longa, pouco dinâmica e interrompida vezes demais
≥17 - Dezembro	Tal como já referi, não senti a necessidade de realizar esta instrução, pois já o tinha feito numa das aulas anteriores. Os conteúdos informações importantes foram transmitidos após o aquecimento, onde dei instrução sobre alguns aspectos organizativos e importância das folhas e empenho na aula para atingir os objectivos.
≥17 - Dezembro	Final da aula realizei um balanço do 1º Período, e preparei o início do 2º Período.
≥17 - Dezembro	Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula
≥17 - Dezembro	Foi realizada uma tentativa de diminuir o tempo de Instrução através da não interrupção pelos atrasos ou outros problemas de organização.
≥17 - Dezembro	com uma breve explicação do último passo introduzido.
≥17 - Dezembro	Sendo esta a última aula do 1º período lectivo faz todo o sentido fazer um balanço do sucedido até à data com os alunos, quer em termos individuais quer no colectivo (turma)
≥17 - Fevereiro	Depois do aquecimento, juntei a turma para uma breve instrução, referindo necessidade de empenho, alterações em relação à ficha (na aptidão física), e aspectos relacionados com a organização da aula, estações e matérias.
≥17 - Fevereiro	Esta aula acabou por ficar marcada por um grande período de prelecção inicial conforme estava previsto. Foi necessário explicitar algumas estratégias de funcionamento da aula/UE e também de avaliação formativa que se iniciaram nesta UE. A prelecção inicial foi feita junto à parede de escalada e não debaixo das galerias, como habitualmente, pela necessidade de fornecer alguma informação relativa à escalada. Sabendo que a quantidade de informação foi considerável importa testar a capacidade de retenção dos alunos.
≥17 - Fevereiro	A instrução inicial foi rápida e focando apenas os aspectos essenciais de cada estação
≥17 - Janeiro	No entanto, considero que a culpa de alguma falta de empenhamento se tenha devido a uma deficiente instrução daquilo que era para realizar em cada estação pelo que esta situação deverá ser acautelada nas próximas aulas.
≥17 - Janeiro	Após o período de aquecimento, realizei instrução para os alunos, referindo aspectos organizativos e explicando cada estação.
≥17 - Janeiro	Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula
≥17 - Janeiro	Crítérios de êxito do mini-trampolim (referência ao I e E) Faltou fazer em relação ao AFI[crítérios de êxito]
≥17 - Janeiro	Falar menos
≥17 - Maio	Na prelecção inicial tive a preocupação de relembrar a regra do andebol respeitante à área restrita do guarda-redes, visto que na UE anterior tinha reparado que os alunos não sabiam esta regra.
≥17 - Maio	Garantir período de instrução sem interrupções
≥17 - Maio	Balanço – reforço positivo à turma em relação ao empenho R No balanço expliquei como ia ser a próxima etapa, que nem todos vão trabalhar tudo Não fiz balanço em relação aos objectivos nem auto-avaliação (aula muito curta – optei por deixar os alunos mais tempo nas estações, deixando o balanço para a outra aula) Próxima aula voltar a falar das características da próxima etapa e procurar motivar os alunos nas tarefas
≥17 - Maio	Técnica de transmissão – Descendente. à Neste caso referi apenas que os alunos deviam transmitir da mão direita para a esquerda do colega. Na próxima aula deverei dar maior ênfase à troca rápida do testemunho assim que recebo do meu colega ii) Técnica de recepção – em movimento, sem contacto visual

≥17 - Março	Em relação à dimensão de instrução, os períodos de informação à turma foram breves e sintéticos, carregando a informação necessária para ajudar os alunos a adquirir os conteúdos obtidos
≥17 - Março	O balanço foi conseguido, sintético e dirigido a um problema verificado durante a aula, a indisciplina, no entanto, falta referir exemplos de uma forma mais sistemática.
≥17 - Março	inicie esta aula com uma breve revisão das regras da disciplina, lembrando que faltam poucas aulas para o final do ano lectivo
≥17 - Março	Após este período inicial de instrução, realizei a explicação da organização da aula bem como os objectivos que os alunos devem ter em conta na realização dos exercícios.
≥17 - Novembro	Na prelecção inicial fiz uma breve revisão de todos os conteúdos teóricos abordados durante o 1º período, incidindo sobretudo nas questões que irão surgir no teste escrito.
≥17 - Novembro	Considero esta síntese ter sido fundamental pois deu oportunidade aos alunos menos estudiosos para tirarem, no mínimo, nota positiva no teste escrito
≥17 - Novembro	A instrução do exercício deveria ter sido mais esclarecedora no sentido de evitar questões individuais semelhantes por diferentes alunos
≥17 - Novembro	Para tal, a organização prévia dos alunos todos juntos acompanhada de uma demonstração e relato da minha parte seria uma boa solução
≥17 - Novembro	Na instrução inicial, centrei-me nos aspectos organizativos da aula, explicando cada estação, assim como as respectivas ajudas e segurança. Fiz apenas algumas referências a conteúdos e componentes críticas dos exercícios propostos.
≥17 - Novembro	Período de instrução centrado nas componentes críticas, ênfase na importância da consulta das folhas e nas ajudas;
≥17 - Novembro	A introdução de novos exercícios não terá sido a mais eficaz tendo em conta os erros observados.
≥17 - Novembro	Considero positivo o facto de ter dividido a prelecção em dois momentos diferentes, imediatamente antes de cada fase da aula (primeiro para a dança e condição física e depois para as estações).
≥17 - Novembro	No final desta aula foi explicado e praticado o nível Elementar da dança,
≥17 - Novembro	Na instrução inicial, a dança foi explicada como uma dança progressiva e foi feita uma referência às danças abordadas pelos alunos nos anos anteriores. Senti-me relativamente à vontade na explicação da Dança, na instrução dos tempos e dos passos bem como na sua demonstração.
≥17 - Novembro	Na instrução inicial, foram abordados os objectivos de UE, no entanto, não houve uma explicação mais transversal, ou seja, que abordasse também aspectos para os alunos mais fracos ou mais fortes.
≥17 - Novembro	No entanto, durante a Instrução ainda existe muitos momentos de agitação por parte dos alunos
≥17 - Novembro	talvez tivesse sido aconselhável fazer uma explicação detalhada do pretendido em cada estação
≥17 - Outubro	que aproveitei para realizar um balanço mais cuidado do período de avaliação inicial que terminou e preparar já a próxima etapa.
≥17 - Outubro	Período de instrução mais centrado nos objectivos dos exercícios
≥17 - Outubro	Situação que “condenei” assim que inicie a minha prelecção, com o objectivo de alterar tal atraso na próxima aula. Na prelecção inicial foram ainda leccionados alguns conteúdos dentro do tema “Capacidades físicas”. Assim, relacionei os testes do fitnessgram com cada capacidade física, introduzi as comparações possíveis (inter-indivíduos e com o mesmo indivíduo ao longo do tempo) através dos testes e salientei ainda a necessidade de os realizar com correcção técnica e sem faltas. Para terminar lembrei quais os indicadores externos e internos, revendo as várias intensidades da escala subjectiva de esforço, dissociando-a de indicadores objectivos como a frequência cardíaca. Em futuras aulas, aprofundarei este tema, incidindo sobre as fontes energéticas e o ritmo de respiração durante a corrida.
≥17 - Outubro	Falar enquanto os alunos estavam a falar

≥17 - Outubro	A instrução inicial foi mais curta que nas aulas anteriores e com a tentativa de sintetizar o discurso aos pontos mais importantes.
≥17 - Outubro	Mas ainda poderá ser feita [Instrução Inicial] duma forma mais eficiente
≥17 - Setembro	aliar a descrição de todas as acções à sua demonstração; ii) perguntar no final se alguém tem dúvidas.
≥17 - Setembro	No exercício/jogo de badminton deveria ter esclarecido melhor a questão da troca de campo para discriminar mais facilmente o nível dos alunos. Mais um indicador de que a prelecção deve ser algo minucioso e transmitido com a máxima atenção dos alunos, provavelmente neste caso a reunião dos alunos perto de mim seria a solução.
≥17 - Setembro	Explicação de cada estação e do teste do fitnessgram
≥17 - Setembro	Ainda na prelecção inicial, faltou a explicação dos exercícios de condição física, apesar de ser a primeira aula do período de avaliação inicial é fundamental que os alunos tenham um primeiro contacto e que experimentem estes exercícios.
≥17 - Setembro	com a opção de instrução mais demorada pós-aquecimento. Este sistema funcionou

Anexo 45 - Episódios reflexivos sobre (Professor - Prelecção/Explicação/Instrução) Feedback

Classificação – Mês Estágio	Reflexões
< 17 - Abril	Tive preocupações explicam o ciclo do FB Uma vez que é uma falha minha por vezes
< 17 - Abril	Correu bem, tendo cumprido na maioria das vezes
< 17 - Dezembro	Na próxima aula, neste espaço, vou falar com os alunos para alertá-los dos erros que cometeram nesta aula.
< 17 - Dezembro	O feedback nem sempre foi pertinente mas foi mais positivo comparando com aulas anteriores.
< 17 - Dezembro	Elevada frequência e pertinência de Feedbacks
< 17 - Dezembro	possibilitou um maior nível de feedback à distancia
< 17 - Maio	Situação de torneio no Badminton decorreu sem grandes FB/[PQ] Preocupação com os testes do Fitnessgram
<17 - Março	em que dava feedback aos alunos
<17 - Março	controlando a prática com FB à distância
<17 - Novembro	FB à distancia foi fornecido mas apenas por 3 ou 4 vezes
<17 - Outubro	forneci feedbacks sobretudo ao grupo/equipa porque o sucesso de um aluno numa determinada acção está sempre dependente da atitude dos companheiros de equipa.
<17 - Setembro	consegui (INFORMAÇÃO RISCADA) dar os 3 feedback à distância que tinha proposto
≥17 - Abril	Faltou dar mais FB à distância p/ controlar os dois grupos
≥17 - Abril	Faltou destacar positivamente os alunos que tiveram bem na aula ou que conseguiram pequenos ganhos
≥17 - Fevereiro	fecho do ciclo do feedback se tornaria uma preocupação premente, tal como o conteúdo do mesmo
≥17 - Janeiro	com poucos feedbacks descritivos com o que se pretendia
≥17 - Janeiro	O Feedback centrou-se maioritariamente nas estações das estafetas e futebol, sendo este específico, descritivo e prescritivo, no entanto na estação de Andebol, o meu feedback mostrou-se reduzido, assim como o meu acompanhamento. Procurei também dar feedback à distância como forma de controlar os alunos e de os manter em actividade.
≥17 - Janeiro	Feedback adequado nas estações de Futebol e Estafetas
≥17 - Janeiro	Dirigir feedback no Andebol;
≥17 - Janeiro	Melhorar no FB em relação à ginástica
≥17 - Janeiro	fechar o ciclo do feedback
≥17 - Maio	no fornecimento de feedbacks
≥17 - Março	À semelhança do que aconteceu na UE anterior (na corrida de barreiras), será necessário fornecer alguma informação de retorno relativamente ao nível em que os alunos se encontram em cada matéria.
≥17 - Novembro	Senti que as progressões pedagógicas e os feedbacks dados produziram efectivamente resultados.
≥17 - Novembro	fornecimento de feedback adequado
≥17 - Novembro	forneço feedback e não verifico se há realmente mudança de comportamento
≥17 - Novembro	sucessivos feedbacks,
≥17 - Novembro	Bom FB visual
≥17 - Novembro	Só de FB negativo ao 1º grupo da Dança
≥17 - Outubro	orientado o meu feedback para o grupo

≥17 - Outubro	FB para o salto ao eixo – olhar em frente! (para não irem de cabeça)
≥17 - Setembro	Ajuda e feedback nos exercícios de ginástica de solo

Anexo 46 – Autoscopias

Estagiário 1 – Classificação ≥ 17 valores

Setembro:

Esta aula foi a primeira do período de avaliação inicial, sendo este o principal objectivo da mesma. Foi por isso decidido realizar uma estação de patinagem, uma de futebol e uma de barreiras. A turma foi dividida em dois grupos, sendo que um grupo apenas realizou patinagem e outro passou pelo futebol e pelas barreiras. Este grupo realizou ainda o teste de velocidade.

A divisão dos grupos foi feita com base nas impressões retiradas da primeira aula, assim foi criado um grupo com os alunos mais hábeis que iniciou a patinagem nesta aula.

De um modo geral, a aula correu bem, sendo fluida e as transições rápidas. No entanto, ficou comprometido o principal objectivo que passava pela avaliação inicial dos alunos nas três matérias abordadas. Esta situação esteve relacionada com dois factores: a pouca experiência de observação e a organização da aula. Quanto a este último factor, considera-se que apesar de se ter verificado que a utilização de apenas duas estações (patinagem e barreiras) tivesse sido mais adequada de modo a poder obter um maior número de registos, a organização não irá ser alterada na próxima aula para evitar alguma desigualdade de oportunidades entre os dois grupos formados. Para além disto, a estação do futebol permite que estejam menos alunos em tempo de espera nas barreiras. Outra desvantagem desta organização foi o facto de ter que ser eu a tirar os tempos do teste de velocidade, estratégia que vou alterar na próxima aula na tentativa de promover alguma autonomia aos alunos.

Ainda na prelecção inicial, faltou a explicação dos exercícios de condição física, apesar de ser a primeira aula do período de avaliação inicial é fundamental que os alunos tenham um primeiro contacto e que experimentem estes exercícios. No exercício de jogo lúdico poderia ter incluído alguma componente competitiva de maneira a aumentar os índices de motivação dos alunos. No entanto, considero ter sido um bom exercício de preparação, especificamente para o teste de velocidade.

De um modo global, o meu comportamento continua a ser um pouco passivo, o que poderá trazer algumas desvantagens em momentos em que a turma apresente níveis de motivação abaixo do expectável, relacionado com este facto está ainda o tom de voz monocórdico que apresento durante todas as situações da aula.

Outro aspecto que considero relevante foi não alertar para a regra de segurança relativa aos fios, brincos, pulseiras e anéis.

Outubro:

Esta aula, pertencendo à 2ª etapa, pretendeu reflectir a necessidade de novas aprendizagens na maioria dos alunos. Para isso foram construídos dois grupos heterogéneos, tendo como principal critério, a formação de um grupo com

alunos mais fracos na patinagem com juntamente com três alunos de nível elementar, que pudessem servir de modelo de aprendizagem. Também para o treino da resistência foram criados três grupos com base nos resultados do teste do vaivém.

A aula iniciou-se cerca de 20 minutos depois do toque, facto que se deveu a uma certa displicência por parte dos alunos quer no período que tiveram para se equiparem, quer depois na aquisição dos patins. Situação que “condenei” assim que iniciei a minha prelecção, com o objectivo de alterar tal atraso na próxima aula.

Na prelecção inicial foram ainda leccionados alguns conteúdos dentro do tema “Capacidades físicas”. Assim, relacionei os testes do *fitnessgram* com cada capacidade física, introduzi as comparações possíveis (inter-indivíduos e com o mesmo indivíduo ao longo do tempo) através dos testes e salientei ainda a necessidade de os realizar com correcção técnica e sem faltas. Para terminar relembrei quais os indicadores externos e internos, revendo as várias intensidades da escala subjectiva de esforço, dissociando-a de indicadores objectivos como a frequência cardíaca. Em futuras aulas, aprofundarei este tema, incidindo sobre as fontes energéticas e o ritmo de respiração durante a corrida.

No aquecimento foi interessante constatar que a maioria dos alunos já distingue mobilização articular com objectivo de preparação do organismo para a prática de actividade física, de alongamentos como forma de retorno aos níveis de repouso. Existe inclusive, por parte deles, a necessidade de corrigir o colega que está responsável pelo aquecimento (ou alongamentos no final da aula). Verifica-se também uma maior autonomia dos alunos nestas duas partes da aula, o que é um aspecto positivo. Para isso penso ter contribuído a minha estratégia de progressivo afastamento desta tarefa, supervisionando e ajudando apenas quando algum aluno com maior dificuldade.

No exercício de resistência, optei por introduzir um pequeno factor de competição, como forma de motivação: o grupo que se aproximasse mais do tempo alvo por volta, ganharia um ponto. Esta condicionante acabou por concorrer para o sucesso do exercício, uma vez que os alunos já não paravam na zona de contagem e de forma global, pareceram-me ajustados os percursos a cada aluno. No entanto, há que enfatizar que o objectivo seria conseguir prolongar aquela intensidade de corrida por mais 20 minutos. As diferenças do sucesso desta tarefa da aula anterior para a presente, permitem reflectir sobre a necessidade de repetição dos exercícios, no entanto esta repetição deve acontecer de forma equilibrada. Assim deve ser repetido o número de vezes necessário para garantir a eficiência desejada, não comprometendo a motivação dos alunos para a realização do mesmo.

Nos exercícios de condição física voltei a dispor os alunos em “U” com o objectivo de terem um modelo correcto de execução. Depois desta abordagem massiva, será benéfico começar a individualizar o desenvolvimento das capacidades físicas.

Optei por organizar as matérias em 3 estações: Patinagem, andebol e barreiras. Sendo que um grupo apenas realizou patinagem e o outro realizou andebol e barreiras. Esta opção prende-se com questões logísticas uma vez que a colocação dos patins ainda demora algum tempo.

No grupo da patinagem foi possível verificar que dois alunos (André e Bernardo) têm grandes dificuldades em equilibrar-se na posição base. O

Marco, o Bruno, o João Rosa, o Filipe e a Cátia Mendes embora já dominem a posição base e o deslize têm dificuldades em realizar a puxada de frente. A Sara C., a Joana Lopes, Joana Colaço e a Filipa embora tivessem realizado alguns exercícios base como consolidação de algumas técnicas, demonstram claramente um nível superior aos anteriores. Nesta lógica de organização a minha intenção seria dar/exemplificar um conjunto de exercícios de base para depois me deslocar para as outras estações enquanto os alunos da patinagem repetiam os exercícios propostos. No entanto, esta estratégia não funcionou da melhor maneira, uma vez que nem todos os alunos realizaram os exercícios autonomamente. Deste modo o meu acompanhamento nas barreiras e no andebol foi pouco efectivo, tendo apenas corrigido erros globais, e orientado o meu *feedback* para o grupo, descuidando os erros individuais. Apesar de nestas duas estações o controlo não ter sido muito, considero que os alunos tiveram oportunidade de repetir várias vezes os exercícios propostos cumprindo o objectivo de aperfeiçoamento técnico nas várias matérias.

Novembro:

De um modo geral esta aula pretendia constituir uma introdução à UE que se iniciava, apresentando o modo global de funcionamento, as matérias a abordar e os grupos de trabalho. A consecução deste objectivo só poderá ser avaliada durante as próximas duas aulas.

Apesar deste objectivo geral, nunca poderá ser menosprezado o carácter formativo de cada aula pois é esse o principal objectivo de todas as aulas.

Assim considero necessário reflectir sobre um conjunto de aspectos que não foram tão bem conseguidos da minha parte durante esta aula.

Comportamento do professor

- ✓ De um modo geral, a densidade de conteúdos previstos para esta aula, condicionou a minha forma de estar durante a aula. Sendo igual a mim mesmo, mantive a minha postura passiva e algo descontraída durante toda a aula, apesar de procurar estar sempre a corrigir os alunos, ainda que de forma algo anárquica.

Comportamento dos alunos

- ✓ Neste ponto, importa referir dois aspectos: por um lado nota-se que os alunos estão muito dependentes da proximidade do professor, facto que terei que ter em conta no meu deslocamento durante a aula. Por outro lado, a introdução de elementos novos (materiais e exercícios) provocou uma reacção positiva na motivação para a prática. É da minha responsabilidade canalizar essa motivação e energia para uma prática efectiva das matérias.

Prelecção Inicial

- ✓ A introdução de novos exercícios não terá sido a mais eficaz tendo em conta os erros observados. Poderia ter aproveitado a demonstração para desde logo alertar para erros típicos.
- ✓ Considero positivo o facto de ter dividido a prelecção em dois momentos diferentes, imediatamente antes de cada fase da aula (primeiro para a dança e condição física e depois para as estações).

Dança

- ✓ A estratégia para esta UE nesta matéria passa por um aumento da complexidade do estímulo:
 - Ensino massivo por comando;
 - Alteração dos agentes de ensino;
 - Instrução “de fora”;
 - Divisão de géneros (frente a frente);
 - Dança a pares;
 - Dança a pares com alunos a comandarem.
- ✓ Pretende-se que os alunos evoluam até à dança a pares com uma célula de movimento previamente definida (que não existiu nesta aula).
- ✓ Apesar de ser uma das matérias em que estou menos à vontade, a minha postura enquanto líder terá que ser mais descontraída, mais apelativa e mais condizente com a mensagem que a própria música e a expressividade que dela advém.

Condição Física

- ✓ Foi notório o entusiasmo com que os alunos receberam as novas propostas de exercícios principalmente devido aos materiais utilizados, no entanto, este aspecto conteve em si um ponto negativo. A certa altura os alunos encararam o treino da condição física como um espaço de recreação e não como meio de desenvolvimento. Como estratégia para combater esta situação farei em futuras aulas a ponte entre os exercícios de condição física e: a) a aplicação prática nos exercícios de ginástica; b) a avaliação das capacidades físicas.
- ✓ Importa também salientar a fraca qualidade de execução que os alunos demonstraram principalmente nas *fitballs* e nos elásticos. Como estratégia de prevenção poderia ter identificado *a priori* na prelecção inicial os erros típicos de cada exercício proposto. Meio que utilizarei na próxima aula com os erros mais comuns diagnosticados nesta aula.
- ✓ Outro factor determinante para o sucesso do trabalho de condição física é a correcta execução técnica dos exercícios. O meu acompanhamento durante esta parte de aula terá que incidir em duas estações mais prioritárias (*fitballs* e elásticos) por forma a focalizar a minha atenção.
- ✓ Ainda dentro da qualidade de intervenção esta deverá ser garantida quer pelo diagnóstico dos erros, quer pelo fornecimento de *feedback* adequado quer pela verificação da alteração da execução.

Ginástica

O facto de ter organizado em cinco estações teve a intenção de rentabilizar o tempo de prática dos alunos, no entanto esta rentabilização como já foi referido deverá aparecer nas próximas aulas. No entanto importa fazer o levantamento dos principais problemas e estratégias de resolução desses problemas:

- ✓ Antes da aula devo procurar identificar as minhas lacunas formativas, principalmente nas matérias em que apresento mais dificuldades,

procurando depois investigar e pesquisar por forma a colmatar essas lacunas;

- ✓ No plano de aula devem estar perfeitamente definidas as minhas prioridades de intervenção, para que possa focalizar a minha atenção numa matéria ou elemento, aumentando a qualidade da intervenção;
- ✓ à semelhança da condição física verifica-se um acompanhamento pouco efectivo da minha parte, visto que por vezes forneço *feedback* e não verifico se há realmente mudança de comportamento;
- ✓ Como estratégia para uma maior qualidade de ensino, optei por introduzir em cada estação apenas um ou dois elementos, por forma a focalizar a atenção dos alunos (e a minha) para garantir que a maioria dos alunos adquira competências de base na ginástica.

Ainda nesta aula, importa ressaltar os sucessivos comportamentos fora da tarefa da aluna Sara F. Até agora a minha estratégia tem sido de alguma condescendência, tentando focalizar a aluna apenas nas tarefas da aula, com sucessivos *feedbacks*, no entanto não estando a resultar, considero que em futuras situações semelhantes, a minha estratégia passará por fazê-la tomar consciência das atitudes que tem, através do registo escrito. Caso esta estratégia não resulte e os comportamentos se mantenham, terei que informar a directora de turma com vista à obtenção de uma estratégia mais eficaz.

Dezembro:

Previamente à auto-avaliação, foi realizada a proposta de avaliação de todos os alunos da turma.

O primeiro aspecto que considero negativo e por isso a melhorar, é a falta de informação relativa às várias matérias. Depois de ter realizado com eficácia a avaliação inicial, apenas esporadicamente recolhi informação sobre o desempenho dos alunos. Este procedimento será fundamental na construção do portefólio dos alunos, que me permitirá regular e diferenciar as aprendizagens dos alunos, bem como consciencializar os alunos das competências que já adquiriram.

Fazendo agora um balanço da auto-avaliação, foi possível verificar que alguns alunos apresentaram valores algo diferentes dos propostos por mim. É importante ter em atenção estes casos, uma vez que o erro poderá ser meu, havendo uma subvalorização dos alunos. Assim, os alunos que disseram notas 2 ou mais valores acima da minha proposta, foram: o Bruno, o António, a Carla, a Catarina, o Filipe e o Caio. Tendo os meus registos provindo da avaliação inicial admite-se aqui alguma margem de erro, no entanto, perante este cenário, parece-me que tanto o António, como a Carla e a Catarina não terão razões que justifiquem a nota que enunciaram, já no caso do Filipe e do Bruno, assumo que poderão estar um pouco abaixo daquilo que é o real valor dos alunos, pelo que terei que sustentar melhor a minha avaliação. O Caio certamente irá alcançar notas superiores pelo excelente atleta que é, precisa no entanto de reforçar a área dos conhecimentos para alcançar a melhor nota possível. No geral, os alunos têm uma ideia correcta da sua nota, não havendo grandes discrepâncias entre a auto e a minha avaliação.

Pelo facto de ser a última aula do período, planeei a aula de modo a que os alunos estivessem no pouco tempo de prática, realmente em actividade. Para isso, dividi o campo de voleibol ao meio, formando dois campos (3x3), e utilizei as tabelas de basquetebol para fazer um jogo de lançamentos. Esta parte da sessão demorou cerca de 25 minutos e funcionou de forma bastante dinâmica.

Como balanço, realçar mais uma vez o espírito de grupo manifestado durante a auto-avaliação, com vários alunos a elogiarem a evolução de colegas mais fracos e outros a realçarem a entreaajuda entre os vários elementos da turma. Considero, após este 1º Período que a turma apresenta um potencial enorme para alcançar objectivos muito ambiciosos

Fevereiro:

Esta aula acabou por ficar marcada por um grande período de prelecção inicial conforme estava previsto. Foi necessário explicitar algumas estratégias de funcionamento da aula/UE e também de avaliação formativa que se iniciaram nesta UE. A prelecção inicial foi feita junto à parede de escalada e não debaixo das galerias, como habitualmente, pela necessidade de fornecer alguma informação relativa à escalada.

Sabendo que a quantidade de informação foi considerável importa testar a capacidade de retenção dos alunos. Assim na próxima aula, terão que ser revistas as estratégias que foram explicadas, para garantir que não há perda de informação.

As estratégias previstas e as respectivas dificuldades nesta aula foram:

- Trabalho de condição física individualizado: modo de consulta e interpretação do plano de treino;
- Dossier com fichas de registo;
- Preenchimento das fichas de auto-avaliação dos objectivos por grupos e para cada matéria.

No início da aula, aquando da consulta do plano de aula, deparei-me com um erro de planeamento: apenas tinha previsto 4 estações para 5 grupos. A minha decisão no momento foi a de separar a Ginástica de solo e Acrobática e assim criar duas estações autónomas. Considero ter sido uma boa opção.

Considero que a organização da aula era bastante ambiciosa, uma vez que estava previsto que os cinco grupos percorressem todas as estações o que acabou por não acontecer. Apesar disso considero que no geral o equilíbrio entre o tempo de prática e os objectivos propostos para cada estação estão adequados. A única estação onde poderá haver alguma discrepância talvez seja na condição física. Assim, para a próxima aula será feita uma alteração, com os alunos a realizarem apenas uma série de cada exercício proposto prevendo-se assim a realização do alto em altura que acabou por não se realizar nesta aula.

Um dos aspectos que irei aferir durante esta UE é de que forma a motivação dos alunos varia com a criação de grupos homogêneos. Na visita inter-escola realizada no dia 14 de Fevereiro, deparámo-nos com a formação de grupos homogêneos já na 3ª Etapa. A justificação dada para tal foi a de que alunos muito evoluídos que já detêm o nível Avançado poderão continuar a servir de agentes de ensino para colegas com níveis inferiores. Será interessante acompanhar a evolução da relação aluno-aluno ao longo desta UE.

Por último, saliento dois casos que me têm despertado alguma atenção na minha turma e por razões semelhantes. O Marco e a Sara F. têm-se revelado níveis de desempenho muito superiores aos da avaliação inicial. Apesar de este facto poder estar relacionado com a minha capacidade de observação, atribuo outra explicação a este acontecimento. O relacionamento destes alunos com outros com níveis de desempenho elevados têm tido uma influência positiva no seu próprio desempenho.

Março:

Relativamente ao plano de aula, importará sistematizar de forma mais explícita as actividades que cada grupo faz em cada aula, bem como os exercícios específicos para cada grupo.

Apesar de ter previsto a realização do teste de abdominais para esta aula, uma falha na preparação do material impediu-me de cumprir este objectivo. No entanto, será compensado na próxima aula, articulando com o teste de força superior. Ainda no que respeita à organização da aula, registei um pequeno equívoco, tendo reunido a turma em dois locais diferentes em dois momentos consecutivos. Também a montagem do material de badminton e voleibol poderia ter sido assegurada mais cedo, tendo evitado o tempo de transição mais prolongado que se verificou.

Nesta UE, a recolha de informação admite uma importância fundamental uma vez que é a última do período. No entanto, nem sempre é possível dissociar-me completamente do acompanhamento efectivo as actividades.

Em relação às actividades propostas um dos aspectos que posso melhorar é aumentar o número de bolas no exercício de lançamento na passada. Esta é uma das opções para que o tempo de espera se torne em tempo de actividade por exemplo através do treino do drible.

Uma vez que os grupos desta UE foram definidos em função do nível de desempenho no voleibol, fará todo o sentido adaptar os exercícios desta matéria ao nível de cada grupo – ensino diferenciado.

À semelhança do que aconteceu na UE anterior (na corrida de barreiras), será necessário fornecer alguma informação de retorno relativamente ao nível em que os alunos se encontram em cada matéria.

Abril:

Devido à queda de granizo na passada sexta-feira, o pavilhão gimnodesportivo ficou inutilizável. Assim, houve necessidade de planear uma aula alternativa.

Foram então leccionados os conteúdos relativos à área dos conhecimentos, que servem de base ao trabalho de grupo que os alunos irão desenvolver. Apesar de ter previsto a demonstração prática da leitura de rótulos e de inclusive ter levado para a aula algumas embalagens que os alunos pudessem analisar, acabei por não as mostrar.

Outra decisão que tomei, foi abordar a temática da Educação Sexual, uma vez que em reunião do NEEF tinham já sido delineadas as principais estratégias de abordagem. Assim, dividi a turma em quatro grupos, dois de rapazes e dois de raparigas e provoqueei-os no sentido de enumerarem 3 temas que gostassem de ver discutidos na aula, relativamente à sexualidade, ao sexo oposto, aos mitos da adolescência. Após este período de reflexão cada grupo elegeu um dos tópicos e construíram uma pequena cena que o teatralizasse.

Após as representações dos quatro grupos, fiz um balanço sobre aquilo que tinham falado e representado. De um modo global foram abordados os métodos contraceptivos mais conhecidos, como resposta à constante troca de parceiros que existe actualmente e ainda a necessidade de se informarem e falarem com os colegas, professores e pais sobre dúvidas ou inquietações que surjam no seu percurso de adolescentes. Ficou em aberto a possibilidade de abordar novamente alguns destes temas.

Considero que esta estratégia poderá surtir alguns efeitos pelo facto de ser algo que é criado e pensado pelos alunos, apesar de ser orientado pelo professor. No entanto, a escassez de sistematização na abordagem escolar da educação sexual bem como a falta de formação específica para tal, leva-me a reflectir sobre os benefícios que tal abordagem pode ter junto dos alunos.

Maio:

Depois de uma primeira aula de UE bem conseguida ao nível da gestão do tempo e organização da aula, esperava nesta aula focar a minha atenção no desempenho dos alunos, quer no fornecimento de feedbacks quer na recolha de informações. No entanto, desde cedo percebi que a pré-disposição dos alunos não era a melhor. Alguns alunos chegaram atrasados, outros mostravam um estranho alheamento, outros ainda estavam mais agitados do que era normal. Deparei-me então com um cenário que teve o seu ponto mais alto no final da aula, quando percebi que ninguém se lembrava da forma de organização da corrida de estafetas. Após um curto período de indecisão da minha parte, resolvi parar a aula, sentar todos os alunos e um a um dirigiram-se para as posições para iniciar a corrida. Só assim foi possível garantir um empenho mínimo de todos. Também só no final da aula percebi que tinham tido teste de biologia imediatamente antes da aula e daí que os seus níveis de concentração pudessem estar abaixo do normal. Toma assim alguma importância uma estratégia preventiva deste tipo de situações: o professor deve no início de cada aula manter um contacto mais informal no sentido de averiguar a pré-disposição geral da turma, procurando eventuais

acontecimentos que ponham em causa a motivação, concentração ou vontade dos alunos em realizar a aula, tais como testes, apresentações de trabalhos, reuniões ou ainda outro tipo de actividade física.

Estagiário 2 – Classificação ≥ 17 valores

Setembro:

Penso que a montagem do material correu bem apenas a apontar dois aspectos que podem melhorar para uma futura intervenção: i) aliar a descrição de todas as acções à sua demonstração; ii) perguntar no final se alguém tem dúvidas.

No aquecimento é necessário definir uma estratégia clara para os alunos provavelmente referindo esquematicamente o que pretendo.

No que respeita à autonomia concedida aos alunos para a realização das medições de peso e altura foram capazes sem eu ter que passar muitas vezes por aquela estação o que me permitiu tal como esperado realizar a avaliação diagnóstica das matérias. Depois de ter visto a aula do professor Hamilton e tendo eu o curso do ISAK, teria obrigação de ser mais rigorosa nos procedimentos utilizados para a medição da altura, nomeadamente na superfície que se coloca na cabeça para ver a altura.

Para registar os resultados tive sempre como prioridade os alunos que estavam no badminton e que de seguida iam para a condição física. Em suma, cruzando os objectivos propostos para esta aula e as estratégias de deslocação do professor utilizadas para a anotação do nível dos alunos parece-me ter sido ajustada para o badminton pois apenas não tenho os dados de duas alunas. No voleibol ficaram mais dados por recolher referente ao último grupo que estive na condição física.

Apesar de ser considerada por muitos alunos da turma como a matéria preferida verifiquei na avaliação diagnóstica de **voleibol** que a grande dificuldade se centra na continuidade de jogo, impedindo assim visionar elevado tempo da bola no ar. De um modo geral as raparigas são as que têm mais dificuldades centrando-se entre o nível NI e PI. Quanto aos elementos do género masculino estão globalmente entre o I e o E. Ainda sem terminar a avaliação diagnóstica arrisco-me a dizer que esta deverá ser uma matéria prioritária. No que ao **badminton** diz respeito, verifiquei que alguns alunos não sabiam realizar o serviço, fazendo-o incorrectamente acima da cabeça. Notei ainda que o padrão motor de alguns alunos era muito limitado mantendo a raquete sempre na mesma posição, não conseguindo alterar a pega consoante a trajectória do volante.

No exercício/jogo de badminton deveria ter esclarecido melhor a questão da troca de campo para discriminar mais facilmente o nível dos alunos. Mais um indicador de que a prelecção deve ser algo minucioso e transmitido com a máxima atenção dos alunos, provavelmente neste caso a reunião dos alunos perto de mim seria a solução.

Quanto à organização da aula considero que poderia ser melhorada, sobretudo na troca de tarefas, se estimulasse os alunos a decorarem o seu grupo (A,B,C). A rede de voleibol ficou muito baixa o que poderá ter causado a desmotivação dos alunos que ficaram em último lugar na condição física.

Outubro:

Terminada a 1ª UE da 2ª etapa achei por bem fazer um resumo de todos os conteúdos teóricos abordados durante esta UE. Assim sendo e como estratégia para compreender a retenção por parte dos alunos utilizei o questionamento fechado e dirigido para os alunos (preferencialmente aqueles que estavam mais desatentos ou que através da expressão compreendi a sua insegurança na resposta). Penso que resultou bem, mas realço que ainda existem alunos com dificuldades na compreensão dos conteúdos. Quanto à abordagem aos novos conteúdos quero realçar a pertinência de mostrar um objecto novo para muitos dos alunos (cardiofrequencímetro) que aproximou os alunos da realidade desportiva.

Sobre esta área de instrução dos conhecimentos importa sistematizar alguns indicadores que facilitarão a compreensão por parte dos alunos:

- Utilização de meios auxiliares de ensino (ex: quadro)
- Utilização de alunos que demonstrem
- Separação de conteúdos, ou seja, durante a prelecção é importante que oriente no sentido da mudança de tema. Esta orientação pode ser feita de várias formas: i) alteração do tipo de voz; ii) representação esquemática e organizada no quadro

Tal como aconteceu na aula anterior, também os exercícios de aquecimento específico de velocidade deveriam ter surgido antes da realização do próprio teste.

Por se tratar da avaliação sumativa do teste de velocidade pretendi ser eu a controlar os tempos para existir uniformidade nos resultados. Assim, e para não ficarem 19 alunos à espera enquanto apenas um realizava o teste decidi dividir a turma em dois grupos, enquanto um estava no teste de velocidade os outros estavam a realizar a condição física de forma autónoma, promovendo o aumento de prática de aula e consequentemente diminuindo o tempo de espera. Embora em autonomia, a realização dos exercícios calisténicos de condição física faz todo o sentido que apresente uma boa correcção técnica, o que ainda não acontece. Para combater esta dificuldade de execução será uma mais-valia ter novamente com os alunos um discurso de promoção da condição física revelando os seus benefícios quer em termos de imagem corporal, quer na repercussão da avaliação.

Quando planeei a aula deparei-me com uma indecisão acerca da realização da corrida de resistência aeróbia. Por um lado, seria vantajoso fazê-lo pois permitiria uma relação directa entre os conteúdos teóricos e a prática (FC), tal como já tinha sido reflectido em outras autoscopias. Por outro, a prioridade desta aula seria sem dúvida a realização do teste de velocidade. Perante este cenário pensei ainda em fazer no final da aula a fim de rentabilizar tempo uma vez que teriam que calçar os patins mas acabei por não fazer por pensar que não seria muito ajustado pois já tinham a duração do esforço de uma aula. Porém, se fosse agora não teria abdicado nem que fosse para testar a receptividade dos alunos ao exercício.

Na patinagem, e por ter optado pela realização de grupos heterogêneos, será interessante da próxima vez que estivermos neste espaço responsabilizar um aluno para os exercícios básicos de adaptação desta matéria, tal como já acontece na parte inicial da aula durante o aquecimento. Ainda no que respeita a esta matéria tinha previsto a realização de uma forma lúdica (jogo caça pinos), mas acabei por não fazer por considerar que seria muito difícil para alguns alunos. Todavia, sei que este tipo de soluções didáticas deverá surgir como forma de motivação dos alunos.

Quanto às situações proporcionadas no futebol penso que até estariam ajustadas aos objectivos da aula porém, não as apliquei na forma que tinha planeado, apenas por uma razão simplista de organização, o que levou a que muitas raparigas passassem o jogo na conversa. É sem duvida importante a presença de jogos reduzidos.

Em ambas as matérias saliento a necessidade e importância de juntar elementos que fossem mais aptos com aqueles menos aptos. Nesse sentido, no futebol fiz essa associação no início da aula enquanto esperava os alunos que tinham ido buscar os patins.

Desta aula retenho ainda uma atitude menos positiva da aluna Sara Monteiro. Por ter dificuldades/medo na matéria de patinagem recusou-se a executar os exercícios propostos, sendo estes os mais básicos possível uma vez que eram exercícios de adaptação aos patins. Perante este cenário conversei individualmente com a aluna fazendo-lhe crer que qualquer aprendizagem requer tempo, prática e vontade em aprender. A permanência sentada no chão durante algum tempo levou-me a uma abordagem diferente questionando se essa seria a sua opção nesse caso sabia qual era a sua avaliação. A aluna compreendeu os parâmetros que lhe apresentei pelo que a mudei de grupo para o futebol. De salientar que deste grupo faziam parte outros colegas que inicialmente apresentavam iguais dificuldades mas que se esforçaram pela realização dos exercícios. Reflectindo acerca deste caso saliento os passos que considero importantes sempre que um aluno recusar a aprendizagem de uma matéria:

- 1º** - Abordagem individual e motivacional adaptada à matéria em questão, centrada na premissa que toda e qualquer aprendizagem leva tempo
- 2º** - Proporcionar exercícios de baixa dificuldade na execução técnica
- 3º** - Aproximar o aluno com dificuldades de um outro mais apto a fim de existir um clima de cooperação e ajuda
- 4º** - Caso a resistência na realização da actividade se mantenha consciencializar o aluno da sua avaliação na matéria e caso seja possível nessa aula proporcionar a aprendizagem noutra matéria.

Novembro:

Sendo esta a primeira aula da UE que antecede o final do período lectivo considerarei essencial dar a conhecer aos alunos como iriam ocorrer os registos para avaliação, tal como já havia ocorrido em aulas anteriores. Além da importância na transparência dos processos avaliativos com os alunos, dar-lhes a conhecer a avaliação poderá ser uma excelente forma de os motivar para uma prática mais intensa nas aulas.

Na prelecção inicial fiz uma breve revisão de todos os conteúdos teóricos abordados durante o 1º período, incidindo sobretudo nas questões que irão surgir no teste escrito. Embora, tenha referenciado várias vezes este facto alguns alunos permaneciam algo distraídos. A revisão aconteceu sobre a forma de questionamento dirigido o qual nem sempre foi bem respondido pelos alunos. Considero esta síntese ter sido fundamental pois deu oportunidade aos alunos menos estudiosos para tirarem, no mínimo, nota positiva no teste escrito. Agora, estou bastante curiosa quanto aos resultados que os alunos irão obter e, como é óbvio, desejo que sejam bons!

Penso que tanto eu como os alunos nos sentimos confortáveis na estrutura de aula que lhes apresentei pelo que, em princípio, esta será mantida ao longo da UE. Além disso, em termos espaciais pareceu-me esta ser uma solução bastante viável.

Acerca deste item realço, que a não realização dos exercícios de luta propostos no plano de aula deveu-se única exclusivamente ao meu esquecimento. Penso, portanto introduzi-los nas próximas aulas sendo que poderá tomar duas formas:

- i) intercalar entre a rotação nas estações da aula
- ii) surgir após a abordagem massiva do futebol

No que respeita às soluções didácticas e respectivas abordagens apresentadas nas várias matérias a minha reflexão surge em vários sentidos:

Futebol

✓ A instrução do exercício deveria ter sido mais esclarecedora no sentido de evitar questões individuais semelhantes por diferentes alunos. Para tal, a organização prévia dos alunos todos juntos acompanhada de uma demonstração e relato da minha parte seria uma boa solução

✓ O exercício sofreu uma alteração no decorrer da prática, o que considero ser um ponto bastante positivo na minha intervenção, uma vez que o simples adicionar de cones durante o percurso potenciou, de um modo mais efectivo um dos objectivos pretendidos – condução de bola

✓ Acabei por não realizar os dois exercícios propostos pois optei por dar maior tempo de prática a este exercício, evitando assim que cada aluno fizesse apenas 2/3 vezes o exercício

Salto em Altura

✓ Em comparação com o sucedido na AI, o receio em saltar a fasquia foi amplamente diminuído, embora ainda não esteja completamente anulado. Penso que no auxílio desta diminuição esteve a apresentação aos alunos de uma progressão (uma tábua apoiada em dois cones) onde a altura da fasquia era consideravelmente mais baixa e onde os alunos tiveram oportunidade de mecanizar o movimento pretendido

✓ Devo ajustar os objectivos aos alunos pois para alguns a técnica de tesoura já não constitui qualquer dificuldade. Esta situação evitará sucessivas mudanças na altura da fasquia devida a esta diferenciação de objectivos

Ginástica Acrobática

✓ Fui positivamente surpreendida pelo gosto e adesão dos alunos na realização desta matéria. Porém, a maioria dos alunos tem facilidade em

realizar os elementos propostos pelo que deverei ajustar os objectivos propostos para criar desafio nos alunos

- ✓ Senti que as progressões pedagógicas e os feedbacks dados produziram efectivamente resultados. Exemplo disso mesmo é a realização do elemento proposto com o base encostado à parede

- ✓ Quando tive um discurso de estimulação através da atribuição de nível introdução deparei-me com alguma estranheza por parte dos alunos quando referenciei este termo, pelo que deverei esclarecer os níveis de ensino das matérias em EF

Ginástica de Solo

- ✓ As progressões apresentadas para o pino no espaldar foram bem aceites pelos alunos, tendo eu visto alunos que nunca o tinham feito a experimentar estas situações

- ✓ A ideia de sequência gímnica deve ser incutida a fim de ser consolidada pois os alunos realizam os elementos de forma isolada e com grandes quebras

- ✓ Nesta aula foi menos notório do que seria de esperar a resiliência dos alunos à matéria. Contudo, e prevenindo esta situação deverei apresentar uma situação didáctica/jogo complementar onde possa existir prática motora específica evitando a desmotivação

- ✓ Ainda existem alunos que devido a receios não realizam de todo os elementos propostos. Poderei experimentar uma estratégia proposta pela professora Fernanda Santinha onde quem não faz não troca de estação

No período da aula organizado sob a forma de estações a instrução foi dada sobretudo sob a forma verbal para toda a turma e só depois acompanhada em pequenos grupos no local. Como todos os alunos iriam passar por todas as matérias talvez tivesse sido aconselhável fazer uma explicação detalhada do pretendido em cada estação aliando à demonstração. A rotação de todos os alunos por todas as matérias acabou por não se efectivar pelo que poderá ser interessante esta abordagem na próxima aula com estrutura idêntica (3ªf).

Considero que ambas as estações de ginástica são uma excelente oportunidade para iniciar a avaliação formativa através de fichas de registo simples.

Quanto aos períodos da aula orientados pelos alunos sinto que a rotina organizacional está criada mas que o conjunto de dinâmicas propostas pelos alunos está por vezes esquecido, o que será normal visto não ter adoptado esta estratégia na UE.

Dezembro:

Sendo esta a última aula do 1º período lectivo faz todo o sentido fazer um balanço do sucedido até à data com os alunos, quer em termos individuais quer no colectivo (turma). Para esclarecer melhor todo o processo avaliativo, e porque o espaço 3 estava disponível optei por ocupar este local. Nesta medida sistematizei todas ponderações de cada área (matérias, atitudes, condição física e conhecimentos) no quadro bem como a discriminação dos níveis de ensino (introdução, elementar, avançado) e as 3 componentes que considere

nas atitudes. Exposto todo este cenário da avaliação fiz um balanço geral acerca de cada uma área:

- **Matérias** – as maiores debilidades encontram-se nas raparigas ao nível dos JDC e em alguns alunos na ginástica
- **Aptidão Física** – 10 dos 21 alunos que realizaram os testes da bateria de testes do *fitnessgram* apresentam globalmente uma nota negativa o que de certa forma não traduz o trabalho desenvolvido durante o período nesta área
- **Conhecimentos** – constatei que alguns alunos não tinham recebido o *e-mail* com o documento de apoio de estudo para o teste pelo que optei por passar uma folha para registarem todos os *e-mails* pessoais. Porém, esta não é a razão de muitas das negativas até porque todos os conteúdos foram abordados na aula, comentário ao qual os alunos confirmaram.
- **Atitudes** – relembro que são valores fáceis de obter contudo nem todas as notas são satisfatórias pois a pontualidade e alguns comportamentos desviantes prejudicam determinados alunos.

Procedi, então à revelação das notas individualmente dizendo o valor que tiveram em cada uma das áreas e pedindo uma proposta de nota e que de certo modo perspectivassem as áreas mais débeis e que careceriam maior investimento no 2º período. Desta conversa com os alunos tiro algumas conclusões:

- ✓ Apenas 2 dos 8 alunos que terão negativa estão conscientes desse facto. Porém estou certa que em alguns casos os alunos estão mais conscientes e dizem valores mais elevados na tentativa de influenciar a classificação
- ✓ Para além destes casos o Rúben e o Ricardo são os casos em que existe uma sobrevalorização por parte dos referidos alunos, o que me fará acautelar para a observação das matérias no 2º período
- ✓ Embora tenha feito de certa forma uma apreciação qualitativa individual confirmando e refutando as ideias dos alunos, considero que teria sido mais feliz, em alguns casos ter-lhes acautelado de uma forma subtil a nota que irão ter no final do período

Fazendo uma retrospectiva das notas finais atribuídas considero não terem sido muito satisfatórias o que me dará maior motivação para a aprendizagem que irá ocorrer no 2º período. Creio que até ao final do ano não terei um número tão acentuado de negativas e que as notas, na generalidade, subirão.

O tempo previsto para toda esta partilha de informações ultrapassou o previsto em plano de aula e para além disso tinha disponível todo o pavilhão (E1+E2) pelo que realizei alguns reajustes nos conteúdos abordados.

Não abdiquei da realização do jogo do mata, a fim de promover o entrosamento entre alguns alunos da turma daí que tenha utilizado os alunos mais rejeitados da turma, segundo o documento do estudo de turma (João e Érica), para escolher as equipas. Durante este jogo tive uma participação activa com os alunos, assegurando sempre que todas as regras eram cumpridas.

Seguiram-se 10 minutos finais nos quais os alunos optaram pela realização de uma das três matérias: futebol, voleibol e badminton. Porém, todas as actividades foram devidamente acompanhadas por mim dando uma maior prioridade ao voleibol por ser a matéria que tinha escolhido inicialmente para esta aula.

Janeiro:

Após a minha ausência como docente da turma devido à STI do Diogo fez para mim sentido ter uma conversa mais ligeira onde incluí algumas interações extra-curriculares.

No ensino da dança pretendia-se, inicialmente, a realização da rumba a pares e para tal recomecei com a estrutura celular já feita na última UE deste espaço. Nesta organização em line dance, o Emanuel foi o aluno com mais dificuldades. Passando para os pares verificou-se alguma relutância dos alunos em juntarem-se com colegas do sexo oposto o que me obrigou ter uma intervenção por modelagem que à partida não estaria pensada. A pares as dificuldades são mais evidentes e são poucos os pares que conseguem fazer o pedido sem incorrecções.

Quanto ao chachacha e por nunca ter existido uma abordagem a esta dança previa-se uma leccionação lenta e fraccionada dos passos com várias variantes de adaptação a cada passo. Contudo, não foi isso que sucedeu sendo a leccionação muito rápida e com poucos feedbacks descritivos com o que se pretendia. Fica a nota e a necessidade de voltar a rever os passos tal como se fosse a primeira abordagem.

No trabalho de condição física incluí uma estação de ginástica de solo o que me pareceu ser uma boa estratégia pela proximidade que me permitiu a uma matéria mais débil dos alunos. Ainda assim houve um aluno a recusar fazer rolamento à frente mesmo com a minha ajuda, Gonçalo Martins. Esta opção beneficiou em alguns receios de cambalhota frente (Gonçalo R.) e atrás (Cláudia, Beatriz, Midian). Sei porém que esta organização pode não ser suficiente para cumprir o nível introdução pois não se dá oportunidade aos alunos de realizar as sequências gímnicas.

Uma gestão menos eficiente nos restantes períodos da aula levou a que apenas fosse efectuada uma estação por cada aluno, pelo que deverá ser completada na próxima aula. A par daquilo que tinha acontecido na última rotação neste espaço a organização por estações na ginástica diminui o empenhamento dos alunos nas mesmas pelo que o discurso da responsabilização teve novamente que surgir. No entanto, considero que a culpa de alguma falta de empenhamento se tenha devido a uma deficiente instrução daquilo que era para realizar em cada estação pelo que esta situação deverá ser acautelada nas próximas aulas.

A estratégia utilizada da contagem do tempo para cada alongamento (20") foi bastante positiva uma vez que, assim, existe um maior controlo da minha parte assegurando que todos os alunos cumprem o pedido. Desta forma, deverei continuar a adoptar esta metodologia.

Fevereiro:

Nesta aula presenciei uma discussão mais acesa entre dois alunos da turma (Gonçalo M. e Beatriz) e a minha reacção foi prontamente terminar a referida troca de palavras. Fi-lo diante de toda a turma mostrando alguma autoridade e após o incidente tive a oportunidade de dialogar com o Gonçalo explicando-lhe detalhadamente que a sua revolta não fazia sentido. O aluno acabou por se comover e aparentemente compreender a justificação que lhe dei, porém evitar colocar estes dois alunos no mesmo grupo de trabalho foi-me aconselhado quer por outros colegas da turma quer pela DT após uma conversa com a mesma.

O meu posicionamento no espaço de aula e o consequente controlo à distância foi algo que tinha verificado como menos positivo na aula anterior pelo que tive cuidados acrescidos com este factor. Por, propositadamente, não ter pedido o auxílio do meu colega Diogo na estação da escalada, a existência de alguns comentários à distância foi mais evidente uma vez que existia uma estação que requeria cuidados de segurança acrescidos e estava pela primeira vez em autonomia absoluta pelos alunos.

No salto em altura a introdução de um campeonato entre os alunos do mesmo grupo aumentou a motivação para a prática desta modalidade, no entanto se este for apresentado de forma mais formal e para toda a turma estou certa de que melhorará quer as prestações dos alunos quer o seu empenho pela actividade.

Na ginástica acrobática deverei em UE futuras reforçar a ideia de que as figuras deverão permanecer pelo menos durante 3 segundos imóveis e preferencialmente na ausência de ajudas externas para que os elementos sejam considerados cumpridos para os níveis de ensino a que estão propostos. Por outro lado, será importante dar maior ênfase aos montes e desmontes das figuras assegurando que estes ocorrem em segurança.

A observação dos gestos técnicos nas várias matérias é algo que tem evoluído desde o início do ano lectivo na medida em que agora tenho maior facilidade em detectar os erros de execução dos diversos elementos e em separar o essencial do supérfluo. Este atributo é algo que irá evoluir cada vez mais com a minha experiência nesta área, porém, durante esta aula na ginástica de solo a minha observação da cambalhota à frente do Cláudio fez-me aperceber que este tinha grandes dificuldades no rolamento algo que até agora não me tinha apercebido.

O aquecimento inicial conduzido pelo aluno Ricardo decorreu sem qualquer problema verificando-se que o aluno revela absoluta autonomia na condução do mesmo.

Março:

Na auto-avaliação pedi aos alunos para que de acordo com as notas das várias componentes da avaliação, que eu própria disse, atribuíssem um valor à nota

que consideravam que deviam ter no final do período. Tal como seria espectável, os alunos na sua generalidade as notas subiram, não indo atribuir qualquer nota negativa neste período. Em média as notas dos alunos corresponderam à nota que irão ter o que revela terem noção do trabalho desenvolvido ao longo do ano.

Por ser a última aula do período, nos restantes 45 minutos da aula, cedi ao pedido dos alunos para realizarem duas das modalidades para as quais estão inscritos na semana de EF. Assim, o grupo de raparigas foi jogar voleibol e os rapazes futebol. Através de uma conversa informal com as professoras que estavam a dar aula ao mesmo tempo que eu, organizamos os alunos de modo a que pudessem experimentar uma situação mais formal de ambas as matérias. Embora não seja recorrente esta forma de organização da classe poderá ser benéfica para os alunos uma vez que desta forma alunos de diferentes turmas partilham experiências diferentes.

Abril:

No início da aula de hoje alguns alunos queixaram-se do cansaço muscular sentido após a aula de 3ª feira, o que mais uma vez demonstra existir uma reversibilidade das capacidades durante o período de interrupção lectiva – Páscoa.

Na dança do chachacha a pares senti alguma resistência à formação dos pares uma vez que os alunos não gostam de se expor perante os colegas. Na próxima aula não deverei abandonar a tentativa de leccionar esta dança a pares com dois objectivos:

- i) Promover a interacção física entre os alunos da turma
- ii) Melhorar as competências dos alunos numa dança de salão a pares

Para facilitar a aquisição das competências que, os alunos, na sua generalidade, já adquirem na dança em linha deverei começar por optar por outras estratégias como:

- Utilização de uma pega mais simples (segurar as mãos)
- Definir a entrada simultânea para todas as duplas
- Evoluir de uma estrutura igual para todos (eventualmente a que utilizo na dança em linha) para a dança em autonomia
- Por fim, o facto de os alunos irem trocando de pares poderá eliminar algumas resiliências de alguns os alunos

Embora no plano de etapa não tenha equacionado o facto de os alunos puderem trocar de estação com o objectivo de obterem um nível mais alto na disciplina da ginástica que pretendem trabalhar deverei precaver tal situação na próxima aula. Porém a minha flexibilidade e a permissão da troca deverá ser bem explícita a fim de não existirem casos de abandono da actividade. Todo este processo deverá garantir que o aluno conheça a sua avaliação e que perante isso consiga fazer as suas apostas.

A recolha de dados não foi exclusivamente dedicada à estação de mini-trampolim como estaria proposto no plano de UE. Preferi ir circulando por todas

as estações e de uma forma informal ir recolhendo alguns dados que completarei durante as próximas aulas.

Maio:

Num dia de muito calor e com um sol intenso à hora da aula (12h), não foi fácil conduzir a aula. Devido a estas condições e a pedido dos alunos, mudei o local habitual da prelecção inicial colocando os alunos na sombra e expondo-me eu própria contra o sol. Desde logo tive a preocupação de recomendar os alunos acerca do vestuário que trazem para a aula e a trazer água para as próximas aulas.

Feitos os alertas, embora estivesse muito calor não deixei de realizar a aula tal como a tinha planeado. Numa aula com uma organização recheada de diferentes matérias e diferentes momentos distintos, destaco positivamente a forma como decorreram as transições. Estas foram rápidas não permitindo que os alunos deixassem de realizar as actividades pelas condições adversas.

Na prelecção inicial tive a preocupação de relembrar a regra do andebol respeitante à área restrita do guarda-redes, visto que na UE anterior tinha reparado que os alunos não sabiam esta regra. Na execução do exercício deparei-me com melhorias em relação aos conteúdos abordados mas com o desconhecimento de outras regras pelo que deverei dar ênfase a estes conteúdos ao longo da UE.

A organização da aula sob a forma de torneio no futebol foi, nesta primeira aula da UE, um sucesso para os objectivos que se pretendiam. As regras foram estabelecidas à partida e embora tivessem causado alguma resiliência nos alunos foram bem aceites decorrendo sem problemas. No que respeita às regras estabelecidas devo ter em atenção à sua aplicação de forma a não beneficiar em demasia determinado grupo de alunos – por exemplo: *não se pode desarmar as raparigas*. Caso fique desajustado deverei ter a perspicácia de alterar as condições para um caso específico.

Na abordagem à corrida de estafetas, tal como já calculava quando planeei a aula não tive tempo de realizar esta matéria pelo que optei apenas por fazer uma demonstração salientando alguns aspectos específicos do sucesso nesta matéria:

- i) Técnica de transmissão – Descendente. → Neste caso referi apenas que os alunos deviam transmitir da mão direita para a esquerda do colega. Na próxima aula deverei dar maior ênfase à troca rápida do testemunho assim que recebo do meu colega
- ii) Técnica de recepção – em movimento, sem contacto visual

Tal como já havia acontecido na anterior abordagem à patinagem, também desta vez resultou a organização proposta. O jogo desta vez foi o hóquei em patins tendo sido uma motivação para os alunos.

Por último, é de referir que hoje era o dia da entrega dos trabalhos teóricos, e dos 19 alunos inscritos na disciplina 12 entregaram. Embora com esta entrega

esteja concluída esta área de extensão da EF se na correcção dos trabalhos verificar algum erro comum deverei esclarecer no início das aulas.

Estagiário 3 – Classificação ≥ 17 valores

Setembro:

Algumas rotinas organizativas parecem ter alcançado um melhoramento progressivo, outras, como o caso dos atrasos ao toque têm se mantido. Atenção, hoje já conversei com eles, mas se se continuar a verificar será necessário pensar numa estratégia alternativa. Outra questão premente que se levantou hoje, foi a falta de material de alguns alunos. Uma falta de material simples, “esqueci-me do material” e duas birras “esqueci-me das sapateiras e não faço descalça”. Juntamente com as duas ausências à aula e à Íris que não fez a aula porque se encontrava com febre, deu um total de 6 alunos que não fizeram a aula. O Miguel Sequeira é outro problema onde terá de ser encontrada uma solução alternativa. Apenas fez uma das nove aulas.

A aula iniciou-se fluidamente, com a opção de instrução mais demorada pós-aquecimento. Este sistema funcionou. Perdeu-se muito tempo a montar o material, mas parece normal, visto ser o início, e a primeira vez que trabalhamos juntos naquele espaço. O aquecimento correu bem, os alunos estavam envolvidos, foi dinâmico e específico para a parte principal, incluindo muita mobilização articular. A música e o silêncio são uma estratégia a explorar nesta turma.

As estações funcionaram, sendo que o plinto foi mais controlado por mim, já que me encontrava lá a ajudar. Nas estações ainda houve muita brincadeira e pouco trabalho. Eu não devo brincar e devo insistir no ponto do trabalho autónomo com veemência, ainda mais nas unidades de ensino.

A competência de multitarefa foi exercitada por mim, estando a ajudar no plinto e tentei observar, corrigir e controlar os outros espaços. Ainda há muita coisa que passa, mas com o treino evolui-se.

Os alunos pareceram abertos às matérias de Ginástica Acrobática e de Aparelhos, mantendo-se alguma desmotivação e reduzido nível de prática na ginástica de Solo. Quase todos me pareceram realizar os elementos técnicos propostos, menos aqueles que provavelmente não fizeram porque o meu controle era reduzido.

O espaço reduzido do Ginásio C tornou o sistema de rotações fácil de gerir com transições rápidas, no entanto, houve uma confusão na gestão do tempo, que retirou tempo da última estação.

A aula terminou depois do toque com um balanço sobre esta, com um comentário do professor sobre o empenho e o trabalho autónomo.

Atenção na próxima aula com o contacto com Beatriz e Inês, questão das sapatilhas. Com Miguel Sequeira, questão das faltas. E Mafalda, questão do empenho.

A aula teve um balanço positivo. O professor saiu satisfeito da mesma. A avaliação inicial foi concretizada com um registo da observação informal em aula. A observação da ginástica de solo foi prejudicada.

Outubro:

Nesta aula tentei prever momentos e pormenores que prejudicassem a organização geral da aula. Assim, fui mais cedo para o local da aula e preparei todo o material e, talvez mais importante, coloquei as fitas e o papel com as equipas prontas no local onde queria que os alunos se juntassem. Apesar de ser importante garantir alguma autonomia aos alunos, talvez neste momento seja melhor começar por baixo e garantir estes pequenos aspectos organização para potenciar o restante tempo e as restantes preocupações do professor.

A instrução inicial foi mais curta que nas aulas anteriores e com a tentativa de sintetizar o discurso aos pontos mais importantes. O aquecimento foi demonstrado e teve alguma celeridade no seu começo. Mas ainda poderá ser feita duma forma mais eficiente. Muitas das situações poderão ser previstas em planeamento, outras surgem com a experiência. Esta aula surge como exemplo para tal. Já é a terceira aula com esta estrutura que a turma tem, o que contribua para o melhor funcionamento dentro dela.

Outra preocupação do professor foi o controlo do tempo duma forma mais certa. Controlando as rotações e garantindo tempo significativo para todos os grupos em cada estação. Sendo que um grupo esteve durante mais tempo na patinagem, logo, na próxima aula começa no Basquetebol.

Os alunos do grupo mais avançado já executam carrinho e quatro. E a trabalhar meia volta está Manuel, Rodrigo (talvez até mais avançado), João, Rui, Vasco, Francisco e Telmo?. Do outro grupo o Rafael e o Diogo precisam de treinar o Quatro, tal como a Eliana, que tem de subir o joelho. A Mafalda e o Samuel vão praticar o carrinho. A Rafaela vai praticar o deslize à frente e juntamente com Luís vão ter aulas fora do horário. O Pedro aperfeiçoa o Quatro e passa para o Parte do Elementar. Não observei a Rita, a Cátia, a Inês, a Íris, o Miguel D e S, a Erica, a Margarida, a Beatriz.

No Basquetebol, o grupo menos avançado tem de trabalhar corredores e aclareamento.

O grupo médio tem de passar a Passe e Corte. E o grupo mais avançado tem de assumir corredores e ressalto Ofensivo e Defensivo.

Novembro:

As matérias da 2ª Unidade de Ensino que terão continuidade da 1ª serão Ginástica de Solo e Lançamento do Peso. As outras matérias são, de um modo geral, campos de inexperiência por parte do professor, principalmente na ginástica de Aparelhos e na Dança.

A aula de terça foi modificada devido às condições climatéricas, assim a aula do Pátio Principal, Andebol, Estafetas e Peso, não se realizou. Em substituição foi dada uma aula de Dança no Ginásio B, espaço interior alternativo ao PP. O professor aproveitou as condições para avançar com a matéria de Dança, já que os objectivos da mesma para esta UE, nível Elementar de Foxtrot Social, poder-se-ão apresentar demasiado ambiciosos para a turma em questão. A avaliação inicial nesta matéria não foi realizada, já que a informação recolhida junto do professor do ano anterior, mostrou que a maior parte da turma tem um nível de prática baixo nesta matéria. Assim, esta primeira aula serviu também como um momento de observação e avaliação inicial. A segunda, no Ginásio C, serviu para rectificar alguns erros comuns à turma, dançar fora da música e do ritmo, passo de canto realizado incorrectamente. No final desta aula foi

explicado e praticado o nível Elementar da dança, mas aconteceu num período de tempo muito reduzido, sendo necessário abordar ainda estes conteúdos na próxima aula de Dança.

Na instrução inicial, a dança foi explicada como uma dança progressiva e foi feita uma referência às danças abordadas pelos alunos nos anos anteriores. Senti-me relativamente à vontade na explicação da Dança, na instrução dos tempos e dos passos bem como na sua demonstração. A demonstração foi feita com a Mafalda, numa tentativa de vincular a aluna à disciplina de EF, através da sua matéria mais forte e preferida.

Durante o acompanhamento, senti uma insuficiência na observação dos alunos todos, intervindo apenas individualmente, neste caso, para a par. A Eliana, o Diogo e o Samuel foram identificados como alunos com mais dificuldades nesta matéria. Sendo a Mafalda, a Cátia e o João os alunos com mais aptidão para a mesma.

O clima de aula não sofreu alterações com a introdução duma matéria de alguma forma problemática, a Dança, devido à formação de pares mistos. Apesar de, no início da aula, existirem alguns comentários negativos em relação à temática da aula, todos os alunos fizeram a aula, sem qualquer tipo de comportamento fora da tarefa relacionado com a formação de pares. Os pares foram formados de acordo com a escolha dos alunos, o que poderá ter contribuído para o constatado anteriormente. Os alunos que ficavam sem par, 5 rapazes, faziam sozinhos, trocando no final da música.

A organização dos alunos poderá sofrer algumas alterações, já que por vezes, no treino de alguns passos, em que rapazes e raparigas estavam separados, por vezes estes não tinham espaço para completar tudo o que o professor pedia. Também aconteceu, na dança em pares, estes ficarem muito próximos uns dos outros. Será então necessário um constante ajuste desta organização para garantir um espaço mais potencial de aprendizagem. Para a próxima aula também será exigido a formação de alguns pares estratégicos, alunos com mais dificuldade com alunos com mais facilidade.

No Ginásio A, o acompanhamento do Badminton foi assumido como prioritário, apesar da ginástica de solo ter como prevista uma maior solicitação dos alunos. Foi então o que se verificou, o professor tentava dirigir-se e manter a sua circulação e posição na estação de Badminton, sendo muito solicitado pelos alunos da ginástica, por vezes cedi a esta solicitação. Na próxima será necessário dar um acompanhamento não só ao Badminton como ao mini-trampolim, dando alguma liberdade, mas garantindo autonomia, na estação de Ginástica de Solo.

Na instrução inicial, foram abordados os objectivos de UE, no entanto, não houve uma explicação mais transversal, ou seja, que abordasse também aspectos para os alunos mais fracos ou mais fortes. Não aconteceu questionamento, sendo esta uma falha de planeamento. A demonstração foi realizada, sendo necessário tomar atenção aos alunos que são escolhidos para demonstrar, correndo o risco de ter de salientar muitos erros, desmotivando assim o aluno para a prática.

O clima de aula teve de alguma forma um balanço positivo, no entanto, um acompanhamento do Mini-trampolim parece ser exigido, já que os alunos assumem muitos comportamentos fora da tarefa, o que reduz significativamente o seu tempo potencial de aprendizagem. No entanto, a

noção do objectivo para o qual estão a trabalhar garante um bom clima aluno matéria, como se verificou na Ginástica.

A Mafalda recusou-se a fazer Pino e Mini-trampolim, o professor ignorou na altura para garantir a consecução da aula em si, tratando deste assunto num período pós-aula. O que fazer mais para motivar esta aluna para a prática da EF? A conversa já foi... Vamos ser então mais criativos. Clube de Dança... Talvez?

Em termos de disciplina o início e final das actividades foram controlados pelo professor, o que se assemelha positivo. No entanto, durante a Instrução ainda existe muitos momentos de agitação por parte dos alunos.

A organização deverá ser melhor pensada em Revisão de Plano de UE.

Dezembro:

De acordo com os objectivos formativos do professor a um nível mais lato, a diferenciação do ensino através do planeamento mais completo e a avaliação formativa através de um planeamento mais realista. Estes objectivos parecem ter uma evolução interessante, já que surgiu uma forma de organização da avaliação formativa mais realista e mais prática, logo, mais simples de aplicar. Na aula de terça este plano foi já cumprido, sendo reunida informação relativa ao Futebol e à Corrida de Barreiras, através de Observação e Hetero-avaliação respectivamente. Quanto à diferenciação do ensino falta ainda sistematizar um plano que indique a diferenciação de actividades a cada grupo de nível distinto. No entanto, a aula de Ginásio A foi monotemática de Dança não permitindo grandes evoluções formativas. Os níveis dos alunos foram confirmados na matéria de Dança. No Pátio Principal a aula correu de acordo com o plano.

Em relação aos objectivos formativos em termos mais restritos, Foi realizada uma tentativa de diminuir o tempo de Instrução através da não interrupção pelos atrasos ou outros problemas de organização. Parece que este objectivo é determinante, já que possibilitará a intervenção com barulho de fundo (o aceitável), e a correcção de comportamentos de desvio ou indisciplina o mais rápido e eficiente possível. O questionamento dirigido foi também um objectivo assumido pelo professor e através do planeamento e do conhecimento das dificuldades dos alunos, este processo torna-se mais presente em cada aula.

Em relação à organização, os aspectos organizativos merecem uma atitude mais rígida, explicando sempre a razão da regra. Este objectivo parece ser difícil de alcançar já que se afasta das características pessoais do professor. A gestão do tempo tem sido alvo duma evolução constante, no entanto, parece ser importante encara o conceito de tempo de aprendizagem como a progressão seguinte. Assim, o professor deverá garantir que cada aluno tem um tempo significativo de aprendizagem em cada tarefa que executa. Verificou-se na terça-feira, na Dança e no Futebol, parecendo que no Atletismo os alunos tiveram tempo na estação, mas por alguma falta de empenho e acompanhamento pelo professor, não aproveitaram o tempo da melhor forma. Na Acrobática, na aula do Ginásio C, também devido a falta de acompanhamento do professor, houve grupos que não tiveram tempo significativo de aprendizagem na estação.

Em relação ao Clima, poucas medidas foram pensadas para evoluir nesta dimensão.

Quanto à prestação nas matérias dos alunos, o Salto em comprimento vai sofrer alterações nos níveis, já que não houve prática desta modalidade na etapa transacta. Nas barreiras houve algumas evoluções em relação à frequência da passada. No Futebol, a distribuição adequada no espaço foi conseguida nos dois grupos mais avançados, no entanto, o grupo menos avançado terá de ter algum trabalho específico. Na Dança os níveis pareceram semelhantes, existindo dúvidas quanto a Guilherme, Vasco, Miguel S, Rodrigo e Telmo.

Janeiro:

Em termos de Instrução Inicial, as estratégias apontadas para diminuição dos tempos de espera foram experimentadas, como dirigir o discurso para um aluno distraído ou dirigir o questionamento com rápido recurso a um aluno que sabe para continuar. Estes momentos têm sido mais céleres, no entanto, falta a confirmação quantitativa de tal.

Os alunos têm progressivamente sido mais pontuais, o grupo mais pontual tinha vindo a desleixar-se um pouco, provavelmente pela falta de estratégias por parte do professor neste campo, e notavam-se casos de falta extrema de pontualidade. Existe um grupo de cerca de 10 alunos que chega ao toque e os restantes vão chegando até aos 5 minutos de aula. Para não voltar à mesma situação parece-me necessário utilizar formas diferentes de motivá-los para cumprir a pontualidade. Por exemplo, o grupo de dez alunos que chega sempre a horas queixa-se de ficar algum tempo à espera que os outros cheguem para começar. Começar alguma actividade com este grupo parece-me uma estratégia não só de compensar a pontualidade destes mas também de motivar os outros a ser mais pontuais. Existem ainda alguns casos residuais que deverão ser resolvidos individualmente.

Em termos de Acompanhamento das actividades, senti uma maior maturidade, como que uma consolidação de comportamentos que tinha vindo a treinar ao longo destes primeiros períodos de formação. No entanto, parece-me que estes comportamentos, como por exemplo, fechar o ciclo do feedback, acompanhar o início das actividades, preocupar-me com a intervenção em todas as estações, são comportamentos que não se manifestam de uma forma sistemática. Terão de se manter como preocupação para a próxima Unidade de Ensino, como consolidação.

Em termos de clima, evoluções no campo do clima aluno-aluno e aluno-professor parecem ser positivas. No entanto, o clima aluno-matéria parece ser positivo em algumas matérias como patinagem, voleibol, mas negativo em algumas, principalmente nas cíclicas, como o exemplo das modalidades do Atletismo, salto em comprimento, corrida de barreiras e salto em altura. Estratégias terão de ser consideradas para potenciar o tempo de prática em tempo de aprendizagem nestas estações. Atenção que a próxima Unidade de Ensino conterà muitas matérias susceptíveis de clima aluno-matéria negativo, como ginástica de solo, acrobática ou lançamento do Peso. Em Plano de Unidade será necessário pensar em estratégias criativas que transformem estas estações em momentos de aprendizagem e não apenas de experimentação.

Fevereiro:

A aula de terça tinha objectivos muito ambiciosos relacionados com a avaliação formativa, instrumentos vários seriam experimentados pela primeira vez e outros redefinidos e utilizados em contextos/matérias diferentes. Inovação essa que continuaria com os objectivos do professor, em que o fecho do ciclo do feedback se tornaria uma preocupação premente, tal como o conteúdo do mesmo, as intervenções à distância e o acompanhamento de estações e alunos, equitativamente.

Pareceu-me uma aula típica de um professor que está em modificação comportamental, em desafio, com objectivos novos, já que no início da sessão esta preocupação verificou-se, manifestada em alguns comportamentos, mas com o prolongar da sessão comecei a preocupar-me com outros aspectos de aula e desconcentrei-me dos objectivos propostos a mim mesmo. Esta desconcentração deveu-se, principalmente, ao impacto dos novos instrumentos de avaliação formativa nos alunos.

Os alunos perderam tempo de prática ao almejar cumprir os objectivos de avaliação formativa propostos pelo professor. Notou-se na ginástica de solo e no lançamento do peso que eram necessárias intervenções do professor para a recondução dos alunos para a prática. No mini-trampolim esta redução do nível de prática não se verificou já que os instrumentos de avaliação formativa foram experimentados apenas por alguns.

Assim, parece-me que a pós-reflexão desta aula orientada para os instrumentos de avaliação formativa deve orientá-los para a simplicidade e para aplicabilidade aos alunos e à dinâmica de aula.

Os objectivos principais desta aula seriam o aumento das intervenções à distância, a preocupação com o fecho do ciclo do feedback e a manutenção de aspectos organizativos.

A instrução inicial foi rápida e focando apenas os aspectos essenciais de cada estação, os alunos atrasados chegaram sem prejudicar o desenrolar da interacção entre alunos e professores. Durante a corrida de aquecimento o professor teve o discernimento de resolver todos os aspectos organizativos. Penso que, pela primeira vez, consegui aproveitar este tempo para observar os alunos e aperceber-me das pastilhas (6), ausência de sapatilhas, relógios, cabelos apanhados.

O início das estações é rápido, existindo uma relação de colaboração entre professores e alunos, relação manifestada por comunicação, muitas vezes não verbal, quando os alunos percebem que a aula funcionará melhor se fizerem determinada coisa ou alterarem determinado comportamento.

A progressão utilizada nos saltos do plinto parece ter funcionado, já que foram notadas melhorias substantivas na subida da bacia de muitos alunos, Samuel, Rafael, Rita, Pedro, Telmo. Esta progressão teve uma evolução nesta aula, que foi a subida do plinto com passagem para o outro lado.

No circuito de CF os alunos mostraram interesse nos seus resultados do Fitnessgram e foram notados alguns exemplos de aumento de significância na tarefa. A Erica e a Rita, a Inês e a Iris. Penso que antes da 2ª aplicação dos testes, os alunos ganharão muito se lhes for fornecida uma ficha individual com os resultados do Fitnessgram e as melhorias a fazer, tal como os valores da ZSAF.

A Acrobática foi acompanhada de uma forma completamente diferente, mais interventiva, os alunos pareceram entusiasmados com as figuras e por vezes chamavam a atenção do professor para a sua prática.

O Miguel Sequeira fez a aula, mostrando um bom nível de prática nos saltos no plinto, alguma recusa a praticar na Acrobática e não verifiquei a sua atitude no Circuito de CF.

Com o aproveitamento do tempo a melhorar, consegui fazer um balanço com significado e um retorno à calma com relaxamento. No relaxamento os alunos terão de sair um a um, perdendo o efeito do mesmo se acontecer a saída da turma em simultâneo.

Março:

Em relação à dimensão de instrução, os períodos de informação à turma foram breves e sintéticos, carregando a informação necessária para ajudar os alunos a adquirir os conteúdos obtidos, o controlo da disciplina durante os mesmos, foram também geridos com êxito, verificando-se apenas alguns períodos de espera que os alunos permitissem que o professor falasse, sendo no entanto, curtos, em comparação com outros momentos.

Este parágrafo abrange os primeiros 45 minutos da aula de terça, sendo o estilo de ensino utilizado, durante este período, de comando. O plano teve de ser modificado, devido à chuva, e assim fomos para o Ginásio C rever as danças já aprendidas e introduzir uma dança, o Malhão. Foram introduzidas à turma as danças sociais do plano plurianual, Foxtrot Social e Valsa Lenta, sendo estas apreendidas, com algumas falhas no plano rítmico. Aquando o momento da introdução da dança tradicional planeada, a Barra de Folclore, o PE ajustou o planeamento, já que os alunos não tinham apreendidos conteúdos anteriores do plano plurianual, nomeadamente a dança Tacão e Bico do nível Elementar. Sendo assim, o professor planeou introduzir e consolidar esta dança.

No entanto, os alunos aprenderam a dança de uma forma rápida, já que alguns alunos, Mafalda, Beatriz, Iris, os repetentes ou provenientes de outra turma, já tinham aprendido a dança, podendo ajudar os colegas e tornar o processo de aprendizagem mais rápido e eficaz.

Assim, e já que todos os outros anos estariam num nível mais evoluído que o deles e com conteúdos não aprendidos por estes, o PE pensou numa estratégia para introduzir o Malhão. Esta estratégia incluía a possibilidade de chover num dos dias da 5ª UE.

No primeiro período de aula, a turma esteve a rever as danças Foxtrot e Valsa, mostrando algum esquecimento e necessidade de praticar, sendo as principais dificuldades o acompanhamento da estrutura rítmica da música e a confusão de passos de uma dança e outra. O PE utilizou este período para observar alguns alunos com mais dificuldades, Samuel, Eliana, Vasco, Diogo, Margarida.

No entanto, o tempo de introdução do Malhão foi um pouco ocupado e a mesma teve de ser mais célere. Assim, o professor tomou a decisão de passar algumas fases, colocando os alunos directamente em roda. O sucesso foi quase total, permitindo que todos os alunos dominassem o passe de serrar simples, no entanto, com mais tempo e respeitando as fases de aprendizagem das danças, a aprendizagem teria sido mais efectiva. A dança não foi toda introduzida, ficando a faltar o passo de malhão rodado. No entanto os alunos apreenderam o básico da dança e parece-me que será possível introduzir o

resto da dança noutra oportunidade de aula alternativa ou então antes dos testes do Fitnessgram durante a próxima UE.

Na segunda parte da aula a turma libertou-se. De que modo? A turma tinha sido acompanhada de perto, no ginásio C, não permitindo qualquer tipo de desconcentração. Parece-me que assim que o professor ficou preocupado com outras tarefas não relacionadas com a gestão da disciplina ou prevenção da indisciplina que os alunos aproveitaram este momento, devido às suas características intrínsecas de jovens e à agitação particular da turma.

Assim, o professor não conseguiu controlar todos os aspectos da aula, sendo muitas vezes o acompanhamento das tarefas o mais prejudicado o que proporcionou vários episódios de indisciplina e comportamentos desviantes.

O balanço foi conseguido, sintético e dirigido a um problema verificado durante a aula, a indisciplina, no entanto, falta referir exemplos de uma forma mais sistemática.

Abril:

A aula de quinta-feira foi caracterizada maioritariamente pela aplicação dos testes do Fitnessgram. A organização destes foi realizada da seguinte forma, teste de extensões de braços e abdominais, alunos estavam agrupados em grupos de três, em que um realizava o teste e os outros dois teriam uma função. Nos teste de senta e alcança e extensão do tronco, a turma seria dividida em dois, mantendo-se os trios, estes realizavam um teste e assim que cada elemento do trio tivesse realizado o teste rodariam para o outro teste. O teste de flexibilidade de ombros foi feito pelo professor durante a saída dos alunos da aula.

O registo dos valores obtidos era feito pelos alunos em folhas coladas na parede com os seus nomes e os valores obtidos no primeiro momento de teste, permitindo a observação da evolução. Esta estratégia resultou, os alunos fizeram o registo rapidamente e voltavam para o local do teste, ficando por vezes retidos perto das folhas de registo, mas quase sempre devido à verificação da evolução que estes ou os colegas tinham feito.

Assim, apesar de a instrução ter sido um pouco longa, pouco dinâmica e interrompida vezes demais pelos alunos que chegavam atrasados, a gestão de tempo foi garantida graças a este sistema de registo que provou ser eficaz.

Esta aula está enquadrada na última unidade de ensino, o professor escolheu fazer os testes antes das restantes sessões para tornar estes resultados mais significantes, na medida em que possibilitam que os alunos identifiquem as suas dificuldades e trabalhem para as melhorar.

A aula de terça-feira surgiu como a última aula da unidade ensino anterior, devido aos testes intermédios e às condições climáticas apenas tinham sido prescritas duas aulas desta unidade, sendo necessário acontecer mais uma, decidiu-se realizá-la no período que precedia às férias da Páscoa.

No entanto, passaram duas semanas e o significado que tanto os alunos como o professor deram a esta aula não foi positivo. O clima aluno-matéria estava de alguma forma negativo, verificando-se em alunos e em matérias que normalmente não aconteceria e acentuando-se em alunos e matérias habituados a este quadro.

Assim, parece-me coerente reflectir que a sequência garantida pelo horário planeado de Unidade de ensino, de semana a semana, tem um

resultado mais positivo na aprendizagem dos alunos. No entanto, esta reflexão poderia ser fundamentada com alguns suportes teóricos, possível com alguma pesquisa, possível com mais tempo.

Maio:

A aula de quinta-feira teria como objectivos a revisão dos níveis por parte dos alunos e do professor, sendo a última aula da unidade de ensino. No entanto, procurando descobrir os objectivos da prova global e a forma como estes poderiam contribuir para a minha formação e para a aprendizagem dos alunos, decidi tornar esta aula, uma aula de prova global, em que os níveis da aprendizagem referentes à Ginástica Acrobática e à Ginástica de Aparelhos, neste caso ao Plinto, estariam ao dispor dos professores observadores, Manuela Jardim e André Góis, aferindo estes, de acordo com a prática dos alunos nessa aula os níveis da prova global.

Os níveis dados aos professores foram níveis obtidos através de uma avaliação formativa, presente em todas as aulas, e do conhecimento dos alunos, através do constante feedback e da utilização de meios de suporte, fichas de registo, fichas de níveis, etc. Estes níveis foram aferidos após prática dos alunos nas situações de aprendizagem definidas pelo professor no planeamento anual e confirmadas em plano de etapa. Não sendo a Ginástica Acrobática uma matéria prioritária foram definidos objectivos de acordo com a carga horária disponibilizada para tal, não sendo possível cumprir os objectivos definidas nas orientações do sub-departamento,

- “Elabora uma sequência com as figuras “prancha facial”, “quatro”, “titanic” de frente, “titanic” de costas coluna de joelhos à sequência, utilizando voltas, afundos, piruetas, rolamentos, passo-troca- passo, tesouras (saltos), posições de equilíbrio e outras destrezas gímnicas”

Sendo a principal falha às competências terminais definidas para o 9ºano a não utilização da elaboração de uma sequência. Esta decisão foi tomada de acordo com o tempo disponível para cumprir os objectivos da Ginástica Acrobática, tal como com a constatação da dificuldade da turma em trabalho autónomo, verificada na definição de uma sequência em Ginástica de Solo (matéria prioritária em Plano Plurianual e confirmada em Plano Anual).

As decisões tomadas por mim ao nível da definição de objectivos a nível macro e micro são de alguma forma validadas pelo Projecto Curricular de EF e pelo Plano Plurianual para o período trianual de 2010 a 2013.

Os níveis aferidos pelos professores observadores foram inferiores aos obtidos na avaliação formativa. Surgem assim duas linhas de raciocínio.

Primeira, a avaliação formativa e contínua origina resultados mais satisfatórios. Tal como Black & William (1998) afirmam, os alunos que frequentam aulas onde a avaliação é essencialmente formativa aprendem significativamente mais e melhor do que os alunos que frequentam aulas em que a avaliação é sobretudo sumativa.

Segunda, a minha sistematização da observação dos alunos e a utilização de ferramentas de avaliação formativa ainda não se tornou eficiente e os resultados obtidos surgem da potenciação de um clima positivo aluno-professor, não correspondendo às reais capacidades dos alunos.

Mais do que a polarização de um dos extremos mencionados parece-me que o que acontece é um pouco dos dois, havendo alguma observação não sistematizada, mas também alguns dos resultados positivos são, certamente, do processo de avaliação formativa planeado por mim.

No entanto, parece-me que o objectivo da prova global não deve ser encarado apenas como um momento de avaliação sumativa, mas terá outro tipo de objectivos. A reflexão sobre esses objectivos ainda está um pouco difusa, no entanto, parece-me interessante, definir e ajustar critérios entre diferentes professores, bem como aferir níveis a um nível transversal potenciando a definição de objectivos em Plano Plurianual para os trienais seguintes.

Estagiário 4 – Classificação ≥ 17 valores

Setembro:

A estrutura desta aula foi bastante semelhante à da aula anterior, pelo que as principais alterações foram realizadas ao nível dos exercícios de aquecimento e na aptidão física.

No que diz respeito ao início da aula, ainda houve alunos que chegaram depois dos 5 minutos de tolerância, contudo, em menor número que a primeira aula. Voltei a referir a importância de chegarem a horas às aulas, tentando dar um tom autoritário ao discurso. Referi que havia consequências, mas não especifiquei nada em concreto.

A alteração nos exercícios de aquecimento aconteceu no sentido de aproveitar este momento para trabalhar o lançamento na passada, movimento técnico bastante importante no basquetebol, o qual observei, na aula, bastantes dificuldades da parte dos alunos. Além do lançamento na passada, foi trabalhado o drible de protecção e o enquadramento ofensivo, úteis para serem utilizados em jogo.

A estratégia de desenhar no chão o “D” e “E” para ajudar os alunos com a passada foi bastante positivo.

A utilização de bolas na aptidão física e a sua realização a pares também se demonstrou positiva e motivante, porém, os alunos encontravam-se muito dispersos pelo que não houve um controlo eficaz de todos. Outro factor que também falhou foi não ter dado muita atenção à própria correcção dos movimentos.

Apesar de ter escrito no plano de aula para falar da importância da cooperação, antes do jogo de basquetebol, mais uma vez me esqueci. Quando me lembrei, já na parte de futebol, tentei remediar a questão indo a cada jogo falar com o grupo de alunos.

Tinha também planeado colocar uma condicionante nos jogos de basquetebol e futebol que era a de não se poder roubar a bola ao jogador com a sua posse. Porém, esqueci-me de a referir aos alunos, o que, após reflexão, percebi que não fazia sentido, uma vez que estamos em Avaliação Inicial e não devemos condicionar as situações previstas.

Ao nível da formação de equipas, nesta aula procurei misturar mais os géneros, o que não correu tão bem, pois os grupos ficaram heterogéneos e, não havendo grande cooperação por parte de alguns alunos, demonstrou-se uma estratégia mal conseguida.

Os dois jogos de futebol 5x5 foram realizados nos campos transversais, o que também se demonstrou como um espaço pequeno para o número de jogadores, o que provocou maiores dificuldades da minha parte em observar.

Em simultâneo aos jogos de futebol, existiu uma estação de passe e recepção. Uma vez que me foquei nos jogos, só estive nesta estação quando trocava os alunos e lhes explicava o que era para fazer.

No que diz respeito ao posicionamento, aconteceram algumas situações em que fiquei de costas para algum grupo, pelo que terei que ter em atenção este aspecto.

A não esquecer/ a melhorar:

- Definir consequências para quem chega atrasado;
- Ter atenção à correcta realização dos exercícios de trabalho da aptidão física;
- Frisar a importância da cooperação dos alunos, sendo este um aspecto transversal a todas as matérias;
- Formar grupos homogêneos;
- Nunca ficar de costas para algum grupo de alunos – tentar arranjar uma estratégia para que eles achem que estou sempre a ver tudo;
- Utilizar estações que dêem mais autonomia aos alunos.

Outubro:

Pontos Fortes:

- Registos de ginástica de aparelhos;
- Assertividade em relação à pontualidade, cabelos atados, relógios, etc.;
- Aquecimento para introduzir alguns elementos (pirueta, salto em extensão, recepção);
- Demonstração recorrendo a alunos (agentes de ensino);
- Reforço sobre a importância de trabalhar na ginástica de solo (que vão ser avaliados no final do período)

Pontos Fracos:

- Falar enquanto os alunos estavam a falar;
- Não ter confirmado se o Ricardo sabia os testes (devia ter havido mais um aluno a ajudar nos testes);
- Alunos muito juntos no aquecimento (colocar pinos para se afastarem mais);
- Controlar mais os alunos no aquecimento (os faladores);
- Ninguém a dar ajudas nos saltos;
- Não ter tirado o trampolim (reuther) quando foi o salto ao eixo (questões de segurança);
- Não valorizei as fichas (e eles não ligarem nenhuma)

Aspectos a ter em conta na próxima aula:

- Só falar quando os alunos se calam;
- Ginástica – próximas aulas criar progressões; colocar uma zona onde os alunos treinam uma sequência (para o Nível Introdutório ou Elementar) e outra zona onde eles treinam os elementos isoladamente);

- Trabalhar as ajudas (colocar os alunos a dar as ajudas – questões de segurança);
- FB para o salto ao eixo – olhar em frente! (para não irem de cabeça);
- Dar valorização às fichas de modo a que os alunos as utilizem como um bom instrumento de trabalho

Novembro:

	Pontos Fortes	Pontos Fracos	Aspectos a melhorar
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Bom acompanhamento individual da Dança ✓ Bom FB visual 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Não realizei questionamento dos conhecimentos; ✗ Só de FB negativo ao 1º grupo da Dança; ✗ Ameaçar com a nota (não fazem ginástica, não têm 1 ponto) 	<ul style="list-style-type: none"> ► Fazer perguntas a quem está a falar ► Alternar entre esperar que se calem e falar por cima deles
Organização	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Não dei a Rumba Quadrada ✗ Faltaram-me os pinos e as cordas (AF) ✗ Confusão espacial na AF (leva à pouca seriedade do exercício) 	<ul style="list-style-type: none"> ►
Disciplina / Clima	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Clima Aluno-Tarefa ✓ Os alunos cooperam bem ✓ Alunos empenhados 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Turma cada vez mais faladora 	<ul style="list-style-type: none"> ►
Exercícios	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Progressões adequadas ✓ Grupos a mostrar a Dança faz com que os alunos se tenham empenhado 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Flexibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> ► Trabalho de flexibilidade ► Progressão para a roda

Outros:

- Quando um grupo acabava de realizar a Dança, podia ter realizado questionamento aos outros grupos sobre uma coisa bem e outra má;
- Conseguir o silêncio no início da aula (andei de um lado para o outro) – devo sentir-me segura em relação ao que vou fazer;
- Tenho que assumir que a Dança é uma coisa séria (ex da Diana: alunos fez Dança de calças de ganga mas não podia fazer Ginástica);
- Na Dança, trocar as frentes;
- Ginástica - definir duas sequências (uma para PE e outra para o E) e definir claramente o que os alunos estão a trabalhar -> Dar um desafio concreto para os alunos;
- Evolui nas matérias de Dança e Ginástica;

Janeiro:

		Aula XX
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> • Clarificação dos objectivos • Questionamento • Demonstração • Dinâmica e pertinência da informação • FB (pertinente; ajustado aos objectivos) • Balanço final 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Critérios de êxito do mini-trampolim (referência ao I e E) ✗ Faltou fazer em relação ao AFI ▶ Demonstrar mais (acompanhar a instrução) ▶ Melhorar no FB em relação à ginástica
Situações APZ	<ul style="list-style-type: none"> • Ajuste aos objectivos da aula/ U.E. ✓ Sucesso dos alunos ✓ Motivação ✓ Tempo disponível para a prática ✓ Tempo de empenhamento motor 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tempo de empenhamento motor próximo do tempo disponível para a prática ✓ Melhorei a aptidão física (alunos muito mais empenhados) ✓ Alunos melhor na execução técnica da AF ✗ ▶ Marcar mais os ritmos “rápido, rápido, lento” ▶ Apostar mais no trabalho da força superior
Organização	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Cumprimento do plano ✓ Transições 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Melhorei a disposição na dança e AF ✓ ✗ Não cumpri o plano de aula – parte da flexibilidade ▶
Outros	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos; ✓ Estratégia de Avaliação Formativa; ✓ Grupos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ ✗ Falar menos ▶ Parar a aula e dizer o q é mais importante no pino

Abril:

		Aula XX
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Clarificação dos objectivos ▶ Questionamento ▶ Demonstração ▶ Dinâmica e pertinência da informação ▶ FB (pertinente; ajustado aos objectivos) ▶ Balanço final 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Falei dos objectivos da U.E., principalmente de RQ e TM. ✓ Constante questionamento sobre os objectivos ✓ Procurei relacionar ao máximo os objectivos com os vários níveis da matéria ✓ Pedi a alguns alunos para se auto-avaliarem (e vários queriam também fazê-lo, apesar de não ter tempo) ✗ Faltou dar mais FB à distância p/ controlar os dois grupos ▶ Faltou destacar positivamente os alunos que tiveram bem na aula ou que conseguiram pequenos ganhos
Situações APZ	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Ajuste aos objectivos da aula/ U.E. • Sucesso dos alunos • Motivação • Tempo disponível para a prática • Tempo de empenhamento motor 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A situação de aquecimento – Apanhada Caranguejo – foi engraçada, porém apenas 2 a apanhar em 23 alunos demonstrou-se reduzido (colocar pelo menos mais um) ✓ A situação de Dança correu melhor. A maioria dos alunos já sabe a coreografia, realizando correctamente os vários passos ✓ A estratégia de trocar 1 ou 2 pares de dança foi benéfica, pois os alunos cooperaram uns com os outros ✗ Consegui recolher dados para a formação de grupos de nível ✓ A situação de aquecimento envolvia algum trabalho de braços, pelo que houve algumas “queixas” por termos realizado a AF logo de seguida ✓ Nem todos os alunos conseguiram construir a coreografia a pares
Organização	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Cumprimento do plano ✓ Transições 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ ✓ Uma vez mais faltou a flexibilidade
Outros	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos; ✓ Estratégia de Avaliação Formativa; ✓ Grupos 	

Maio:

		Aula XX – Prova Global (apenas 45m aula)
Instrução	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Clarificação dos objectivos ▶ Questionamento ▶ Demonstração ▶ Dinâmica e pertinência da informação ▶ FB (pertinente; ajustado aos objectivos) ▶ Balanço final 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ ✓ Balanço – reforço positivo à turma em relação ao empenho ✓ No balanço expliquei como ia ser a próxima etapa, que nem todos vão trabalhar tudo ✗ Não fiz balanço em relação aos objectivos nem auto-avaliação (aula muito curta – optei por deixar os alunos mais tempo nas estações, deixando o balanço para a outra aula) ▶ Próxima aula voltar a falar das características da próxima etapa e procurar motivar os alunos nas tarefas
Situações APZ	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Ajuste aos objectivos da aula/ U.E. • Sucesso dos alunos • Motivação • Tempo disponível para a prática • Tempo de empenhamento motor 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Alunos bastante empenhados nas três estações ✓ A utilização de contagem de tempo nas barreiras foi um factor motivacional muito bom ✓ Capacidade de mudar o exercício de 3x3 no voleibol pois o grupo 2 estava a ter insucesso. ✓ Aumentar a altura das barreiras fez com que os alunos tivessem que ter mais atenção à técnica das barreiras
Organização	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento do plano • Transições 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Tive mais cuidado na minha colocação, procurando andar sempre à volta do espaço e não estar de costas para a turma. ✓ Na instrução das barreiras ainda me coloquei algumas vezes de costas para as outras estações ✓ Os grupos estiveram tempos diferentes nas estações ▶ Cumprir com rigor as horas de transição (para que todos os alunos estejam o mesmo tempo em cada estação)
Outros	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecimentos; ✓ Estratégia de Avaliação Formativa; ✓ Grupos 	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Recolhi dados para a avaliação de barreiras ✗ Os grupos estavam bem formados (os “faladores” estavam todos separados) ✓ Não foi realizada AF (opção pela falta de tempo)

Estagiário 5 – Classificação ≥ 17 valores

Setembro:

Apreciação Global da Aula

Nesta aula consegui preparar e montar o material com antecedência, assim não perdi qualquer tempo durante a aula para montagem do material, visto que as estações já estavam montadas. De um modo geral a aula foi boa. No entanto revelei algumas dificuldades de manter os alunos constantemente em actividade, principalmente nos períodos finais da aula. Este facto deveu-se sobretudo aos longos períodos de tempo definidos para cada estação.

Outro aspecto que penso que nesta aula teve maior incidência está relacionado com os alunos que estavam sem fazer nada, por vezes deitados nos colchões, devo procurar evitar estes comportamentos.

Em relação ao período que defini para o teste das Extensões de Braços, penso que este foi bem aproveitado, e consegui controlar bem a execução do mesmo. No final da aula, aconteceu um pequeno acidente, pois uma aluna caiu da trave para uma zona de colchões e depois bateu com a cabeça no chão já fora dos colchões. Penso que não foi um acidente com gravidade, no entanto penso que em termos de segurança a estação da trave estava bem montada, e talvez tenha falhado em não pedir aos alunos para que exista sempre um aluno de cada lado da trave a dar segurança para estes casos, no entanto já tinha observado a aluna a executar as tarefas pedidas neste aparelho e o seu nível era bom, por isso não senti que houvesse necessidade de pedir segurança. No

entanto sempre que fizer trave devo pedir para os alunos devem dar segurança ao colega que esta a executar as tarefas.

Aspectos Positivos da aula

- . Pedir aos alunos que tirem fios, brincos, anéis, piercings, etc.
- . Procurei reduzir a conversa entre os alunos, adverti os alunos quando o faziam.
- . Continuar a pedir para os alunos se sentem em U, para que estes nas próximas aulas o façam de uma forma autónoma.
- . Deslocamento e posicionamento nos exercícios, procurei ter sempre os alunos à minha frente, controlando a prática destes.
- . Ajuda e feedback nos exercícios de ginástica de solo.
- . Clarificação dos alunos para a próxima aula a arrumar o material e de algumas regras e sinais para a organização da aula.
- . Objectivos de avaliação da aptidão física cumpridos.
- . Fluidez nas transições entre cada estação.
- . Explicação de cada estação e do teste do fitnessgram.
- . Defini tarefas durante a aula a uma aluna que estava de fora sem fazer aula.

Aspectos Negativos da aula

- . Conversas dos alunos durante o período de Instrução;
- . Risos e brincadeiras durante o aquecimento;
- . Utilização de brincos, fios, piercings dos alunos
- . Desmotivação dos alunos, muito parados em vez de estarem a realizar o que lhes é proposto;
- . Acidente na trave;
- . Má gestão do tempo de aula, muito tempo para cada estação.

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Definir sinais de organização, principalmente para a aula de Exterior;
- . Reduzir o tempo das estações neste tipo de aulas;
- . Na trave deve estar um aluno de cada lado a dar segurança;
- . Preocupar-me com o posicionamento nos períodos de Instrução;

Outubro:

Apreciação Global da Aula

De um modo global penso que esta aula correu bem. Tal como tinha previsto depois da aula anterior, reflecti e decidi que nesta aula voltaria a organizar a aula como praticamente todas as aulas do período de avaliação inicial à excepção da anterior. Penso que estes processos estão automatizados pelos alunos, uma vez que não há dúvidas nos momentos de rotação e os mesmos são rápidos.

Uma das estratégias que introduzi nesta aula foi definir objectivos para as estações mais críticas, que poderiam provocar a falta de motivação e de empenho. Nomeadamente a estação de Velocidade onde coloquei uma competição de 1 contra 1, e cada aluno tinha de realizar pelo menos uma corrida com cada 1 dos restantes colegas do grupo e na estação de Salto em Comprimento coloquei marcas, para que no salto seguinte o aluno tenha o objectivo de melhorar o seu salto. Estas estratégias tiveram o resultado que

previa, uma vez que foi das aulas onde os alunos tiveram mais empenhados para a prática das actividades propostas.

Na parte final da aula sobrou um pouco de tempo que aproveitei para realizar um balanço mais cuidado do período de avaliação inicial que terminou e preparar já a próxima etapa. No entanto poderia aproveitar este período para realizar algum tipo de actividade, por exemplo algum trabalho de força ou flexibilidade.

Aspectos Positivos da aula

- . Avaliação inicial de Salto em Comprimento e Velocidade;
- . Posicionamento em relação às estações, procurei ter sempre todos os alunos à minha frente, gradualmente o meu deslocamento nesta aula foi melhorando;
- . Definição de tarefas com responsabilidade para a aluna que não trouxe material;
- . Definição de objectivos para o Salto em Comprimento e Velocidade de forma a motivar e empenhar os alunos nas tarefas, penso que esta medida teve sucesso;
- . Retoma de rotinas e organização da aula, autonomia dos alunos.

Aspectos Negativos da aula

- . Atraso inicial dos alunos, no entanto este atraso tem vindo a diminuir na minha opinião;
- . Conversa dos alunos no período de instrução dos alunos;
- . Tempo no final da aula que poderia ter aproveitado para realizar alguma actividade, exemplo trabalho de força, flexibilidade;
- . No inicio da aula estive muito centrado no Salto em Comprimento, descurando um pouco as outras estações;
- . Aquecimento com pouca dinâmica, devido principalmente ao espaço ser grande e pouco alunos a apanhar.

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Evitar a conversa dos alunos, tem sido recorrente, para a próxima aula vou procurar calar e esperar em silêncio que os alunos se calem para eu falar, assim como avisar que quem falar deve levantar o dedo e esperar que o professor o deixe falar, ser mais autoritário nestas situações;
- . Deslocamento por todas as estações durante toda a aula;
- . Período de instrução mais centrado nos objectivos dos exercícios;

Novembro:

Apreciação Global da Aula

De um modo global penso que esta aula não correu muito bem. Senti que alguns alunos estavam desempenhados e desmotivados na prática das actividades propostas.

Na instrução inicial, centrei-me nos aspectos organizativos da aula, explicando cada estação, assim como as respectivas ajudas e segurança. Fiz apenas algumas referências a conteúdos e componentes críticas dos exercícios propostos.

No início o aquecimento estava pouco dinâmico, mas depois de fazer algumas alterações o exercício tornou-se mais dinâmico, no final realizei mobilização articular específico para as matérias a abordar na aula.

Tive algumas dificuldades na gestão temporal da aula, uma vez que a instrução foi longa e o aquecimento também, pois perdi mais tempo a explicar. Também a primeira rotação demorou mais tempo que as seguintes, o que levou a que um grupo não tenha passado por uma estação. A aula estava bem organizada em termos espaciais, não havendo dúvidas entre cada estação, assim como grande aglomeração de alunos.

Considero que os alunos estão mais autónomos na consulta das folhas de grupo, tirando dúvidas, vão ler o que está escrito, componentes críticas, exercícios. Na estação do salto de eixo os alunos sentiram dificuldades, uma vez que não usaram as progressões que defini nas fichas de grupo, excepto quando eu dizia a eles para fazerem.

Senti ainda algumas dificuldades no controlo e acompanhamento de toda a turma, pois tive muito centrado nas estações de salto de eixo e mini-trampolim. Finalmente importa referir que a maior parte dos alunos ainda não realiza a ajuda ao colega que está a fazer o exercício, ou se realiza não o faz correctamente.

Aspectos Positivos da aula

- . Rotação rápida e sem dúvidas;
- . Aula bem organizada em termos espaciais;
- . Exercícios propostos adequados ao nível dos alunos;
- . Ênfase na importância das folhas no decorrer das aulas, alunos começam a perceber e a consultar;
- . Período de instrução centrado nas componentes críticas, ênfase na importância da consulta das folhas e nas ajudas;

Aspectos Negativos da aula

- . Alguns alunos desmotivados e pouco empenhados;
- . Dificuldades de gestão do tempo, cada grupo não chegou a estar numa estação;
- . Dificuldades de controlo de toda a turma, acompanhar todos os grupos, tive muito tempo na estação de salto de eixo e mini-trampolim;
- . Alunos não realizam a ajuda nos exercícios, excepto algumas excepções;
- . Estação de Ginástica Acrobática, os alunos tiveram pouco tempo em prática;

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Continuar a adoptar a estratégia será de apitar quando sentir necessidade para que os alunos se calem, no entanto não quero recorrer a esta estratégia muitas vezes para que os alunos não a entendam como vulgar;
- . Reforçar importância de chegar a horas e de se manterem em silêncio;
- . Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas;
- . Controlar e acompanhar toda a turma de igual;
- . Reforçar importância de estar em prática até trocar de estação;
- . Reforçar que devem de estar empenhados em todos os exercícios;

Dezembro:

Apreciação Global da Aula

De um modo geral penso que a aula correu bem, com os alunos a perceberem rapidamente a dinâmica da aula, pois já tinha feito uma aula idêntica.

No início da aula os alunos começaram por chegar um pouco atrasados, então tal como na aula anterior, optei por iniciar o aquecimento assim que os alunos chegavam, excluindo assim o período de instrução inicial para toda a turma, uma vez que perdia muito tempo. Optei por continuar com esta estratégia pois penso que resultou muito bem na aula anterior. Tal como já referi, não senti a necessidade de realizar esta instrução, pois já o tinha feito numa das aulas anteriores. Os conteúdos importantes foram transmitidos após o aquecimento, onde dei instrução sobre alguns aspectos organizativos e importância das folhas e empenho na aula para atingir os objectivos.

Em termos organizativos a aula esteve bem construída, quer em termos espaciais quer em termos temporais. Os alunos conseguem consultar as folhas, estes procuram quais os exercícios que se devem de fazer e verificar as transições. No entanto tenho a percepção de que os alunos ainda não consultam a folha para verificar as componentes críticas de cada exercício.

Na segunda parte da aula optei por incluir um exercício massivo de introdução a uma matéria que vou abordar na próxima aula, neste caso no início do próximo período. Penso que fiz um planeamento pequeno desta parte da aula, uma vez que realizei os exercícios rapidamente e ainda sobrou algum tempo para introduzir mais exercícios.

Final da aula realizei um balanço do 1º Período, e preparei o início do 2º Período.

Aspectos Positivos da aula

- . Rotação rápida e sem dúvidas;
- . Boa gestão temporal e espacial;
- . Motivação e empenho dos alunos;
- . Início do aquecimento apenas com alguns alunos, de forma a não perder tempo da aula.
- . Segunda parte da aula com exercícios de introdução da Luta, matéria que vou realizar na próxima aula.

Aspectos Negativos da aula

- . Atraso dos alunos, colmatado pelo início rápido da aula com os alunos pontuais.
- . Dificuldades de conseguir controlar toda a turma enquanto estou a intervir numa estação.

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Realçar a importância das folhas de grupo na aula, os alunos devem de consultar as folhas;
- . Realçar que os exercícios da aula estão nas folhas;
- . Controlar e acompanhar toda a turma, quando estou a intervir numa estação;
- . Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula;

Janeiro:

Apreciação Global da Aula

De um modo geral penso que esta aula correu bem, tendo em conta o que foi planeado. No início da aula optei por não estabelecer um período de instrução inicial e começar a aula com o aquecimento não perdendo tempo de aula e beneficiando os alunos que foram pontuais. Nesta aula, fiz um aquecimento específico e diferenciado tendo em conta o nível dos alunos na matéria de Futebol. Assim o grupo mais forte fez o jogo dos passes, e os grupos e nível inferior realizaram um exercício de técnica individual para o Futebol. O aquecimento mostrou-se muito adequado, proveitoso para os alunos, e muito dinâmico.

Após o período de aquecimento, realizei instrução para os alunos, referindo aspectos organizativos e explicando cada estação.

A distribuição dos alunos por estação foi rápida, no entanto as transições de estações mostraram-se um pouco mais lentas que o normal. Alguns alunos empenharam-se na estação de resistência, no entanto poderia ter controlado melhor esta estação para que o empenho dos alunos fosse superior.

O Feedback centrou-se maioritariamente nas estações das estafetas e futebol, sendo este específico, descritivo e prescritivo, no entanto na estação de Andebol, o meu feedback mostrou-se reduzido, assim como o meu acompanhamento. Procurei também dar feedback à distância como forma de controlar os alunos e de os manter em actividade.

Aspectos Positivos da aula

- . Rotinas de aula;
- . Organização espacial;
- . Aquecimento dinâmico, específico e diferenciado;
- . Feedback adequado nas estações de Futebol e Estafetas;

Aspectos Negativos da aula

- . Demora nas transições para cada estação;
- . Acompanhamento reduzido no Andebol;
- . Incentivar a estação de Aptidão Física;

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Necessidade de realçar a importância do empenho e motivação na aula, para cumprimento dos objectivos;
- . Revisão final da aula dos conteúdos abordados na aula;
- . Dirigir feedback no Andebol;

Fevereiro:

Apreciação Global da Aula

No início da aula, visto que alguns alunos chegaram atrasados, optei por iniciar a aula com os alunos que foram pontuais com um aquecimento específico (exercícios específicos para o Voleibol). Este rápido início de aula beneficiou os alunos pontuais, evitou perdas de tempo e fez com que os restantes alunos percebessem que estavam atrasados para a aula. O aquecimento mostrou-se dinâmico, com os alunos empenhados, no entanto como o objectivo inicial era

manter a bola no ar em grupos reduzidos, o aquecimento teve pouca intensidade. Após esta observação procurei aplicar algumas alterações no exercício que provoca-se aumento de dinâmica e intensidade.

Durante a aula tive de realizar algumas alterações em termos organização dos grupos, visto que algumas raparigas de um dos grupos estavam lesionadas e outra a faltar. Assim tive de ajustar dois dos grupos da aula. Nos três grupos formados para esta aula, apenas o grupo superior, nível Elementar apresentou uma boa dinâmica e autonomia no desempenho das actividades propostas. Os restantes grupos demonstraram alguns elementos desmotivados o que dificultou a dinâmica de trabalho e o empenho dos restantes elementos.

Depois do aquecimento, juntei a turma para uma breve instrução, referindo necessidade de empenho, alterações em relação à ficha (na aptidão física), e aspectos relacionados com a organização da aula, estações e matérias. Penso que este período foi rápido, evitando assim quebras maiores na transição do aquecimento para a parte principal da aula.

Pretendo adoptar para a próxima unidade de ensino a formulação de grupos heterogéneos que previnam estas situações de desmotivação de alguns alunos.

Aspectos Positivos da aula

- . Rotinas de aula;
- . Organização espacial;
- . Aquecimento dinâmico, motivante e iniciado rapidamente.
- . Rápida transição de aquecimento para parte principal da aula;

Aspectos Negativos da aula

- . Falta de empenho e dinâmica de dois grupos;
- . Períodos reduzidos de observação;

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Motivar e empenhar para a necessidade de realizar as tarefas durante o tempo em que estão na estação;
- . Períodos de observação;
- . Acompanhamento similar de todas as estações;
- . Reformulação dos grupos;

Março:

Apreciação Global da Aula

Iniciei esta aula com uma breve revisão das regras da disciplina, lembrando que faltam poucas aulas para o final do ano lectivo, o que implica a necessidade de aumentar o empenho como forma de atingir os objectivos. Após este período inicial de instrução, realizei a explicação da organização da aula bem como os objectivos que os alunos devem ter em conta na realização dos exercícios. Penso que as informações transmitidas foram apreendidas pelos alunos.

Iniciei o aquecimento com o jogo dos passes, organizei os jogos consoante os grupos formados para a aula, facto que me permitiu organizar rapidamente o jogo. Também o conhecimento do jogo e das regras por parte dos alunos facilitou os processos de organização.

Depois do aquecimento, iniciei a aula organizada por estações, com distribuição rápida dos alunos por cada estação, processos que se demonstraram automatizados após a interrupção do período lectivo. Penso que os alunos estiveram empenhados na realização das actividades propostas, no entanto deve ser ponderado um maior acompanhamento da estação de aptidão física.

Na parte final da aula, realizei um mini torneio de Basquetebol, como forma de motivar os alunos onde também participei tornando mais competitivo o jogo, vontade dos alunos em vencer a equipa do professor. Penso ter sido uma estratégia muito positiva e que poderei adoptar em outras situações. No final da aula mostrei os dados de avaliação formativa e sumativa do 2º período, como forma de explicar as matérias prioritárias para os alunos neste último período, enquadrando os alunos no processo de avaliação e de aprendizagem.

Aspectos Positivos da aula

- . Motivação e empenho dos alunos;
- . Rotinas de aula;
- . Organização espacial;
- . Participação do professor em tarefas da aula – motivante
- . Dados de avaliação

Aspectos Negativos da aula

Aptidão física

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Maior acompanhamento da estação de aptidão física
- . Aumentar períodos de observação;

Abril:

Aspectos Positivos da aula

- . Rotinas de aula;
- . Organização espacial;
- . Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados;
- . Realização de testes Fitnessgram;
- . Autonomia dos alunos nas tarefas propostas;
- . Rápidas rotações;

Aspectos Negativos da aula

- . Dificuldade em acompanhar restantes estações e controlar os testes;
- . Algumas brincadeiras recorrentes nos mesmos alunos;

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Acompanhar restantes estações, e controlar testes também à distância;
- . Captar a atenção de alunos durante períodos de prelecção

Maior:

Aspectos Positivos da aula

- . Rotinas de aula;

- . Organização espacial;
- . Maior controlo de fios, brincos, anéis, cabelos atados;
- . Autonomia dos alunos nas tarefas propostas;
- . Rápidas rotações;
- . Final de aula com jogos competitivos de Basquetebol.

Aspectos Negativos da aula

- . Algumas brincadeiras recorrentes nos mesmos alunos;
- . Dificuldades de início na estação de exercício no Andebol;
- . Algumas dificuldades sentidas em ter um período de instrução fluido sem interrupções dos alunos.

Aspectos a melhorar na próxima aula

- . Garantir período de instrução sem interrupções;

Estagiário 6 – Classificação <17 valores

Outubro:

Bastantes alterações ao plano de aula, uma vez que tive que retomar dados dos alunos em vários testes de aptidão física.

Penso que a aula no geral correu bem, no entanto é de evitar a realização dos testes de aptidão física numa só aula.

Novembro:

A aula começou pelas 10.10 com o material de Voleibol já todo montado, começando a prelecção inicial com questionamento sobre estilos de vida saudável e “TRIPLA -AMEAÇA” (demonstração da situação de 2x1 – Ricardo e Rute). Co[informação não perceptível] com mobilização articular, exercício de passe picado/peito com drible com ambas as mãos (demasiado tempo na transição). Rute Voleibol explicação do Basquetebol 2x1 e Voleibol aquecimento (1x1). Começou C – Voleibol A- Condição Física B - Basquetebol). 1ª rotação bastante longa prepositado para os alunos do Grupo A + fracos aptidão física); 2ª Rotação (C – Condição Física B - Voleibol A-Basquetebol) ; 3ª Rotação (C – [informação riscada] Voleibol B - Condição Física NOTA TRABALHAR MAIS CONDIÇÃO FÍSICA A – Basquetebol

A		B		C	
Voleibol	Basquetebol	Voleibol	Basquetebol	Voleibol	Basquetebol
Paula+	Bernanrdo +	Bruno		Rute+	+
Jessica	António	Jessica A+	+	Ricardo+	+
Raquel	Paue	Rruns		Ruben +	+
Filipa+	Jessica	VanessaV +		Mário+-	+
Jauce+	Raquel+	Vanessa L		Miguel +	+
Bernardo	Jauce+	Sofia	lesionada	Pedro R +-	+
António+	Jonas+	Carlos +	+	Pedro M	+

				+-	
Jonas+	Filipa	Miriam L		Diogo + -	+

Lançamento na passada

A, [informação riscada] B, Diogo, Pedro R, Pedro M.

Voleibol

1x1 | 2x2

A, B [informação riscada] C 4X4

Serviço por baixo → urgente próxima aula

Balanço

. Balanço de aula (Linha de passe de Basquetebol; tripla ameaça)

. Espaço da próxima aula

Dezembro:

A aula começou com a explicação do funcionamento/organização da aula, e uma breve explicação em relação a ficha de Auto-Avaliação que optei rapidamente realizar o resto quando do preenchimento da mesma (final da aula).

Passei para a Dança (Merengue), em que os alunos realizaram a coreografia acordada com uma breve explicação do último passo introduzido. Esta decorreu sem grandes problemas a nível geral apenas 3 alunos ainda apresentam dificuldades (noção de ritmo) que são o António, Bernardo e Diogo. De seguida realizaram o aquecimento com mobilização articular, dividindo rapidamente a turma pelas estações e explicando sumariamente aquilo que iriam realizar em cada uma das estações, esta parte da aula decorreu sem problemas de maior, apenas a 1ª rotação foi um pouco mais extensa que as outras duas seguintes.

Passado a parte dos alongamentos, referi como em aulas anteriores que esta função irá começar a ser desempenhada por um par de alunos a partir do próximo período.

Para finalizar foi realizada a Auto-Avaliação, com uma explicação que penso que foi clara no entanto surgiram algumas dúvidas que foram sendo esclarecidas individualmente e por vezes em grupo.

Janeiro:

A aula começou a horas como de costume sendo que durante a prelecção inicial foram lembrados os objectivos para esta unidade de ensino. Seguiu-se o aquecimento geral em que os alunos correram a volta do campo durante 5 minutos, antes e após a corrida registaram os valores de FC. Após o término da corrida realizaram uma ligeira sessão de alongamentos durante a qual o professor explicou novamente os exercícios a realizar durante as estações. De realçar que na estação de Futebol o Grupo B e C demonstraram bastante empenho no entanto deverão conter mais tempo de jogo. No que diz respeito a estação de Basquetebol foi priorizado pelo professor a situação de 3x1 pelo que na próxima aula deverá acontecer mais situação de jogo (3x3)

A aula terminou com uma sessão de alongamentos dada pelo aluno Miguel sendo que os alunos que não fizeram a aula ajudaram o professor no arrumo do material.

- Mais tempo de jogo
- Tentar não ficar com os alunos nas costas

Setembro:

No final devido à escassez de tempo não fiz o retorno à calma, sendo só feita a arrumação do material pelos alunos

Outubro:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
<p>Aquecimento mais demorado, não possibilitando mobilização articular</p> <p>Expliquei os exercícios mas esqueci-me de referir todos os critérios de êxito</p> <p>Tentei fazer a circulação por fora sempre que possível</p>	<p>Porque dei prioridade às rotinas organizacionais</p>	
<p>Houve um comportamento de desvio Gonçalo Amigo e Diogo Costa</p>	<p>Estava na brincadeira e acabaram por se pegar</p>	<p>Separá-los</p>
<p>No final não executei os alongamentos planeados</p>	<p>Optei por enviá-los para o balneário de forma a ficar e medir alunos que faltavam</p>	<p>Deixar um aluno a dar alongamentos enquanto fazia as medições</p>

Novembro:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
Palestra Inicial esqueci-me de		Escrever uns tópicos que me

<p>referir alguns Objectivos do Voleibol</p> <p>Na corrida à volta do espaço de aula nem todos perceberam o trajecto gerando confusão</p> <p>No aquecimento específico e mobilização articular o percurso ficava a meio</p> <p>Distribuição dos grupos pelas estações de forma rápida, optando por colocar o futebol a funcionar primeiro explicando depois o volei</p> <p>Troca de estações mais demorada que o previsto pois faltaram 3 alunos do grupo mais fraco</p> <p>Circulação e posicionamento foi uma preocupação, no entanto houve situações em que reuni erradamente</p> <p>FB à distancia foi fornecido mas apenas por 3 ou 4 vezes</p> <p>No final reuni e fiz o balanço focando os erros mais comuns (atletismo); sinto que podia ter focado mais coisas.</p>	<p>Apesar de ter colocado os pinos no local eles assim que me passavam paravam</p> <p>Porque o primeiro grupo que foi para o futebol é mais forte no volei e não era necessário tanto [informação não perceptível]lítico</p> <p>Desorganizou-se as equipas para Futebol</p>	<p>lembrem</p> <p>Colocar-me junto aos pinos</p>
--	---	--

Dezembro:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
<p>Comecei com a prelecção inicial e esqueci-me de dar o aquecimento.</p> <p>Após isto passei para a actividade, fazendo um breve aquecimento.</p> <p>Uma vez na actividade posicionei-me sempre estrategicamente, o que possibilitou um maior nível de feedback à distancia</p> <p>A rotação não foi feita ao minuto, demorando mais no 1º grupo</p>	<p>Costumo introduzir a aula e só depois específico melhor os exercícios, e hoje fiz o inverso o que gerou alguma confusão</p> <p>Porque o grupo era maior e esperei que terminassem primeiro, enquanto o 2º grupo já veio da ginástica não necessitando que treinassem</p>	<p>Seguir o que costumo fazer normalmente</p>

Março:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
<p>Aula começou com palestra inicial explicando a nova organização</p>	<p>Porque houve alteração do espaço disponível, existindo adaptação no número de estações e matérias, assim como das rotinas organizacionais.</p>	

<p>Introduzi os novos grupos de trabalho</p> <p>Distribuição pela prática algo demorada</p> <p>Tentei impor dinâmica no andebol, focando a minha atenção nesta estação e não tanto na ginástica.</p> <p>Não consegui realizar o jogo no final, pois o remate em salto deu alguma luta na assimilação por alguns alunos</p> <p>Ginástica com dinâmica por alguns alunos, com os mais fracos a fingir que faziam</p> <p>Circulação foi algo reduzida, ficando muitas vezes no andebol parado. Aqui conseguia ver toda a aula controlando a prática com FB à distância</p> <p>Aula terminou para lá da hora</p> <p>Balanço focando os erros típicos do remate em salto, e falando de situações e comportamento na ginástica</p>	<p>Alguma desorganização na ginástica, esperando que eu lá fosse para iniciar a actividade.</p> <p>Tentei criar ritmo nas situações do andebol para nas próximas aulas ajudar mais na ginástica e deixar o andebol mais autónomo, pois já sabem o que fazer</p> <p>Estação mais autónoma</p> <p>Criar ritmo nas situações de andebol</p> <p>Distracção</p>	<p>Distribuir primeiro ginástica e dança e depois o andebol</p> <p>Criar mais situações de remate saltado, alterando a organização das situações 1x0</p> <p>Estar mais focado na ginástica</p>
--	--	--

Abril:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
<p>Aula começou com atraso de dez minutos</p> <p>Nesta aula tentei utilizar exercícios que eles já tivessem executado, não demonstrando os dois de andebol falando apenas no Badminton</p> <p>Distribuição foi rápida, tendo ajustado os grupos durante o aquecimento</p> <p>Início da actividade lento nas estações que não houve demonstração.</p> <p>Circulação foi feita em linha recta, junto aos contentores, e mais junto aos grupos do andebol</p> <p>O Badminton não funcionou muito bem</p> <p>Tive preocupações explicam o</p>	<p>Alunos chegaram atrasados e demoraram a ficar sossegados</p> <p>Porque era a primeira aula do período e era de apenas de 45', pretendendo poupar tempo. O andebol tinha sido a última matéria da etapa anterior</p> <p>Faltaram alunos, o que obrigou a esses ajustes</p> <p>Porque pensei que o badminton ficasse mais autónomo</p> <p>Devido ao vento</p> <p>Correu bem, tendo cumprido na maioria das vezes</p>	<p>Houve um aviso para que as horas de entrada e a disposição para a instrução inicial</p> <p>Contudo deverei sempre demonstrar pois eles esquecem-se com muita facilidade</p> <p>Demonstrar todas as estações</p> <p>Retirar o Badminton do exterior</p>

ciclo do FB Uma vez que é uma falha minha por vezes		
---	--	--

Maio:

Aconteceu	Porque Aconteceu	Que fazer para melhorar na próxima aula
<ul style="list-style-type: none"> - Aula com funcionamento diferente das anteriores - Parte inicial correu de forma organizada a permitir a avaliação da patinagem na que faltavam e os testes nos que vão à Galiza. - Situação de torneio no Badminton decorreu sem grandes FB - Os testes decorreram de forma fluida e organizada - No final fiquei a compilar os dados dos testes e a comparar os alunos com os resultados do período anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> - Devido à ida de alguns alunos para a Galiza - Fechar a matéria - Preocupação com os testes do Fitnessgram 	

Estagiário 8 – Classificação <17 valores

Outubro:

Na aula de hoje tive que alterar um pouco o que tinha planeado. Estava convencido que iria conseguir fazer uma segunda fase de AI de basquetebol em que iria juntar os alunos por níveis, mas acabei por não ter tempo para isso. No geral a aula correu bem, tendo ainda alguns aspectos em que tenho que me preocupar mais um pouco.

Na organização da aula, que foi a parte em que tive mais críticas, comecei logo por falhar na colocação da aparelhagem para o teste do vai-vem. A aparelhagem estava de um lado do pavilhão, que era onde estava a tomada, e eu tinha idealizado fazer o teste do outro lado do pavilhão. Isto resultou nos alunos a fazerem o teste com a aparelhagem no outro lado do pavilhão porque eu não me lembrei de fazer o teste do lado que estava a aparelhagem. Visto que os restantes alunos estavam a fazer o aquecimento no meio poderia ter havido alguma confusão por causa do barulho, mas o som era bem audível e os três alunos que estavam a fazer o teste fizeram-no naturalmente.

A seguir fiz um exercício de basquetebol que pensei ser muito bom para fazer aquecimento específico e princípio de AI da matéria, visto que incluía o drible, rotações, passes, e recepção. No entanto, o orientador disse que este é um bom exercício mas não para esta fase e para estes alunos. Deveria ter começado com exercícios mais simples e, a partir daí, aumentar progressivamente a dificuldade e complexidade dos mesmos. Tenho que ter este aspecto em atenção em todas as matérias porque é essencial na Educação Física.

Relativamente ao que tinha planeado para a AF, recebi duas recomendações do orientador. A primeira é que podia ter incluído o treino da AF numa estação da parte principal da aula. Desta forma estaria a rentabilizar melhor o tempo e o

espaço, ao mesmo tempo que dou mais um pouco de autonomia aos alunos. A segunda recomendação é acerca da forma como trabalhei os abdominais e as extensões de braços. Disse aos alunos para fazerem duas séries de cada um, quando deveria ter feito por tempo. Isto dá a possibilidade de individualizar o treino destas capacidades já que cada aluno faz os abdominais e extensões de braços que conseguir durante aquele período de tempo.

Na gestão da aula, recebi críticas que já tinha ouvido antes e que ainda não consegui melhorar. A principal é em relação à imagem dos exercícios e movimentos que exemplificamos para os alunos reproduzirem, se exemplificarmos com erros os alunos vão fazer os mesmos erros ou pior, pelo que é importante dizer a algum aluno para exemplificar e corrigi-lo de forma a que toda a gente identifique os erros. Ora hoje quando exemplifiquei como se faz o lob no badminton fiz mal o movimento do lado esquerdo. Corro o risco de eles terem memorizado o movimento tal como fiz quando é a forma errada de o fazer, deveria ter usado um agente de ensino para poder corrigi-lo.

Outro aspecto é o feedback, o orientador diz que preciso de dar mais feedback durante os exercícios. Hoje tive essa preocupação e sei que dei mais do que na última aula, mas pelos vistos não é suficiente e tenho que dar ainda mais. Tenho que ter isso em conta nas próximas aulas. Assim como em relação à arrumação do material, que continua a ser um aspecto que tenho de aperfeiçoar. Quando acabei com as estações do badminton e do basquetebol não disse aos alunos para arrumarem logo o material, principalmente porque os exercícios a seguir eram sentados e não havia perigo em termos de segurança. No entanto é realmente mais fácil arrumar logo o material em vez de o fazer no final da aula como fiz.

Novembro:

Esta aula ficou marcada pelo sermão que o orientador deu aos alunos. Eles têm vindo para a aula cada vez mais distraídos e acabam por não trabalhar nada nos exercícios. Penso que eu sou o principal problema aqui, não tenho sido ríspido quando é necessário. A questão é que os alunos não se portam mal, logo não consigo dar-lhes um sermão mais agressivo. Quando demos a aula da pior turma do orientador, que tem alunos piores que os meus, não tive problemas em pô-los de castigo e dar-lhes um sermão no final da aula. Com os meus alunos não consigo fazer isso porque eles não se portam mal, apesar de haver alguns comportamentos fora da tarefa. Tenho que conseguir mudar urgentemente a minha postura com os alunos e ser agressivo no discurso quando for necessário.

Os aspectos que continuo a não conseguir melhorar a esta altura são o não mandar os alunos sentarem-se quando quero falar com eles, repetir mais as componentes críticas, não virar as costas ao espaço de aula e mexer mais nos grupos que estabeleci para aula de forma a adequar mais os exercícios a cada aluno. Em relação a este último, por exemplo, hoje tinha duas estações de Voleibol, numa tinha jogo 4x4 e na outra os alunos trabalhavam a técnica do toque de dedos e manchete. Deveria ter identificado quem precisava mais de estar a trabalhar a técnica, em vez de estar no jogo, e alterar no momento. Ainda tenho que praticar isto porque não é fácil, com a rotação dos grupos pelas estações, garantir que todos os alunos passam em todas as estações.

Outros aspectos a referir em relação à aula são referentes à segurança e ao controlo dos alunos. No exercício da apanhada que fiz no aquecimento, em que os pus a fazer salto de eixo por cima dos colegas, o orientador disse que é perigoso fazê-lo naquele contexto porque uma pequena brincadeira pode levar à queda de cabeça de um aluno. O outro aspecto, o controlo dos alunos, tem a ver com uma capacidade que ainda não adquiri. Ainda não consigo “ler” os alunos, isto é, observar os alunos e ver que é preciso acalmá-los quando estão demasiado excitados ou o contrário. A minha visão sobre a aula é muito superficial, pelo que tenho que melhorar bastante esta capacidade que é essencial num professor.

Dezembro:

Esta 28ª aula estava prevista para o espaço Exterior. Por esta altura, com o mau tempo que tem estado, optei por pensar numa alternativa ao plano de aula que foi pensado segundo a UE a que diz respeito. A alternativa não era complexa, pelo que não foi necessário fazer um plano para tal. Apenas me preparei para o facto de poder estar a chover e pensei numa aula de Dança dada na sala de aula.

No entanto, na hora de início da aula o tempo estava aceitável, sem chuva, pouco frio e piso praticamente seco. Como tal, dei a aula no Exterior consoante o que tinha planeado. Decorridos cerca de 60' da aula, começou a chover e não haviam mesmo condições de continuar lá fora, arrumámos o material e fomos para a sala. Quando chegámos à sala já faltavam cerca de 15' para o seu término, já não havia tempo de arrumar as mesas e depois voltar a colocar tudo no mesmo sítio. O orientador tinha em sua posse vídeos de Dança e sugeriu que os mostrássemos aos alunos. Foi o que fizemos.

Relativamente à parte da aula prática, enquanto durou, não correu exactamente como planeei. Tinha planeado um exercício de Corfebol para o início da parte principal da aula e acabei por me esquecer de o dar aos alunos. Entretanto, já no exercício seguinte, lembrei-me deste exercício que me tinha esquecido e optei por fazê-lo no final da aula. Como começou a chover já não dei este exercício nem deu tempo para todos os alunos passarem em todas as estações. Estou convencido que ainda estava dentro do tempo e que era possível fazer tudo o que tinha planeado.

No início da aula gastei mais algum tempo a falar com os alunos sobre as classificações do 1º período. Ninguém tirou dúvidas sobre as suas notas mas eu voltei a falar um pouco sobre a avaliação da disciplina. Dei todas as informações que tinha planeado.

No restante tempo de aula tudo correu dentro do normal. Apenas tive uma crítica relativamente ao jogo de Basquetebol em que algumas alunas não estavam a jogar nada do que se pretende da modalidade. O Orientador referiu que aquelas alunas não deveriam ter feito jogo, mas sim, exercícios analíticos para trabalharem a relação com bola. Na verdade, esta não era uma matéria prioritária nesta aula, por isso mesmo, não estive com muita atenção ao que as alunas estavam a jogar. Ainda assim, procurei sempre manter uma posição frontal à aula e fui dando instruções à distância para as outras duas estações. Na próxima aula vou ajustar esta estação de acordo com os alunos, se eles continuarem a não fazer jogo vou passar para exercícios mais simples.

Na próxima aula, neste espaço, vou falar com os alunos para alertá-los dos erros que cometeram nesta aula.

Janeiro:

Esta 36ª aula teve alguns aspectos que deverão ser melhorados. Como refere o orientador, preciso de limar arestas. Estas arestas estão ligadas a todos os aspectos da aula, desde o planeamento à condução da aula.

Relativamente ao planeamento da aula, é essencial que comece a especificar mais, no plano de aula, as componentes críticas dos exercícios que vão ser trabalhados na aula. Durante a mesma, são essas componentes críticas que tenho que transmitir, de forma explícita, aos alunos. Esta parte do plano é um aspecto que tenho que alterar urgentemente, vou começar a colocar apenas o essencial que pretendo de cada aula em cada exercício. Segundo o orientador, tenho dado demasiada informação aos alunos sem seleccionar o fundamental. Ainda em relação ao planeamento da aula, vou criar na próxima aula mais exercícios de relação com bola para o Futebol (ex.: passe contra a parede, circuito de condução de bola).

Em relação à instrução, tenho ainda que melhorar e logo na instrução inicial. O meu colega de estágio referiu que na instrução inicial, quando estou a explicar a aula aos alunos, perco-me com as perguntas que eles vão fazendo e por vezes não termino o que estou a dizer. Vou estar mais atento a esta situação porque não me apercebi disto ter acontecido com regularidade. Se assim for, terei que impor nos alunos a noção de que só deverão fazer as perguntas quando eu terminar a explicação. Durante os exercícios, a instrução terá que ser mais direccionada para o que pretendo. Este aspecto está relacionado com as componentes críticas que tenho que definir no plano de aula.

Tenho que ser mais assertivo com os alunos e aplicar reprimendas quando não respeitarem o que é pedido. Tenho mesmo que começar a mandar sentar os alunos que não respeitem ordens.

Nesta aula tive que fazer dois ajustes no momento. Um foi relativamente a dois rapazes que estavam num grupo de raparigas e que estavam a fazer Futebol. Os rapazes demonstraram que o exercício (2x0) já não estava a ser estimulante e optei por colocá-los a fazer 1x1 terminando com finalização. Teve um bom resultado. O outro ajuste foi em relação à estação de relação com bola no Futebol. Aqui todos os grupos iam fazer relação com bola mas o grupo mais forte ia perder o interesse na aula se fizessem naquele momento relação com bola. Daí que optei por alterar e disse-lhes para fazerem jogo, tal como na outra estação. Penso que este grupo não precisa mesmo de trabalhar o Futebol em exercícios analíticos, agora só precisam de jogo independentemente das suas características.

O orientador referiu que, apesar de estar a cumprir com as minhas funções, existem aspectos que posso melhorar na aula. Segundo o mesmo orientador, tenho que estar mais inserido na aula e devo tomar certas decisões e assumir posturas que me vão tornar melhor professor. Apesar de compreender o que isto significa, não consigo identificar este feedback na minha prestação. Espero que com as aulas que serão filmadas consiga identificar esse aspecto referido pelo orientador.

Fevereiro:

A aula de hoje sofreu um contratempo que alterou toda a dinâmica da mesma. O problema começou logo no planeamento quando pensei em abordar o Badminton no espaço Exterior. Pensei em fazê-lo neste espaço para aproveitar a sua dimensão e assim dar mais espaço para os alunos trabalharem as técnicas pretendidas no Badminton.

As condições meteorológicas estavam boas mas a mais pequena brisa fazia com que o volante se desviasse e impedisse os alunos de jogar Badminton. Ao ver isto, tendo em mente que o professor deve ter a capacidade de alterar quando um exercício não corre bem, abortei totalmente a estação do Badminton e criei uma estação de Corfebol que é uma matéria alternativa nesta UE. Este foi o princípio do problema.

Outro aspecto em que falhei na preparação da aula foi, mais uma vez, o tempo que atribuí aos exercícios, não pelo que planeei mas pelo que estava a indicar na aula. Isto é, calculei que cada estação demorasse 10' mas a estação da condição física demora sempre muito menos tempo. Isto fez com que eu rodasse os grupos demasiado cedo, ficando muito tempo de sobra para o resto da aula.

Estes dois aspectos criaram alguma preocupação e tempo de reflexão sobre a organização da aula que me distraíram e que eu não consegui corresponder. Relativamente ao Badminton, nunca deveria ter pensado nesta matéria para este espaço. A condição física apenas precisava que lhes atribuísse uma outra tarefa, como corrida lenta até concluir os 10', e já não teria problemas neste aspecto.

Todas estas alterações no decorrer da aula provocaram desorganização e falta de acompanhamento aos alunos. Aspectos estes que me deram no momento um certo sentimento de frustração. Espero conseguir responder de melhor forma numa próxima situação deste género.

Uma crítica, recorrente, da minha gestão da aula foi o meu discurso. Continuo com a mesma dificuldade em ter um discurso claro com os alunos. Segundo o orientador, dou feedbacks incompletos aos alunos, situação que não me apercebo durante a aula. Estarei mais atento a este assunto.

Março:

Esta aula no Polidesportivo começou mal à partida. Planeei trabalhar neste espaço o Voleibol pensando na rede que nele existe. Cometi o erro de não verificar as condições do material antes da aula e não pude cumprir o planeado por falta de condições dos postes e redes de Voleibol. Face a esta situação, optei por trabalhar o Voleibol mas com situações diferentes. Por um lado foi bom não conseguir trabalhar o que tinha planeado porque os alunos mais fortes iam trabalhar o remate em suspensão e hoje, pela situação de aprendizagem que utilizei, verifiquei que os alunos precisam de exercícios mais simples.

A situação de aprendizagem que utilizei foi a troca de bola em círculo, que consta no Nível I dos programas, em que 4 ou 5 alunos trocam a bola entre si utilizando o toque de dedos e manchete. A verdade é que os alunos ainda têm muitas lacunas na execução técnica dos vários elementos do Voleibol e terei que ajustar o planeamento para que os alunos desenvolvam as técnicas de base.

Outros aspectos a referir sobre esta aula prendem-se com a gestão da mesma. No exercício da condição física poderia ter intervindo mais com os alunos que executavam mal os exercícios. Dei prioridade à intervenção com os alunos que não estava a fazer o que era pedido e se deixavam descansar. Vou tentar conciliar estes dois tipos de intervenção.

Em alguns momentos, em que dava feedback aos alunos, virei as costas para uma grande parte da aula. Este é um aspecto que tenho mesmo que evitar já que se trata de uma turma com muita tendência para os comportamentos fora da tarefa.

Abril:

No regresso ao trabalho, ocorreram nesta aula algumas situações que me parecem relevantes e que merecem ser realçadas. A primeira tem a ver com a ausência dos dois alunos mais conversadores e que são muitas vezes o foco de distrações na turma. Senti a turma mais empenhada, houve menos brincadeira e não me apercebi de comportamentos fora da tarefa. Isto pode ter acontecido pela ausência dos tais dois alunos como pode, também, ter acontecido por estarmos a abordar duas matérias que são realmente interessantes para a maior parte dos alunos.

A segunda está relacionada com as situações de aprendizagem que escolhi para esta aula. Para o Voleibol optei por criar uma estação em que pudesse existir uma situação de 1+1 para os alunos com mais dificuldade e duas de 2x2 para os alunos que já estão mais à frente. Dentro das situações de 2x2 os objectivos variavam consoante os alunos, os alunos mais fortes tinham como preocupação com o remate, para além dos elementos técnicos que estão para trás, e os mais fracos tinham uma preocupação com o toque de dedos, manchete e deslocamentos. Os alunos mais fortes fizeram jogo o tempo todo da estação, enquanto que os mais fracos iam trocando da situação de 2x2 para o 1+1. Desta forma todos poderiam passar pelo jogo, o que acho ser um estímulo importante.

A crítica neste caso tem a ver com a escolha do 2x2 em vez do 4x4. Na minha opinião, e por isso é que tomei essa opção, os alunos precisam mais do 2x2 porque estimula a movimentação ainda que ela não seja, por vezes, boa o suficiente. Por outro lado, sei que é mais fácil haver jogo numa situação de 3x3 ou 4x4 porque os alunos ocupam uma maior área do espaço de jogo. O que me preocupa nesta situação é o diminuído número de repetições de toques na bola que ela promove, em detrimento do 2x2.

Outra crítica recebida relaciona-se com a escolha dos grupos heterogéneos para a aula. Tomei esta opção porque acredito que no Badminton é muito importante que os alunos experimentem jogar contra colegas com diferentes capacidades. Assim, os bons ajudam os maus a aprender jogando numa situação de cooperação (1+1) e os bons podem evoluir mais quando jogam entre si numa situação de oposição (1x1). A opinião do orientador é que os alunos bons já só devem jogar entre si porque só assim podem melhorar mais (grupos homogéneos). O que eu acho é que ainda é importante jogarem entre todos porque parece-me que o Badminton é uma matéria na qual os alunos mais fracos poderão ter mais facilidades em evoluir. No entanto, concordo plenamente que os melhores alunos poderiam evoluir mais se jogassem

apenas entre si e, preferencialmente, se tivéssemos as condições espaciais ideais para promover essa evolução.

A terceira e mais importante crítica tem a ver, mais uma vez, com o meu discurso. O orientador deu muita ênfase a este aspecto que me tem vindo a ser apontado desde o início do ano. Não tenho qualquer dúvida que este é o meu ponto fraco e que tenho que o melhorar com a prática. A comunicação professor-aluno é essencial para que haja um melhor processo de ensino-aprendizagem. Contudo, parece-me que o meu discurso não é tão mau quanto descreve o orientador. É certo que não posso levar totalmente à letra as palavras do orientador quando diz que os alunos não percebem nada e, também, pode ser uma maneira de me transmitir a importância de eu conseguir um discurso melhor. Também acredito que eu não me esteja a aperceber da gravidade da situação mas eu tenho tido a preocupação de garantir que os alunos percebem o que eu digo.

Para confirmar essa situação, quando dou um feedback a um aluno ou grupo de alunos, pergunto sempre no final do feedback se eles perceberam realmente o que lhes disse e, quase sempre, confirmo se eles fazem ou tentam fazer o que transmiti. O que me parece é que eles percebem e tentam fazer o que lhes digo. É urgente fazer as filmagens das aulas.

Maio:

A aula de hoje, decorrida no Ginásio Verde, deu continuidade à última aula decorrida neste espaço. Contudo, fiz algumas alterações relativamente à última aula que foram sugeridas pelo orientador e me pareceram pertinentes.

Antes de mais, tive que avaliar outros testes do Fitnessgram com características diferentes dos que foram avaliados na última aula. Hoje avaliei os testes de flexibilidade (ombros, tronco e pernas). Para isso utilizei o aluno que não estava a fazer aula para registar os resultados dos alunos. Enquanto que na última aula todos os alunos fizeram os testes de abdominais e extensões de braços ao mesmo tempo e no início da aula, os testes avaliados hoje tinham características que não podiam ser executados da mesma forma. Assim, o aluno que não fez aula foi chamando um colega de cada vez para fazer os testes enquanto a restante turma trabalhava normalmente nas várias estações.

Esta dinâmica de avaliação correu bem, o problema seria se não tivesse alunos a não fazer a aula. Teria muito mais dificuldade em dar a aula e manter-me próximo dos alunos que precisam constantemente de um feedback sobre o que estão a trabalhar. Caso esta situação acontecesse, penso que a melhor opção seria chamar dois alunos de cada vez para fazerem os testes e cada um avaliava o colega. Esta situação só seria possível porque os alunos já fizeram e conhecem todos os testes do Fitnessgram.

Outra alteração nesta aula foi a rotação dos grupos. Em vez de quatro estações em que os alunos rodavam de 10 em 10', dividi em duas grandes estações, uma de Voleibol e outra de Ginástica e Condição Física (CF). Ao fim de 10' os alunos trocavam entre as estações de Ginástica e CF enquanto que os restantes alunos se mantinham no Voleibol. Ao fim de 20' os dois grandes grupos trocavam e seguia-se a mesma rotação. Desta forma é possível poupar algum tempo nas transições de estação e os alunos não passam duas vezes pelo Voleibol como aconteceu na aula anterior.

No Voleibol, os alunos com maiores dificuldades trabalharam numa situação de 1+1 e os mais fortes fizeram jogo 3x3. Durante a estação com os alunos mais fracos o orientador sugeriu fazer jogo de 2x2 com as alunas que, apesar de terem dificuldades, já se encontram um pouco mais à frente das colegas. Experimentei essa situação e verifiquei que algumas alunas conseguem manter a bola no ar, embora ainda não me pareça suficiente para fazerem jogo. Em relação a isto, poderia ter rodado um pouco estes últimos casos de alunos de forma a observar as outras alunas com dificuldades mas a verdade é que me pareceu que elas não teriam capacidade para manter o jogo.

Relativamente à Dança, fiz apenas um pouco o Regadinho para lembrar e observar os alunos. A seguir ainda abordei a Salsa para lembrar e consolidar os passos abordados até agora.

Os alunos continuam muito conversadores e perturbadores do bom clima de aula. Eu continuo a não ser capaz de assumir atitudes mais drásticas para controlar a turma. No momento nunca me parece grave o suficiente para mandar um aluno sentar-se ou castigá-lo de outra forma mas a verdade é que o orientador dá essa sugestão constantemente e eu nunca achei necessário.

Estagiário 9 – Classificação <17 valores

Setembro:

A aula começou ligeiramente mais tarde mas no entanto, já existe uma maior aproximação à hora pretendida. Durante a instrução tive alunos de pé será preferível ter os alunos todos sentados em U de forma a evitar comportamentos de desvio.

Quando realizei o teste do Vaivém não fui claro quanto à zona saudável, também deveria ter frisado que os alunos quando terminassem o teste, não parassem repentinamente para o retorno à calma ser activo.

No início da aula, não falei nas regras de segurança, na próxima aula terei que o dizer e também fazer a verificação se de facto os alunos retiraram todos os brincos e pulseiras.

Utilizei questionamento várias vezes, todavia este deve ser utilizado de forma dirigido e não foi.

Aquando a demonstração das estações foi muito bom ter levado os alunos aos locais, pois a informação foi demonstrada de forma clara.

Na estação de Andebol o jogo condicionado resultou muito bem, conseguindo até, uma diferenciação do ensino entre os dois grupos.

No que respeita aos alunos que não faziam aula consegui ter tarefas para todos eles, no entanto, nas próximas aulas tenho ter em conta esse aspecto pois a tarefa pode ser melhorada.

Em relação ao badminton detectei que primeiro grupo tem problemas em flectir as pernas, isto é, adquirir a posição base que é bastante importante para quase todos os desportos.

No final da aula, o balanço foi claro e conciso mas não avisei os alunos em relação ao espaço da aula seguinte nem que tinham de trazer sapatilhas para a próxima aula. No entanto esta situação foi resolvida pois pedi a uma aluna que os avisasse na aula seguinte.

Outubro:

Em relação à aula, como pontos fortes considero:

- Melhor no que respeita à disciplina, pois a turma já ouve melhor aquilo que eu digo.
- A aula correu de forma organizada e com bastante intensidade.

Em relação aos pontos fracos, temos:

- No 1º Grupo no Basquetebol, demorou 6 minutos a começar em actividade, tenho de ter atenção a estes alunos, pois normalmente não se empenham o suficiente.
- Em relação ao teste de senta e alcança, não estava a utilizar a escala, de forma correcta, tenho de confirmar e experimentar todos os princípios do teste para não voltar a falhar na aplicação destes

Novembro:

Esta foi mais uma aula em que foi obrigado a mudar o espaço devido às condições climatéricas, mais uma vez segui uma lógica, de substituir as matérias da unidade presente por matérias da unidade seguinte.

Segundo a O.F, no que respeita à organização espacial, tive a melhor opção pois apenas com um terço do pavilhão consegui ter os 27 alunos sempre em actividade, o que é bastante positivo.

No que respeita à dimensão disciplina a turma portou-se lindamente, denoto uma consolidação de rotinas por parte dos alunos.

Em relação ao clima aluno-tarefa, também correu de forma positiva, pois todos os alunos trabalharam para o seu respectivo nível e de forma motivada.

Em suma, considero que foi uma das minhas melhores aulas enquanto estagiário, e também no que concerne aos alunos, estes estão bem melhores do que chegaram.

Dezembro:

No que respeita a esta aula, esta começou demasiado tarde pois tive que reajustar a aula para dois terços do pavilhão, e depois de ter decorrido 25 minutos de aula, tive que voltar a reajustar para um terço, devido à entrada de um outro colega que chegou atrasado.

Tendo em conta este imprevisto, foi difícil ter uma organização espacial adequada, não por minha culpa, mas tenho que me habituar a lidar com estes imprevistos. Como consequência o Badminton ficou descurado na medida em que foi praticado sem rede. Acabou por não haver diferenciação no ensino nesta estação.

Em relação à matéria de Dança, tive uma prestação fraca no ensino do nível I da Mergue, talvez derivado a algum nervosismo por não ter praticado o suficiente. Tenho que investir mais nesta matéria.

Em relação à avaliação formativa, consegui retirar registos do basquetebol de bastantes alunos pois na última unidade esta avaliação não foi permitida devido à condições climatéricas.

Janeiro:

No que respeita à disciplina a turma tem vindo a revelar grandes melhorias, já tendo conseguido largos períodos de silêncio e concentração por parte dos alunos durante os meus períodos de instrução.

Em relação ao clima aluno-tarefa, este é na ginástica de solo um problema para os alunos Fábio Contente, Mauro, David e Inês, pois tem sido difícil motivar estes alunos na medida em que, se não for com o meu incentivo estão parados.

Todavia em relação à ginástica de solo, foram conseguidos nesta aula 4 Níveis I, foram os casos da Marta Rodrigues, Ricardo e Fábio Contente.

No geral a aula correu bem com bastante tempo de prática, sendo um ponto forte da minha constante e boa capacidade manipulativa.

Fevereiro:

A aula correu de forma organizada, estando já definidas as rotinas organizativas para o resto da unidade.

As tarefas estavam adequadas aos alunos, tendo havido bastante aprendizagem.

O Mauro, Danilo e David voltaram a chegar atrasados, na próxima aula estão avisados que têm de chegar a horas.

No Futebol, o Danilo, a Daniela, o Edgar e a Andreia alcançaram o nível Elementar.

Março:

A aula teve as rotinas da aula anterior, desta forma o tempo potencial de aprendizagem foi aumentado, pois ocorreram de forma mais rápida as transições.

Conseguir durante a aula confirmar e validar no Ténis de Mesa nível I do Hélder, Vítor, David e Inês. O Danilo e os dois Fábio atingiram nível E.

De um modo geral, a aula correu de forma disciplinada, destaco o empenho da aluna Soraya e Mariana.

Em relação ao Voleibol, o grupo mais fraco ainda demonstra muita dificuldade em jogo 2x2 pois no critério “Utiliza ou passe ou manchete” os alunos não sabem qual a decisão acertada.

Maio:

A 1ª parte da aula foi prova global e a segunda avaliação de acrobática.

Quase toda a turma atingiu o Nível E da acrobática realizando cada um dois trios e três pares do nível.

Apenas o Leonardo, o David, a Marta R e o Filipe não o conseguiram.

A professora demonstrou entusiasmo pelas conquistas na matéria em tão pouco tempo, elogiando a minha facilidade de condução na matéria.

Estagiário 10 – Classificação <17 valores

Setembro:

Na fase inicial, podia ter demonstrado e explicado melhor os exercícios de condição física bem como, a maneira como os alunos iriam trabalhar autonomamente, em grupos de 2. No que concerne à aula na sua parte principal, penso que o facto de estar a abordar 2 matérias de trabalho individual mais uma de condição física, dificultou a minha tarefa de controlo e maximização do tempo da prática dos alunos. Existiram vários alunos que estiveram pouco tempo em actividade, até porque não houve preocupação minha na formação de grupos.

Conseguí com esta aula, garantir algumas rotinas importantes para aulas futuras deste tipo, ginástica e perceber que os alunos conseguem trabalhar autonomamente e outros que não podem estar juntos. O objectivo principal da aula foi cumprido, a avaliação inicial de solo, mas para além disso consegui proporcionar já aprendizagens na ginástica acrobática e mesmo no solo apesar de não ter estado próximo da maioria dos alunos a fornecer informações e correcções.

Outubro:

Um aspecto positivo desta aula foi que todos os alunos fizeram a prática, facto este, que em todas as aulas anteriores de 45 minutos não tinha acontecido. Na instrução inicial, organizei os alunos na área da baliza tendo como referência essa mesma linha. A minha preocupação foi explicitar aos alunos os critérios de sucesso no jogo de andebol e futebol, para durante a parte principal incidir nesses aspectos interrompendo o jogo várias vezes. Demorei algum tempo na formação das equipas, porque não esperava que todos os alunos fizessem aula. O aquecimento foi dinâmico e adequado à parte principal da aula.

Durante a parte principal, procurei intervir ao máximo, forneci feedbacks sobretudo ao grupo/equipa porque o sucesso de um aluno numa determinada acção está sempre dependente da atitude dos companheiros de equipa. Procurei criar intensidade no jogo e gerir da melhor forma o facto de ter alguns alunos de fora. No grupo dos rapazes, no futebol ficaram a fazer passe frente a frente, porque só permiti o 5x5; no andebol, e por falta de tempo, optei por colocar o jogo em 7x6 nada apropriado sobretudo a alunos com grandes dificuldades.

No período de rotação dos alunos pelas estações, permiti que as raparigas fossem beber água, e não deixei ir os rapazes porque queria maximizar ao máximo o tempo de prática e tinha de explicar a tarefa/jogo. Isto queriu alguma sentimento de injustiça, no entanto, na prelecção final estabeleci já as regras de funcionamento para o resto do ano, ou seja, em aula de 45 minutos ninguém bebe água. Nesta parte da aula, tentei também questionar alguns alunos sobre os critérios de sucesso no andebol e futebol. Ao longo de toda a aula, mantive uma postura bastante rígida e um tom de voz agressivo, bastante interventivo, esses factos aumentam a concentração e a aplicação dos alunos na tarefa, promovendo também a aquisição de conhecimentos básicos sobre o jogo.

Novembro:

A aula que estava planeada, no exterior, não foi leccionada devido às condições atmosféricas. Aproveitei para proporcionar aos alunos a aprendizagem e prática das matérias de solo, basquetebol e condição física. Pelo facto de o espaço disponível ter sido bastante reduzido, as várias estações não estiveram muito organizadas, e os alunos estiveram muito próximos. Na instrução inicial, explicitiei apenas as matérias e tarefas da aula pois havia muito ruído no pavilhão. De seguida, o aquecimento também esteve condicionado pelo espaço disponível. Na parte principal, a organização e distribuição dos grupos pelas estações aconteceu de forma rápida, no entanto, os alunos não ficaram devidamente informados sobre as condições de realização sobretudo no jogo de basquetebol, jogo dos castelos. No 1º grupo, porque o espaço de jogo era pequeno, necessitei de introduzir algumas condicionantes no jogo, para potenciar o maior número de aprendizagens e a aquisição das competências de nível I.

Para os outros grupos de trabalho, consegui, aproveitar o facto de já ter mais espaço disponível, para o 2º grupo, aumentei o espaço de jogo dos castelos e para o 3º grupo permiti soluções de 3x3 com especial incidência para a ocupação do espaço, condução de bola pelo corredor central, passe e corta e correcta leitura de jogo.

Ao nível da ginástica de solo, os alunos têm revelado empenho e esforço na aquisição de competências que ainda não estão adquiridas, pois são conhecedores do que precisam trabalhar, no entanto, necessito agora de trabalhar e ajudar um número reduzido de alunos que têm grandes dificuldades e receio na execução de alguns elementos.

Ao longo desta aula, ainda denotei dificuldades no acompanhamento da prática nas estações mais distantes, venho melhorando de certa forma a minha circulação com recolha de dados e avaliação dos alunos, mas tenho sem dúvida de estar mais desperto para os comportamentos fora da tarefa, já que quando o faço, existem sempre alunos a comportarem-se de forma incorrecta.

Este aspecto foi salientado na prelecção inicial, com o intuito de alguns alunos modificarem o seu comportamento.

Podia ter substituído os exercícios de condição física por exercícios de drible, passe e recepção ao nível do Basquetebol.

Dezembro:

Esta aula ficou marcada pelo reduzido número de alunos que realizaram aula prática e pelo aglomerar de turmas no pavilhão que dificultou nos primeiros 45 minutos o diálogo com os alunos. Com apenas 13 alunos a fazerem aula prática dividi-os em 2 grupos de nível e cada um dos grupos realizou tarefas ajustadas ao seu nível com objectivos distintos. No 1º grupo insisti sobretudo nas competências básicas de nível I, trabalharem durante algum tempo, passes e desmarcações em situação competitiva. No 2º grupo, inicialmente introduzi o lançamento na passada e eles repetiram durante algum tempo o gesto com algumas correcções da minha parte. Ao longo de toda a aula tive sempre a preocupação de intervir nos dois grupos, mudar constantemente o exercício incutindo algumas variantes para manter os alunos despertos e motivados. Pelo facto de serem poucos alunos, não existiram comportamentos

desviantes, estava sempre próximo e o rendimento deles foi superior. A dada altura estive com alguns alunos com dificuldades na ginástica de solo onde pude dar um acompanhamento individual e permitir mais um momento de prática e aprendizagem. O objectivo passou por chamar aluno a aluno, no entanto, por que estive muito dinâmico por todos os espaços consegui mais avaliar do que intervir em casos críticos. Na parte final da sessão, coloquei alguns alunos mais fortes a funcionarem como jokers no jogo dos alunos menos fortes promovendo assim cooperação e inter-ajuda entre eles. Para além disto, e porque alguns alunos já estavam saturados do basquetebol, no final já com o pavilhão disponível, promovi um exercício de manutenção da posse de bola no futebol. Os alunos ficaram muito afastados, dificultando a minha intervenção e controlo. Na instrução final, falei com os alunos acerca da matéria dada até então, realizei muito questionamento dirigido e alertei para alguns casos de mau comportamento. Nesta aula prática última da unidade, utilizei alguns exercícios que os alunos desconheciam e não fui nesses muito claro nem dei tempo para os alunos perceberem o mesmo. O feedback nem sempre foi pertinente mas foi mais positivo comparando com aulas anteriores.

Janeiro:

Esta aula teve como aspectos negativos e pontos a melhorar o facto de ter começado a aula muito atrasado devido à complexa montagem do material; pouca autonomia dos alunos no trabalho da matéria da ginástica de solo e sobretudo falta de cooperação de alguns grupos de alunos; falta de explicação inicial e introdução dos principais batimentos do badminton e objectivos do jogo 1x1 que se tornou pouco motivante; ausência de circulação do professor pelas várias estações e acompanhamento à distancia; pouca intervenção e observação das execuções dos alunos na ginástica de solo.

Fevereiro:

Na primeira parte da aula, os alunos realizaram Dança do merengue mais com intuito de eu proceder à avaliação, pois eles já estavam identificados com a dança e respectiva coreografia. Consegui registar os alunos que já dominam a sequência dos passos da coreografia e os executam ao ritmo da música. Na segunda parte da aula, sensivelmente 20 minutos, optei por criar dois jogos jogos distintos para os alunos trabalharem passe, recepção, desmarcação de apoio e rotura e enquadramento defensivo no andebol. Não criei situações de finalização pois o espaço era reduzido, incuti marcação individual e ausência de drible. Para além destas tarefas, procurei que mais uma vez os alunos com mais dificuldades na ginástica de solo tivessem a oportunidade para trabalhar os elementos isolados de nível I. Ao longo da aula, sobretudo neste parte, procurei intervir em todas as estações, com circulação global, apelando à dinâmica dos alunos e intervindo sobre aspectos acima mencionados. No final foram realizados exercícios de flexibilidade.